

UNIVERSITY OF ARIZONA

UNIV. OF ARIZONA

PQ9660 .M64

mn

Mota, Leonardo/Voleiros do Norte, poesi



3 9001 03820 9980

LEONARDO MOTTA

VIOLEIROS DO NORTE

POESIA E LINGUAGEM DO
SERTÃO NORDESTINO



COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
Praça da Sé, 34 S. Paulo - 1925



VIOLEIROS DO NORTE

DO AUTOR

“CANTADORES” (edição de 10.000 exemplares) — 1921

LEONARDO MOTTA

Violeiros do Norte

POESIA E LINGUAGEM DO
SERTÃO NORDESTINO

nr. 15



CIA. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO
Praça da Sé, 34 S. Paulo — 1925

A

JOÃO THOMÉ DE SABOYA E SILVA,
SOLON BARBOSA DE LUCENA,
ARNALDO GUINLE
e ILDEFONSO ALBANO.

“Os nossos trovadores matutos não tiveram ainda um FRÉDERIC MISTRAL de triumphante coragem que se lhes declarasse igual e viesse, por elles, até os jornaes e até os livros, fazendo uma nova “*Mireille*”, na linguagem característica da região; nem um PAUL ARÉNE que trouxesse para as brochuras illustradas as fabulas de oiro da matta virgem; nem um JEAN AICARD que fosse, entre os cidadãos, o eterno apaixonado de sua terra de fogo e luz; nem um VIGNÉ D’OCTON que dissesse a leal, embora complicada, psychologia de sua gente; nem um ARMAND SYLVESTRE que, com profundo carinho cantasse, em prosa de prata ou em versos de bronze, as bellezas e maravilhas de seu recanto natal; nem um AFFONSO DAUDET que, com suave physionomia de Christo e blandiciosa ironia de Satan, contasse e recontasse os feitos dos Quixotes indigenas, acabando, porém, por cercal-os de uma aureola de piedade e de meiguice.”

(Palavras de VALDOMIRO SILVEIRA, numa Conferencia em Santos).

“Dias depois da serie de conferencias sobre lendas e tradições brasileiras, numa das quaes fez representar em scena aberta o auto da *Nau Catharineta*, Affonso Arinos offereceu no seu palacete á alta sociedade paulistana um baile da maior sumptuosidade e requintada opulencia; e, a meio da noite, quando os salões regorgitavam das mais bellas damas, cujos álvos collos nús desappareciam sob roçaes de perolas em constellações de diamantes e homens enfarpellados em irreprehensiveis casacas se hembreavam, entrou uma turma de legitimos e retintos caboclos, de chapéos na cabeça e sem collarinhos, para dansar o verdadeiro, o classico, o incorrupto *cateretê* e, ao se retirarem deste quadro, no qual não sei si o poeta das Georgicas ainda acharia que “a purpura d’Assyria não altera a brancura das lãs”, elle proprio. — Arinos, com aquella sua linha finamente aristocratica, os conduziu até ao tope da escada, apertando a mão de cada um. Neste aperto de mão ia uma renuncia ostensiva, um repto do desprezo do fiel ao chamado respeito humano.”

(Palavras de MIGUEL COUTO, em o discurso de sua recepção na Academia Brasileira de Letras).

MUSA MATUTA

Trechos de uma Palestra no "Club Iracema", de Fortaleza, por ocasião de um festival em benefício do poeta SERRA AZUL (Francisco Leite).

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quando o poeta SERRA AZUL, allegando estar desempregado, por ter sido demittido da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, reclamou minha collaboração neste festival de letras em seu prol — não sei por que perversa associação de idéas — o que me veio á lembrança foi a sextilha humorística do cantador:

Com quatro coisas na vida
Eu tenho me encabulado:
Com candieiro vasando,
Com fogão desmantelado,
Com almofada sem birro
E homem desempregado...

No momento em que, autorizado por velha e correspondida estima, SERRA AZUL de mim se acercou, sem a espectacularidade de um finório, e singelamente e com a serenidade de um estoico me descreveu a sua triste situação, revivi tacitamente uma de nosso inesquecido e incomparavel Paula Ney...

Foi assim: — de uma feita, o immortal bohemio cearense

foi sacrilegamente roubado na pobríssima “republica” em que morava no Rio. (*Morava* é um modo de dizer, pois o verdadeiro habitáculo do scintillante e estonteado bohemio eram as ruas e centros de diversões da metropole seductora.) Pois bem: ao ter notícia de haver sido victima dos larapios cariocas, Paula Ney abalou ruidosamente rumo da Delegacia Policial do Districto, afim de se queixar. Solicita e medrosa do espirito diabolico do terrivel satyrico, a autoridade verificou o furto e exclamou, julgando agradecer o queixoso:

— Sr. Paula Ney, o Sr. tem toda razão: foi effectivamente, roubado. Eu vou abrir um inquerito...

— *O que?* interrompe o Ney. *Não faça isso, não, Sr. Delegado. Eu dispenso a abertura do inquerito: eu prefiro que abra é uma subscrição...*

Eis o meu caso exacto. Em face da confissão de aperturas em que se encontrava, mercê da perda de seu modesto emprego, teria sido opportuno que eu produzisse uma catilinaria pathetica contra o desaproveitamento desse moço digno, talentoso e honesto, que a insensibilidade da Administração deixou ir na enxurrada de um magote de demittidos. Não o fiz, porém, e não o fiz porque preferi, com o senso pratico de Paula Ney, abrir eu mesmo, com o concurso desta pobre Palestra, a subscrição que vós outros magnanimamente enches-tes em beneficio do poeta.

Li, já me não lembro onde nem quando: — Petronio dizia que nem todos os dias nascem reis e poetas: devemos, por isso, honrar os reis e amar os poetas...

Não medram no nosso meio os Mecenass. Porque? Talvez porque elles, os argentarios, reparem que a classe dos letrados continúa cada vez mais desunida, o que, decididamente, é a “desgraça da classe”...

Eu quizera que ao coração empedernido de nossos ricos chegasse a philosophia do velho sarcasta portuguez, o Visconde de Santo Thyrsos: — “O dinheiro, como a saúde, só serve para se gastar. Não vale a pena ter saúde e viver como um invalido, com medo de a perder; nem vale a pena ter dinheiro e viver miseravelmente, para augmentar a fortuna. O que é logico e sensato é gastar a saúde e o dinheiro. Porque,

afinal de contas, dia virá em que tudo se gasta e, o que é peor, em que tudo se paga no outro mundo, onde todas as contas se ajustam...”

Eu sei de alguém do nosso exiguo mundo artistico que vive firme nessa esperança e se sente consolado com a certeza desse ajuste de contas *post mortem*... Ignoro si o SERRA AZUL é também inexoravel para com aquelles que lhe desconhecem, desdenham ou desestimam o estro: em todo caso, eu vos felicito, Srs., e comvosco me congratulo por a vossa presença aqui vos livrar dos resentimentos possiveis, sinão prova-veis, de um confidente das musas, *musarum sacerdos*...

Meus Srs.

Vãmente me tenho perguntado, vezes sem conta, a razão por que o SERRA AZUL, sertanejo dos *da gemma*, não se fez cantador no seu sertão, onde um *Rondon das letras matutas* o foi “descobrir para a Literatura” e arrancar para o bulicio das cidades. Elle adoleceu cantando, com a naturalidade dos passaros canoros, com a privilegiada espontaneidade dos poetas natos. Seus versos, mesmo aquelles do tempo em que começou a poetar, exprimiram sempre “pensamentos elevados, acima da mentalidade dos que o cercavam”: — eis porque estou em que SERRA AZUL não pertence á categoria dos *representativos* de que nos fala Medeiros e Albuquerque. Elle é “uma excepção individualmente curiosa, mas que não traduz o espirito do povo de que faz parte.”

Confesso com franqueza que lastimo seja SERRA AZUL um “poeta” e não um “cantador”: — de bom grado, eu lhe consagraria toda esta Palestra, si elle se tivesse conservado um daquelles *caboclos destorcidos*, tão das sympathias de Sylvio Romero e que, “mantenedores primarios da cohesão intellectual do Brasil — no phrasear de Carlos Dias Fernandes — personificam a expressão originaria da poesia nacional, o estado dinamico da nossa intelligencia, a intuição anhelante dos phenomenos estheticos, cupola e base de todas as nacionalidades.”

O SERRA AZUL não fala em *violas*: é que teve o mau gosto de aprender a falar em *lyra*, coisa que talvez até nunca te-

nha visto... Quantos poetas eruditos permanecem, entretanto, fidos ao violão e á viola, versejando á maneira popular! Lembremos Adelmar Tavares:

Quem ama para dar provas
Deve tres coisas cumprir:
Tocar violão, fazer trovas
E, havendo luar, não dormir...

e Francisco Mattos:

Minha viola de pinho,
Vê que traz teu tocador:
Cabeça tonta de vinho,
Coração ebrio de amor...

e Anísio Melhor:

Minha viola "Morena",
De dez cordas estiradas,
A noite inteira é pequena
P'r'eu cantar trovas maguadas.

Meus Srs.

Apaixonado, desde a minha meninice, pela observação e estudo dos costumes, da linguagem e da poesia das nossas gentes do sertão, seduziu-me a vaidade de ser no nosso paiz um arauto da intelligencia do brasileiro nordestino.

No Rio de Janeiro, em doze capitães de Estado e nas principaes cidades de S. Paulo e Minas, populosos centros urbanos patricios que visitei há tres annos, todo me devotei a uma campanha de morigerado nacionalismo, refutando a velha injustiça de as populações litoraneas ou citadinas só enxergarem no sertanejo ou o cangaceiro *de alma de lama e de aço* a que se reporta Gustavo Barroso, ou o ser desfibrado e lérdo que *magina, de cócoras* e tão inexoravelmente caricaturado por Monteiro Lobato. Protestei contra essa mania de auto — desmoralização que tristemente nos singulariza. Deplorei o

“divorcio entre o sertão e o mar,” intelligentemente focalizado pelo escriptor paranaense Leonidas de Loyola e, reivindicando o bom nome dos habitantes do interior, estygmatiszei o facto de somente cair no gôlto das multidões o julgamento pejorativo da raça, mercê das “generalizações estouvadas” e dos “erros de sociologia leviana” que Mario de Alencar verberou a politicos maldizentes. Fiz lembrado que o publicista bahiano Lemos Britto depõe num dos seus livros que assistindo, uma vez, a uma vaquejada nas planicies verdejantes do Ceará Mirim, ouviu do Presidente eleito da Republica, o saudoso Conselheiro Affonso Penna, esta exclamação arrebatada: — *Sinto-me orgulhoso de ir governar a um povo que nestes valentes vaqueiros apresenta typos extraordinarios de força e de bravura.* Provei que nos sertões do Nordeste não vegeta mollemente uma patulêa de inuteis, á feição do caboclo de “Urupês”. Repeti sob applausos o que dissêra Ildefonso Albano: — “Quem vive no Nordeste não é Jeca Tatú, é Mané Chique-Chique. E Mané Chique-Chique não vive de cócoras, porque acororado ninguem dá vivas á Liberdade, nem liberta escravos, nem abate dictadores, nem funda Republicas, nem desbrava florestas... e Mané Chique-Chique, quatro annos antes do 13 de Maio, quebrou os grilhões e fechou as senzalas dos captivos; sessenta e cinco annos antes do 15 de Novembro, fundou a Confederação do Equador; cinco annos antes do 7 de Setembro, gritou a libertação nacional”! Insisti na des-sassombrada refutação de Ruy Penalva: Jeca Tatú não é uma synthese nem physiologica, nem psychica, nem economica, nem politica. Recordei que no clima hostil da inhospita Amazonia segundo o testemunho, por longos annos, do jornalista coestadano Bezerra Filho, foi o vigoroso caboclo cearense quem “subiu penosamente os rios, vencendo indios, espantando feras, cançando doenças, desbravando florestas, povoando seringaes, inaugurando villas, levantando cidades e trazendo para a integridade da Patria Brasileira a grandeza do Territorio do Acre, disputado palmo a palmo á cobiça boliviana, conquistado dia a dia aos inimigos da Nação, numa memoravel campanha de heroismo e de fé, de coragem pessoal e de amor ao Brasil, inteiramente desajudado do Governo, sosinho

e vencedor.” Mostrei que as famosas construcções federaes de combate ao flagello periodico das seccas bebem rios de dinheiro, as verbas se esgotam com os pingues ordenados dos protegidos do favoritismo official, enquanto o homem do povo, o trabalhador honesto e desapadrinhado ganha uma miseria que nem chega para a alimentação da prole ordinariamente numerosa. Em Bello Horizonte, soccorri-me de ruidoso discurso então proferido pelo deputado Elpidio Cannabrava para mencionar que lá mesmo, em Minas, um lavrador progressista fizera transportar duas turbinas, por centenares de leguas, em ronceiros carros de bois, ficando assim o progresso industrial daquella região mineira a dever mais, muito mais, áquelles pacatissimos bovinos do que ás administrações do Estado. (Entre parenthesis: a fina pelle de uns aulicos cavillosamente se abespinnhou com a phrase, o que fez o valente parlamentar voltar á tribuna e, reforçando a expressão, exclamar que sustentava, já agora em melhor Portuguez, que o casco dos bois e dos burros era mais util ao progresso de sua terra do que a cabeça de certos administradores do Estado...)

Fui assim, meus Srs., fui, como estais vendo, fui intransigente na defesa do sertão esquecido, do sertão ridicularizado, do sertão calumniado e só lembrado quando delle se quer o *imposto nos tempos de paz ou o soldado nos tempos de guerra*. E foi, sobretudo, contra o labéo de cretinice do sertanejo nordestino que orientei a minha documentada contradicta: em todo o meu “*Cantadores*” e nas conferencias que proferi, de norte a sul, puz o melhor dos seus empenhos em fazer resaltar a acuidade, a destreza de espirito, a vivacidade da desaproveitada intelligencia sertaneja, de que os menestreis plebeus são a expressão bizarra e esquecida, apesar de digna de estudos.

Quando de regresso da minha peregrinação, num inolvidavel serão de letras no lar patriarchal do legendario Juvenal Galeno, tive de agradecer captivante preito da intellectualidade de nossa terra, assegurei o meu proposito de proseguir na minha bem intencionada propaganda das virtudes racicas da gente sertaneja em quem Alvaro Fernandes descobriu o barro

plastico, o solido cimento e Euclýdes da Cunha descobriu a rocha viva de nossa nacionalidade.

Diz-me agora a consciencia que tenho sabido honrar os propositos enunciados num instante fugaz de consolação e conforto. Foi em cumprimento daquella promessa que, para a feitura de um segundo livro, ainda recentemente estive durante mezes internado nos sertões da Parahyba e é em satisfação daquelle compromisso que estou, de vez em quando, a incur-sar no sertão cearense, indo surprehender no seu *habitat* os nossos cantadores, entregando-me ao continuado trabalho de ceifa, nas proprias seáras, da abundante messe poetica da alma de nossa gente. Dou, destarte, aos meus contemporaneos a certeza de que não recorro a cartas nem me louvo no informe de terceiros, para dizer de gentes e coisas do sertão. Tudo quanto digo foi por mim visto e ouvido *in loco*, ao pé das violas, integralizado na vida matuta, a que frequentemente me restitúo.

Si os meus esforços vão aproveitar á nossa esquecida litteratura folklorica não devo ser quem o reconheça, nem muito menos quem, candida ou tonitroantemente, o proclame! O que espero da critica é a justiça de me não aparceirar com aquelles escriptores que fazem o “sertanismo de inducção” e aos quaes se refere o publicista bahiano Affonso Costa: — “artistas de gabinete que, postos em torno dos effluvios de flores de estufa e de jarras de Sévres ou crystaes de Baccarat, imaginam creações de scenas, de paysagens, de typos e coisas do sertão e soltam a penna corredia para as narrativas sertanejas, quando o não fazem por meio de informações que lhes já vieram com a eiva da falsificação”.

Srs., não ponhais reparo em que eu possa repetir-vos improvisos dos aédos rusticos. Milagre maior é o dos criticos e historiadores da nossa Litteratura, como Sylvio Romero, que cita uma meia duzia de sonetos improvisados por Muniz Barreto e mais dez quadrinhas repentinamente inspiradas por inopinado beijo da actriz Emilia das Neves. Atalhando sagazmente previsiveis demonstrações de incredulidade, Sylvio advertia os seus leitores de que, “uma vez improvisados uns versos, Muniz Barreto nunca mais os esquecia”. Ora, o tom ar-

rastado em que cantam os poetas populares; os hiatos, as pausas frequentes que pontilham o desafio; a maior facilidade, para o copista, da retenção dos versos de redondilha; a versalhada de refugo que enxameia nas pelejas, dando tempo a serem graphadas somente as estrophes aproveitaveis, são outras tantas causas que concorrem para que mais facilmente se apanhe com fidelidade o descante da sextilha de um menestrel da roça do que o vertiginoso declamar de um quatorzeto em decasyllabos.

Encherei o resto do tempo que me foi destinado para vos prender a atenção, dizendo-vos de minhas futuras contribuições subsidiarias á formação de nossos hesitantes estudos folklóricos.

Comêço por vos declarar que tenho motivos para me dar por compensado das cancelas que me venho impondo, tamanha a proficuidade de meus esforços.

Na Parahyba visitei o municipio de Patos, em cuja povoação do *Teixeira* viveram e fulguraram os grandes, os renomados cantadores que foram Francisco Romano e Ignacio da Catingueira. Ali, do octogenario Manoel Romualdo da Costa Mandury, Voluntario da Patria na Guerra do Paraguay, colhi interessantissimas informações inéditas sobre aquelles dois famosos vates repentistas matutos, que elle conhecêra, e mais sobre Josué Romano, filho de Francisco Romano, e Silvino Pirauá, discipulo dilecto e autor do necrologio, em versos, do mesmissimo Romano, de quem se pode repetir que "foi tão repentista que até morreu de repente..."

Travei relações com um sem numero de cantadores cearenses e parahybanos, entre os quaes mencionarei o velho e impagavel Bernardo Cintura, o *cytharedo* de Campina Grande, cantor das penurias sertanejas em épocas de calamidade; o sempre aguardentado Severino Perigo, de Patos, e o nosso coestadano Bemtevi, sobrinho do primeiro cantador que acudia por esse expressivo *nome de guerra*. Graças ao proveitoso convivio dos menestreis, fiz annotações preciosas, referentes á vida dos poetas populares mortos, coisas que a tradição oral conserva, mas que é preciso ir registrar *in situ*, com ar-

gucia, para evitar o desfiguramento que as informações de oitiva propiciam.

Tive, por igual, a atenção sempre voltada para as peculiaridades do falar das regiões por que ia peregrinando. E mais vos não digo sinão que resisti, com razoavel bravura, ás penas da viagem, talvez por trazer sempre de mim lembradas as palavras de Antonio Torres: — “Para obter brasileirismos novos e dos bons, dos de bom cunho, é mister viajar pelo interior, ao sol e á chuva, mal comendo e peor dormindo, expor-se ao impaludismo e ás ferroadas das mutucas, em resumo — privar com Jeca Tatú — commettimento manifestamente difficil, como se vê...”

Ponho-vos, desde este instante, em contacto com o estro rude dos cantadores.

Vou communicar-vos um epigramma ao engenheiro Arrojado Lisboa. Aprendi-o quando em companhia do mallogrado Presidente Justiniano de Serpa, visitei o açude de Orós. Soube, então, que o velho Luiz Dantas Quesado, attrahido até ali, ao ver, surpreso, as barbas do Inspector Geral das Obras contra as Seccas, lhe desferira este dardo epigrammatico:

Eu, debaixo destas barba,
Eu durmo num bom sombrio,
Que as barba desse Doutor,
Como oiticaica, no rio,
Dá rancho pra comboieiro,
Coito pra cabra vadio...

Em começos de 1922, após o meu regresso do sul do paiz, logrei a ventura de receber nesta capital a visita de Luiz Dantas Quesado. O *Luizinho* appareceu-me a recitar versos novos que eu lhe não conhecia, tanto que os não aproveitára em o capitulo que tem seu nome no livro “Cantadores”. Aqui estão algumas destas estrophes:

De quatro coisa no mundo
Já gostei, não gosto mais:
De cavallò galopeiro,

De lamparina de gaz,
Calça com bolso na bunda,
Palitô lascado atraz...

No lugar aonde eu canto,
Os bichos ficam valente:
Preá insulta cachorro,
Carneiro fica imprudente,
Macaco, briga de foice,
Cururú mata de coice,
Lagartixa engole gente...

No lugar aonde eu canto,
As moças ficam contente,
Se penteiam, mudam roupa ,
Ficam correcta e decente,
Me pedem para eu glosar,
Porém eu só posso estar
Com tres ou quatro na frente...

Ainda tenho saudades
Do tempo em que fui solteiro:
Não tinha inveja de nada,
Nem de quem tinha dinheiro!
Hoje já me falta a vista,
Não enxergo um passageiro...
Si converso c'uma moça,
Só conheço pelo cheiro...

Observastes? E' um septuagenario, é um cantador ancião que satyriza os costumes de seu tempo e ironiza os achaques da idade, alardeando que a sua só presença prestigiosa tem o condão de enfeitiçar a face das coisas... Quantos moços de vinte annos, meus Srs., quantos moços de vinte annos se declaram pobres diabos imprestaveis numa desastrada versalhada de vencidos, emquanto esse velho animoso encara, risonho e mordaz, o quartel extremo da existencia, vendo-a ainda com a primitiva tonalidade rosea dos aureos tempos da juventude

distante! Luiz Dantas foi sempre, aliás, um coração aberto, escancarado á jovialidade. Não há muito, elle andava, uma bocca de noite, pelas ruas esburacadas da villa de Missão Velha. Quasi cego, foi, de repente, de encontro a um vulto. Era este um garrote que, mesmo magro e pançudo, investiu contra o valetudinario noctivago, derribando-o com feroz cabeça-da. Luiz Dantas gritou por soccorro e transportado para a botica da terra, antes que lhe ministrassem a arnica, improvisou, galhofeiro:

O velho Luiz Quesado
Foi sempre um bicho taludo:
Nunca entrou numa zoada,
P'r'o povo não correr tudo!
Mas apanhou, neste instante,
Dum garrote barrigudo...

No Crato, um individuo que morava perto da Serra do Araripe pediu a Luiz Dantas que glosasse o motte

“Terra bôa é o Cariry!”

O velho poeta estava mal humorado e não quiz promptamente attender ao pedido. Ante a insistencia, porém, do importuno, Luiz Dantas assim se viu livre do appello:

Em cima daquella serra
Tem mangaba e tem piquí,
Tem muita moça bonita
E cabra bom de fuzí...
Ao redor de quatro legua,
Tem cabra mama-na-egua...
Terra bôa é o Cariry!

Daquella ultima vez em que commigo estive aqui em Fortaleza, Luizinho foi, certo dia, á Repartição dos Correios. Os funcionarios postaes andavam numa dobadoura, em vir-

tude de bulhento concurso de promoção. Um delles solicitou a Luiz Dantas que glosasse :

*Todo mundo faz concurso,
Recebendo o ponto cedo...*

Eis como o velho glosador acquiesceu, entre applausos freneticos de concorrentes prejudicados:

Mesmo não tendo recurso
De saber ou de instrucção,
Contando com protecção,
Todo mundo faz concurso...
Inda mais si, no decurso
Do tal exame em segredo,
Diz-lhe alguém: — “Não tenha medo,
Pois, mesmo sendo um *quadrado*,
Será por certo *approvado*,
Recebendo o ponto cedo...

O Bemtevi (João Pedro de Andrade), negro alto e analphabeto, nascido no Crato mas que encontrei na villa de Cedro e, como vos disse, sobrinho do primeiro Bemtevi, que se chamava José Pereira de Sousa, é o autor destas estrophes rematadas todas por um estribilho faceto:

Home que não tem cavallo,
Pra que diabo compra pêia?
Mulher que não possúe brinco,
Pra que cão fura as orêia?
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia...

Faca é sujeita á baina,
Gaz é sujeito á candeia,
Pé é sujeito á chinella
E ripa é obrigada á telha...

Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia...

Quem é cego dos dois olhos
Não carece sobranceia...

Negro de botina branca

Não se dá coisa mais feia!

Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia...

Desprezei o meu logar,
Hoje ando em terra aleia,
Porem tou tão satisfeito
Que ninguém não avaleia...
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia...

Esta minha cantoria
E' ouro que não mareia!
O home que canta bem
A rima nunca vareia:
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia...

Escutei Bemtevi, durante varias horas seguidas. Na estreita saleta da pequena hospedaria de Cedro, fazia tremendo calor, agravado pela presença de uma chusma de curiosos, entre os quaes numerosas creanças. Bemtevi cantava:

Falta tudo em seu criado,
Só o que não falta é repente!
Gosto de caçar perigo,
Ver desgraça em minha frente...

... a esta altura, porém, se impacientou com o calor e, reparando na meninada, atirou-lhe, um remoque, completando a estrophe:

Falta tudo em seu criado,
Só o que não falta é repente!
Gosto de caçar perigo,
Ver desgraça em minha frente...
Ô terra pra ter menino!
Menino, quando se ajunta,
Só faz é calor p'r'a gente....

Cantando na feira para uma sucia que lhe não recompensava pecuniariamente o esforço, Bemtevi, desilludido e irritado, depois de resmungar que "quem trabalha de graça é relogio", assim poz termo á cantoria improductiva:

Rancho de cavallo é milho,
De cantador é dinheiro!
Quem canta de graça é gallo,
Pra divertir o terreiro...
De homem que faz gosto a macho
Eu só conheço barbeiro,
Que alisa o freguez na cara,
Passa o pente e bota cheiro...

São também da lavra de Bemtevi estes versos claros, es-correitos e, não raro, conceituosos:

Eu não largo a minha terra,
Nem que eu tenha precisão,
Que o boi, tando em terra alêia,
Até as vaccas lhe dão...

Minha gente, venha ver
O Bemtevi como canta:
Tem um piado no peito,

Tem um ronco na garganta,
Da meia noite p'r'o dia
Baixa a voz, depois levanta.

Meu S. Francisco das Chugas,
Meu Santo do Canindé,
Eu sei que Santo não voga
Naquillo que Deus não quer...

Cada qual faça por ter
Bem guardado o seu vintem:
No céu entra quem Deus quer,
Na terra vale quem tem...

Meu bem, cuidemos na vida,
Tratemos de nos casar,
Que o casamento custoso
Serve é p'r'o povo falar.

Ninguém se queixe da sorte
Que Santo Antonio disse assim:
— A's vez, quando Deus se atraza,
Vem um anjo no camim...

Duvido haver como este
Um dictado mais profundo:
Dinheiro e mulher bonita
E' quem governa este mundo!

Morena, você é minha,
Succeda o que succeder!
Aquillo que o povo diz,
Foi ou é, ou ha de ser...

Quem diz que nunca chorou,
Querendo bem, é mentira...
Querendo bem, de verdade,
Chora, saluça e suspira...

Não há ninguém como a morte
Pra acabar com a presumpção,
Com quatro metro de chita
E sete palmo de chão...

Tomára encontrar a morte
Que eu quero lhe perguntar
Quem morre do mal de amor
Si vai para bom lugar.

Estas duas quadras ultimas sobre a Morte não são, evidentemente, da lavra de Bemtevi. Dellas conheço variantes nas collectaneas portuguezas de Theophilo Braga, João do Minho, Jayme Cortezão, Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira. Faço esta opportuna e leal declaração para que me não acoimeis de praticar a semcerimonia enunciada pelo saudoso Paulo Barreto no anteloquio dos "Fados e Canções de Portugal": — "Observar é o verbo mais feroz da vida actual, porque para observar é preciso alguém, e esse alguém, de posse do verbo observar, tem todos os direitos possiveis, inclusive o de mentir com desassombro." Aliás, não é extranhavel que quadras lusas vivam na bocca de cantadores do Brasil. Foi o sr. Afranio Peixoto que escreveu no prefacio das suas "Mil Trovas Brasileiras": — "Não é facil supprimir de nós o que temos de lusitanos. Quando Portugal o reclama, nós lh'o restituimos, e já é muito; quando não, é nosso, pois fomos d'elle e não somos ainda bem nossos."

No proprio folklore portuguez se nos deparam conceituações absolutamente iguaes, expressas em rimas differentes. Não preciso ir alem deste exemplo:

Não te recordas, Maria,
Da noite de São João?
Tú vias no céu estrellas
Eu as arcias no chão...

Lembras-te a noite em que, juntos,
Contámos, á luz do luar,
Tu — as estrellas do céu,
Eu — as areias do mar?

Farta tem sido a minha collecção de inspiradas quadri-
nhas, cantadas por cegos nas estações ferroviarias e nas feiras
e patamares de igrejas do sertão:

Meus irmão, me dê uma esmola,
Não tenham pena de dar,
Abrandem seu coração,
Tenham dó de meu penar!

Eu sou cego de nascença,
Tenho soffrido demais:
Grande foi a malquerença
Do Bom Jesus a meus paes!

Valei-me, Nossa Senhora,
Valei-me, meu São Abrão,
Accendei a caridade
No peito dos meus irmão!

Meus irmão, me dê uma esmola,
Que eu lhes peço é com amor,
E' pela luz de seus olhos
Que a minha já se acabou.

A desgraça de quem pede
E' ser sujeito a quem tem...
Um peccador falta a outro,
Mas Deus não falta a ninguém!

Perdi a luz de meus olhos,
Perdi todo os cabedá...
Deus lhe livre desta sina,
Já que eu não posso liyrar!

Meus irmão, a sua vista
Conserve Santa Luzia,
Pra não andarem penando
Como eu peno, todo dia.

Quando Deus andou no mundo,
A São Pedro disse assim:
Quem não quer pobre na porta
Não me quer também a mim...

Meus irmão, me dê uma esmola,
Nem que seja dum vintem...
Quem tem a luz de seus olhos
Tenha dó de quem não tem!

Eu peço é por caridade,
Christão, filho de Maria,
Si eu tivesse a minha vista,
Trabalhava e não pedia.

Meus irmão, me dê uma esmola,
Abrandem seu coração,
Tenham pena de quem vive
Somente no escuridão!

Meus irmão, me dê uma esmola
Que eu não posso trabalhar
E mais tem Nossa Senhora,
Jesus Christo pra lhe dar!

Valei-me, Nossa Senhora,
E õs Anjos digam Amém,
Que a Santa Mãe do Amparo
Não desampara ninguém.

Quando um cego pede esmola
E arrecebe, incontinenti,

As portas do sêo se abre,
Deixa entrar um penitente!

Nossa Senhora lhe pague,
Jesus lhe queira valer
Da tentação do Maldicto,
Quando fôr pra vós morrer.

Deus lhe pague a santa esmola,
Deus lhe dê com que passar,
Lhe livre de gente falsa
Que hoje em dia é o que há...

Na minha recente estadia na capital parahybana, precisamente durante as tradicionaes Festas de Reis na poetica praia de Tambaú, afora annotações sobre o côco regional, consegui estas quadrinhas amorosas e brejeiras:

Quero cantar, ser alegre
Que a tristeza não faz bem:
Inda não vi a tristeza
Dar de comer a ninguem...

Os olhos desta menina,
A's vezes, gravo na areia:
Parece malacacheta
Em noite de lua cheia!...

O collo desta menina,
E' branco como algodão,
Tem a belleza das garças
Voando pelo sertão...

Todo o resto de seu corpo
Que belleza deve ter!
Eu, mais ou meno, adivinho
Porém não posso dizer...

Quando vejo esta menina,
Logo ao despontar da aurora,
Comparando mal, parece
Que eu vejo Nossa Senhora.

Mandei fazer um sobrado
De vinte e cinco janella,
Pra botar uma menina
Que ando com o sentido nella.

Os meus olhos mais os teus
São quatro a quererem bem:
Os meus adoram os teus,
Mas os teus não sei a quem...

Os meus olhos mais os teus
Grande culpa elles tiveram:
Os teus porque me' agradaram,
Os meus porque te quizeram...

Palavra fora da boeca
E' pedra fora da mão:
Tú tens me dito palavras
De cortar-me o coração!

Si eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguem;
Mas, como não tenho, peço
Uma filha a quem a tem...

Aqui nesta rua, sim!
Aqui nesta rua, é!
Aqui mora meu amor,
Aqui faço fincapé...

Si me virem ser ingrato,
Não se admire ninguem,
Que uma ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem.

Eu com A escrevo Amor,
Com A escrevo Amizade,
Com A escrevo teu nome,
Causa da minha saudade.

Aquelle que vem ali,
Parecido com meu bem,
Vai me servir de remedio,
Emquanto meu bem não vem,

Quem ama não pensa em nada,
Quem quer bem não considera:
Amor é coisa medonha,
Querer bem é uma miséra...

Quasi todas estas quadrinhas fazem parte de precioso caderno manuscripto, com que me presenteou o festejado literato Adhemar Vidal. A referida collecção, que contém 396 estrophes, é escripta em pessima letra e igual orthographia, documentando, assim, a incultura do rhapsodo das mesmas, que a confiou áquelle intellectual parahybano. O sr. Gustavo Barroso, no livro "Ao som da viola", inseriu cem quadras, dando-as como populares e ineditas. De facto: com insignificantes alterações, entre as 396 da silva de Adhemar Vidal encontrei as doze seguintes que figuram em meio ás arroladas por Gustavo Barroso: (

Mangericão miudinho,
Salpicado de *a b c*,
Meu coração só me pede
Que eu me case com você.

Arrenego de quem diz
Que o nosso amor se acabou:
Elle agora está mais firme
Do que quando começou!

Amor com amor se paga,
Que outra paga amor não tem!
Quem com amor amor não paga
Não diga que paga bem. (1)

Atirei meu lenço branco,
Nos ares se espedaçou...
Espedaçado se veja
Quem por outro me deixou!

Tenho paixão, tenho ira,
Tenho raiva de matar
De quem dança e não me tira,
De quem come e não me dá...

S. Gonçalo de Amarante,
Meu santo casamenteiro,
Antes de casar as outras,
Me casae a mim, primeiro.

(1) Variantes portuguesas:

Amor com amor se paga,
Porque não pagas, Amór?
Olha que Deus não perdôa
A quem é mau pagador.

Amor com amor se paga,
Nunca vi coisa mais justa:
Paga-me contigo mesmo,
Meu amor, pouco te custa...

Amor com amor se paga
Isto é lei, não é favor!
Não me faltes á justiça:
Paga-me amor com amor.

"Amor com amor se paga"
Diz um antigo rifão,
Mas outro ha que tambem diz,
"Toda regra tem excepção"...

Um beijaflor já me disse,
Outro mandou me dizer
Que no fim desta semana
Meu amor vinha me ver.

Não quero S. Antonio grande
Dentro dos meus oratório:
Eu quero é o pequenininho
Que faz os meus peditório...

Sendo eu a prata fina,
Fui me misturar com cobre...
Grandes castigos merece
Quem se abate, sendo nobre!

Quem tiver raiva de mim
Fale e grite pela rua,
Que eu como na minha casa,
Cada qual coma na sua! (1)

Quem tiver a sua casa
Não perca ella de vista,
Não consinta suas filhas
Darem fogo a rabequista... (2)

(1) Variantes portuguezas:

Quem fala de mim, quem fala,
Quem fala de mim na rua?
Eu como na minha casa,
Cada qual coma na sua.

Quem fala de mim, quem fala,
Quem fala de mim, quem é?
Quem não é capaz de ser
Sapato para o meu pé.

(2) Folheando na cidade paulista de Campinas a "Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes", encontrei uma pagina de folklore do escriptor pa-

Quem roubou o meu amor
Deve ser meu bom amigo:
Commigo deixou a gloria,
Levou trabalhos comsigo...

No modestissimo *fiteiro* de uma loja de fazendas em Cajazeiras, fui encontrar alguns folhetos de literatura de cordel. Adquiri quantos não conhecia e copiei dum delles estas estrophes allusivas á epoca da derribada dos governos de Alagoas, Parahyba, Ceará, Bahia e Pará:

Estava no Rio de Janeiro
Euclýdes Malta falando,
Os successos de Alagoas
Inda estava relatando,
Quando ouviu bater na porta
Uma pessoa chorando.

Euclýdes ficou confuso,
Quiz abrir, mas teve medo,
Porém disse: — “E’ meio dia,
Alma não vem assim cedo...”
Abriu a porta e foi ver:
Era Monsenhor Walfredo.

Perguntou Euclýdes Malta:
— “Padre, quem o trouxe aqui?”

parahybano Carneiro Monteiro, em a qual estava inserta a historia versificada “A fuga de Maria”. São estes os primeiros versos da alludida poesia:

Quem tivé a sua fia !
Bote reparo de vista,
Não consinta ella dar fogo
A esses moços cigarrista,
Que no dar o tição de fogo
E’ que corre algum perigo:..

Carneiro Monteiro affirma ter ouvido “A fuga de Maria” a um cego, cantador de feira, na cidade parahybana de Pilar.

— “Ora, quem foi que me trouxe...
Foi cacete de quiri,
Foi esse mesmo que fez
Você hoje estar aqui...”

Com pouco chega Accioly

Que vinha do Ceará....

Euclydes lhe perguntou:

— “Collega, o que houve lá?”

— “O que houve? Foi madeira...

Nem sei como cheguei cá...”

Estavam nessa conversa,

Quando chegou João Machado,

Disse: — “Pessoal, eu vim

Da Parahyba, enrascado...”

Nisso, o Aurelio Vianna

Chegou bastante cansado.

Exclamava o Accioly:

— “Meu tempo agora é perdido...

O Franco no Ceará

Agora está garantido,

E o Rio Grande do Norte

Desta vez acha marido!

“Os caçadores do Hermes

Não chegaram no Pará,

Mas já fizeram a cama,

Dum coelho que tem lá,

O resultado dali

Breve se sabe por cá...”

Bernardo Cintura, o velho cantador parahybano de Campina Grande, é versadíssimo em adivinhas e nas perguntas enigmáticas com que os repentistas procuram confundir os rivaes. Foi elle que me propoz a adivinha versificada:

Um homem houve no mundo
Que sem ter culpa morreu,
Nasceu primeiro que o pae,
Sua mãe nunca nasceu,
Sua avó esteve virgem
Até que o neto morreu...

Decifrastes? O tal homem é Abel, que teve por avó a terra, de que Adão foi feito...

Com a sua irritante mania de recitar, interrompendo-se a cada instante, para dispensaveis elucidações de nonada, Bernardino Cintura deu-me conta de extenso e renhido desafio, de que aproveitei este topico:

— PARENÇA NÃO É CERTEZA...
Quero ver me responder:
Um sujeito que ande muito,
Indo um passeio fazer,
Saindo de madrugada,
Onde vai amanhecer?

— SENDO ELLE MUITO LIGEIRO
E cabra esperto pra andar,
Saindo de madrugada,
Não vindo a fracatear,
Garanto que elle amanhece
Aonde o sol o encontrar...

— VONTADE TAMBEM CONSOLA...
Faz favor de me dizer:
Em legua e meia de terra
Que capim poderá ter,
E em quantos cestos medida
Tal terra pode caber.

— EM LEGUA E MEIA DE TERRA
Tem o capim que nasceu...
Si alguma coisa faltar,

Foi o que você comeu...
A terra só dá um cesto,
Sendo este cesto dos meu...

Ao tempo da morte do prestigioso dinamarquez Cel. Christiano Lauritzen, que chefiava a politica epitacista em Campina Grande, a direcção municipal foi ter ás mãos de um filho de Christiano, o sr. Ernani Lauritzen. Sobrevieram desgostos. Uma occasião, deplorava-se numa roda de calçada o desaparecimento do Cel. Christiano quando alguém pediu a Bernardo Cintura que glosasse o mote "A falta que o Chefe faz!" O velho poeta popular não se fez de rogado e dictou longa poesia em estrophes de sete versos, todas encerradas por aquelle mote. Perdi infelizmente a copia dessa poesia, a qual, entretanto, me lembro que dizia:

A Morte é sem piedade:
Mata menino e rapaz...
Como não tira sentença,
Mata filhos, mata paes!
De lucto Campina Grande:
Veja o Coronel Ernani
A falta que o Chefe faz!

Nas estrophes por mim perdidas havia discretas ironias em torno de acontecimentos provocados pela orientação politica do novo chefe...

Entre as minhas mais inestimaveis acquisições no sertão da Philippéa colloco a obtenção de custoso autographo de Josué Romano. Alludo ao original da poesia que Josué escreveu na cadeia de Patos, para onde fôra transferido, da do Teixeira, por haver raptado uma moça, com a qual, todavia, veio ulteriormente a se casar. Dessa poesia, que me foi offerecida pelo velho Mandury, é a queixa ironica expressa nas rimas subseqüentes:

O Amor nunca foi crime!
Nunca vi se processar
De ninguem, por ter desejo

De se matrimoniár...
Prendem uns, casam á força:
Me prendem pra não casar!!...

Graças a Severino Perigo, o aguardentado cantor patense, figura nos meus cadernos de notas sertanejas este lance de uma peleja entre Josué Romano e Francisco Carneiro:

J. — Eu disse, ao sair de casa,
Que vinha ver um *carneiro*,
O primeiro que encontrasse
Botaria no chiqueiro,
Mandei lavar a panella
E comprar logo o tempêro...

C. — Josué, não pense nisso
E' uma asneira completa;
Carneiro, como cantor,
Nogueira, como poeta,
Somos dois navio no mar,
Ou dois trens em linha recta...

J. — Eu tenho encontrado bicho,
Onça com filho no ninho,
Porem eu entro na fuma,
Trago ella c'os gatinho,
Dou uma surra na onça,
Mando criar os filhinho...

C. — Pode o sol nascer de noite
E pôr-se de madrugada,
Pello de onça dar trança,
Leite de sapo coalhada:
Diffice é tirar da fuma
Filho de onça pintada!

J. — Eu perco a fé no doente,
Quando muda o travesseiro...

Dos filho do velho meu pae
Eu pra cantar sou primeiro,
Que eu sou o gallo do Norte,
Parahyba é meu terreiro...

C. — Sou como libra esterlina:
Não chego pra quem me quer...
Eu não engeito parada,
Dê o caso no que der!
Previna seu repertório,
Pode vir como quizer...

J. — Carneiro, si eu te pegar,
Até o diabo tem dó:
Desço de guela abaixo,
Em cada tripa dou nó,
Subo de baixo pra cima,
Me escancho no teu gógó...

C. — No tempo da antiguidade,
Dito pelos meus avô,
Lambança de quem é pobre
Fortuna nunca escutou...
Quêra Deus você não volte
Com os heiços com que mamou...

J. — A's vez, o geito que eu tenho
E' cantar com quem não presta...
Isso muito me arripuna,
Mas a minha vida é esta:—
Bater baião de viola
E ganhar dinheiro em festa...

Não proseguirei, Srs., em reproduzir-vos o comburento debate que se corou, horas mais tarde, com a victoria de Josué Romano. O que estimo vos lembreis agora é que este Josué Romano, cujo autographo tive a fortuna de ir salvar, é aquelle mesmo de quem longamente falei no meu volume de

estréa e que, filho de Francisco Romano, assim fazia o commovido elogio paterno:

Eu me chamo Josué,
Filho do grande Romano,
O cantador mais temido
Que houve no genero humano:
Tinha a sciencia da abelha,
Tinha a força do oceano!

.

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Só agora cáio em mim e me apercebo de que me deram quinze minutos para esta Palestra atabalhoada e desconnexa. Eis-vos chegados, e de sobra, ao termo de meu, melhor: do vosso crimosamente por mim prorogado "mau quarto de hora"...

“DE REBUS PLURIBUS...”

Os versos de amor não são o forte dos cantadores. Quando dois cantadores se defrontam, o que é inevitável é o desafio bulhento e arrogante em que varonilmente põem ambos em prova os proprios dons de improvisação. Por isso foi que Ferrino Jurema disse em carta a Francisco Romano:

Fuí chegando em Agua Doce,
Encontrei Mané Fulô,
Coitadinho! só sabia
De cantiguinhas de amor...
Eu não aggravei a elle
E nem elle me aggravou...

E' preciso que o cantador não tenha um rival com quem se bata, para que se entregue ao descante de romances amorosos ou de simples trovas, o que mormente acontece si no auditorio se acham mulheres. E' o dengue das morenas, é a faceirice das caboclas que ameiga o estro masculino dos violeiros:

Eu canto, há dezoito annos,
Há vinte toco viola...
Si vejo mulher bonita,
Eu fico todo pachola:
Fico que nem passarinho
Que vê melão em gaiola...

Quando, curioso de conhecer o folklore parahybano, de-liberei percorrer de léste a oéste a Parahyba, para o que entrei em Cabedello e saí em Cajazeiras, tive de me demorar alguns dias na capital do Estado. Vi-me, então, presenteado com uma collecção de quadrinhas populares pelo jovem jornalista Adhemar Vidal, redactor d'“A União”. Vezes sem conta, tive ensejo de verificar serem effectivamente populares todas as quadras prefaladas, muitas das quaes, entretanto, não eram ineditas e outras já eram de meu conhecimento. Pertenciam a essa collectanea as quadrinhas abaixo transcriptas:

Antão, meu querido Antão,
Me responde já e já:
Perdeste teu coração
No bairro de Tambiá?

Menina, quando eu te vi
Na rua, á primeira vez,
Botei joelhos em terra,
Bemdizendo a quem te fez.

Meu amor, na despedida.
Nenhuma palavra deu:
Botou joelhos em terra,
Ficou a chorar mais eu... (1)

Descança teu coração,
Confia no meu amor:

(1) Variantes portuguezas:

Meu amor, na despedida,
Nem um só ai poudé dar:
Apertou-me muito ao pello
E depois poz-se a chorar.

Meu amor, na despedida
Nem uma fala me deu:
Quiz chorar, ficou afflicto,
Quiz falar, emmudeceu.

Eu por ti arrisco a vida,
Enfrento seja quem for.

Atirei meu lenço branco
Por cima da bananeira...
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

Meu roçado pequenino,
Carregado de batatas,
-Eu tambem sou pequenino,
Carregado de mulatas...

Eu quero tanto ao meu bem
Que disse ao meu confessor:
— “Padre, não seja teimoso
Que eu não largo o meu amor!”

Entre flores fui nascido,
Entre rosas fui criado,
Entre cravos fui perdido,
Nos teus braços fui achado. (1)

Ora, Deus seja louvado.
Que a barateza ahi vem:
Moça por meia pataca
E mulher por um vintem.

Uma me disse que “sim”,
Outra “não” me respondeu...
A que “sim” queria ella,
A que “não” queria eu.

(1) Variante portugueza:

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do céu fui criado.
Perdi-me na noite escura:
Nos teus braços fui achado...

Não se empresta o coração,
Dá-se logo, pois é fado
Que aquillo que a gente empresta
Não volta, ou volta quebrado.

Eu chorei vinte e um dias,
Vinte noite e uma hora,
Estive tres dias sem fala
Quando meu bem foi-se embora.

Tudo que é triste no mundo
Queria que fosse meu,
Só pra ver si tudo junto
Era mais triste do que eu... (2)

Em cima daquella serra
Tem um pé de quina-quina...
Quero bem a toda moça
Que tem a cintura fina.

Coração de pedra dura,
Deixa de tanto cantar,
Tu tambem sois criatura:
Tem pena do meu penar!

Sete e sete são quatorze,
Tres vez sete vinte e um,
Tenho sete namorados,
Não quero bem a nenhum.

E' uma ponta damnada
As moças do Seridó:

(2) Variante portugueza:

Tudo que é triste ao mundo
Tomára que fosse meu,
Para ver si tudo junto
Era mais triste do que eu!

Por cima — saias de bico,
Por baixo — mulambo só...

Bravo ao cabelo castanho,
Côr de canella ralada!
Quem não ama a côr morena
Anda cego, não vê nada.

E' curioso observar-se como as populações citadinas arrancam versos populares do olvido em que estes jazem, rejuvenescendo-se com a brejeirice das saltitantes musicas modernas. O folklorista espirito-santense Desembargador Affonso Claudio assevera que é do patrimonio folklorico de seu Estado a quadra:

Tatú, assobe pau?
Num pode sê...
Assim cumo assubiu,
Há de descê!

e commenta: — “Esta trova tem uma variante mais moderna no cancionero do vulgo carioca, assim concebida:

Tatú, sobê no pau?
E' mentira de você...
Lagarto, lagartixa,
Issô, sim, bem pode ser...”

No velho caderno de versos manuscriptos com que me obsequiou Adhemar Vidal encontrei, por minha vez, esta quadrinha que, há uns dois ou tres annos, figurou como “novidade” e andou de bocca em bocca, entre os foliões do Carnaval, no Rio:

Quem é bom já nasce feito,
Quem quer se fazer não pode:
Por mais que queira dar geito,
Boi é boi e bode é bode...

Respigo ainda da miscellanea de trovas populares a que me venho referindo:

1
O que é tempo perdido
Agora vou relatar:
E' dar-se conselho a doido
E negro se ensaboar.

O mentir é um mau costume
Que desgraça muita gente:
Tomára achar quem me diga
Que lucro tira quem mente.

Uma mosca morde o homem,
Disso vira uma ferida,
Da ferida o homem morré:
A mosca tirou-lhe a vida!...

Minha gente, venha ver
A vidinha do preá:
Deitado na macacheira,
Comendo sem trabalhar...

Quem me dera sabê lê,
Sabê escrevê Izabé,
Pra botá o nome della
No ouro dos meus anné!

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus do Ceará!
Correr atraz de boi grande,
Pedir a quem tem pra dar...

Minha comadre brabuleta,
Meu compadre cafanhoto,
Venha ver compadre grillo:
Tá dando c'os pés nos outo...

Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãe que Deus me deu,
Estava nas ancias da morte,
Eu cantei e ella viveu!

Minha mãe, minha mãezinha,
Que mãezinha tenho eu:
Que comeu seu feijão todo,
Nem um caroço me deu...

Seriam melhor que o céu
Parahyba e Ceará,
Si chovesse como chove
Na cidade do Pará.

O Catolé, minha terra,
E' bonita por demais:
Fica nas abas da serra,
No meio dos cannaviaes.

Na beira do rio Salgado
Fica a cidade do Icó,
A princeza do sertão,
Desde o Crato ao Piancó.

O anum é "passo" preto,
Serenos no avoar,
Quando se assenta num ramo
Levanta o rabo p'r'o ar.

Descarado semvergonha,
Cara de papa-pirão,
Cria vergonha na cara,
Larga meu nome de mão!

Andorinha de coqueiro,
Sabiá de beiramá!

Meia noite, bate o sino,
De madrugada o signá...

Deixa o riacho correr,
Deixa o barreiro quebrar,
Deixa o cagafogo abrir,
Deixa a abelha trabalhar.

Em terra que eu nunca andei
O sol, quando nasce, é rôxo,
Boi bebe agua em garrafa,
Cobra come milho em côxo,

Outra preciosa collectanea que tive em mãos foi a organizada pelo poeta e publicista Anisio Melhor, residente na cidade bahiana de Nazareth. As lindas quadras! Campos Monteiro, no Prefacio das "Trovas do Povo", refere que Garrett costumava dizer que trocaria, de bom grado, toda a sua obra por uma quadra popular... A anthologia de Anisio Melhor prova que são populares innumeradas quadras colligidas por Sylvio Romero, Pereira da Costa e Rodrigues de Carvalho, pois, desapercebido disso, o colleccionador as recolhe indistinctamente, exigindo apenas a condição de as ouvir ao povo. As de que, em seguida, me aproveito me pareceram ineditas:

Na Bahia não se usa
Pedir moça pra casar,
Se entra de porta a dentro:
— "Esta é minha, venha cá!"

Essa moça que cantou
Eu sei bem o que ella qué:
Ella qué banho de igreja
Na Matriz de Nazareth...

Quem tiver seu namorado
Prenda elle num cordão

Que as moças de Camamú
Têm unhas de gavião.

O rio de Jaguaripe
No meio tem um remanso...
O corpo que tem coceira,
A unha não tem descanso.

O rio de Jaguaripe
Corre que desaparece...
O corpo que tem coceira,
A unha é quem mais padece.

Caixa-Prego tem baleia,
Santo Amaro tem xangó,
Jaguaripe petitinga,
Nazareth tem mocotó.

Da Bahia me mandaram
Uma lima num vapor:
Si essa lima era doce,
Quanto mais quem me mandou!

Tú me deixaste por pobre,
Sujeitinho interesseiro,
Por isso não és o gallo
Que canta no meu terreiro.

Eu andava no jardim,
Maginando em meu amor,
Deu um vento na roseira:
Me cobriu todo de flor...

Você diz que não há cravo
Neste tempo de verão:
Inda honte eu vi um cravo
No peito do Capitão...

Menina, diga a seu pae
Que eu sou bom trabalhador:
Com chuva eu não vou na roça,
Com sol também lá não vou...

Me deitei na minha rêde,
Dormi um somno ligeiro:
Me deitei no mez de Agosto,
Me alevantei em Janeiro...

Capim verde, capim verde
Onde meu bem se sentou,
Capim verde, não me negues
Com quem elle conversou.

Lá vem a lua saindo
Por detraz da samambaia...
Eu quero falar com a moça,
Mas a velha me atrapaia.

Eu bem disse á laranjeira
Que ella não botasse flor,
Que passasse sem laranja
Como eu passo sem amor.

Ninguem sabe o que eu vi hoje
Debaixo da pimenteira;
Uma formiga dizendo
— “Ai, meu Deus, minhas cadeira!”

Ninguem sabe o que eu vi hoje
Debaixo dum alecrim:
Duas pombinhas dizendo
— “Viva o Senhor do Bomfim!”

Menina da saia curta,
Redondinha pelo chão,
Não me faça andar de noite,
Dando topadas em vão.

Mal de amores não tem cura?
Mal de amores cura tem:
A cura do mal de amores
E' deixar de querer bem. (1)

Ai de quem quer e não pode,
De quem é inferior,
Ai de quem não pode dar
Um beijinho em seu amor!

Menina, minha menina,
Meu caroco de cajá,
Si queres casar commigo,
Cala a bocca, deixa estar!

Meu amor é uma morena,
Morena sem consciencia:
Vive amando a todo mundo,
Diz que eu tenha paciencia.

O meu peito é um Palacio:
Tem sala, tem corredor
E tem cadeira de encosto
Onde meu bem se sentou.

Minha gente, venha ver
O que foi que aconteceu:
Panno de pegar panella
Em que risco se metteu.

Cravo branco no cabelo
Todo mundo quer cheirar...

(1) Variante portugueza:

Mal d'amores não tem cura?
Mal d'amores cura tem:
Ajuntem-se os dois amores,
Longo o mal se cura bem.

Quem é dono não ciuma,
Quem não é quer ciumar!

Janella sobre janella,
Janella rente no chão:
Tanta mulata bonita,
Nenhuma na minha mão!

Meu bemzinho, fale baixo
Que os espia estão 'defronte
E nós vivemo espiado
Como os veado no monte.

Amor de moça ciumenta
E' amor que não agrada,
Faz lembrar festa de gato
Que deixa a pelle azunhada.

Atira, Cupido, atira,
Atira, não tenha dó,
Atira naquella ingrata
Que se foi, me deixou só.

O vento bateu na porta,
Eu pensei que era Jeanna!
Valha-me Nossa Senhora
Que até o vento me engana!

Eu fui aprender a ler
Numa carta de *a b c*,
As letras que eu mais gostei
Foi do *J* e foi do *G*...

Quem tiver o seu amor
De mim não tenha ciume,
Que eu não tenho a sua cara,
Nem tambem seu mau costume.

Essas meninas dagora
Todas querem se casar,
Botam panella no fogo:
— “Mamãe, venha temperar!”

Quero bem, não digo a quem,
Digo a todas: “Quero bem!”
A todas digo que morro,
A ninguem digo por quem...

Meu bemzinho, fale baixo
Pra Papae não accordar:
Você corre, vai se embora,
Eu fico, vou apanhar...

As trovas subsequentes são variantes de quadras não inéditas:

Morena, meu bem, meu tudo,
Senteínos e conversemos:
Si correr algum perigo,
Somos solteiros, casemos!

Eu joguei o limão verde
Na menina da janella:
O limão caiu na sala,
Eu caí nos braços della.

Suspirando me deitei,
Suspirando amanheci,
Suspirei a noite inteira.
Sô suspirando por ti.

Eu plantei a sempreviva,
A sempreviva nasceu...
Tomára que sempre viva
Teu coração mais o meu!

Menina, vamos jogar
O jogo da "douradinha":
Si eu perder, você me ganha,
Si eu ganhar, você é minha...

Em palestra com o poeta Arthur de Salles na cidade de Santo Amaro, ouvi, por elle recitadas, numerosas encantadoras trovas do grande e saudoso Francisco Mangabeira, bastante popularizadas nos sertões bahianos. Ainda me canta aos ouvidos esta:

Tú rezaste a Santo Antonio
E elle, malvado, te deu
Para marido um demonio,
E esse demonio sou eu...

Arthur de Salles referiu-me tambem interessantes repentes do famoso CANARIO PARDO, talvez o maior dos cantadores da terra de Paraguassú, assassinado por um rival em conquistas amorosas. CANARIO PARDO gostava de repetir:

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazareth!
A vacca mansa dá leite,
A braba dá quando qué:
A mansa dá socegada,
A braba alevanta o pé...
Já fui barco, fui navio
E hoje sou iscalé...
Já fui linha de meada,
Hoje sou de carrité...
Já fui menino, sou home,
Só me falta ser muié...
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazareth!

A Anisio Melhor devo a informação de que, certa vez, empenhando-se dois cantadores bahianos no elogio do corpo de uma morena, disse um delles:

— Si eu fosse Nosso Senhor,
Dono do ouro e da prata,
Mandava fazer espelho
Dos olhos desta mulata...

O rival accudiu, promptamente:

— Cabra, deixa de ser besta,
Tú não sabe apreciar:
Espelho queria eu ser,
P'r'a mulata me mirar...

O sr. Afranio Peixoto nas suas "Mil Trovas Brasileiras" incluiu esta quadrinha que eu nunca ouvi no Ceará nem em qualquer outro Estado:

Ceará é bôa terra,
Mas não é terra pra mim:
E' que a terra só é bôa
Mas é pra gente ruim...

Tambem na minha excursão atravez de numerosos municipios bahianos indaguei, debalde, si alguem tinha noticia desta outra quadra do livro de Afranio:

Em tudo há bom ou mau,
Coisa, tempo, bicho e anno,
Mas do povo da Bahia
Salva-se um por engano...

Essas duas quadrinhas teriam facil explicação nos antagonismos locais "entre terras de uma mesma nacionalidade", registados por Ladislau Batalha em referencia ao folklore luso. Mas o caso é que, não obstante o meu empenho em as ouvir ou, ao menos, em as saber conhecidas, não o consegui. Desconfio, pois, que não sejam populares nem popularizadas. Mesma para popularesca falta á quadrinha allusiva á Bahia es-

pontaneidade nos dois primeiros versos, de construcção rebuscada.

Na cidade de Ilhéos, o literato Ruy Penalva disse-me haver ouvido a um cantador esta exclamação arrogante:

Quem quizer cantar commigo
Traga contas de rezar,
Que eu sou como um Purgatorio
Onde as almas vão penar...

E' isso simples adaptação da quadra publicada por Pereira da Costa:

Quem vier a Pernambuco
Traga contas de rezar:
Pernambuco é purgatorio
Onde as almas vão penar!

Popular é, porém, em S. Paulo esta quadrinha com que o caipira paulista chasqueia do tabaréo de Minas:

Mineiro eu conheço ás legua,
Tem dois signá que não faia:
Barbinha em baixo do queixo,
Atraz da oreia uma paia...

Na capital do Espirito Santo tive a oportunidade de ler a *Palestra* que na Academia de Letras de Victoria proferiu o Dr. Archimino Mattos, quando da recepção do folklorista Desembargador Affonso Claudio. Archimino Mattos, dissertando sobre o folklore capichaba, refere que no valle do Maquy e do Itabapoana encontrou "a influencia dos cantadores do nordeste brasileiro, exercida por esparsas colonias de cearenses que ali se domiciliaram". A proposito, menciona este lance de desafio, "de sabor accentuadamente nordestino":

— E' de devéra, meu mano,
Devéra vou lhe contá:

Eu já vi uma mumbuca
No chifre dum marruá,
Deu sete pipa de azeite,
Tres caçros de saburá.

— E' de devéra, meu mano,
Devéra vou lhe conta:
Já vi um carneiro morto,
Depois de morto, berrá,
Deu sete pulo pra riba,
Caiu no mesmo logá...

O côco merece estudo especial em todo um livro e é possível que eu a isso, um dia, me devote. Não deixarei, então, de consignar muitas das inumeraveis toadas musicaes em que se o canta, para que isso sirva de subsidio a estudos de doutos folkloristas, não meros colleccionadores como eu, mas obreiros argutos da improrogavel nacionalização de nossa poesia e musica. Fiquem, entretanto, logo aqui alguns dos versos que colligi na praia parahybana de Tambaú:

Cabra safado,
Da cara de lobishomê,
Você morre mas não come
Da massa que eu peneirar...

Cabra mofino,
Si não tem corage, eu tenho:
Vae dizer a senhor de engenho
Mande as armas p'r'eu brigar...

Cabra damnado,
Você diz que dá na bola,
Vontade tambem consola:
Na bola você não dá...

Negra damnada,
Da cabeça de escapole,
Quero ver bolir no folle
P'r'o ferreiro trabalhar...

Peixe piaba,
Tubarão, baleia, serra,
Vou-me embora desta terra,
Vou tarrafiar no mar...

Papa-capim,
Guriatã, rola-gallega,
Eu pisei no pé da nêga,
Fiz a nêga se damnar...

E' manga espada,
E' manga rosa, é manga rôxa,
Nunca fiz a minha trouxa
Pra poeta desmanchar...

Lá vem o home
Do bahú das mindeza!
Quem quer comprar boniteza:
Carrité, linha e dedá?...

Na Parahyba existem varias empresas editoras de fasciculos que contêm versos da musa sertaneja. Na "Livraria Editora", de Pedro Baptista, localizada na capital do Estado, á rua Maciel Pinheiro, 160, fui encontrar enorme variedade desses folhetos. Muitos delles já os adquirira eu, mesmo no Ceará, pois que são distribuidos á larga pelos differentes Estados vizinhos.

Fiz, porém, uma aquisição valiosa que foi a desta historia, em versos, de Antonio Baptista Guedes:

Me contava um sertanejo,
Morador em Cabrobó,

Na terra delle se deu
Um facto que causou dó:
Tres irmãs que pretenderam
Se casar com um moço só.

Eram filhas de um casal
De velhos "bem arrumado
(Como se diz no sertão)
De dinheiro, terra e gado",
E cada qual que tivesse
Um nome mais delicado.

A mais velha pelo nome
De Rosa Dhalia accudia,
E pelo de Rosa Amelia
A segunda respondia,
A caçula e mais bonita
Chamava-se Flór do Dia.

As moças tinham um tio
Que era dellas vizinho
E tinha apenas um filho,
Conhecido por Nequinho,
Mas o diabo é que ellas tres
Gostavam desse priminho...

Um bello dia, ellas tres,
Conversando em casamento,
Na maior intimidade,
Como pedia o momento,
Cada uma, de per si,
Foi dizendo o seu intento.

Disse Rosa Dhalia: — "Eu
Só me caso com Nequinho,
Porque, desde pequenina,
Acho elle bonitinho...
Dos moços que tenho visto
Elle, pra mim, está sosinho!"

Rosa Amelia interrompeu-a,
Dizendo: — “Isto é um castigo!
Que pensamento infeliz,
Minha irmã, tú tens comtigo!
Pensa logo noutro moço,
Nequinho casa é commigo!”

Então, bradou Flor do Dia:
— “Isto não! Nequinho é meu,
Que elle, noite de S. João,
Em sonho me appareceu
E, depois disto, meu tio
A meu pae já prometteu...”

Falava tudo a um tempo,
Azedou-se a discussão,
Passaram a jogar murro,
Tapa, dentada, empurrão,
Até que chega a mãe dellas
Com uma peia na mão.

A velha, chegando, viu
As tres moças agarradas,
Falon, não foi attendida,
Inda deu umas peiadas
E gritou: — “Venha, meu velho,
As menina estão damnadas!”

Com a presença do velho
Ellas se apartaram, então,
E todas tres, a um tempo,
Disseram que a questão
Foi devido a casamento,
Cada qual tinha razão...

Disse o velho para a velha:
— “Não deixe isto vir a lume,
Castigue esta canalha,

Acabe este mau costume,
Pois, si uma quer se casar,
Briga o resto com ciume."

Chama a velha á Rosa Dhalia,
Dizendo: — "Venha apanhar,
Que você inda não tem
Idade para casar
Nem casamento é "futuro"...
Apanhe e vá trabalhar."

Rosa Dhalia disse á velha:
— "Seu pensamento é errado...
Si casar fosse ruim,
Mamãe não tinha casado
E nem queria me dar,
Sem se lembrar do passado..."

A velha disse: — "Atrevida,
Tú me falas deste geito?
Eu me casei, é verdade,
Porque era de direito,
Mas nunca tive ciume,
Não fiz o que tú tens feito!"

Rosa Dhalia, malcriada
Como era, respondeu:
— "Minha mãe pode me dar,
Mas a sua não lhe deu...
Talvez que a Senhora, em moça,
Fosse peor do que eu!"

Deixa a velha a Rosa Dhalia
E a Rosa Amelia pegou,
Esta disse: — "Minha mãe
Me dá, mas não apanhou...
Si casar era ruim,
Pra que é que Mamãe casou?"

Disse a velha: — “Eu me casei,
Mas nunca andei com namoro,
E você, não só namora,
Como me diz desaforo...
Cabrita, ou tú me respeita,
Ou vês eu tirar-te o couro!”

A moça disse: — “Mamãe,
Embora eu apanhe e chore,
Digo que não vejo moça
Que ame que não namore!
Talvez que só minha mãe
Seja quem isso iguignore...”

Chama a velha a Flor do Dia,
Dizendo: — “Venha apanhar!”
Ella disse: — “Minha mãe
Não tem razão pra me dar:
Muito mais fez a Senhora,
Que até fugiu pra casar...”

A velha disse: — “Atrevida,
Tú larga de tanta affronta:
Eu fugi e me casei,
Mas não é de tua conta!
O damnado do namoro
Te faz malcriada e tonta.”

A moça disse: — “Mamãe,
Quem ama — ciume tem!
Querem tomãr o meu noivo,
Mas isso não me convém:
Embora eu morra na peia,
Eu não dou elle a ninguem!”

A velha dava e dizia:
— “Deixa de me responder!
Eu não sou tua parceira,

Tú bem que deves saber...
Eu nunca tive ciume,
Como é que tú queres ter?"

A moça disse: — "A Senhora
Me dá e me faz censura,
Mas eu bem sei que Mamãe
Tem ciume e é com fartura...
Ciume em moça se soffre,
Em velha ninguem atura!"

Emfim retirou-se a velha
Enraivecida e possessa,
E cada uma das moças
Fez, então, uma promessa
Aos santos para casar
Com Nequinho, a toda pressa.

Pediú a mais velha ás almas:
— "Si os merecimentos vossos
Quebrarem das minhas manas
Aquelles damnados rôços
E si eu casar com Nequinho,
Vos rezo dez Padrenossos!"

A segunda, de joelhos,
Disse: — "São Sebastião,
Retirae de minhas manas
Tão infeliz pretensão,
Casae a mim com Nequinho
Que eu vos garanto um tostão!"

A mais moça e mais bonita
Fez sua prece tambem,
Prometteu a Santo Antonio
Que lhe daria um vintem
Para casar com Nequinho
E os Anjos dizer *Amém*...

Fizeram, á noite, as promessas...
No outro dia, cedinho,
Ouviram ladrar um cão,
Olharam para o caminho,
Avistaram uma pessoa:
Era o tal primo Nequinho.

Chegou Nequinho na casa,
Entrou, tomou a benção
E começou com os velhos:
Bonita conversação,
Depois perguntou á velha:
— “Minhas prima onde é que estão?”

Entra a velha e diz ás filhas,
Já chaleirando um pouquinho:
“Meninas, vão para a sala
Cumprimentar o Nequinho
E conversem lá com elle
Que o meu velho está sosinho.”

Ahi as tres se enfeitaram
E vieram para fora
E na palestra com o primo
Passaram mais de uma hora;
Cada uma em si dizia:
— “Eu serei tua Senhora...”

Rosa Dhalia conversava
E Rosa Amelia sorria,
O primo dava attenção
Mas porém não se esquecia
De olhar para a formosura
Da priminha Flor do Dia.

Quando Nequinho ficou
Só com o tio e a tia,
Aproveitou o ensejo

E disse que pretendia
Pedir-lhes em casamento
A mão da tal Flor do Dia.

O velho disse: — “Menino,
O teu pedido é acceito....”
Por mim e por tua tia,
Que pensa do mesmo geito,
Por nós dois, há muito tempo,
Isso já se tinha feito!”

Nequinho disse: “Meu tio,
Si eu não fiz isso mais cedo
Foi só para os faladores
Não andarem com enredo...
Eu quero que até p'r'as primas
Se guarde disso segredo!”

A velha, então, com cautela
Disse só á Flor Do Dia,
As outras desconfiaram
Que fosse o que fosse havia,
E de casar com Nequinho
Uma só não se esquecia.

Os velhos só convidaram
As pessoas mais amigas,
Dizendo: — “Na nossa casa,
Conforme praxes antigas,
Nosso compadre Vigario
Irá fazer desobrigas.”

Nas tres irmãs se notava
Perfeito contentamento
E, depois de confessadas,
Riam-se, a qualquer momento,
Porém só a Flor do Dia
Sabia do casamento.

Rosa Dhalia e Rosa Amelia,
Da sala se retirando
E, pouco tempo depois,
De novo á sala voltando,
Encontraram Flor dó Dia
Com Nequinho se casando.

Ahi, possessas de raiva,
Entraram p'r'a camarinha,
Dizendo a mais velha: — “Eu
Tive uma sorte mesquinha!”
Disse a outra: — “Só você?
Diabos leve a sorte minha!”

Rosa Dhalia, muito irada,
Pela promessa que fez,
Disse: — “ô almas do diabo,
Não rezo mais pra vocês,
Meu gosto é que para o Inferno
Vão-se todas duma vez!”

Rosa Amelia, blasphemando,
Dizia: — “E' tólo o christão
Que acredita e faz promessa
Ao tal de Sebastião...
O diabo é quem gasta mais
Com tal desgraça um tostão!”

Combinaram, então, as duas,
Já que eram desgraçadas,
De ambas num laço só
Irem morrer abraçadas:
Os Santos não as valiam,
Iam morrer enforcadas.

Como de facto, ellas duas
Em uma tira de couro
Puzeram termo á existencia,

Arrenegando o namoro...
A Flor do Dia casou,
Mas findou-se a festa em choro.

Contou-me um velho este caso
Que jurou ser verdadeiro,
O mesmo velho ensinava:
— “Quem quer se casar ligeiro
Faz promessa a Santo Antonio
Que um vintem não é dinheiro...”

Essa poesia eu a ouvi, tempos depois, cantada no Recife pelo cantador negro João Catingueira, por ocasião de um serão de letras matutas na residencia do Dr. Samuel Hardman, Secretario da Agricultura de Pernambuco. E apurei, ulteriormente, que é uma imitação de “A valentia e a paixão de quatro moças”, historia versificada pelo fallecido poeta popular Antonio da Cruz.

Utilissimas me foram as visitas á “Livraria Editora”, de Pedro Baptista. Tive, ali, a surpresa de verificar que a poesia “O Brasil em Guerra”, inserta no meu livro “Cantadores” e que João Mendes de Oliveira, o cantador de Juazeiro, me recitára como propria, figurava num folheto como sendo da lavra de João Martins de Athayde. Mais: o romancete “O Capitão do Navio”, cujo autor o velho Anselmo Vieira de Souza não me soubera dizer quem tinha sido, li-o tambem como sendo da autoria do mesmissimo João Martins de Athayde. O cego Symphronio Martins já me dissera, porém, que “O Capitão do Navio” era “coisa da cabeça” de Leandro Gomes de Barros e não de João Martins de Athayde...

Feitas estas necessarias declarações em honra do *suum cuique tribuere*, menciono, a seguir, duas glosas de João Martins de Athayde:

Poeta aqui perde a fama,
Dá-lhe gafeira que entreva

Porque da surra que leva
Passa tres dias de cama...
Dou mais um cristéo de lama;
(Quem trata assim trata bem...)
Si me tratar com desdém,
Arranco o bofe, a moéla,
Agarro no pé da guéla,
Ou quebra, ou papóca, ou vem!

Sou raio, estou faiscando,
Sou peçonha de serpente,
Sou furacão do Nascente,
Sou pedra infernal queimando,
Sou dez navalhas cortando,
Devoro sem ver a quem...
Dos poetas que aqui tem
O que for de mais conceito,
Eu, pegando elle a meu geito,
Ou quebra, ou papóca, ou vem!

Mas Athayde merece mais algumas referencias. Elle descreveu humoristicamente o medo dos sertanejos, quando da entrada do Brasil na conflagração mundial. De si proprio não se pejou de confessar:

Quando li a paz da guerra,
Estava em casa dum vizinho,
Depressa mandei buscar
Uma garrafa de vinho
E ahi desejei ter aza
Porque, quando fui p'r'a casa,
Não acertei c'o caminho...

Falando de João Martins de Athayde, não me devo limitar a uma allusão breve. O notavel critico sr. Tristão de Athayde escreveu que elle "é um xará que muito o honra"... Athayde reside actualmente no Recife, onde é proprietario de modesta empresa typographica, á Rua do Rangel. E' o autor de deze-

nas de folhetos que correm mundo e o editor de centenares de outros. João Martins de Athayde, em Pernambuco, e Pedro Baptista, na Parahyba, são os grandes divulgadores da poesia popular nordestina. O ultimo foi genro do famoso menestrel pernambucano Leandro Gomes de Barros e forneceu ao sr. Gustavo Barroso grande parte da materia enfeixada nos livros "Ao som da viola" e "Heróes e Bandidos".

Seria enfadonho, talvez, mencionar tudo quanto Athayde tem escripto e editado, para enriquecimento de nossa literatura de cordel. E' preferivel insistir em mostrar a bizzarria de sua inspiração genuinamente matuta.

Antes de se fazer editor, Athayde não desdenhava o desafio e a gloria de repentista. São dessa época as suas estrophes petulantes:

Valente não teme a lucta,
Enchente não teme o rio,
Machado não teme o pau,
Touro não teme o novão,
Violão não teme a prima,
Poeta não teme a rima
Nem eu temo desafio...

Nem soldado teme a farda,
Nem braza teme o tição,
Nem defunto teme a cova,
Nem Santo algum teme o cão,
Nem peixe teme o mergulho,
Nem negro teme barulho,
Nem eu temo valentão...

Um dos rivaes de Athayde foi o defunto cantador alagoano Cordeiro Manso (Pacífico Pacato Cordeiro Manso). Certo dia, alguém disse em presença do vate pernambucano: — "Cordeiro é bom glosador!" Athayde ficou irritado e glosou:

Quando faltar minha lyra,
Quando eu não souber glosar,

Quando condor não voar,
Quando ferro der embira,
Quando Deus pregar mentira,
Quando gelo der calor,
Quando escravo for senhor,
Quando na face da terra
Não houver monte nem serra,
Cordeiro é bom glosador...

No dia em que o mar seccar
E a mulher não der mais fructos,
Quando houver razão nos brutos,
Quando peixe não nadar,
E quando morto falar
E no céu houver horror,
Quando a terra immovel for,
Quando um burro for propheta,
Quando eu não for mais poeta,
Cordeiro é bom glosador...

Em "A donzella Theodora" João Martins de Athayde engendrou o seguinte suggestivo dialogo entre Theodora e o Sabio:

— Qual é a coisa sublime
Que o homem pode guardar?
O que é que a gente vê,
Porém não pode tocar?
Qual o homem mais heróe,
Sem na guerra batalhar?

— De sublime para o homem
E' a vergonha e a verdade...
O que se vê e não se pega
E' o céu e a immensidade...
Homem valente será
Quem vencer sua vontade.

— Qual é a arma perversa
Que mata a reputação?
O que é que não sacia
Na terra nossa ambição?
Dos homens qual foi que deu
A maior condenação?

— Quem mata a reputação
E' a lingua falsa e malvada...
Nossa ambição por dinheiro
Nunca fica saciada...
Das sentenças a maior
Por Pilatos foi lavrada.

— Muito bem me respondeste,
Tudo certo e proveitoso,
Quero agora que me digas,
Sem nada haver duvidoso,
Qual dos dias da semana
O que é mais venturoso.

— Dos dias de uma semana
Sexta-feira é o mais sagrado:
A Biblia conta que Adão
Nesse dia foi creado,
E eu sei que na sexta-feira
Jesus foi crucificado.

— Eu quero que me respondas
Tudo como se passou,
Um facto bem conhecido
Que a todo mundo assombrou:
Qual o vivente da terra
Que em dois ventres andou.

— O que agora vou dizer
Não foi coisa natural:
Jonas andou em dois ventres,

Foi um facto sem igual:
Na barriga da baleia
E no ventre maternal.

As seccas que periodicamente flagellam o Nordeste, fornecem largo contingente de assumptos á poesia popular. Nem sempre são tristes e dolorosos os versos inspirados por esse ambiente de horrores. E' o que deixa perceber o seguinte *Pelo Signal*, composto pelo mestre-escola Braz Angelino de Souza, em Santa Cruz da Uruburetama (Ceará), em 1877. Do mesmo o sr. Gustavo Barroso apresenta uma variante á pag. 465 do seu "Ao som da viola", sem lhe declinar, entretanto, a autoria, que consegui apurar:

A fome me faz temer
Da desgraça o duro córte,
Estou conhecendo a morte,
Pelo signal...

Si não chover em geral,
Em Dezembro, com franqueza:
Se acaba toda a pobreza
Da Santa Cruz...

A furtar não me dispuz,
Morrer de fome acho feio...
Porém de pegar no alheio
Livre-nos Deus!

Pode ser que eu com os meus
Escape deste "estandarte",
Pois temos de nossa parte
Nosso Senhor.

Si ficarmos a favor
Dos mais arremediados,
Temos de ser desprezados
Dos nossos.

Já vendi todos meus troços,
Só não digo que furtemos
Porque do dono seremos
Inimigos.

Vamos ter novos castigos,
Não se tem p'r'onde fugir:
E' ao Governo pedir
Em nome do Padre...

No caso que elle se enfade,
Si nos der coisa tão pouca,
E' só pra botar na bocca
Do filho....

Não temos feijão, nem milho,
Nem farinha, nem crueira,
Só nos resta uma palmeira
Do "Espírito Santo."

Não sirva a ninguem de espanto:
Mas tenho prophetizado
Que há de morrer tudo inchado!
Amém...

Há neste *Pelo Signal* um mixto de tristeza e de ironia, de revolta e de submissão fatalistas aos designios da sorte.

Tambem as quinze sextilhas subsequentes, colligidas por mim no sertão da Parahyba, são um attestado de como os cantadores, affeitos á desgraça consequente dos flagellos climaticos, narram alegremente lancinantes episodios da secca. E ellas importam, por igual, bem urdido epigramma á pasmosa fecundidade da mulher sertaneja:

Todos estamos ao par
Das indigencias do norte:
Quando o anno não é secco,
O inverno é muito forte...

Vem sertanejo de cima,
Arrenegando da sorte.

O velho chega na frente,
Vindo atraz grande ranchada,
Gente de todo tamanho,
Chega tomar toda a estrada,
Parece até que nasceram
Oito e dez duma ninhada.

Com os cabellos tão grandes,
Fedendo até a fumaça,
Um rosario no pescoço,
Camisa fora da calça,
Em cada dedo da mão
A unha tem meia braça...

A mãe da familia atraz,
Com um filho em cada braço,
Dois escanchados nos ombros,
Outro em cima do espinhaço,
Uma trouxa na cabeça,
Mais um filho no cachaço.

Um filho com quinze dias,
Outro com menos de um mez,
Na velha já se divulga
O estado de gravidez...
Pergunta o senhor de engenho:
— “Quantos filhos têm vocês?”

Diz o velho: — “Seu Majó,
Só eu vendo si me lembro:
Chico nasceu em Agosto,
Miguel nasceu em Setembro,
Anna nasceu em Outubro,
Rita nasceu em Novembro...”

“João nasceu no mez das festas,
José nasceu em Janeiro...
A mulher fez uma promessa
Ao Padre do Juazeiro:
Como não poudé pagar,
Abortou em Fevereiro.”

Pergunta o senhor de engenho:

— “Todo mez, nascia um?”

Responde o velho: — Ora, ahí está...

Familia é um bem commum...

E o que dá mais no sertão

E menino e gerimum!”

— “Mas, quantos são elles todos?

São duzentos? quantos é?...”

Diz o velho: — “Seu Majó,

Pergunte ahí á muié...”

Diz a velha: — “Eu não sei, não!

Só si quem sabe é Mané....”

“Agora, eu me alembro bem

Quando Caetano nasceu:

Foi um dia de domingo,

Nesse dia até choveu,

Quando á besta dé meu pae

A jararaca mordeu...

“Eu estava apanhando fava

Na roça de meu cunhado,

Botei gerimum no fogo,

Depois de tudo almoçado,

Pá: nasceu meu filho Cosme,

La no rancho do roçado...

“E Mané eu tive elle

Quando fui a Juazeiro,

Uma besta, que eu levava,

Teve um poldrinho foveiro:
Entre o poldro e o menino
Não sei quem nasceu primeiro...

"Genoveva foi no anno
Que apparecêu a bexiga:
Ella, Antonia e Damiana,
Todas tres duma barriga...
Neste anno teve até
Uma praga de formiga."

Pergunta o Major: — "Porém,
Quantos filhos tem vocês?"
Responde a velha: — "Trazemos
Vinte e nove, desta vez,
Deus levou dez para o céu,
No sertão ficaram tres..."

O senhor de engenho diz:
— "Eu estou com a vida ganha,
Tenho mais trabalhadores
Do que povo na Allemanha...
O que não me trabalhar
Ou vai embora, ou apanha!"

A inconveniente época invernosa em que empreendi minha visita á Parahyba determinou que essa excursão se abreviasse, embora não resultando tão apressurada quanto a da Comissão Rondon ás Obras do Nordeste... Deus louvado, não fiquei a soffrer de *neurasthenia turistica*, molestia nervosa recentemente descoberta por um medico inglez e que "consiste na fadiga sensorial e mental de quem viu de mais e cujo cerebro se resente do accumulo de impressões rapidas e confusas." Tão precipitadamente não andei que me visse impossibilitado de ir anotando e armazenando na memoria ou reduzindo a escripto o que via e ouvia.

Em transito de Campina Grande para Patos, ao chegar á povoação de “Salgadinho”, deparou-se-me no frontespicio de uma casa de commercio esta inscripção espectacular:

A PRÓSPERIDADE DE SALGADINHO

Filiar de Aggeu Farias & Companhia

Vende-se gasolina e oleo e etc

Bom, bonito e barato

Ver para crer

Emporio da barateza

Agrado e Sinceridade

Toudos á Fogosa!

Reparei na localissima graphia phonetica de “Filiar”, influenciada seguramente pelos pernambucanos limitrophes. Um cearense teria escripto “Filiau”. Outro parahybano que não fosse da “zona do sertão” ou “bacia do Piranhas”, mas de qualquer das restantes em que foi convencionalmente dividido o Estado (1.^a — Littoral e Caatingas; 2.^a — Brejo, Cariry e Curimataú) não hesitaria em, pelo mesmo systema orthographico escrever “Filiá”. E’ que a aspereza, a rudeza se reflecte no linguajar dos parahybanos mais em contacto com os filhos de Pernambuco: nas demais regiões do Estado há a tendencia para o menor esforço ou abrandamento. Mesmo na capital do Estado, ouvi a pessoas de mediana cultura a incoercivel pronuncia: “celveja”, “conselva”...

Mas, antes da caracteristica “Filiar”, já eu fizera outra observação. Algumas leguas antes da povoação de Salgadinho, no arraial de Juazeiro, enquanto o *chauffeur* abastecia de agua nosso automovel, eu interpellára um velho habitante daquellas paragens sobre si conhecia alguma cantiga popular, “das boas”, e elle me respondêra que só sabia mesmo este *velsinho* besta:

A velha quer ser menina,
O velho quer ser rapaz:
Por isso que ambos os dois
Cachimba, cochila e cai...

A rima da quadra que ahi fica documenta que em quasi toda a Parahyba há um abrandamento em *ai* na pronuncia das palavras terminadas em *az*, ao passo que no Ceará se verifica o que Amadeu Amaral registou em relação a S. Paulo: — “As tónicas, quando seguidas de ciciantes (*s* ou *z*) no final dós vocabulos, se nasalizam pela geração de um *i*: *rapais, méis, péis, nóis, lúis...*”

Mais tarde, á noite, na relativa commodidade de um quarto de hotel em Patos, emquanto numa sala contigua Monseñhor Walfredo Leal pleiteava suffragios para a sua reeleição de Deputado Federal, eu lia, enlevado, o livro de versos “Fulorêios”, de Mardokêo Nacre. Nesse livro abundavam os passos corroboradores das minhas observações daquelle dia.

E desse Mardokêo Nacre — um bello poeta a quem a vida de artista graphico não propicia grandes surtos — pode e deve ser dito, em parodia, aquillo que de Raul Machado disse Osorio Duque Estrada, em comparação com alguém: há de fazer obra mais assejada que certos *poetas sertanistas*, de fama trombeteada pela inconsciencia basbaque de incautos admiradores citadinos.

Fecho este capitulo com a citação, a esmo, de algumas estrophes do “Fulorêios”:

De duas' coisa a mais feia
 Progunto aos home de ensino:
 Si é muié que fala grosso
 Ou freguêi falando fino.

Meu fio, muié bonita
 De duas faia uma tem:
 Ou qué bem a todo mundo
 Ou não gosta de ninguem.

.....

Quem não se alegra quando vê, de menhãzinha,
 A quaiada já prontinha
 Pra cumê de se infará?!

E numa noite de Natá bem divirtida
Pulo chão vendo istendida
A toáia do luá?!

Ai, que sodade das patriça quando dança
Que c'as fita amarra as trança
E c'as trança os coração:
E por S. João tudo cantando tão faceira,
Mfo assando na fogueira,
Pondo a gente bestafão.

.

Pedro Roxinho, de camisa azú, de meia,
E um cigarro atrai da oreia,
Apoiado num pilão,
Tava sereno! tão bebinho que não via
Nem o cuspe que caía,
Tando a poça já no chão!

Não vi nem seio que atrevido tão ousado
Se largou dos seus coidado
E a candeia espatifou...
Haja cacete, haja bufête, haja supapo...
Me arrancáro inoime lapo
Bem atrai, no palitô.

Quando o tranquêro se arrochou na casa iscura,
Manezinho, cum trimura,
Dixe assim p'r'a banda d'eu:
— “Ai qui trumento! De tê medo eu já me inrosco...
Companheiro, accenda um fósco:
Meu cachimbo se perdeu...”



NA TERRA DE ROMANO E CATINGUEIRA

Foi com uma voz interior a me segredar a proficuidade de minha estadia no municipio de Patos que cheguei, uma tarde, a essa hoje importante cidade parahybana, em companhia do advogado João Carneiro, residente em Pombal e proprietario do "Correio da Manhã", que se edita na capital da Parahyba.

Patos havia sido o berço de Francisco Romano e Ignacio da Catingueira, os celebres cantadores, cujos nomes aureolados o folklorista Rodrigues de Carvalho fôra o primeiro a trazer para a consagração livresca: — era, pois, explicavel aquelle augurio de exito que tanto me contentava. E os dias que se seguiram á minha chegada se encarregaram de provar que me não mentira aquella confortante voz intima.

Tive de lastimar, apenas, que o rigor do inverno me não permittisse ir ao districto do "Teixeira", onde no logar "Mãe d'Agua" vivêra Francisco Romano Caluête, originando-se dahi as suas alcunhas de *Romano da Mãe d'Agua* e *Romano do Teixeira*. Ainda devido á difficuldade de transportes, desisti de visitar, não só a villa proxima de Santa Luzia do Sabugy, terra natal do famoso Antonio Ugolino, como tambem a povoação de São Mamede, onde ainda vivem Aleixo Criança e Antonio Caroca. Taes visitas me haviam sido alvitradas e encarecidas, na Capital, pelo engenheiro João Mauricio e pelo agronomo F. Abdon da Nobrega que, afora me fornecerem os nomes dos principaes cantadores da zona de Santa Luzia, me industriaram sobre preciosos informantes que eu iria encontrar naquellas localidades.

Mas, forçado a permanecer em Patos e diligenciando por aproveitar meu tempo de estadia ali, não me foi difficil travar relações com o octogenario Manoel Romualdo da Costa Mandury, Voluntario da Patria na Guerra do Paraguay e irmão do heróe parahybano Porphyrio Hygino da Costa.

Dono de prodigiosa memoria, Mandury deu-me a ler um sem numero de papeis velhos que guardava religiosamente. Por estes eu me limitava a acompanhar o recitativo, pois, com fidelidade surprehendente, elle, tremulo, sentado em sua rede, mostrava saber de cór a versalhada toda. O primeiro daquelles papeis caídos sob minha vista continha este trecho de carta endereçada a Francisco Romano pelo cantador Ferino de Góes Jurema, "pardo velho, quasi cego, natural da freguezia de Santa Maria Magdalena", segundo informações do proprio Mandury:

Quero te cõntar, Romano,
O que tem-me assucedido,
Logares que tenho andado,
Cantores que tenho vencido,
A troco de "Deus lhe pague"
Foi-se meu tempo perdido.

Cheguei em Campina Grande,
Encontrei *José Limeira*:
Toquei-lhe fogo na lima,
Só ficou a buraqueira,
O resultado foi este: _
Quasi que se acaba a feira!

Chêguei em Alagoa Nova,
Encontrei *José Medonho*,
Vinha fazendo milagre
(Parecia um Santo Antonio),
Rezei-lhe o Credo ás avesso:
Ficou chamado "demonio".

Ceguei em Alagoa Grande,
Encontrei o *Corre-Mundo*
Botando serras abaixo,
Tapando riachos fundo:
Meti-lhe a derrota em cima,
Só o deixei moribundo.

Ceguei em Brejo da Areia,
Encontrei *Vicente Guia*,
Era um soldado de linha,
Tropa de cavallaria:
Passei-o p'r'a rectaguarda
Que era o que elle não queria.

Na lagôa do Remigio
Me encontrei com *Labareda*,
Esse, quando me viu, disse
Que era da familia Almeida,
Vinha aspro que nem ralo,
Ficou macio que só seda.

Fui chegando em Agua Doce,
Encontrei *Mané Fulô*,
Coitadinho! só sabia
De cantiguinhas de amor...
Eu não aggravei a elle
E nem elle me aggravou.

Chegando em Itabayanna,
Fui vendo *Mestre Ugolino*:
Embiquei-lhe meu chapéo,
Fui logo me escapulindo,
Antes que me conhecesse,
Disse: — “Vem cá, Ferino!”

Faltou-me um pouco de tempo
Pra cantar com *Belinguim*:
Quando passei no Salgado,

A casa delle era assim,
Porém eu não fui a elle
E nem elle veio a mim.

A excellentes reminiscencias de Mandury devo tambem estas estrophes de outra missiva rimada, a qual lhe foi dirigida a 1.º de Janeiro de 1895 pelo poeta popular Antonio Gomes A. Barreto, que chegou a ser deputado estadual pela Parabyba:

Meu amigo Mandury,
Findouse o 94:
No mundo, grande theatro,
Scenas de horrores eu vi.

Muito "mal triste" no gado,
Escalvas nos animaes,
E morreram, por demais,
Garrotes de quarto inchado.

Um soldado mui tyranno,
Outro muito ambicioso
Desgraçaram em tal anno
O nosso paiz mimoso.

Francisco Romano morreu repentinamente, a 1.º de Março de 1891, com cerca de 50 annos de idade. Mandury forneceu-me algumas estrophes do necrologio de Romano, escripto pelo grande amigo e discipulo dilecto deste, o cantador Silvino Pirauá:

Na era 91,
No centro parahybano,
Dentro do termo de Patos,
Em Março do dito anno,
No primeiro desse mez
Morreu Francisco Romano.

Elle, antes de morrer,
Tinha em casa destinado

De ir buscar uma imagem
Com quem tinha se pegado,
Mas, antes dessa viagem,
Primeiro foi ao roçado.

Pegou o chapéo, saiu
Com uma faca na mão
E uma foice no hombro,
Foi tapar um boqueirão,
Embora fosse domingo,
Mas havia precisão.

Justamente foi o tempo
De a hora lhe ser chegada...
Romano, dentro da roça,
Morreu de morte apressada:
Apagou-se aquelle espirito,
Seu corpo virou em nada.

Foi num dia de domingo
Esse caso acontecido...
Nesse dia, ás quatro horas,
Foi Jesus Christo servido:
Duma morte violenta
Romano foi fallecido.

De bruço caiu em terra
Com a tal faca na mão,
A outra mão sobre o peito,
Em riba do coração,
A foice do outro lado,
Bem junto d'elle, no chão.

Nesse entre, um filho d'elle,
Tendo de ir ao roçado,
Pra dar agua a uns animaes,

Por seu mano ter mandado,
Chegou, foi vendo o cadáve
No chão, morto, istoporado.

O menino, quando viu,
Ficou cheio de agonia
De ver seu querido pae
Se acabar naquelle dia...
Foi levar a notiça á mãe,
Coitada, que não sabia!

Choroso voltou pra traz
Do caso que aconteceu,
Foi chegando e foi dizendo:
— “Ruim notiça trago eu!
Minha mãe, meus irmãozinho,
Meu querido pae morreu!”

Em casa o choro foi tanto
Que fez um grande alarido,
A mulher correu p'r'a roça,
A' procura do marido,
Não morreu de sentimento
Porque Deus não foi servido.

Atraz da pobre mulher
O povo todo seguiu...
Quando ella viu o cadáve,
Por cima delle caiu,
A prece que fez ao céu
Parece que Deus ouviu.

Voltaram tristes p'r'a casa,
O choro ninguem continha,
Romano veio numa rede,
A mulher em braços vinha,
Mandaram comprar mortalha
Na rua, de noitezinha.

Eu senti a morte delle,
Que ninguém não esperava!
Quando me veio a notícia
Que Romano morto estava,
Logo me veio á lembrança
O tempo em que nós cantava.

Conheço, desde esse dia,
Cantador entusiasmado...
Todo mundo quer cantar,
Cada qual dá seu recado
Porque quem se respeitava
Já está em cinzas tornado!

No decorrer de uma de nossas quotidianas conversações, Mandury disse esta phrase pittoresca: — “Antigamente, a gente cantava de quatro pés...” Eu, que na introdução de meu livro “Cantadores” falára de todos os generos poeticos de que commummente se soccorrem os poetas sertanejos do Nordeste e definira pé como sendo o verso, “a linha”, não atinei promptamente com o sentido do interessante trocadilho de meu velho informante. Elle sorriu, percebendo que eu estava a imaginar uma cantoria durante a qual os cantadores mantivessem a postura quadrupedal e explicou que, antes de o ser a sextilha, a quadra fôra o genero de estrophe preferido para o desafio.

Aqui estão quadras de uma porfia de Francisco Romano com Manoel Carneiro, em Pindoba (Pernambuco). Algumas devo-as a Mandury, outras a um cego parahybano que ouvi em Souza, um mez depois:

C. — Seu Romano, há muito tempo,
Eu peço suas notícias...
Quando sube que chegou,
Até paguei as alviças!

R. — Se mette a cantar commigo
Quem tem a cabeça tonta...

O freguez desafiou-me,
Deu murro em faca de ponta!

C. — Toda ausencia é atrevida,
Toda sobra é desmasia...
Cachorro que engole osso
Nalguma coisa se fia!

R. — Estou virgem de ver no mundo
Cantador que me admire:
Não há ferro que eu não quebre,
Nem aço que eu não vire...

C. — Embora me dêa o braço,
Dêa a mão e dêa o queixo,
Largar de tocar não largo.
Deixar de cantar não deixa.

R. — Caiste nas minhas unhas,
Digo sem espalhafato:
Foi mesmo que se passar
Manteiga em venta de gato...

C. — Posso morrer na pobreza,
Me acabar pedindo esmola,
Mas Deus me deu, pra passar,
Sciência e esta viola!

R. — Quem mais alto quer subir
E nas nùvens quer pegar,
As estrellas estão se rindo
Da queda que elle vai dar...

C. — Cantador aqui não canta!
Si cantar, eu o aperreio,
Que dois proveito num sacco,
Só se dando um nó no meio...

R. — Largue de tanto zum-zum,
Tome um conselho, *Carneiro*:
Me trate bem direitinho,
Si quer voltar ao chiqueiro.

C. — Romano, num pingo dagua
Eu quero ver si te afundo:
Diga lá em quatro pés
As coisas leves do mundo.

R. — Sendo coisa, aqui da terra,
Penna, papé, algodão...
Sendo coisa do outro mundo,
Alma, pântasma e visão...

C. — Confia a onça nas unhas,
O leão na energia,
Mas eu não posso saber
Romano em que é que se fia.

R. — Inda eu me vendo só,
Na cadeia padecendo,
Tenho fé que, Deus querendo,
Não morro sem ver yovó.

C. — O "São Subéra" é um santo
Que não protege ninguém:
Primeiro sem ter segundo,
No mundo não ha ninguém.

R. — Quêra Deus você não saia
Deste nosso desafio,
Tomando bença a cachorro,
Chamando gato "meu tio"...

C. — O futuro a Deus pertence,
Diligença a gente faz...

Olho, não vejo ninguém:

Com pouco nem canto mais...

R. — Me largue de inquisição,
Diga que está no sem geito,
Bote sua maca-abaixo
E conte a historia direito.

Em Patos, não foi somente Mandury quem me falou em Francisco Romano. Não há naquelle municipio parahybano quem se não refira, com enternecido e justificado orgulho, ao nome do famoso repentista da Mãe d'Agua, morto lá se vão para mais de trinta annos... Das minhas habituaes e impertinentes interpellações á boa gente do logar colhi, por vezes, informes phantasticos sobre o estupendo engenho poetico do glorioso cantador. Romano já é uma especie de typo lendario, não celebrizado pelos compendios de literatura patria, mas immortalizado na reverencia das populações sertanejas do Nordeste todo.

Mas o povo cultúa tambem a memoria de um digno rival de Romano — esse prodigioso poeta negro que foi Ignacio da Catingueira.

A minha breve passagem pela terra de Catingueira e de Romano fez com que eu me puzesse em contacto apenas com a musa de um cantador patense — Severino Perigo.

Preto como Ignacio, Severino declara-se mais admirador de Catingueira que de Romano. Foi Severino quem me forneceu este não despreciando fragmento de uma justa entre Romano da Mãe d'Agua e Ignacio da Catingueira:

R. — Eu sube que Catingueira
Tem fama no Piancó:
Dentro da villa de Pato
Eu tiro-lhe os caracó,
Boto-lhe linha e compasso,
Desbasto com a minha enxó.

I. — Seu Romano, si vier,
Venha bem apadrinhado
Mode ver como é que apanham
Padrinhos com afilhado...
Depois, não saia dizendo
Que o Catingueira é malvado!

R. — Tóro-te a lingua da bocca,
Te troncho o pé do nariz,
Te tóro o beijo de cima:
Ficas como um chafariz...
Caiste nas minhas unhas,
Nunca mais tú és feliz.

I. — Seu Romano, em minhas unha,
Meu Mestre, você tranqueia:
Troncho-te o beijo de baixo,
Corto-te as duas oreia,
Tiro-te a lingua da bocca:
Eu já vi marmota feia!

O sr. Gustavo Barroso, á pagina 199 do livro "Héróes e Bandidos" (1917), menciona este lance de desafio entre Romano e um seu irmão Verissimo:

Sou Romano da Mãe d'Agua,
Mato com pórvá soturna,
Para vencer eleição
Não metto chapa na urna,
Salto da ponta da pedra
E tomo a bocca da furna.

— Sou Virissimo do Teixeira,
Fura-pau, fura-tijollo,
Si mando a mão, vejo a queda,
Si mando o pé, vejo o rolo...
Na ponta da lingua, trago
Noventa mil desaforos!

Quatorze annos antes, em 1903, o sr. Rodrigues de Carvalho inserira a primeira sextilha, imputando-a, porém, não a um desafio entre Romano e Verissimo, mas entre Romano e Catingueira. Quanto á sextilha que o sr. Gustavo Barroso attribue a Verissimo, mais não preciso dizer sinão que se lê, á pagina 174 do referido "Cancioneiro do Norte", num desafio entre Manoel Cabeceira e Manoel Caetano:

(Cab.) — Senhor Manoel Caetano,
Negro do pé de rebolo,
Si passo a mão, vejo a queda,
Si passo o pé, vejo o rolo!
Na ponta da minha lingua
Há quatro mil desaforos...

Abandonando as referencias a Catingueira e Romano, exhibo aqui significativa amostra do poetar do proprio Severino Perigo:

Vou assentar o meu *Marco*,
Deixar minhas divisão:
Ô meu Deus, dê-me um talento,
Igual vós déste a *Sansão*!
Dê-me sciencia p'r'a obra,
Igual a Rei Salomão!

Nò pé desse *Marco* eu tenho
Um grande arródeador:
Tem sala, tem camarinha,
Tem becco, tem corredor,
Tem cadeira para os home,
Tem tronco p'r'os cantador.

Mandei ver um pau na matta,
Trucéro uma linha fina...
Trabalhou noventa dia
Cincoenta e dois carapinal
Com o espaço de tres mez,
Me entregáro em quatro quina.

Aluguei dez inguilez,
Sujeitos de engenharia,
Por serem mestre de obra,
Senhor de sabedoria,
Só trabalháro dois anno:
Me entregáro a maravía.

Aviso os meus camarada,
Adivirto os meus amigo:
Quem pender lá p'r'o meu *Marco*
Nunca mais conte commigo!
Boto meu gigante atraz:
Morre gente, por castigo...

Só peço que não vão lá
Home, menino e mulhé:
Em cada ponta do muro
Tem quatro mil cascavé,
Salamanta nos batente,
Rescando, de geréré.

Saiba Deus e todo mundo:
Meu *Marco* está assentado
Com orde do Imperadô,
Licença do Delegado!
Com dez legua de distancia,
Meu ronco é differençado!...

Severino Perigo é um preto de uns quarenta e cinco annos presumíveis. Habil pedreiro, não é um cantador profissional. Prefere repetir cantigas que aprendeu a mostrar as proprias aptidões poeticas. Dá-se á cantoria quando está alcoolizado, o que, em verdade, não acontece só uma vez cada anno... O chefe politico Cel. Miguel Satyro, o Juiz de Direito Dr. Fenelon Nobrega, o Vigario padre José Vianna e o Prefeito Municipal Dr. Pedro Peregrino esforçaram-se por que eu ouvisse Severino Perigo. Propositadamente, foi retirado *bom* do trabalho, á vez primeira em que lhe falei. Então, afora os

versos das pelepas de Romano com Catingueira e de Josué Romano com Francisco Carneiro e os do *Marco*, ministrou-me mais estas estrophes de um desafio simulado, pois que não havia presente outro cantador com quem luctasse. Para conseguir que a lingua se lhe desemperrasse, o animei previamente com alguns calices de cognac:

Meu amo, dono da casa,
Licença quero pedir
Primeiramente ao senhor
E aos mais que estão por aqui,
Amanheci bom de córte,
Deixe um pouco eu divertir...

Eu, pegando uma viola,
Não sirvo de mangação:
Sou que nem onça no inverno
E cascavel no verão!
Cantador mettido a duro
Me vem pedir a benção...

Gosto desta violinha,
Tem um toque moderado...
E mesmo assim neste tempo,
Com este inverno damnado,
Não precisa, comprar breu:
Os bordão véve afinado...

Inda eu caindo dos quarto,
Fico seguro das mão...
Trato bem pra ser tratado,
Carrego esta opinião!
Embora sem saber ler,
Governo todo o sertão.

— Collega, pegue a viola
Que eu quero ver seu talento!
Sendo de metal, eu quebro,

Sendo de bronze, ispromento,
Sendo de aço, eu envergo,
Sendo de ferro, eu rebento.

— O meu corpo é muito fixe,
A construção é segura,
A minha carne é trançada
E, além disso, é muito dura!
Você atira na bucha:
A bala bate e não fura...

— A sorte quem dá é Deus
E a vida o home procura!
Já achei quem me chamasse
Coração de pedra dura:
Sou macho, não me desmancho,
Não me chamo "rapadura"...

— Collega, você commigo
Use de toda cautela,
Depois não saia dizendo
Que caiu numa esparrela:
Si você fizer a cama,
Lhe obrigo a deitar-se nella!

— Cantador, nas minhas unhas
Home não sustenta viço!
Ou anda certo na lei,
Ou tem de encontrar serviço...
Eu também sou mandingueiro:
Por cima do feiticeiro
Faço virar o feitiço.

— No matto tem um bichinho
Chamado tijuassú...
Já vi um velho atrepado
Num pé de mandacará,

Nú da cintura pra cima,
Barba de espeta-cajú.

— Gomeiro vive no matto
Mas diz que mora na praça...
Si possue cadella magra,
Chama ella "cão de caça", -
Sem nenhum acanhamento
Diz a um pinto goguento:
"Vem cá, meu gallo de raça!"

— Ave Maria de prata,
Padre Nosso de latão...
Papagaio tambem fala,
Mas não tem comprehensão...
C'uma perna de barbante
Já amarrei um barbatão.

— Dinheiro no mundo é chave
Que destranca toda porta!
Riachão deu em Thebana,
Deixou ella como morta:
Eu faço o mesmo contigo,
Seu cara de bocca-torta!

— Quem sabe tudo e diz logo
Fica sem nada a dizer...
Do geito que eu vou deixar-te,
Não vale a pena viver:
Corto-te o beijo de cima,
Faço sorrir sem querer...

— Lambança não me faz medo
Nem choro não me faz dó:
Eu te mando pra Farnande, (1)
Te metto no xilindró...

(1) Farnande: o presidio de Fernando de Noronha.

Si resmungar, leva peia!
Si chorar, leva cipó!

Foi de horas o meu primeiro e unico proficuo contacto com Severino Perigo, de quem é tambem este longo trecho de "ligeira":

— Ai, d-a dá!
A ligeira só é boa
Pra quem sabe apreciá!

— Ai!
Quem não gosta de ligeira
De que diabo há de gostá?

— Ai, d-a dá!
Uns gostam de moça branca,
Mas outros de sarará...

— Ai!
Não sou bonito que abysme,
Nem feio de admirá...

— Ai, d-a dá!
Marrada de vacca véa
Não derruba marruá.

— Ai!
Terreno que não dá fruita
Não vale a pena aguá.

— Ai, d-a dá!
Falá pra quem não me entende
E' mesmo que eu não falá.

— Ai!
Pegue numa ponta, eu noutra,
Faça um B que eu faço um A...

Ai, d-a dá!
Nunca sube o que é escóla,
Mas tambem sei soletrá...

— Ai!
M, moça... G, galante...
D, donzella... C. Sinhá...

— Ai, d-a dá!
Vou fazer-lhe uma pergunta
Pra você me respostá...

— Ai!
Lá vem você com pergunta,
Querendo me confessá...

— Ai, d-a dá!
O que é que vai, não chega,
Nunca acaba de chegá?

— Ai!
E' a rede em que eu me deito,
Começo a me balançá...

— Ai, d-a dá!
Eu sou pau pra toda obra,
Remédio pra todo má...

— Ai!
Diga uma coisa engraçada
Para este povo mangá.

— Ai, d-a dá!
Coisa engraçada que eu acho
E' dois cégo namorá...

— Ai!
O cego, quando namora,
Pisa no chão devagá...

— Ai, d-a dá!

O povo dando risada:

Qui, qui, qui, quá, quá, quá, quá...

— Ai!

Eu vi a velha rezando

Com a sola dos pés p'r'o ar...

— Ai, d-a dá!

Já calcei uma botina

C'os dedo p'r'o calcanhá...

— Ai!

Você hoje aqui apanha,

Até a gata mia!

— Ai, d-a dá!

Quanto meu pae não me deu,

Este cabra qué me dá!

— Ai!

Quem me dê tambem apanha,

Outro remedio não há!

— Ai, d-a dá!

Bebi leite de cem vacca

Na porteira do currá...

— Ai!

Assúca de dez engenho

Foi pouco pra me criá...

— Ai, d-a dá!

Quem com muitas pedras bole

Na cabeça uma lhe dá.

— Ai!

Cuspe de fumo em jejum,

Bote essa bocca pra lá!

— Ai, d-a dá!
Meu povo, abra esta roda
P'r'este macaco dansá...

— Ai!
Eu canto de todo geito,
Beiço de tres alguidá!

— Ai, d-a dá!
Com cabra sem fundamento
Não gosto de vadiá...

— Ai!
Isso sempre foi desculpa
De quem não sabe cantá...

Gratifiquei-o bastante liberalmente, o que no dizer de alguém da terra, "foi uma desgraça..." Dahi por diante, Severino Perigo só me appareceu em condições de não dizer coisa que se aproveitasse...

Pois que, linhas atraz, falei do enthusiasmo de Severino Perigo por Ignacio da Catingueira, ambos cantadores negros, não é fora de proposito lembrar agora que em modestissima typographia de Patos adquiri livrecos de poesia popular, re-fertos de referencias á gloria de Ignacio. Em um delles depa-rou-se-me esta lição sensacional, infligida por Ignacio a José Patricio:

P. — Ignacio, tú foste escravo,
Não tiveste educação...
O commum de todo escravo
E' nunca ter criação,
Pois quer tomar liberdade
Com seu senhor e patrão.

I. — Seu Patriço, eu fui escravo
Porem tive estimação:
Uma Senhora que eu tive

Andou commigo na mão!
E o senhor? não nasceu livre?
Qual a sua educação?

P. — Meu pae foi um homem pobre,
Não podia me educar,
Porem aprendi a ler,
A escrever e a contar,
Não tenho traços de negro:
Se vê logo onde eu falar.

I. — E como é que é tão moreno,
Tem cabelo pixanhim,
Tem dentes alvos e largos,
Gengivas roxas assim?
Nas cores somos iguaes,
Estás bem perto de mim...

P. — Sou moreno, reconheço,
Meu cabelo é pixanhim,
Porem homem neste mundo —
Não deu dinheiro por mim!
Você, sim, que os seus avós
Vendidos tiveram fim.

I. — Patriço, esta me obriga
A ficar muito agastado:
Eu ouvir chamar "moreno"
A' cor do café torrado...
Seu avô veio ao Brasil
Para ser negociado.

P. — Ignacio, eu sei que conheces
Os nossos antepassado...
Diz um dictado: "Antes só,
Do que mal acompanhado!"
Tratemos só da moderna,
Desprezemo os atrazado.

I. — Isso assim é outra coisa,
Eu não lucto sem motivo...
De hoje em diante, em sua vida
Não fale em quem foi captivo:
Quem tem defunto ladrão
Não fala em roubo de vivo!...

Formidável negro esse Ignacio da Catingueira! A que alturas não teria elle ascendido na sociedade brasileira, como Patrocínio e Cruz e Souza, si não fôra a fatalidade da sua condição de escravo e outro tivesse sido o palco da actuação de seu gigantesco espirito! Delle se pode repetir o que Emilio de Menezes disse de Patrocínio:

Negro feito da essencia da brancura,
Sóes porejava pela pelle escura...

No inventario dos bens deixados por seu primitivo senhor, Catingueira era arrolado com um preço equivalente ao triplo do de qualquer dos demais escravos, o que deixa avaliar a alta e merecida conta em que era tido. Fallecido em 1879, não foi sepultado na fazenda, como o eram todos os captivos: o cadaver do grande cantador negro foi transportado, em rede, para o cemiterio da povoação de Teixeira e ali o inhumaram, num preito posthumo de piedade e carinho.

No meu "Cantadores" o negro *Azulão*, (Sebastião Candido dos Santos) apparece como a personificação do desespero de uma raça amesquinhada. No mesmo livro há referencias ao octogenario negro Pedro Nonato da Cunha, que reconhecia a inferioridade de sua raça e era um conformado, á maneira daquelles de quem Sylvio Romero dizia ter ouvido o *Padre Noso* em que se enfeixam os aphorismos da propria miseria e assim começa: "Negro em festa de branco é o primeiro que apparece e o derradeiro que come."

Não há cantador mestiço que, luctando com um negro, o não procure ferir no calcanhar de Achilles dessa inferioridade. Por sua vez, os aggredidos se defendem com uma vehemencia de que abrolham arrogancias e argumentos inespera-

dos. Si até o erudito professor Hemeterio dos Santos se deu ao trabalho de procurar etymologias sympathicas ou rehabilitantes para os vocabulos “preto”, “cativo” e “escravo”, no que, aliás, teve de polemizar com o grammatico Alfredo Gomes...

Em um “Desafio apurando qualidades”, João Martins de Athayde attribue estas sextilhas a dois cantadores, um branco e outro negro:

B. — Seu pae foi um homem branco?

Eu vi, uma occasião,
Elle cortava o cabelo,
Quando caía no chão
Os pintos iam comer
Por semente de mamão...

N. — Esse tal do captiveiro

Foi uma sabedoria
Que os portuguez inventaram
No tempo da Monarchia,
Para qualquer couro russo
Ter nome de *Senhoria*.

B. — Você mostra que é ingrato,

Detrata da Monarchia:
No dia 13 de Maio
D. Pedro ainda existia,
Nabuco e Zé Marianno
Foi quem te deu alforria.

N. — Isso de cor é bobagem,

A cor branca é vaidade:
O homem só se conhece
Por sua capacidade,
Pela pronunça correcta
E pela moralidade.

B. — O mel, por ser bom de mais,

As abelhas dão-lhe fim...

Você não pode negar
Que a sua raça é ruim,
Pois é amaldiçoada,
Desde o tempo de Caim.

N. — Você falou-me em Caim?
Já me subiu um calor!
Nesta nossa raça preta
Nunca teve um trahidor:
Judas, sendo um homem branco,
Foi quem traiu Nossenhôr...

São mui populares nos sertões de Pernambuco (ouvi-os em Garanhuns) estes versos mencionados por Pereira da Costa e attribuidos a um desafio entre dois detentos da Penitenciaria de Recife:

— Há muito negro insolente,
Com elles não quero engano!
Veja lá que nós não somos
Fazenda do mesmo panno...
Disso só foram culpados
Nabuco e Zé Marianno.

— Quando as casas de negocio
Fazem sua transacção,
O papel branco e lustroso
Não vale nem um tostão,
Escreve-se com tinta preta:
Fica valendo um milhão...

Pode-se affirmar que em qualquer desafio, si um dos cantadores for cego ou negro, será essa *vilta* o indefectivel thema do antagonista enfatuado e descaridoso.

Pobres cegos! Os cantadores vão á rudeza extrema de ridicularizar o infortunio desses miseros rivaes. São impiedosos, revoltantes remoques como este, de uma crueldade evidentemente dispensavel:

Fico fora da razão
Quando um homem me duvida...
"Homem" não! Deus me perdôe:
Cego é um ente sem duvida...
O nome de "homem" a cego
Isto é palavra perdida...

O cego Symphronio Martins contou-me que Joca de Menezes lhe atirára esta *lorota*:

Symphrone, você não sabe
Quem é Joca de Menez:
Tenho dado em quem enxerga,
Só falto falar Francez,
Mas dar em homem sem vista
E' esta a primeira vez...

Felizmente há cegos e negros valorosos que infligem desconcertantes lições a adversarios atrevidos:

Fui criado com carinho,
Andei nos braços de Yayá,
Eu sou negro sem catinga:
Quem quizer venha cheirar!

Commigo ninguém se engane
Nem queira divertimento,
Què eu só sou cego é da vista:
Não sou do conhecimento!

Quem quizer cantar commigo
Veja lá como é que vem,
Que eu sou captivo é do agrado,
Não sou negro de ninguém!

Um cantador atira á face de outro a circumstancia de este ser preto ou cego, mas é difficil que o increpe com o labéo de cachaceiro:

Si você não se zangasse,
Eu lhe dava um bom conselho:
Que era se esquecer do viço, (1)
Que p'r'o mundo é muito feio!
Você vai indo, vai indo,
Dá pra pegar no alêio...

Bernardo Nogueira disse a Preto Limão quando este, interrompendo um desafio, pediu licença para acudir a um chamamento:

Canario que canta muito
Costuma *borrar* o ninho...
Quem gosta de *surrar* negro
Não pode cantar sosinho...

e aguardou que Preto Limão voltasse, para o recomeço da lucta.

E quando não são as chufas pesadonas, são as ironias navalhantes como esta, que Luiz Dantas recita por conta de um negro pernostico ou cínico:

Sou preto, todos bem sabem,
Mas sou um preto estimado:
Fui escravo vinte annos,
Mas nunca fui desfeitoado:
Meu senhor me dava, solto,
Nunca apanhei, amarrado!

Em paginas anteriores revelei um *Marco* de Severino Perigo. Pois que, tambem, a seguir, citei versos de João Martins de Athayde, cabe aqui o aproveitamento destas estrophes do *Marco do Meio Mundo*, do mencionado Athayde:

Eu vou contar uma historia,
Quem quizer preste attenção,

(1) Viço — o vicio da embriaguez.

De um *Marco* que eu levantei
No centro do meu sertão,
Sobre os desertos dum ermo,
Pra dividir o meu termo,
Separar meu quarteirão.

Eu fui procurar um pau
Nas mattas da beiramar,
Gastei um anno e seis mezes
Para este pau encontrar,
Soffri um trabalho insano,
Depois gastei mais de um anno
Para este pau derrubar.

Por trezentos carpinteiros
Foi este pau derrubado!
Cortava um longê do outro,
Cada qual com mais cuidado,
Tudo em um tempo batia,
Mas nem um nem outro ouvia
A pancada do machado.

Foi um estrondo medonho
Quando este pau deslocou,
Como um trovão abafado
Por toda a serra zoou...
Disso ninguém mais se esquece:
O mundo quasi escurece
Da poeira que levantou.

Este pau, quando nasceu,
Foi sem geito de corcundo,
A sua idade completa
A de Dom Pedro Segundo... (1)
Quem o viu há de dizer:

(1) D. Pedro II é, para os sertanejos, o prototypo dos macrobios.

Não pode deixar de ser
O Marco do Meio Mundo!

Dos cavacos deste pau
Fiz muita delicadeza,
Tirei tabua para porta,
Oratorio, cama e mesa,
Fiz mais de duzentas pipas,
Serrei mil duzias de ripas,
Fiz cem camas de marquezia.

O meu *Marco* está fincado
Com tres milhas de fundura,
Parece-me que no mundo
Não há obra tão segura!
Diversos têm pelejado,
Porem não foi calculado
As braças que tem de altura.

Dali se vê facilmente
Qualquer planeta passar,
Quando vem rompendo a aurora,
Quando o sol quer despontar,
Dourando a crista do monte,
Seus raios lá no horizonte
Vão resurgindo do mar.

Lá tem quatrocentas armas,
Systema de manulicha...
Pra ser bons atiradores
Todo o meu povo capricha;
Dentro da capoeira escura,
Com tres leguas de lonjura
Matam até lagartixa.

Mandei bombear o *Marco*
Com mil e duzentos cano,
Todos do mesmo modelo

Dum canhão americano,
Até com outra nação
Nós já temos munição
Para brigar quinze anno.

.

Depois que findei a obra,
Botei uma exposição...
Tem apparecido gente
De quasi toda nação:
Uns vão para conhecer
E outros vão para ver
Si é o que eu digo ou não...,

Não foi sem commoção que, andando a espairecer, certa vez, á noite, pelas ruas de Patos, estacionei em uma esquina, a ouvir a cantiga de uma mãe ninando o filho. Eram os mesmos versos que eu havia recolhido em Ipú (Ceará), o que mostra o extraordinario divulgamento delles no Nordeste:

Dorme, filhinho,
Que eu tenho que fazer:
Vou lavar, vou engommar
Camisinha pra você...

Desce, gatinho,
De cima do telhado,
Para eu ver si meu filhinho
Dorme um somno socegado.

Desce, gatinho,
De cima deste muro,
Para eu ver si meu filhinho
Dorme um somno bem seguro.

Desce, gatinho,
Larga de tanto tropel,

Para eu ver si meu flhinho
Sonha com Mamãe do Céu...

Ouvindo-os, evoquei as lindas quadras de Belmiro Braga:

Aos pés de Deus eu me humilho;
Por teu bem, nas minhas rezas,
Mais que na rede, meu filho,
No coração tú me pesas!

Dorme, dorme! Este estribilho
Té acalente o somno manso:
Mais que na rede, meu filho,
No coração te embalanço!...

OS BICHOS FALAM

No alto sertão nordestino, a vida pastoril e agricola não inspira somente as cantigas que celebram a braveza dos barbatões e a destreza do cavállo ou consagram a uberidade do solo e enfeitam o trabalho dos *adijuntos*. Sob o tecto dos copiares campestres escutei enlevado, innumeraveis vezes, divertidas narrativas em prosa e verso, historietas em que aos mais diversos especimens zoologicos se mesclavam bichos de grande ferocia, desses que o sr. Affonso Celso talvez entenda ser motivo de ufanía para nosso paiz não figurarem na fauna brasileira.

O cego José Tenorio, morador no Morro do Moinho, em Fortaleza, cantou perante mim “A festa dos bichos” ou “O porco embriagado”. Tenorio não me soube dizer quem fosse o autor dessa poesia que, mezes depois, com insignificantes alterações de texto, li em folheto publicado no Piauhý, em 1923. Foi quando apurei que o autor da mesma era Firmino Teixeira do Amaral. Eil-a:

Quando *Bode* era doutor
E *Cachorro* advogado,
Andava tudo direito,
O mundo bem governado,
A Justiça muito recta:
Ninguem vivia enganado!

O *Leão* sempre foi rei
Casado com uma *Leôa*,

Jacaré seu Secretario,
Onça era uma grande pessoa,
Mestre *Sapo* professor
Na beira duma lagôa.

Coelho chefe do matto,
Peru era viajante...
O *Gallo*, por ser tenor,
Regia um café-cantante...
Macaco bicho do Rei
E *Urso* rapaz amante.

O *Porco* era vagabundo:
Passava o dia a beber,
Por isso delle ninguém
Amigo queria ser...
De toda festa que havia
Porco queria saber.

Um dia, mestre *Coelho*
Fez uma festa no matto,
Foi *Cachorro* e *Jacaré*,
Gente de mais apparato,
Finalmente todo bicho:
Menos *Porco* e mestre *Gato*...

Rato tocava na flauta,
Prilquito no rabecão,
Caitetú no contrabaixo,
Cururú no violão,
Mucuim no clarinete
E *Tatú* no bombardão.

O *Pinto* ia com os pratos,
O *Carneiro* com o tambor,
Mosquito numa rabeca
Era quasi professor,
Mestre *Sapo*, como chefe,
Ia feito regedor.

Quando o *Porco* soube disso,
Ficou muito injuriado,
Disse ao *Gato* — “Vamos lá
Que eu garanto, por meu lado:
Ou nós entramos na festa,
Ou o baile está terminado”.

O *Gato* disse: — “Eu não vou
Porque acabo apanhando...”
O *Porco* lhe respondeu:
“Você bem que está mostrando
Ser um *Gato* sem coragem...
Pois fique, que eu vou andando”.

O *Porco*, chegando lá,
Queria o baile invadir,
Jacaré veio e falou,
Mandou o *Porco* sair...
Como não obedeceu,
Foi preciso *Onça* intervir.

O *Urso* logo zangou-se,
Por a sua namorada,
Que era uma *Anta* bonita
E estava ali bem trajada,
Por um *Porco* vagabundo
Ser assim desrespeitada.

Botaram *Porco* p'r'a rua,
Mas elle tornou a entrar...
Ahi, já era demais,
Impossivel se aturar:
Coelho puxou revólver,
Para no *Porco* atirar.

O *Porco* saccou da faca
Para matar ou morrer,
Cotia teve um ataque,

Paca queria correr,
Gallinha caiu sem falla,
Durinha, sem se mexer.

Raposa quasi que morre,
Mucúra quebrou o braço,
Lagartixa foi pisada,
Quasi ficou em pedaço,
A *Cabra* apanhou de pau:
Si não corre, era bagaço.

Barata correu p'r'um canto,
Não quiz a vida perder;
Preguiça estava num pau,
Disse: — “Foi bom não descer...”
Kangurú disse: — “O diabo
Quem não trata de correr...”

Girafa, como era grande,
Estava tudo apreciando:
Quando viu, na sua costa
Arára estava trepando...
Ema disse: — “Eu vou me embora...”
Coruja saiu voando.

Borboleta, há muito tempo,
Ja tinha se escapulido;
Mosca fez sua viagem,
Levou *piúm*, seu marido;
Garça disse: — “Vocês briguem
Mas não me suje o vestido...”

Aranha estava tremendo,
E *Lesma* morta de rir;
Macaco olhou para um galho,
Tratou logo de subir,
Dizendo: — “*Porco* não trepa,
Aqui nunca pode vir!”

Catraia gritava tanto
Que gritava a luz da lua;
Minhoca não acertava
Para que lado era a rua;
Curica ficou sem penna,
Siricora quasi nua.

Finalmente, a muito custo,
Botaram *Porco* pra fora...
Já tinha dado e apanhado,
Por isso disse: — “E’ agora:
Antes que chegue a policia,
Vou tratando de ir-me embora!”

Com pouco veio o *Elephante*,
Que era, então, o Delegado,
Com *Camello*, seu collega,
Official reformado,
E, logo atraz o *Cavallo*
No seu papel de soldado.

Coelho ahi contou tudo
Quanto tinha acontecido...
Alem disso, como ruim
O *Porco* era conhecido,
De forma que o *Elephante*
Deu tudo por resolvido.

Levou a queixa ao *Leão*,
Tal qual haviam lhe dado...
Ahi foi expressa a ordem
De *Porco* ser procurado,
Mas por onde andava elle
Era o caso iguinorado.

No outro dia, a *Mucúra*
Tambem foi lá se queixar,
Mostrou o braço p’r’o rei.

Que prometteu lhe vingar,
Resolveram, então, ir todos
O tal *Porco* procurar.

Foram á casa do *Gato*,
Pois este era seu amigo,
Gato disse: — “Esse sujeito
Tornou-se meu inimigo,
Deu-me pancada e roubou-me,
Deixou-me como mendigo.”

Realmente, o *Gato* estava
Com o corpo todo marcado,
Não tinha nem um vintem,
O baú estava arrombado:
E o *Porco* só lhe fez isso,
Por não ter-lhe acompanhado.

Levaram o *Gato* doente
A’ presença do *leão*,
E o *Gato*, gemendo muito,
Pedi também punição...
Deste geito, mestre *Porco*
Estava mal de informação.

Ganhava um conto de réis
Quem mestre *Porco* pegasse,
Teria um anno de folga
O soldado que o encontrasse,
Fosse vivo ou fosse morto,
O certo é que ao Rei levasse.

Andaram por mais de um mez,
Sem saber-lhe o paradeiro,
Até que, um dia, o acharam
Bebado num atoleiro,
Querendo dar no *Mucum*,
Por não ser seu companheiro.

O *Elephante* e o *Cavallo*
Deram a ordem do Rei...

O *Porco* lhes respondeu:

— “Eu aqui de nada sei,
Eu, dentro da minha casa,
Não sei o que diabo é lei.”

O *Elephante*, então, disse:

— “Olhe, eu sou o Delegado!
Aquillo que eu digo faz-se,
Tem de ser bem respeitado...
Si você não for por bem,
Mando leval-o arrastado.”

— “Eu irei, (lhe disse o *Porco*)

Mas só si for carregado...”

Não poudé dizer mais nada;

Já tinha sido amarrado,

E para a casa do Rei

Sem demora foi levado,

Quando chegou, estava o *Leão*

Sentado numa cadeira,

(Ao lado estava a *Leôa*,

Sua fiel companheira),

Vendo o *Porco* muito sujo,

Falou-lhe desta maneira:

— “*Porco* immundo, qual a causa

De tu seres valentão?

Bem sabes que ser valente

Pertence ao teu *Rei Leão*!

Tenho de ti muitas queixas,

Só de ruim informação.”

Formou o *Leão* um jury

Para o *Porco* ser julgado,

Foi quando este conheceu

Que o caldo estava entornado:
A prova é que a seu favor
Nem *Porca* tinha votado.

Todos queriam que *Porco*
Soffresse pena ruim...
Depois de tudo apurado,
A contenda teve fim,
Lavrou-se logo a sentença
Que foi deste geito assim:

*“Como Justiça de Rei,
SUA MAJESTADE O LEÃO
Manda fazer avisado
Que o porco, por valentão,
Foi preso e está condemnado
A trinta annos de prisão.”*

Opina o folklorista portuguez sr. Ladislau Batalha: —
“Assim como o instincto da propria conservação gerou o Anthropocentrismo, que durante longos annos impediu o desenvolvimento dos estudos astronomicos e outros, assim o Anthropolomorphismo, levado ao excesso, faz-nos attribuir qualidades humanas a tudo que nos rodeia, incluindo animaes, plantas e a propria natureza bruta.”

O sr. Amadeu Amaral affirma ser frequentissima a apparição de animaes na poesia caipira paulista, “em composições quasi sempre humoristicas, de um humorismo raso e liso.”

Ronald de Carvalho escreve na sua “Pequena Historia da Literatura Brasileira”: — “A Sheharazada brasileira é mais conceituosa que opulenta, educa mais que deslumbra. Nas lendas selvagens a natureza domina o homem e, como nas fabulas de Esopo e La Fontaine, são os animaes que se encarregam de revelar as virtudes e os defeitos da vida, por meio de suas engenhosas artimanhas.”

O conceito é verdadeiro. E eu o distendo ás manifestações hodiernas da poesia popular, não escapas ainda ás características das primitivas “lendas selvagens”. Attentemos, por

exemplo, em *O Casamento e Divorcio da Lagartixa*, do cantador pernambucano Leandro Gomes de Barros:

Disse a lagartixa, um dia:

— “Eu só ficarei solteira,

Si não achar neste mundo

Um diabo que me-queira...

Vou procurar, desde as casas

Até o largo da feira.

“Mamãe, já com quarenta anno,

Estava ficando titia,

Mas tomou uma cachaça

Da mais medonha que havia,

Foi á feira, achou Papae:

Voltou rica, nesse dia!

“E’ o que eu faço tambem:

Tomo, um dia, uma cachaça,

Vou para a porta da rua,

Ali nem calangro passa...

E só volto c’um marido,

Ou emprestado ou de graça...”

A largatixa saiu

Vendendo azeite ás canada,

Encontrou-se c’o calangro,

Criatura ajanotada,

Que andava com a “molestia”,

Procurando namorada.

Quando o calangro viu ella,

Ficou de sedém armado,

Disse comsigo: — “Já sei,

Hoje estou afortunado...”

Tambem disse a lagartixa:

— “Prompto! encontrei namorado!”

Cumprimentaram-se ambos
Com grande contentamento,
O calangro com requebros
E ella com derretimento...
Com cerimonia um do outro,
Não trataram casamento.

Ella perguntou-lhe apenas
Como elle se chamava,
E elle perguntou a ella
Onde o pae della morava
E si não tinha ciumes
Quando ella passeiava.

Respondeu a lagartixa:
— “Papae me faz cara feia...
Tem dias que elle se damna,
Jura de metter-me a peia,
Mas eu saio na lua nova
E volto na lua cheia...”

Era um namoro rombudo:
Ella o chamava “negrinho”...
Calangro frocava a cauda,
Pedia a ella um beijinho,
E a lagartixa, dengosa,
Dizia: — “Eu não, meu bemzinho...”

O velho ás vezes dizia:
— “Eu quero sinceridade!”
A mãe della, então, dizia:
— “Meu velho, isto é bestidade:
Rapaz brincar c’uma moça
São coisas da mocidade...”

“Você já está esquecido
Do tempo do nosso amor?
Eu era como uma abelha,

Você como um beijaflor,
E eu desfructava em seus braços
O mais suave calor."

A mãe afroxava ella,
Sendo uma moça solteira...
Calangro dava-lhe o braço,
Iam passeiar na feira:
Si a fome os não apertasse,
Passavam semana inteira.

Ora, o pae da lagartixa
Era um pobre analphabeto,
Entendia que calangro
Fosse um sujeito correcto,
Quando veio a abrir os olhos,
Foi tarde: já tinha neto!

O velho lagarto foi
Queixar-se ás autoridade,
Foi se queixar que calangro
Fez-lhe aquella falsidade,
Deshonrando sua filha
Que era de menor idade.

A lagartixa, por isso,
Tomou tres surras de peia,
Calangro tambem passou
Oito dias na cadeia,
Para perder o costume
De desgraçar filha alheia.

Casou-se sempre o calangro,
Embora fosse obrigado...
Aquillo que não tem geito
Já está arremediado...
Calangro abriu uma loja,
Tratou de ser home honrado.

O calangro comprou tudo
Fiado ao camaleão,
E, entregando á lagartixa,
Foi tratar duma eleição...
Quando voltou, não achou
Fiteiros nem armação.

A lagartixa, em tres dias,
Vendeu tudo e foi fiado,
Deu para embrulhar sabão
Os livros do apurado,
Até o proprio balcão
Por ella foi empenhado.

O calangro, com aquillo,
Entristeceu de repente,
Exclamou: — "Mulher damnada,
Você deixou-me doente...
Me diga agora que conta
Presto eu ao meu parentel!"

O calangro ainda disse:
— "Eu não passo por velhaco!"
Respondeu-lhe a lagartixa:
— "Você inda dá cavaco?
Os calotes do commercio
Hoje se chamam "buraco..."

"E, si você voltou liso,
Só nós arranjan-do um sócio,
Vamos pelear de novo
Pra endireitar o negocio...
Ou isso, ou arrume a trouxa,
Vamos cuidar do divorcio!

"Marido sem nem um xis
Não quero nem por pagode,
Nem se faça de zangado,

Não tem que puxar bigode...
Mulher, hoje em dia, é luxo,
E luxo só tem quem pode!

“Com quatro coisa na vida
Eu tenho me encabulado:
Com candieiro vasando,
Com fogão desmantelado,
Com almofada sem birro
E home desempregado...

“Mamãe dizia a Papae:
— “Si estiver aborrecido,
Me avise logo com tempo,
Pode ficar prevenido:
Da forma que eu mudo a saia,
Mudo também o marido.”

Disse o calangro: — “E’ bonito,
Você se divorciar,
Abandonar seu marido?
Fica o povo a censurar:
Seu nome fica na rua,
Gato e cachorro a falar.”

Disse, então, a lagartixa:
— “Deixe queimarem meu nome!
Eu prefiro que se diga
A damnada veste e come,
Do que dizer-se *é honrada*
Mas vive morrendo á fome...”

O calangro ahi ficou
Que não podia falar...
Quando ouviu ella dizer
Eu vou me divorciar,
Puxava tanto o bigode
Que só faltava arrancar...

Dizia ella: — “Rapaz,
Não se vexe. Isto é asneira!
No mundo há duas farturas:
Mulher e pau de porteira,
Em qualquer parte do mundo
Você acha quantas queira.”

Disse o calangro: — “Meu pae
Tão bem casado viveu.”
A lagartixa responde:
— “Então, foi que nem o meu,
Mamãe tinha dez maridos:
Nove foi Papae quem deu...”

Continuou o calangro:
— “Você não quer mais ser minha...”
A lagartixa atalhou:
— “Quando nasci, foi sosinha...
Pegar tres e soltar dois,
Disso já estou cançadinha!”

O calangro perguntou:
— “Tens algum no pensamento?”
Respondou a lagartixa:
— “Depois de meu casamento,
Eu já andei aos abraços
Com seu primo papavento.”

Calangro queimou-se, então,
E ficou desesperado;
Exclamou em alta voz:
— “Papavento desgraçado,
Não respeitou a mulher
Com quem eu era casado.”

Entrou logo numa loja,
Comprou um grande cutello,
Ferro que não envergasse,

Que não cedesse a martello,
Mandou chamar papavento
Para bater-se em duello.

Limpou as armas bem limpas
E amolou bem o facão,
Escorvou o bacamarte,
Apertou o cinturão,
Carregou a cartucheira
E seguiu na direcção.

Chegando ao campo da honra,
Diz calangro ao papavento:
— “Um de nós dois hoje desce
Para o chão do esquecimento.
Já dei determinações
E fiz o meu testamento.”

Fala assim o papavento:
— “Primo, você não se metta,
Que o risco que corre a broca
Corre também a marreta!
Eu não sou como sonhim,
Para morrer de careta.”

Diz, de lado, a lagartixa:
— “Quero ver quem cai primeiro!
O que ganhar, já se sabe,
Foi elle o melhor guerreiro...
Eu corro os bolsos do morto
Para ver si tem dinheiro!”

Calangro atirou primeiro,
Papavento se livrou,
Foi saltando e resistindo,
Nelle também atirou...
Calangro, também ligeiro,
Do tiro se desviou.

Trocaram mais quatro tiros,
Porem nenhum attinguiu...
Papavento, então, puxou
Por sua espada e partiu,
Logo no primeiro encontro
A lagartixa se riu,

Disse: — "Bravo, papavento!
Gostei de ver teu systema:
Bater mão a ferro frio...
Quem for pôdre agora gema!"
Nisso, apparecem no campo
O gato e a sariema.

O papavento correu,
Agarrou-se num cipó...
A lagartixa, coitada,
Essa ficou que fez dó:
A sariema comeu-a,
Fez della um bocado só.

Nesse entre, o papavento
Mais parecia um corisco,
Subiu de cipó acima,
Disse: — "Aqui não corro risco..."
O gato foi ao calangro
E fez delle um bom petisco.

A sariema pegou
A lagartixa no meio,
Saboreou-a no bico
Que ficou de papo cheio...
Isso resulta á pessoa
Que se ri do mal alheio.

Papavento olhou de cima,
Disse: — "Não quero mais rixa,
Eu ia me desgraçando

Com o namoro dessa bicha:
O diabo é quem quer mais
Namoro de lagartixa!"

O Dr. Francisco de Paula Rodrigues, dono da fazenda "Sapucahyba", me confiou o original destes versos compostos em 1920 pelo vaqueiro Miguel Fonseca e que são um documento de como a vida campesina continha a inspirar os bardos plebeus. Fala o cavallo "Cangueiro":

Eu sou da "Sapucahyba",
Da fazenda do Doutor,
Dos cavallos da fazenda
Eu sou o superior!
Porque seu Canuto Lyra
Tem sido meu defensor,
Em mim só se bota sella
Remexendo o suador.

Cangalha nunca eu levei,
Sella eu tenho levado muito...
A boiada do meu amo
Estando espalhada, eu ajunto:
O boi que se arreminar
Pode se chamar defunto.

Inda hoje, assim mesmo idoso,
Não tenho mãos a medir:
Eu sou um velho estovado,
Não mando, podendo ir...
Corage em mim não se acaba:
E' como terra em camim,
E' como as onda do mar
Que nunca se viu o fim.

O "Russinho" é meu sobrinho,
O "Grosso" inda é meu parente,
O "Toma-Campo" é meu filho,

Mas tem um joelho doente...
Dos meus disciplo-o "Russinho"
E' o mais impertinente,
O "Grosso" é mais moderado
Mas tem ganhado patente.

O mundo nunca se acaba,
Eu confirmo ser assim:
O tempo vai e não volta,
E' isso que eu acho ruim...
Quando eu tiver de morrer,
Quando a idade me der fim,
Deixarei minha coragem
Ao "Grosso" mais ao "Russinho".

Eu honte estava dormindo
Acostado a um massapê,
De repente me assustei,
Vi meu corpo estremecer,
Tive num sonho o aviso
Que queriam me vender.

Passei a noite pensando
No que seria de mim...
Pra me despedir dos campos
Levantei-me bem cedim,
Fui dar um conselho ao "Grosso",
Ao "Toma-Campo" e ao "Russinho",
Pra se saber que o "Cangueiro"
Não deixou disciplo ruim.

No tempo da mocidade
Que eu tinha força e valia,
Quando se alcançava os bois
Eu contava quantas ia
E perguntava ao vaqueiro
Qual delles é que queria,
Se segurasse na sella
Que o mais serviço eu fazia.

Pedro Fernando e seu Cosme
São vaqueiros que campeia:
Em riba de gado brabo,
Ou vai, ou quebra, ou facheia!
Seja no limpo ou no matto,
Quando um derruba, o outro peia.

Aviso á cavallaria
De cercado e piador
Que o "Cangueiro" vai ser preso
Com a ordem do Doutor...
Tenho saudade e tristeza
De ir p'r'as mãos dum comprador,
Mas só me queixo é da idade
Que velho não tem valor.

Vivo triste, maginando
Na hora desta partida,
Por saber que quem me compra
E' pra botar-me em corrida,
Sendo eu um cavallo velho
Que já está no fim da vida.

Adeus, Serra de São João,
Sacco do Mel e Cipó,
Linha da Serra do Bôto,
Onde a boiada é maior!

Adeus, fazenda "Briosa"
Onde eu fui chefe do gado,
Os amigos que eu estimo,
Vaqueiros e aggregado,
Guardo todos na lembrança,
Levo tudo em meus cuidado.

Adeus, fazenda "Barrigas",
"Matinha" com "Pajehú",

Pé da Serra da Gangorra
Mais o Sacco do Bitú.

Adeus, adeus, Timbaúba,
Lagôa do Carcará,
Aguas do Serrote Branco
Com o Sacco do Trapia.

Sou alvo como um papel,
Fui preto como um velludo...
Adeus, fazenda "Briosa"
Onde eu fui chefe de tudo,
Pra agora, depois de velho,
Aguentar o canudo .

Aviso á cavallaria
Que anda nos campos folgando:
Veja o exemplo do "Cangueiro",
Vão logo considerando!
Vocês, moços, bem estão vendo
O fim que os velho vão levando...

São muito popularizados em todo o sertão nordestino uns versos referentes ao tempo em que os bichos falavam. Luiz Dantas Quesado recitou-me como de sua autoria estas decimas:

Vi um teú escrevendo,
Um camaleão cantando,
Uma raposa bordando,
Uma ticaca tecendo,
Um macaco velho lendo,
Cururú batendo telha,
Um bando de rã vermelha
Trabalhando num tissume,
Vi um tatú num cortume
Cortando couro de abelha.

Vi um quaty marcineiro,
Vi um furão lavrador,
Vi um porco agricultor
E um timbú velho ferreiro...
Um veado sapateiro,
Caitetú tocando buzo,
Punaré fazendo fuso,
Aranha tirando empate,
Vi um besouro alfaiate,
Cortando roupa de uso.

Vi um peba fogueteiro
Soltando fogo do ar,
Vi papavento mandar
A' rua trocar dinheiro;
Carrapato redoleiro
Comendo farofa pura,
Um bando de tanajura
Empregada num café,
Vi um percevejo em pé
C'um grajau de rapadura.

Vi um peixe de chocalho,
Formigão de granadeira,
Eu vi camarão na feira
Comprando queijo de coalho;
Vi calangro num trabalho,
Lambusado em mel de furo,
Vi duas vibras num muro
Conversando em Monarchia,
Imbuá na freguezia
Tomando dinheiro a juro.

Vi mosca batendo sola,
Mucuí tocando flauta,
Caranguejo de gravata
E cobra jogando bola;
Vi pulga tocar viola,

Tamanduá engenheiro,
Guariba tocar pandeiro,
Vi um mosquito tossindo,
Uma formiga parindo:
Procotó era o parteiro...

Vi um morcego occulista
Cachorro vendendo canna,
Jaboty de russiana
E um gafanhoto dentista;
Urubú telegraphista
E gato tabellião,
Carneiro na Relação,
Um bode num escriptorio,
Caçote, de suspensorio,
Eu vi fazendo um sermão.

Por sua vez, Jacob Passarinho é o autor de mais esta decima:

Eu vi um lacrau de dente
C'um cinturão na cintura,
De um quarto de rapadura
Vi grillo fazer presente...
Vi um aruá contente
Mangando dum velho gato,
Vi morcego virar rato,
Vi cobra cortar vassoura,
Vi barata, de thesoura,
Cortando a barba dum pato.

E já depois da publicação do meu "Cantadores", o cego José Tenorio, de Fortaleza, concorreu com as duas estrophes abaixo para o augmento de minha colleção:

Vi minhoca destemida
Arregaçando a munheca,
Porque, jogando suéca,
Quasi perde até a vida...

Vi piaba enfurecida,
No rio gritar: "Não pode!"
Porque se dispunha o bode
A se banhar todo nú,
E vi ser preso o muçú
Por ter raspado o bigode...

Da venta dum mucuim
Vi sair dois bois urrando,
Adiante estavam brigando
Por um talo de capim...
Depois chegou o sonhim,
Fazendo careta á gente,
Caindo, quebrou um dente,
Bem na biqueira da casa,
O zabelê bateu aza,
Se rindo voou, contente...

Não pingarei o ponto final destas linhas sem lembrar que é quasi sempre nos animaes do meio sertanejo que os cantadores vão buscar os paradygmata da propria arrogancia, pugnacidade e desdem pelos fracos:

Cante lá como quizer
Que comsigo eu nem me zango:
Com você sou que nem onça
Dando tapa num calango,
Ou então um gallo velho
Dando peitada num frango...

O velho Anselmo Vieira de Souza, de Ipú (Ceará) cantava esta sextilha allusiva ao jumento:

Eu conheço neste mundo
Quem nasceu e não peccou,
Andou junto com Jesus,
Quando Elle no mundo andou,
E, tendo servido a Deus,
Morreu, mas não se salvou...

Disso se conclúa que o burro não é só, como o chamou Euclides da Cunha, “o mais calumniado dos animaes”. O sr. Paulo de Moraes Barros, da egregia trindade rondonica, em visita ás obras contra as seccas, o amimou sobremodo, ao escrever: — “Si o jerico não existisse, seria preciso invental-o, pois sem elle estaria a familia humana incompleta nas ingratas paragens nordestinas”. Como se vê, o sr. Moraes Barros deixou a perder de vista Michelet, para quem não o jumento mas o cachorro era um “candidato á humanidade”...

MORALIDADE EM FACECIAS

Sobejou razão a um dos nossos mais reputados criticos contemporaneos — o sr. Ronald de Carvalho — quando sentenceou que “nosso povo é um grande creador de fabulas e historietas, geralmente de tendencias moraes e correctivas”.

Os cantadores dispõem sempre de farto repertorio de historias amorosas, humóristicas ou de fundo moral. Nas festas do sertão, emquanto pares namorados preferem a dansa ao som da harmonica, a maioria dos convidados se agrupa em torno de um menestrel que, no terreiro e ao som da viola, da rabeça ou da harmonica faz versificadas narrativas, cantando versos proprios ou alheios. Nessas historietas jocosas resumiram frequentes lições de perfeita moralidade.

Como apreciavel exemplo de poesia “de tendencia moral e correctiva” deve ser tida a “Historia do cavallo que defecava dinheiro”:

Numa cidade distante,
Antigamente existia
Um Duque velho invejoso
Que nada o satisfazia,
Pois desejava possuir
Todo obijeto que via.

Esse Duque era compadre
De um pobre muito atrazado,
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado

E sustentava seus filhos,
Tendo vida de alugado.

Se vendo o compadre pobre
Naquella vida apertada,
Foi trabalhar num engenho,
Longe da sua morada,
Na volta trouxe um cavallo
Que não servia pra nada.

O pobre disse á mulher: —
— “Como é que se ha de passar?
O cavallo é magro e velho,
Não pode mais trabalhar...
Vamos inventar um plano
Pra ver si o querem ‘comprar.’”

Foi na venda e de lá trouxe
Tres moedas de cruzado,
Sem dizer nada a ninguem,
Para não ser censurado,
No *fiofó* do cavallo
Fez o dinheiro guardado...

Do *fiofó* do cavallo
Elle fez um mealheiro,
Saiu dizendo: — “Sou rico
Inda mais que um fazendeiro
Porque possúo um cavallo
Que só defeca dinheiro.”

Quando o velho Duque soube
Que elle tinha esse cavallo,
Disse p'r'a velha Duqueza:
— “Amanhã vou *visital-o*...
Si o animal for mesmo assim,
Faço geito de *compral-o*.”

Chegou, salvando o compadre,
Muito desinteressado:
— “Compadre, como lhe vai,
Onde tanto tem andado?
Há dias que eu não lhe vejo...
Certo que anda melhorado.”

— “E’ quasi certo, compadre,
Ainda não melhorei
Porque andava por fora,
Faz tres dias que cheguei,
Mas, breve farei fortuna
Com um cavallo que comprei.”

— “Si for assim, meu compadre,
Você está muito bem.
E’ bom guardar o segredo,
Não dizer nada a ninguem...
Me conte qual a vantagem
Que este seu cavallo tem!”

Disse o pobre: — “Elle está magro,
Só tem o osso e o couro...
Porem, tratando-se delle,
Meu cavallo é um thesouro:
Basta dizer que defeca
Nickel, prata, cobre e ouro!”

Ahi chamou o compadre
E saiu muito vexado
Para o logar onde tinha
O cavallo defecado,
O Duque ainda encontrou
Tres moedas de cruzado.

Ahi exclamou o Duque:
— “Só pude achar estas tres...
Disse o pobre: — “Hontem, de tarde,

Elle botou dezeseis,
E até já tem defecado
Dez mil reis mais de uma vez.

“Enquanto elle está magro,
Me serve de mealheiro,
Só tenho tratado delle
Com babuge do terreiro,
Porém, depois delle gordo,
Não há quem vença dinheiro!”

Disse o Duque: — “Meu compadre,
Você não pode tratá-lo:
Si for trabalhar com elle,
Com certeza é pra mata-lo...
O melhor que você faz
É vender-me este cavallo.”

— “Meu compadre, este cavallo
Só posso negociar
Só si for por uma somma
Que dê bem para eu passar
Com toda a minha familia,
Sem precisar trabalhar.”

Disse o Duque: — “Meu compadre,
Assim não é que se faz...
Nossa amizade é antiga,
Do tempo de nossos paes,
Dou-lhe seis contos de réis!
Acha pouco? inda quer mais?”

— “Compadre, o cavallo é seu,
Eu nada mais lhe direi...
Elle, por esse dinheiro
Que agora me sujeitei,
Para mim nem foi vendido:
Faço de conta que dei...”

O Duque, pela ambição
Que era descommunal,
Deu-lhe os seis contos de réis,
Tudo em moeda legal,
Depois, pegou no cabresto,
Saiu puxando o animal.

Quando elle chegou em casa,
Foi gritando no terreiro:
— “Eu sou o homem mais rico
Que habita no mundo inteiro,
Porque possuo um cavallo
Que só defeca dinheiro.”

Pegou, o dito cavallo,
Botou-o na estrebaria...
Milho, farello e alfafa
Era o que o bicho comia,
O velho Duque ia vel-o
Dez, doze vezes por dia.

Logo no primeiro dia,
O Duque desconfiou
Porque na presença delle
O cavallo defecou,
E elle, remexendo tudo,
Nem um tostão encontrou.

Ahi, o velho zangou-se,
Começou logo a falar:
— “Como é que meu compadre
Se atreveu a me enganar?
Eu quero ver, amanhã,
O que elle vem me contar.”

Porem o compadre pobre,
Bicho de quengo passado,
Fez depressa um outro plano,

Inda mais bem arranjado,
Esperando o velho Duque
Quando viesse zangado.

O pobre foi na pharmacia,
Comprou uma borrachinha,
Depois mandou encher ella
Com o sangue de uma gallinha,
E ficou olhando a estrada
Pra ver quando o velho vinha.

O pobre disse á mulher:
— “Faça o trabalho direito,
Segure essa borrachinha,
Amarre em cima do peito,
Para o velho não saber
Como o trabalho foi feito.

“Quando o velho apparecer
Na volta daquella estrada,
Você começa a falar
E eu grito: — “Mulher damnada!”
Quando elle estiver bem perto,
Eu lhe dou uma facada.

“Porém eu dou-lhe a facada
Em cima da borrachinha,
E você fica lavada
Com o tal sangue de gallinha,
E eu grito: — “Esta damnada
Nunca mais come farinha!”

“Quando elle ver você morta,
Parte para me prender,
Eu, então, digo pra elle:
— “Eu dou geito a ella viver...
O remedio eu tenho aqui:
Faço para o senhor ver!

"E vou buscar a rabeca,
Começo logo a tocar,
Você, então, se remexe
Como quem quer melhorar,
Com pouco, diga: — "Estou boa,
Já posso me levantar."

Foi-se acabando a conversa
E, na mesma ocasião,
O Duque veio chegando,
Ahi travou-se a questão:
O velho pégou a faca,
Botou a mulher no chão.

Ahi o Duque gritou,
Quando viu a mulher morta:
— "Você está preso, bandido!"
E tomou conta da porta...
Disse o pobre: — "Eu vou cural-a:
Pra que é que o senhor se importa?"

Correu, foi ver a rabeca,
Começou logo a tocar...
De repente, o Duque viu
A mulher se endireitar,
Depois dizer: — "Estou boa,
Já posso me levantar."

O Duque ficou suspenso
De ver a mulher curada,
Porém como estava vendo
Ella muito ensanguentada,
Corregeu-ella e não viu
Nenhum signal de facada.

O pobre, enthusiasmado,
Lhe disse: — "Já conheceu?
Quando esta rabeca estava

Nas mãos de quem me vendeu,
Tinha feito muitas curas
De gente que já morreu...

"No lugar que eu estiver
Não deixo ninguém morrer,
Como eu adquiri ella'
Muita gente quer saber,
Mas ella me está tão cara
Que não me convem dizer."

O Duque, que tinha vindo
Somente propor questão,
(Porque o cavallo velho
Nunca botou um tostão)
Quando foi vendo a rabeca
Quasi morre de ambição.

—" Compadre, você desculpe
Eu ter-lhe tratado assim...
Agora estou mais que certo
Que eu mesmo fui o ruim,
Mas olhe: a sua rabeca
Só serve bem é pra mim...

"Como sabe, eu sou um homem
De muito grande poder...
O senhor é muito pobre,
Ninguém o quer conhecer,
Perca o amor da rabeca,
Responda si quer vender...

"Porque a minha mulher
Tambem é muito estouvada,
Mas eu, comprando a rabeca,
Della não supporto nada:
Si quizer teimar commigo,
Tambem dou-lhe uma facada!

"Ella se vê quasi morta,
Sente medo do castigo,
Mas eu, com esta rabeca,
Salvo ella do perigo,
E ella, dahi por diante,
Não quer mais teimar commigo."

Responde o compadre pobre:

— "O senhor faz muito bem,
Quer me comprar a rabeca,
Não venderei a ninguem;
Custa seis contos de réis...
Por menos, nem um vintem!"

O Duque, muito contente,

Disse, de si para si:

— "A rabeca já é minha,
Eu preciso a possuir...
Ella para mim foi dada,
Elle nem soube pedir..."

Pegou a rabeca e disse:

— "Vou já mostrar á mulher..."

A velha zangou-se e disse:

— "Vá mostrar a quem quizer,
Eu não quero ser culpada
Do prejuizo que houver.

"O senhor mesmo é um velho
Avarento e interesseiro...

Que é que fez do tal cavallo

Que defecava dinheiro?

Meu velho, dê-se a respeito,

Seja menos trapaceiro!"

O Duque, que confiava

Na rabeca que comprou,

Disse a ella: — "Cale a bocca,

A coisa agora virou:
Dou-lhe quatro punhaladas,
Já você sabe eu quem sou!"

Elle findou as palavras,
A velha ficou teimando,
Diz elle: — "Velha dos diabos,
Você inda está falando!"
Deu-lhe quatro punhaladas
E ella ficou arquejando...

O velho Duque, ligeiro,
Foi buscar a rabequinha,
Ia tocando e dizendo:
— "Accordê, minha velhinha!"
Porém a pobre da velha
Nunca mais comeu farinha...

O Duque estava pensando
Que a mulher inda tornava,
Ella, acabou de morrer,
Porém elle duvidava,
Depois então conheceu
Que a rabeça não prestava...

Quando elle ficou sciente
Que a velha tinha morrido,
Botou o joelho em terra
E deu tão grande gemido
Que o povo daquella casa
Ficou tudo commovido.

Elle dizia chorando:
— "Este crime hei de vingal-o!
Seis contos desta rabeça
Com outros seis do cavallo...
Eu lá não mando ninguém,
Eu mesmo quero matar-o..."

Mandou chamar dois capangas
E seguiu no outro dia,
Prendeu o compadre pobre,
Trancou-o numa enxovia,
Para exercer a vingança
Da forma que pretendia.

Disse elle aos dois capangas:
— “Me faça um surrão bem feito,
Façam isso com cuidado,
Quero elle um pouco estreito,
Com uma argola bem forte,
Pra levar este sujeito.

“Quando acabarem a coisa,
Mande este bandido entrar
Para dentro do surrão
E acabem de costurar,
E levem para o rochedo,
Saccudam dentro do mar.”

Os homens eram dispostos,
Findaram no mesmo dia...
O pobre entrou no surrão,
Pois, era o geito que havia,
Botáro o surrão nas costas,
Sairam numa folia...

Adiante, disse um capanga:
— “Não aguento o rojão,
Já estou muito cansado,
Botemos isto no chão,
Vamos tomar uma pinga,
Arriemo o tal surrão.”

— “Lembrou bem, meu companheiro,
Vamos tomar a bicada!”
Falou o outro capanga,

Respondendo ao camarada
E seguiram para a venda
Que ficava além da estrada.

Quando os capangas seguiram,
O preso ficou dizendo:
—“Não caso porque não quero!
Me acabo aqui, padecendo!”
A moça é millionaria,
Mas o resto eu bem estou vendo...”

Foi passando um boiadeiro
Quando elle dizia assim,
O boiadeiro pediu-lhe:
—“Arranje isso pra mim...
Eu não me abraço que a moça
Seja boa ou seja ruim!”

Continua o fazendeiro:
—“Eu dou-lhe, de mão beijada,
Todos os meus possuidos
Que vão aqui na boiada,
Fica o senhor como dono,
Pode seguir a jornada.”

Elle, condemnado á morte,
Não fez questão, acceitou:
Descoseu-se o tal surrão,
Nelle o boiadeiro entrou
E o pobre, morto de medo,
Num minuto o costurou.

O pobre, quando se viu
Livre daquella enrascada,
Montou-se num bom cavallo,
Tomou conta da boiada,
Saiu por alli dizendo:
—“A mim não falta mais nada!”

Os capangas nada viram,
Que o serviço foi ligeiro...
Pegaram dito surrão
Com o pobre do boiadeiro,
Jogaram de serra abaixo:
Não ficou um osso inteiro!

Fazia dois ou tres mezes
Que o pobre negociava,
A boiada, que lhe deram,
Cada vez mais augmentava...
Foi elle, um dia, passeiar
Onde o compadre morava.

Que quando o Duque viu elle,
De susto empallideceu:
—“Compadre, por onde andava?
Só hoje me appareceu?
Muito me engano, ou você,
Já é mais rico do que eu!”

— “Aquelles seus dois capangas
Voaram-me num logar,
Eu saí de serra abaixo,
Até á beira do mar,
Ali vi tanto dinheiro...
Quasi não posso ajuntar!

“Quando me faltar dinheiro,
Eu promptamente vou ver...
O que trouxe não é pouco,
Vai dando para eu viver
Junto com minha familia,
Passarei até morrer.”

— “Compadre, sua riqueza
Diga que fui eu quem dei!
Mas, para recompensar-me,

Tudo quanto lhe arrumei,
E' preciso que me bote
No logar que eu lhe botei".

Disse-lhe o pobre: — "Pois não!
Estou prompto pra lhe mostrar,
E é mesmo com seus capangas,
Nós mesmos vamos levar,
E o surrão, de serra abaixo,
Sou eu que quero empurrar..."

O Duque, no mesmo dia,
Mandou fazer um surrão,
Depressa metteu-se nelle,
Já cego pela ambição,
E disse: — "Compadre, estou
A' sua disposição!"

O pobre foi procurar
Dois cabrás de confiança,
Se fingindo satisfeito,
Fazendo a coisa bem mansa,
Só assim elle podia
Tomar a sua vingança.

Sairam com o velho Duque
Na carreira, sem parar,
Subiram de serra acima,
Té o mais alto logar,
Dali soltáro o surrão,
Deixáro o velho embolar...

O Duque ia pensando
De encontrar muito dinheiro,
Porém succedeu com elle
Do geito do boiadeiro
Que, quando chegou em baixo,
Não tinha um só osso inteiro...

Aprenda lá quem quizer
Neste mundo viver bem:
A desmedida ambição,
De certo que não convem!
Em cima do que possui
Ninguém arrisca o que tem!

Traslado para aqui algumas ironias rimadas, referentes a usanças da actualidade:

Há uns cem annos atraz,
O tempo não era mau:
Lavavam roupa com cinza,
Guardavam louça em girau,
Gaita era um bom instrumento,
Tinha yalor berimbau.

As noivas casavam
Sem véu nem capella...
Calçavam chinella...
Si se confessavam,
Tres dias passavam
Num quarto trancadas,
Das mães vigiadas,
Num panno envolvidas...
Depois de benzidas,
Ficavam casadas.

Durante aquellas tres noites,
Passava o noivo sentado
Com as duas testemunhas,
Uma ali de cada lado,
Elle, num cêpo de angico,
E o sogro, acororado...

Matava-se um bode,
Cinco ou seis gallinhas,
Duas bacorinhas,

— E haja pagode!
Povo, como accode
Hoje num cinema,
Pois era o systema
De quando casavam:
Tres dias dansavam
O “passo da ema”.

Si os pais dos noivo eram ricos,
A festança era melhor;
Enchiam duas ovelhas,
Matavam um boi maior...
Si, porem, não eram ricos,
O festim era menor.

Tinham dois perús,
Uma cabra assada,
Fava cosinhada,
Pirão de cúzcúz...
A lua era luz
Ou uma fogueira...
Lenha, azeite ou cêra
Eram as lanternas...
As mesas modernas:
Um couro ou esteira.

Nesse tempo, os casamentos
Eram feitos a cruzado,
Então, um Padre exigia
Seis vintens dum baptisado,
Com qualquer quatro vintens
Um defunto era enterrado.

Hoje, si um morrer
E não tiver cobre,
Dizem logo: — “E’ pobre...
Não tem que fazer...
Que veio aqui ver?”

E nisso se encerra,
Padre ali não berra,
A mosca o arrenda,
Cachorro o encommenda,
Urubú o enterra...

Não é como no outro tempo
Que tudo andava direito...
Mas depois que o Brasil teve
Governador e Prefeito,
Todas as coisas mudaram
E ficaram deste geito!

Outrora a mulher casava
Para o home a sustentar...
Hoje, uma que se case
Vá disposta a trabalhar!
Si for moça preguiçosa,
Fica velha sem casar.

Há homens que hoje vivem
Do trabalho da mulher,
Embora que elle só faça
Aquillo que ella quizer...
Há de carregar no quarto
Os filhos que ella tiver.

Os homens de hoje só querem
Mulher para trabalhar...
A mulher da casa é elle,
Faz tudo que ella ordenar...
Para ser ama de leite
Só falta dar de mamar!

Chegou ao sertão a noticia scandalizante de que individuos casados religiosamente abandonam as esposas e se consorciam civilmente com outras mulheres. Eis porque diz a musa popular:

Bem dizia meu avô:
— “Meus netos, todos vocês
Verão tempo em que se veja
Quarenta dias num mez,
Casado casar de novo,
Morto morrer outra vez...”

Casado vi se casar,
Não vi foi morto morrer,
Mas vi defunto votar...
O resto é facil se ver!
A questão está somente
Nosso governo querer...

Leandro Gomes de Barros é o autor desta interessantissima
“Ave Maria da Eleição”:

No dia da eleição
O povo todo corria,
Gritava a opposição:
Ave Maria!

Viam-se grupos de gente
Vendendo votos na praça,
E a urna dos governistas
Cheia de graça.

Uns a outros perguntavam:
— “O senhor vota comnosco?”
Um chaleira respondeu:
— “Este O SENHOR é comnosco...”

Eu via duas panellas
Com miudos de dez bois,
Cumprimentei-a, dizendo:
Bemdicta sois!

Os eleitores, com medo
Das espadas dos alferes,
Chegavam a se esconderem
Entre as mulheres...

Os candidatos andavam
Com um ameaço bruto,
Pois um voto para elles
E' benedicto fructo.

Um mesario do Governo
Pegava a urna, contente,
E dizia: — "Eu me gloreio
Do vosso ventrel"

O mesmo glosador pernambucano compoz longa poesia, ridicularizando o desapontamento em que ficou a população recifense em face da prohibição do jogo do bicho, determinada por certo Governador, ao tempo do apparecimento das loterias estaduaes:

Numa das principaes ruas
Da capital deste Estado,
Meio dia fui passando,
Vi um velho ajoelhado,
As mãos postas para o céu,
De muita gente cercado.

Muito me impressionou
E chamou toda attenção
Esse velho ajoelhado,
Como quem faz oração,
Chamando o nome dos bichos
Numa grande exclamação:

— "Avestruz, ave celeste,
Tem piedade de nós!
De que forma fica o mundo

Sem o auxilio de vós?
Desde que os bichos faltaram,
A vida tem sido atroz...

Agua, agua, soccorrei-nos!
O' burro, tem compaixão!
Minha santa borboleta,
Não vês a nossa afflicção?
Rogae por nós ao cachorro,
Pedi á cabra attenção!

E vós, meu rico cachorro,
Com vossa rica presença
Acuae esse Governo
Até elle dar licença,
Desterrae de Pernambuco
Esta maldita sentença!

Cabra, carneiro, camello,
Cobra, coelho, cavallo,
Convidae o elephante,
Juntem-se todos ao gallo,
Acabem essa maldicta
Loteria de São Paulo...

Gato, mostrae vossas unhas!
Jacaré, cadê teu dente?
O' poderoso leão,
Não dizem que és tão valente?
O' macaco, faz careta
Que mate esse Presidente!"

A João Martins de Athayde estava destinado o encargo de castigar o descaramento dos que fazem da adulação a arma do proprio successo. Lembremol-o rapidamente em "O chaleira de berço":

Só sei que os nossós antigos
Tiveram sempre o dictado

De dizer: — “Quem nasce torto
Tem que morrer envergado...”
Ainda se disfarçando,
Por onde elle for passando
Mostra que foi empenado...

Um nasce para ser sabio,
Outro para ser toupeira...
Um é mais duro que ferro,
Outro mais molle que cêra...
Nos diz o velho dictado
Que o que não foi adulado
Dá muito bem pra chaleira.

Por exemplo, é um soldado,
Nada faz no Regimento,
Vai chaleirar logo ao cabo,
Conta enredo do sargento,
O cabo delle se agrada:
Com pouco é um anspeçada,
Devido ao chaleiramento...

O sargento, que conhece
O coração das mulheres,
Vai em casa do tenente,
Põe mesa, areia talheres,
Consulta a si mesmo e diz:
— “Eu só posso ser feliz,
Si chaleirar o alferes...”

O alferes, que não poudé
Obter mais um galão,
Vai chaleirar o Tenente,
Faz presente ao Capitão,
Sempre o Capitão resolve:
Muitas vezes o promove,
Sem chegar a occasião.

Embora que o Capitão
Seja um grande official,
Vai chaleirar a familia
E os filhos do General,
Diz: — “Não me custa suor...
Que tem que eu passe a Major?
Já vê que não me faz mal...”

O Capitão, muito occulto,
Chaleirou ao General...
O General tambem pega
No bico do Marechal...
Este vai ao Presidente,
Chalêra perfeitamente...
Tudo é chaleira afinal!

Estou em que não poderá ser obscurecida nos versos com que illustrei este capitulo a “tendencia moral e correctiva”, a que se refere o sr. Ronald de Carvalho. Raramente se nos deparam na poesia sertaneja nordestina estrophes impregnadas do cynismo com que fala o Cancão de Fogo:

Minha mãe acha que fez
Favor ter me concebido...
Eu cá, sim, fiz-lhe um favor...
Livrei-a de ter morrido:
Pois, o que seria della,
Si eu não tivesse nascido?!

Si ella deu-me de mamar,
(Que eu não sei: ella é quem diz...)
Eu não lhe pedi o peito...
Si ella deu, foi porque quiz...
Em eu lhe vasar os peitos,
Foi um favor que lhe fiz!

O publicista luso sr. Agostinho Fortes escreveu, não há muito, em relação ao folklore de seu paiz: — “O romanceiro

popular, até mesmo nalgumas das suas quadras tão finamente satyricas e algumas tão artisticamente delineadas que dir-se-iam obra de impeccavel esthetica, recorre ao adágio, vai beber á fonte inesgotavel e sempre viva da *sabedoria das nações* muitos dos seus dizeres, grande numero dos seus conselhos, ora facetos e despeitados, ora cruentamente aggressivos e provocadores."

E' o que tambem se observa na poesia popular nordestina, conforme o notou o sr. Tristão de Athayde, ao escrever que "o senso innato das coisas, a que chamamos *sabedoria popular*, reflecte-se muita vezes nessa poesia, onde o espirito é sempre vivo e dominante". Effectivamente, o cantador nordestino castiga a vaidade humana e estygmatisa as gloriolas terrenas, lembrando que

Um fósfo acaba um Palacio,
Neblina acaba uma feira...;

mostra como são de Asphaltite os pomos appetecidos pela cupidez de nossos desejos:

Nunca vi segundo prato
Ter o gosto do primeiro...;

revela quaes sejam as verdadeiras victimas das crises financeiras e economicas, explicando que

...o pobre somente teme
Porque, quando o rico geme,
O pobre é quem sente a dor...;

faz o elogio da previdencia, sentenciando:

Quem quer comer na velhice
Já em moço vai juntando...;

repelle e annulla os effeitos da maledicencia dos perversos, estabelecendo que

Na bocca de quem não presta
Quem é bom não tem valia...;

alardeia que não deve temer o menos quem já soffreu o mais:

Quem foi molhado de chuva
Não tem medo de sereno...;

verbera o dominio da injustiça, esclarecendo que a Igualdade
é uma ficção:

O mundo está de tal forma
Que ninguém pode entender:
Uns devem, porem não pagam...
Outros pagam, sem dever...;

ironiza a ridícula subtileza dos convencionalismos euphemicos:

O pobre fica "maluco",
O rico fica é "nervoso"...;

enuncia em versos verdades comezinhas, inspiradas por factos
de observação ás vezes privativa do meio ambiente:

Pau secco não dá embira
Nem corda velha dá nó...;

A formiga bem que sabe
Qual é a folha que come...;

A gente, andando de dois,
encurta mais os caminho...;

Quando a gente tóra um pau,
Rejéta logo a raiz...;

Corda puxada se quebra,
Medida cheia derrama...;

Sacco secco não se apruma,
Sabão ruim não faz espuma...,

Pau pôdre não mata cobra,
Comida boa não sobra...,

e, afinal cioso da propria pugnacidade, tem fanfarronadas
typicas:

Antes brigar c'o gouvêrno
Do que ter questão commigo!...,

Nunca engeitei perú gordo
Nem pato, por "carregado"...,

Me cortem que eu nasço sempre:
Sou que nem socca de canna...,

Não morro antes de tempo,
Não corro sem ver de que...,

O porco morre é na véspra,
O homem morre é na hora!

A RELIGIÃO NA POESIA DO POVO

Reflexo do pensar e sentimentos collectivos, a poesia popular não poderiam escapar os themas ou ideaes de religiosidade, tão arraigados na alma de nossa gente. Cantadores há que se especializam na discussão e commento da doutrina catholica: não lhes faltam ouvintes com a avidez dos espectadores que, em noites de Natal ou em dias de Finados, accorrem a apreciar nos cinemas dos logarejos do sertão os *films* da "Vida, Paixão e Morte de Jesus Christo."

O sacerdote é um ser á parte no seio da comunidade sertaneja. Respeitado e obedecido, ninguem lhe discute os ensinamentos. Si o Padre Catholico tambem erra ou pecca, não é aos seus subditos em Christo que cabe julgal-os:

Ninguem me fale de Padre,
Seja lá que Padre for:
Não gosto de ouvir falar
Dos Ministros do SENHOR.

Eu, como sou peccador,
Estando são ou doente,
Quero ver na minha frente
Um Ministro do SENHOR.

Faria um rol reduzidissimo quem se propuzesse a catalogar as irreverencias religiosas contidas na poesia do povo. A quadra:

S. Gonçalo do Amarante,
Meu santo casamenteiro,
Antes de casar as outras,
Me casae a mim, primeiro!

é a affirmação de ingenua crença, não consciente remoque ao falado poder excepcional de um titular da Côrte Celeste. Mesmo aquelles versos que dizem:

Meu São Francisco das Chagas,
Meu santo do Canindé,
Eu sei que Santo não voga
Naquillo que Deus não quer...

não importam, propriamente, uma ironia, sim a revelação do exacto valor das mediações perante o Juiz Supremo.

A proposito desta ultima quadra devo lembrar, aliás, que ella excéde um pouco o legitimo adagio portuguez: "Quando Deus não quer, Santo não *rogam*". A quadrinha nordestina admite a inutil intercessão dos Santos, pois affirma que não *vogam*, isto é, não têm valor, ás vezes, os rogos dos intermediarios da Divindade.

Olavo Bilac, numa conferencia sobre "O feiticismo dos poetas brasileiros", narrou a anecdotia de uma sua amiga, illustre senhora patricia que em Portugal se lhe queixava da falta de seu Santo Antonio que ficára no Rio de Janeiro. Como o poeta observasse que a devota dama tinha sobre a commoda uma imagem do meigo e misericordioso santo lisboeta, ouviu como resposta que aquillo não era a mesma cousa: ella só se dava bem com o seu Santo Antonio, o do Rio de Janeiro, que já a conhecia, tinha intimidade comsigo e nada lhe recusava...

Esse "feiticismo" observado por Bilac num espirito relativamente illustrado eu o verifiquei na Parahyba, apanhando a quadra:

Não quero Santo Antonio grande
Dentro dos meus oratório:

Eu quero é o pequenininho,
Que faz os meus peditôro.

Em outro capitulo deste volume vai inserta a "Historia das tres irmãs que se queriam casar com um moço só". Essa poesia lembra a quadrinha portugueza:

Minha avó tem lá em casa
Um Santo Antonio velhinho:
Em os môços não me querendo,
Dou pancadas no santinho....

Rosa Dhalia e *Rosa Amelia* proromperam em impropérios contra as almas e contra S. Sebastião, ao verem que Nequinho se decidira pela prima *Flor do Dia*, devota do padroeiro dos namorados felizes. Isso prova que tambem o nosso povo tem assomos de rebeldia contra os poderes mysteriosos, "tal qual o povo romano que, há dezenas de seculos, maltratava os deuses, quando estes não o attendiam."

Para mostrar quanto a musa rustica se preocupa com o sentimento religioso mencionarei que o cantador Luiz da Costa Pinheiro condensou em 115 sextilhas todo um sermão que ouviu ao notavel orador sacro Frei Marcellino de Milão, contra os jogadores, bebados e amancebados, surprehendendo ao erudito pregador com a fidelidade da reportagem versificada.

O menestrel alagoano Nabuco de Campos (um nome *frondeur*) em outras setenta estrophes reproduziu uma discussão travada em certo trem, entre um protestante e um catholico. Nabuco de Campos diz que o protestante

Falava de nossa Igreja
E deste povo misseiro,
Contra o povo rezador,
Ou beato ou noveneiro,
Mettia o pau, a valer,
No Padre do Juazeiro.

E accrescenta:

No mesmo trem vinha um velho
Que, ouvindo a conversação,
Quando o sujeito falou
Do Padre Cicero Romão,
Chegou-se um pouco pra perto
Pra dar melhor atenção.

O velho tira do bolso
Um enorme tabaqueiro
E diz, tomando a pitada:
— “Me desculpe, cavalleiro,
Mas onde eu estou não se fala
Do Padre do Juazeiro!”

Estabeleceu-se, então, o debate vehemente. Ia em meio a porfia acalorada, quando o catholico fala na “Santa Cruz”. Commenta o protestante:

Não pode ser santo o pau
Em que Christo padeceu!
Isto é mentira de Padre
Ou do burro que o escreveu...
A Cruz não pode ser santa:
Santo é quem nella morreu!

Mas o catholico insiste:

Tudo de Jesus é santo:
A mangedoura em Belém,
O seu refugio sagrado
Dentro de Jerusalem,
O Monte Calvario é santo
E o seu sepulcro tambem.

Isto faz com que o protestante argúa, ironico:

Pense bem, fale melhor,
Vigie, não se arroje tanto...
As sete quedas de Christo
Lhe causaram dor e pranto!
Uma quéda é um desastre:
Desastre pode ser santo?

Como o sectario de Luthero esbraveje que não crê na immaculada conceição de Maria nem no poder de Nossa Senhora, os raciocinios se cruzam assim:

C. — Basta Maria ser mãe
De Jesus, o Salvador,
Pra gosar como Elle gosa
Um poder superior:
Uma mãe perante um filho
Tem um sublime valor!

P. — Mas não são todas as mães
Que gosam desse poder!
Não me conformo com isso,
Não posso me convencer,
O poder de Jesus Christo
Maria não pode ter...

C. — E não são santos os dois?
Pode a mãe ser humilhada?
Uma mãe perante o filho
E' mãe ou é palhaçada?
Si assim é, você é tudo,
Sua mãe não vale nada...

.
Nesta resposta romperam
Numa grande gargalhada
Os passageiros do trem,

E, numa vaia damnada,
Saiu o tal protestante
Vendendo azeite ás canada...

O protestante é, geralmente, conhecido no sertão pela alcunha de “nova-seita”. As tres sextilhas abaixo mostram quanto os sertanejos o abominam:

Com lagrimas do diabo
E baba duma serpente,
Carvão de osso de sogra
Com intriga de parente
Fizeram um nova-seita
Magro, amarello e doente.

Pode-se achar sogra boa,
Padre desinteressado,
Italiano innocente,
Cigano serio e honrado,
O que nunca ninguem viu
Foi nova-seita corado.

O primeiro nova-seita,
Emquanto pequenininho,
Um mez foi alimentado
Com arenga de vizinho,
Com praga de pae e mãe
E maldição de padrinho...

Leandro Gomes de Barros argumentava que um “nova-seita” é peor do que um urubú, pois até este respeita a casa de Deus:

Um urubú não se senta
Na torre de uma igreja!

E Manoel Vieira do Paraíso chasqueou do protestantismo, descrevendo o casamento de um nova-seita com a filha do Diabo:

Deu-se um caso lá no inferno,
Um diabo veio e contou
A um velho feiticeiro
Tudo como se passou
Com uma filha bastarda
Que elle tinha e se casou.

Conservava elle esta filha
Dentro dum quarto guardada,
De todo diabo que havia
Elle tinha ciurada,
Comtudo de um nova-seita
Ella era namorada.

Um dia, o diabo saiu,
Pois havia precisão
De buscar um nova-seita
Que morreu no alto sertão,
Ahi o tal namorado
Deu na moça um beliscão.

E quando o diabo chegou
Afflicto e muito suado,
Viu o rapaz nova-seita
Um pouco desconfiado,
Sentado, mordendo o beijo,
Com o olhar todo espantado.

O diabo entrou p'r'o quarto,
Como era de seu costume,
Viu a filha pensativa
E elle ahi pegou o lume,
Pois de tudo desconfia
Quem já vive `com ciume...

Irado, indagou da filha:
— "Que é isto? aqui veio gente?
Eu estou observando

Tú um pouco differente...
Ninguém pode mais criar
Uma diabinha innocente!

“Quero que me conte tudo,
Sinão eu te como o couro...
Quero saber o atrevido
Que anda com desaforo,
Illudindo filha minha
Com malicia de namoro!”

Respondeu-lhe o nova-seita:
— “Sou eu della namorante,
Pois achei fuga e abracei,
Belisquei a minha amante...
Você, quer queira ou não queira,
E’ meu sogro, de ora avante!”

A moça disse — “Meu pae,
Nada se afoite a dizer...
Artigos de casamento
Nada se pode fazer:
E’ muito ruim sujar agua
Para depois a beber...”

Disse o diabo: — “Ô atrevida,
Me fazes ficar em braza,
Tú podes ter a certeza
Que este inferno hoje se arraza,
Porem com um nova-seita
Morres damnada e não casa!”

A moça, então, levantou-se
Como uma feia serpente,
Fez uma careta horrivel,
Prendeu a saia no dente,
Gritou ao pae: — “Vamos ver
Quem de nós é mais valente!

O diabo tocou o buzo,
Mil diabos vieram armados...
O nova-seita apitou,
Vieram seis mil condemnados,
Feiticeiros, nova-seitas
E tres mil amancebados.

O diabo, então, quando viu
Essa horrenda bateria,
A força dos condemnados
Que em cima d'elle investia,
Dava a filha em casamento
Ou, com certeza, morria.

A diabona, mãe da noiva,
Soccou-se nesse barulho,
Disse á filha: — “Ô atrevida,
Queres servir de basculho?
Pança de besta amojada,
Damna-te daqui, entulho!”

Nisto, chega Satanaz
Que é chamado Lucifér:
— “Que diabo de briga é esta
Entre homem e mulher?
Um diz “Casa”, outro “Não casa!”,
Um diz “Quer!”, outro “Não quer”.

Disse o demonio: — “Sou eu
Que aqui tenho esta donzella
Que, por força, quer casar
Com esse papa-ramela...
Não querem dar a razão
A mim, que fico sem ella.”

Disse assim ô nova-seita:
— “Eu estou bem satisfeito...
Entrego á vossa clemencia

Que faz tudo no direito:
Eu me ponho a seu dispor,
O que fizer dou por feito!"

Satanaz disse: — "Eu desejo
Tudo direito e acalmado:
Arrumem logo esse frêvo
Que eu vejo desarrumado...
Olhe: quem tem moça em casa
Deve ter muito cuidado!"

O diabo, cheio de raiva:
— "Eu não posso arrumar nada,
Porque o escrivão do civil
Está de mão aleijada,
A noiva nua, e o cão côxo
Está com a loja fechada..."

Enviuvou um demonio
E a mulher tinha deixado
Um bom vestido e um sapato
Já todo desabrochado:
A diabona, mãe da noiva,
Comprou tudinho fiado.

A diaba vestiu a filha,
Não tinha véo nem camisa,
Pois decencia lá no inferno
E' uma coisa que horroriza,
Lucifér disse: — "Está bom!
Mesmo melhor não precisa..."

E disse, então, para o noivo:
— "Sois um grande condemnado!
A tua seita na terra
Foi muito do meu agrado,
Mas te baptiso de novo
Pois não estás baptisado."

Satanaz disse as palavras
— “Eu te baptiso, porem,
Em nome da nova seita,
De mim, Satanaz, tambem,
E de tudo quanto é diabo
Aqui deste inferno. Amém!”

Chamou Lucifér o noivo:
— “Quero ouvil-o em confissão,
Pois quero saber si fez
No mundo alguma oração,
Si recebeu sacramento,
Si desejou salvação.

“Accuse si alguma vez
Chamou por Santa Maria,
E si deu alguma esmola,
Ou si rezou algum dia,
Si deixou de rogar praga,
Pois é de muita valia.

“Accuse si alguma vez
Tambem deixou de matar,
Si, tendo fuga e, podendo,
Tambem deixou de roubar,
Si ainda não jurou falso
Para a outro condemnar.

“Accuse si aos bens alheios
Nunca desejou mau fim,
Si já guardou castidade
Que é coisa muito ruim,
Si nunca levantou falso,
Enredo, intriga e moitim.

“Accuse si viu mulher
Alheia e não desejou,
Si em alguma occasião,

No nome de Deus falou,
Ou si em qualquer vexame
A Santo já supplicou;

"E si já creste na Igreja
De Christo que é a Romana,
E si usou conversa licita,
Sem ser lasciva e profana,
Si aprendeu toda a doutrina,
Si fez bem na vida humana;

"Si acreditas que Deus-Filho
Morreu e resuscitou,
E si Elle com seu sangue
O homem remiu e salvou;
Accuse si crê que a Pedro
Elle a Igreja entregou."

O nova-seita nos pés
De Satanaz ajoelhado:
— "Eu accuso duas culpas:
Uma que fui baptisado,
Outra que chamei um Santo,
Por me ver muito vexado."

Perguntou-lhe Lucifér:
— "Filho, estás arrependido?
Agora pede perdão
Deste crime commettido...
E's maldicto para sempre
E já estás absolvido."

E logo ajuntou os noivos,
Chegou a diaba enfronhada
Com um acompanhamento,
Uma caterva damnada,
Vinha faiscando fogo,
Em chammas toda abrazada.

O noivo, então, se encostou
Muito immundo o pestilento,
Satanaz, buscando o fogo,
Celebrou o casamento...
O noivo agarrou a noiva,
Damnou-se, de inferno a dentro.

Então, houve grande festa
De enxôfre e breu derretido,
Beberam fél de dragão,
O noivo ficou distraído,
Sobrou festa que até hoje
Os diabos têm comido.

Inda tem festa guardada
Para certa ocasião:
Para esses nova-seitas
Que andam pelo sertão,
Quando chegarem no inferno,
Inda encontrar seu quinhão.

De conformidade com a paremia espanhola, *solo Dios acierta a reglar con regla tuerta*. O nosso povo repete isso, dizendo que *Deus escreve direito por linhas tortas*. Annotei, no alto sertão parahybano, uma historia tendente a demonstrar a veracidade desse proloquio. Um individuo casado e extremamente fido aos seus deveres de chefe de familia consagrava os seus affectos a tres entes: a mulher, um filhinho e um cavallo. Certa noite, em sonhos, uma voz lhe ordenou de se tornar devoto de Santo Antonio. O casal redobrou de religiosidade e começou a cultuar, com viva fé, áquelle Santo. Mezes depois, o homem,

Um dia, estando dormindo,
Accordou sobresaltado,
Correu, foi ver a cocheira:
Estava o cavallo laçado,
Com a corda no pescoço
Tinha morrido enforcado.

Elle accordou a mulher,
Lhe disse o que se passou:
— “Senhora, neste momento
Meu cavallo se enforcou...
Pelo geito que estou vendo,
Santo Antonio me enganou!”

Lhe respondeu a mulher:
— “Marido, ninguem conhece
As obras daquelle Deus
A Quem o mundo obedecê:
Antes morresse o cavallo,
Que isso c’um de nós se dêsse!”

Foi quando elle conheceu
Que a mulher tinha bom tino,
Dado pela Providencia
Daquelle Deus tão divino,
Mas quando foi no outro anno
Tambem morreu-lhe o menino...

Quando o menino morreu,
Disse elle: — “Assim não convem
Adorar a Santo Antonio...
Quêde o poder que elle tem?
O meu filhinho morreu;
Santo Antonio não é ninguem!”

A mulher lhe respondeu:
— “Largue de se maldizer!
De Deus se faça a vontade,
Devemos lhe obedecer...
Antes morrer nosso filho
Que qualquer de nós morrer!”

Ahi, disse elle á mulher,
Já passado de agonia,
Com pena de seu filhinho

Que beijava, todo dia:

— “Santo Antonio é quem é causo:

Pra mim não tem mais valia!”

A mulher disse, de novo:

— “Não fique assim tão afflicto!

Adoremos Santo Antonio

Por um modo mais constricto...

Isso é arte do demonio,

Ou tentação do Maldicto...”

Elle, então, diz num suspiro:

— “Faça lá como quizer,

Da forma que parecer-lhe,

Do geito que convier...”

Quando foi no anno seguinte,

Morreu tambem a mulher.

Morrendo a mulher, o homem

Só faltou enlouquecer...

Pelas ruas da cidade

Não pretendia viver,

O coração lhe pedia

Pra se enforcar e morrer.

Tendo enterrado a mulher,

Depois que se viu sosinho,

Correu dentro de uma matta,

Depois saiu num caminho

E viu que atraz vinha um homem

Amontado num burrinho.

Pareceu-lhe que era um Padre,

Olhou pra diante e pra traz:

— “Padre sempre dá conselho,

Eu já sei Padre o que faz,

Nem que elle dê mil conselho:

Eu morro, não volto mais!”

O Padre falou pra elle
Com brandura e energia:
— “Meu filho, p'r'onde é que vais?
Vais a alguma romaria?”
Elle, ahi, torceu a cara
E lhe respondeu que ia.

O Padre era Santo Antonio,
Mas o homem não sabia...
Por isso, quando o foi vendo,
Disse aquella zombaria
De andar pagando promessa,
Fazendo uma romaria...

— “Senhor Reverendo, eu conto
Somente a vossa Mercê:
Adorei a Santo Antonio
Pra meus trastes não morrer,
Porem, como morreu tudo,
Santo Antonio não tem poder.”

Então, o Padre falou
Com um semblante risonho:
— “Isto é laços do diabo,
Ou tentação do demonio...
Meu filho, volta pra casa,
Vae adorar Santo Antonio!”

O homem lhe respondeu:
— “Adorar? não pode ser!
Com tantas adorações,
Só falta mesmo eu morrer...
Estou mais do que sciente:
Santo Antonio não tem poder!”

Ahi, o Padre lhe disse:
— “Faço voltar-te a razão:
Si você vir os seus trastes,

Você reconhece ou não?"

— "Seu Padre, eu conheço elles
Como a palma desta mão!"

Mostrou-lhe o Padre um retrato
Com o tal cavallo sellado,
O cavallo estava em pé,
O dono estava deitado:
Tinha morrido dum coice
Que o animal tinha dado.

— "Num dia, você montava
Neste cavallo e caía...
Desta quéda que levava
Não escapava, morria!
Santo Antonio, como bom Santo,
Matou, tirou da agonia."

Conheceu, então, o homem
Que o Padre tinha bom tino
Dado pela Providencia
Daquelle Deus tão divino:
— "Já me disse do cavallo,
Me diga do meu menino!"

Ahi, o Padre mostrou-lhe
O menino retratado,
Todo amarrado de corda,
Rodeado de soldado,
E o pae, pertinho d'elle,
Tristonhò, olhando de lado.

— "Teu filho, com 15 annos,
Roubava tudo que via,
Era preso no flagrante,
Trancado numa enxovia...
Santo Antonio, como bom Santo,
Matou, tirou da agonia,"

— “Seu Padre, suas palavras
E’ grande o valor que têm,
Porque, quando sai da bocca,
Os Anjos dizem Amém!
Já que disse do menino,
Diga da mulher também!”

Mostra o Padre outro retrato,
Coisa de devassidão:
A mulher nos braços de outro,
Com gosto e satisfação...
Pergunta o Padre: — “E’ você?”
Elle respondeu que não.

O Padre, então, explicou
Com fala branda e macia:
— “Sua mulher, no futuro,
Com outro homem fugia...
Santo Antonio, como bom Santo,
Matou, tirou da agonia.”

E o Padre continuou,
Com um ar muito tristonho:
— “Não se enforque, não, meu filho,
Fique certo que eu me opponho!
E’ melhor voltar pra casa,
Ir adorar Santo Antonio.”

O homem baixou a vista,
Por algum tempo pensou...
Depois de ter imaginado,
Quando a vista levantou,
Conheceu que estava só,
Caça o Padre e não achou...

Elle, ahi, voltou pra casa,
Fez de novo invocação,
Adorando a Santo Antonio,

Contricto de coração...
Morreu já com setenta annos,
Quando teve a salvação.

O "Castigo da soberba", que ouvi a Anselmo Vieira de Souza, cantador cearense, espelha bem a confiança que os sertanejos depositam na misericórdia divina:

Agora eu passo a contar
Do que houve em algum tempo:
O castigo da soberba
Que ficou para exemplo,
Foi um caso acontecido,
Não é coisa que eu invento.

Era um homem muito rico,
Tinha honras de Barão,
Tinha vinte engenho de ferro,
Em metal trinta milhão,
Doze mil vaccas paridas
Nas fazendas do sertão.

A mulher deste Barão
Tinha honras de rainha,
Sessenta e cinco criadas
Pra lhe servir na cosinha,
Parecia inda mais bella
Pelos cabellos que tinha.

Com vinte annos de idade
Elle tomou novo estado,
Augmentou o cabedal
Adespois de ter casado,
Que, antes de interar dez annos,
Sete vez havia herdado.

Bem conhecido e falado
Dos mais homes brasileiro,

Tanto por bens de fortuna
Como em credito de dinheiro,
Mas não tinha nem um filho
Para delle ser herdeiro.

Era grande no respeito
Pelos bens que possuia...
Si era grande na riqueza,
Maior era em fidalguia
E, si era grande em nobreza,
Maior era em soberbia.

Seus cincoenta anno de idade
Tinha elle já contado,
Tinha vinte de solteiro,
Tinha trinta de casado,
Esperança de ter filho
Já estava desenganado.

Quando interou cincoenta anno,
Deu-se um certo movimento:
Seus bens, sem se saber como,
Se acabavam num momento,
Era como ridimunho
Ou tempestade de vento.

No campo os bichos de fôlgo
De repente se acabavam,
As plantações que fazia
Nasciam mas não vingavam,
Dinheiro que desse a juro
Nunca mais que lhe pagavam.

Não se passou muito tempo,
Acabou-se a tal grandeza:
Olhe o pobre acabrunhado,
Carregado de pobreza,
Desprezado dos amigos
Em quem contava firmeza!

Caiu a mulher doente,
Bastante desabilitada,
Desprezada das amigas,
Por quem era visitada,
No meio desse desprezo
Apresentou-se pejada.

Foi-se approximando o dia
Que deu á luz o filhinho:
Nasceu em tanta pobreza
Que enrolou-se em mulambinho,
Por sua grande miseria
Foi diffice achar padrinho.

Criou-se sem ir á Missa
E nunca se confessou,
Pôz os pés na santa Igreja
Só quando se baptizou,
Negocio de penitencia
Elle nunca procurou.

Esmola por caridade
Isso nunca que elle deu;
Deitava e se levantava,
Porém nunca se benzeu;
Viveu assim, deste gosto,
Té o dia em que morreu.

Logo assim que elle morreu,
Cobriu-se os montes dum véo,
Mas a alma, como invisive,
Chegou ás portas do céu,
Em tristeza amortalhada
Para dar contas de réo.

Mais de doze mil demonios
Tudo isso lhe acompanhavam,
Uns se rindo, outros soltando

Gargalhadas que rolavam,
Todos elles muito alegres
Da certeza que levavam.

— “Ô divino São Miguel,
Vosso nome escularêço,
Valei-me nesta agonia,
Nestas pena em que padeço!”
São Miguel arrespondeu:
— “Alma, eu não te conheço!”

— “Vála-me o Senhor São Pedro
Por ser Apóstolo primeiro,
Foi quem recebeu as chaves,
Que do céu é o chaveiro,
E' quem pode ver as faces
Do nosso Deus verdadeiro!”

— “Alma, eu te abro a porta
Porque tú me vem rogar,
Porém não tenho poder
Pra fazer-te aqui ficar...
Tú recorre a Jesus Christo
Que é quem geito pode dar.”

Abriu-se as portas do céu,
A alma viu toda alegria,
Tambem viu Nossa Senhora,
Jesus, Filho de Maria,
Para Quem não poudo olhar
Pelas culpas que trazia.

Curvou-se, beijou-lhe os pés,
Felizmente Elle acceitou...

— “Me accudi, meu doce Pae,”
Valei-me, Nosso Senhor,
Sempre vejo vos chamar
Refugio dos peccador!”

— “Arretira-te, alma ingrata,
Vae pra donde tú andaste,
Que a santa Religião
Tu nunca que procuraste:
Te dei trinta e quatro annos,
Nunca de mim te lembraste.”

— “Ai, Senhor, por piedade,
Tenha de mim compaixão,
Pelo dia em que nasceu,
Por vossa Resurreição,
Por aquelle grande dia
De vossa Morte e Paixão!”

(Cão) — “Isto era o que faltava:
MANOEL padeceu as dor,
E tu reza e caridade
Nunca fez por seu amor,
Confissão e penitência
Tú toda vida abusou.”

(Jesus) — “Alma, tu bem estás ouvindo
Esta grande accusação,
Eu, até pra defender-te
Não vejo um pé de razão,
Abre a tua consciencia,
Faz a tua confissão.”

(Cão) — “Isso é só tempo perdido,
Não tem elle o que dizer,
Pois, emquanto andou no mundo,
Só tratou de te offender,
Nunca lhe veio á lembrança
Que ainda hávera de morrer!”

(Alma) — “Ai, Senhor, se compadeça,
Nunca a vós eu quiz servir,

Não sei mesmo o que vos diga
Pois não vos posso illudir
E me vejo na presença
De Quem não posso mentir."

Disse os demonio duns p'r'os outros:
— "Boa confissão aquella!
Agora queremos ver
Essa alma pra quem appella...
MANOEL é recto e justo,
Nós hoje carrega ella!"

(Jesus) — "Alma, pelo que me dizes
Eu não posso te valer:
Tú me viste morto a fome,
Não me dêste de comer!
Tú me viste morto a sêde,
Não me dêste de beber!

"Eu estava muito mortal,
Tú não foste visitar;
Tu me viste na cadeia,
Não foste me consolar;
Quando eu te vi errado,
Te mandei aconselhar.

"Assim agora, alma ingrata,
Vae cumprir teu triste fado,
Que tú não fez pela vida
De purgar os teus peccado,
Na minha Gloria só entra
Coração purificado."

(Alma) — "Vala-me, ó virgem Maria,
Pelo vosso resplendor,
Pelo dia em que nasceu,
Pelo nome que tomou,
O nome do vosso filho
Que no ventre carregou!"

(Maria) — “Alma, já que me chamaste,
Na presença te cheguei,
Tú falaste com fiança
Neste nome que eu tomei,
No nome de meu filhinho
Que no ventre carreguei.”

(Alma) — “Ai, Senhora, Virgem Pura,
Padroeira mãe dos home,
Valei-me nesta agonia,
Nesta sorte que consome,
Sempre vejo protegido
Quem recorre a vosso nome.”

(Cão) — “Como elle está com ponta
Só pra illudir a Maria,
Com tantos annos de vida
Nome della nem sabia,
Só sabia decorado
Era praga e harizia.

(Maria) — “Alma, tú nunca assististe,
Nem ao menos um momento,
Dentro dum logar sagrado
Onde houvesse um Sacramento,
Que tú ouvisses meu nome
Com grande contentamento?...

(Alma) — “Senhora, eu passando, um dia,
Numa casa de oração,
Eu, vendo o povo lovando
A vossa consagração,
Eu ouvi com muito gosto
Com meus dois Joelho no chão.”

(Cão) — “Já Maria está puxando,
A coisa se desmantela,
Aquillo nunca se deu,

Vejam que mentira aquella!
Eu já vi que esta mulher
Todo mundo illude ella!

“Ella põe-se a esmiuçar,
Puxa de diante pra traz,
Pega com tanta pergunta,
Tambem isso não se faz,
Até apparecer coisa
Que ninguem se lembra mais.”

(Alma) — “Mãe amada, me livrae
Das grandes rigori^{de}de,
Sei que gastei os meus dias
Envolvido em vaidade,
Mas espero ser valido:
Valei-me por caridade!”

(Maria) — “Alma, o que tú me pediste
Eu não posso prometter,
Si tivesse em penitença
Com razão eu ia ver:
Mas assim, é impossivel
Te salvar, sem merecer.”

(Alma) — “Rainha, Mãe Amorosa,
Esperança dos mortaes,
Quem recorre a vosso nome
Sei que não desamparais,
Eu, pegando em vossos pés,
Sei que não largo elles mais.”

(Maria) — “Pois, alma, demora ahi,
Emquanto eu vou consultar,
Fazer pedido a meu Filho,
Ver si eu posso te salvar,
Ver si teus grandes peccados
Tem grau de se perdoar.”

(Cão) — “Como esta tal Maria
Eu mesmo nem nunca vi:
Uns pedem por interesse,
Pédem porque é pra si,
Mas ella pede é p'r'os outros,
Não se enjôa de pedir...

(Maria) — “Meu filhinho, aqui cheguei,
Vim te fazer um pedido
Para uma alma que chegou
Lá do mundo corrompido...
Tú, não tendo compaixão,
Pra ella o céu está perdido”.

(Jesus) — “Mas, minha mãe, não é assim,
Todos bem podem saber:
Lá deixei as Escripturas
Contando como há de ser...
Os Prophetas publicando,
Foi pra todos comprehender.”

(Cão) — “Issó é outro Portuguez!
Quem se engana é porque quer...
Loucura grande a do home
Que se illude com mulher...
Nem sei como se defende
Uma alma tão lhé-gué-lhé...

(Maria) — “Meu Filho, dê-me a resposta
Pra sciência dos christão,
Eu sei que é grande peccado
Não procurar confissão,
Porem, meu Filho, o peccado
Vem desde o tempo de Adão.”

(Jesus) — “Minha Mãe, larguemo esta alma,
Foi muito ruim creatura...
Si eu chegar a salvar ella,

Muitas outra estão segura,
E eu não posso salvar
A quem a mim não procura”.

(Maria) — “Pra isto mesmo, meu Filho,
Foi vossa resurreição,
Trespasaram vós no peito,
Foi Longuim c’as suas mão,
Soffrestes muitos trumento
Na vossa morte e paixão.

“Por vossa misericordia
Cypriano se salvou,
Vós salvaste a outros muito
Pelo vosso santo amor,
Tambem perdoaste a Paulo,
Sendo teu perseguidor.

“Mathia estava soffrendo,
Vós avisaste num sonho,
Tambem livraste da morte
Pae de senhor Santo Antonio
E a filha de Cananéa
Da vexação do demonio.

“Emfim sempre perdoaste
A quem vos pediu perdão;
Longuim, por se converter,
Prostrou-se e pediu perdão,
Por isso lhe dèste a vida
E tambem a salvação.

“Quando os Judeus vos faziam
Grandes tormentos e horror,
Pedro, por tres vez seguida,
Vos desconheceu, negou,
Mas vós lhe dèste o poder
De ser vosso successor.

“Meu Filho, perdôe esta alma,
Tenha della compaixão!
Não se perdoando esta alma,
Faz-se é dar mais gosto ao cão:
Por isso abisolva ella,
Lançae a vossa benção.

“Si vós não salvar esta alma
Que aos vossos pés se apresenta,
O demonio, sabendo disto,
Agora é que bem attenta,
E eu quero que elle hoje
Réle a testa e quebre a venta.”

(Jesus) — “Pois, minha Mãe, carregue a alma,
Leve em sua protecção,
Diga ás outras que a recebam,
Façam com ella união...
Fica feito o seu pedido:
Dou a ella a salvação.”

(Cão) — “Vamos todos nos embora
Que o causo não é o primeiro,
E o peor é que tambem
Não será o derradeiro...
Home que a mulher domina
Não pode ser justiceiro!”

(Jesus) — “Os demonios se arretirem,
Vão lá p'ras suas prisão
Que é pra não attentar mais
A todo fiel christão...
Quem recorrer a meu nome,
Eu garanto a salvação.”

Agora acabei o verso
Minha historia verdadeira...
Toda vez que eu canto elle,

Dez mil réis vem p'r'a algibeira,
Porém hoje eu dou por cinco:
Talvez não ache quem queira!

No "Cancioneiro do Norte, de Rodrigues de Carvalho, intitulada "A peleja da alma" há uma poesia que é, no fundo, a historia d'"O castigo da soberba"; é, porém, diversissima na forma.

Disse, paginas antes, que são mui raras as irreverencias dos cantadores para com os Padres da Igreja Catholica: por isso mesmo entendo que deve ser repetida aqui esta satyra, cuja acquisição foi até motivo de surpresa para mim:

Eu vi se narrar um facto
Que fiquei admirado:
Um sertanejo me disse
Que no seculo passado
Viu se enterrar um cachorro
Com honras de potentado.

Um inglez tinha um cachorro
De uma grande estimação,
Mórreu o dito cachorro
E o inglez disse, então:
— "Mim enterra este cachorro,
Inda que gaste um milhão."

Foi ao vigário, lhe disse:
— "Morreu cachorro de mim
E urubú do Brasil
Não poderá dar-lhe fim..."
— "Cachorro deixou dinheiro?"
(Perguntou-lhe o Padre assim)

— "Mim quer enterrar cachorro!"
Disse o Vigário: — "ô inglez,
Você pensa que isto aqui

E' o paiz de vocês?"

Disse o inglez: — "Com cachorro
Gasto tudo, desta vez..."

"Elle, antes de morrer,
Um testamento apromptou,
Só quatro contos de réis
Para o Vigario deixou..."
Antes do inglez findar,
O Vigario suspirou.

— "Coitado! (disse o Vigario)
De que morreu esse pobre?
Que animal intelligente
E que sentimento nobre!
Antes de partir do mundo,
Fez-me presente do cobre..."

"Leve-o para o cemiterio
Que eu vou o encommendar,
Isto é, traga o dinheiro,
Antes d'elle se enterrar,
Que estes suffragios fiado
E' factivel não salvar!"

E lá chegou o cachorro,
O dinheiro foi na frente,
Teve imponente o enterro,
Missa de corpo presente,
Ladainha, etc., etc.,
Melhor do que certa gente...

Mandaram dar parte ao Bispo
Que o Vigario tinha feito
O enterro dum cachorro,
O que não era direito:
O Bispo, ahi, falou muito,
Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o Vigário...

— “Prompto! (o Vigário chegou)

A’s ordens, Sua Excellencia!”

O Bispo lhe perguntou:

— “Então, que cachorro foi

Que o Reverendo enterrou?”

— “Foi um cachorro importante,

Animal de intelligencia:

Elle, antes de morrer,

Deixou a Vossa Excellencia

Dois contos de réis em ouro...

Si eu errei, tenha paciencia!”

— “Não errou, não, meu Vigário,

Você é um bom pastor,

Desculpe eu incommodar-o,

A culpa é do portador...

Um cachorro como esse

Se vê que é merecedor!...”

OS CANGACEIROS E O FOLKLORE

O eminente polygrapho parahybano Sr. Carlos Dias Fernandes, no impressionante epilogo de seu bem urdido romance de costumes sertanejos "Os cangaceiros", põe na bocca do criminoso Minervino este recado a ser transmittido ao Governo por um soldado feito prisioneiro: — "Vae e dize ao teu patrão que nós somos poucos porém invenciveis, porque nos jurámos fidelidade até á morte!" A phrase reflecte a arrogancia desses desaproveitados e fortes elementos da communitade sertaneja, arrastados tanta vez á voragem do crime, menos por culpa propria que por desidia criminosa ou prevaricação dos órgãos dos poderes publicos.

Nem será preciso repetir aqui a verdade vergonhosa de que nas satrapias dos Estados as autoridades constituidas se espojam na mais infrene politicagem... Contou-me o Cel. Raimundo Souto, chefe politico em Trahiry (Ceará) e pae do pianista João Souto Menor: — "Em 1888, era o Ceará governado pelo senador gaúcho Henrique d'Avila. Numa casa de campo no alto sertão, perto de Pentecoste, por onde o Chefe do Estado excursionava, assisti a um facto que me deixou de queixo cahido: o referido Presidente brindou aos celebres cangaceiros presentes José Antonio do Fechado e José Tubiba, dizendo esperar daquelles "dois valorosos sertanejos" todo esforço pela victoria do Governo numa eleição que se ia ferir proximamente. José Antonio do Fechado poz-se de pé e disse que se ufava de ter de responder áquelle brinde. Apesar do mau nome de que gosava, não era nem um ladrão, nem um assassino: era, apenas, um infeliz, victima sempre de calumnias... José Tu-

biba foi mais franco: confessou que não era homem para enganar a ninguém; por isso, declarava que não sabia falar, mas tinha uma pontaria segura! O Governo podia ficar certo de que a eleição estava mais do que no bolso... O que era talvez preciso seria um pouco de *herva* (e esfregou o pollegar no indicador, num gesto expressivo)..."

Objectivando descobrir a *psychologia collectiva*, o folklore não pode deixar de abranger em suas pesquisas o estudo do cangaceirismo, estudo este, aliás que, por sua vastidão e complexidade, está a reclamar um novo Euclides, não adstricto á chronica exclusiva de uma campanha singular.

As linhas que tracejo aqui, num volume fragmentado como este, não visam, claro, o aprofundamento do assumpto.

Em 1914, quando da insurreição de Juazeiro contra o governo do Presidente cearense Franco Rabello descobri, em Quixadá, um poeta repentista em meio á multidão de revolucionarios. Era cangaceiro profissional e... nas horas vagas, cantador. Foi d'elle esta estrophe que enxertei na conferencia "Musa Cearense", proferida e publicada em Fortaleza, no Natal de 1916: .

Querendo tanger comboio,
Até sou bom comboeiro;
Querendo fazer sapato,
Até sou bom sapateiro;
Querendo andar no cangaço, -
Até sou bom cangaceiro,
Que isso de se matar gente
E' serviço mais maneiro...

O jornalista pernambucano Anísio Galvão reeditou a mencionada estrophe na *plquette* "Do Recife ao Crato", declarando tel-a também ouvido em Juazeiro.

Entendo que deve ser aproveitado e inserto neste capitulo o depoimento de famoso protagonista de varios feitos celebrizados em prosa e versos matutos, personagem cujo nome está estreitamente vinculado á lucta quasi secular entre as familias pernambucanas Pereira e Carvalho. Falo do Cel. An-

tonio Pereira, de quem em 1917 obtive na Penitenciaria de Fortaleza, (quando ahi se encontrava preso e de onde foi solto em cumprimento de uma ordem de habeas-corpus concedida pelo Juizo Federal, a requerimento do ex-deputado Daniel Carneiro) longa entrevista jornalística, publicada no jornal "Correio do Ceará.":

...De estatura mediana, cabello aparado quasi á escovinha, nariz chato, olhos pequenos, bigode a cair pelos cantos da bocca, o Cel. Antonio Pereira é ainda um homem forte e vigoroso. Tem no olhar a decisão das vontades energicas. Seu sobrinho João Pereira é um latagão de nariz afilado, olhar frio e penetrante, bigode bem torcido, á moda kaiseriana. Todo o tempo de nossa visita, permaneceu impassivel, a nos olhar na mais completa indifferença, ensimesmado, limpando as unhas com um palito. A umas tres perguntas que lhe dirigimos, esquivou-se com respostas de monosyllabos. Os dois filhos do Cel. Pereira são dois musculosos rapazes, menos accessiveis do que o pae. Não se intromettem na conversação. Quando o Cel. Pereira nos informa que são "dois meninos espertos e decididos", elles se entreolham, num vago sorriso de satisfação.

E' assim que o Cel. Antonio Pereira nos faz o relato da centenaria questão dos seus com a familia Carvalho:

— "Eu só possúo uma vida e esta é livre e desembaraçada. Sou homem de honra e estou acostumado a falar de cabeça erguida. Esta primeira humilhação que estou soffrendo não me enfraquece. Não há Governo que dê geito á minha lucta com os Carvalhos. Isto é uma questão de sangue! Só quando Deus acabar o ultimo Pereira, é que Carvalho deixa de ter inimigo neste mundo...

O Sr. quer saber de uma coisa? Lá no meu Pajehú, quando um menino da familia Pereira começa a crescer, vai logo dizendo: *Tomára já ficar homem, pra dar cabo de um Carvalho!* A mesma coisa dizem os meninos delles. E' o que eu digo: é uma questão de sangue!

Esta pendencia começou em 1842 e foi por causa de politica. Eu lhe conto. Meu avô, o Cel. Manoel Pereira da Silva, tendo sido encarregado da direcção politica da villa de Flores, contra isso se revoltou o Cel. Barbosa Nogueira Paes. Houve

tiroteios e as forças deste ultimo acabaram pondo-se em debandada.

Não se tendo conformado com a derrota, o Cel. Barbosa foi para a Serra Negra, em Tacaratú, e, quando se preparava para fazer novo ataque, foi por este apanhado de surpresa. Nessa ocasião, desapareceu, ninguém sabe como. A sua familia, suppondo ter sido elle victima do combate ou mesmo assassinado por meu avô, exasperou-se comnosco e começou a nos fazer toda sorte de perseguições. Fechou-se o tempo! Houve muitas emboscadas e encontros successivos, nos quaes morreu sempre muita gente, de parte a parte.

Em 1906, eu era chefe politico em Villa Bella. Um dia, appareceu na villa o meu inimigo Antonio Quélé, membro da familia Carvalho e residente em Belmonte. Quélé andava na rua ostensivamente armado e em companhia de dois cangaceiros. O delegado de policia da villa, meu primo, procurou desarmal-os, mas foi, então, barbaramente assassinado, a uma hora da tarde. Commettido esse crime, os assassinos se refugiaram na casa do Monsenhor Affonso Anthero Pequeno.

Sabedor do occorrido, juntei uns vinte homens, mais ou menos, entre os quaes, alguns parentes meus e um irmão do delegado assassinado. Fomos á casa de Monsenhor Affonso e exigimos que Antonio Quélé e seus cangaceiros fossem entregues á justiça. Os assassinos foram, de facto, ao Jury mas, devido á protecção de Monsenhor Affonso, foram asbsovidos. A nossa familia considerou-se affrontada com isso e resolveu fazer justiça por suas proprias mãos.

Coincidiu isso tudo com uma questão de terras, suscitada em Belmonte entre Antonio Quélé e Antonio Maroto Pereira. Então, o Cel. Manoel Pereira da Silva, vulgo *Padre Pereira*, de 71 annos de idade, patriarcha de nossa familia, pretendeu, com seu genio apaziguante, accommodar os contendores. Falou a ambos e conseguiu um accordo. Quando de volta, porém, já perto de sua casa no municipio de Villa Bella, foi brutalmente atraído pelo proprio Antonio Quélé que lhe mandou tirar a vida numa emboscada infame.

Com a morte do *Padre Pereira*, eu e os meus nos resolvemos a uma guerra de exterminio. Essa luta durou uns vinte

mezes. Morreram mais de duzentas pessoas, de lado a lado, e foram queimadas varias propriedades de ambas as familias.

Vou contar-lhe um facto. Por esse tempo, o povoado de São Francisco, onde morava Manoel Pereira, conhecido por *Seu Né*, tendo apenas 25 homens em armas, foi cercado por mais de 200 membros da familia Carvalho e cangaceiros, chefiados todos por Antonio Quélé. Foi um combate desigual, mas quem era Carvalho ficou sabendo, p'r'o resto da vida, que Pereira não morre com medo de caretá! Os sitiados luctaram dia e meio contra os assaltantes, que não tinham coragem de se approximar das casas.

Eu soube do horror e larguei-me, de sete leguas de distancia. Só consegui juntar 19 homens. Na entrada do povoado, disse para os meus companheiros: — *“Si vocês não estão dispostos a entregar hoje a alma a Deus, não venham, não me acompanhem! Eu vou porque quero morrer como homem e preciso fazer o que é de minha obrigação.”* Todos me acompanharam. Eu sabia mesmo que elles iam... Falei só p'r'elles ficarem logo sabendo que a desgraça estava decretada. Tenho me visto em mil perigos e precipicios. Nunca, porém, tive tanto presentimento de que me acabava como naquelle dia! E só não morri mesmo, porque Deus foi servido no contrario...

Rolámos na terra, trincando os dentes e o fogo nelles começou bonito, de dois lados. Os Carvalhos ficaram logo assustados, sem saber o numero dos de nossa rectaguarda. E foram tratando de se pôr em fuga...

Quando entrámos no povoado, quasi o mundo veiu abaixo. As mulheres de nossa familia me carregaram nos braços, gritando: — *“Viva o nosso Santo Antonio!”* Fiquei satisfeito porque soube que os Carvalhos se dâmnaram quando, mais tarde, tiveram sciencia que eu trouxera só 19 homens... A gente do povoado deu graças a Deus pela minha chegada, pois a sêde já era muita, sem que ninguem pudesse abastecer os potes.

Depois desse encontro em S. Francisco, ainda houve muito quebra-rabicho. A coisa chegou a taes extremos que o Governador Sigismundo Gonçalves mandou o Juiz de Direito Dr. Jeronymo Materno de Carvalho, parente dos Carvalhos e dos

Pereiras, a ver si punha termo a tanta desgraça. A acção prudente desse digno magistrado, há pouco fallecido, conseguiu, de facto, interromper as hostilidades. Mas a questão era como fogo de monturo: tinha de reaparecer, mais tarde.

Algum tempo depois, como o governador Rosa e Silva começasse a prestigiar os Carvalhos em prejuizo nosso, não me resignei com essa injustiça e me declarei opposicionista. Fui dos que mais se esforçaram, no sertão pernambucano, pela victoria do General Dantas Barreto. Não tardou, porém, que também me desilludisse do dantismo, pois o General entendeu de dar braço forte aos Carvalhos. O Governo começou, então, a me perseguir.

Em 1915, a minha fazenda "Pitombeira" foi cercada por 95 homens, entre policiaes e cangaceiros dos Carvalhos. O pretexto era o meu desarmamento. Ora, eu entendia que o direito que os meus inimigos tinham de viver armados contra mim tinha eu também de viver prevenido contra elles. Não tive duvida, nem quiz conversa: resisti! Resisti, houve bala muita, e, afinal, os meus aggressores bateram em retirada, quando já parentes meus se preparavam para lhes botar uma rectaguarda.

Foi por isso que a tal justiça de Peranmbuco me proclamou criminoso! Sou processado por "crime de resistencia". Mas, eu não resisti á voz de prisão: resisti, mas foi ao ronco do rifle e da Comblain...

Depois disso, fiquei convencido de que me devia pôr fora de tantos atropellos. Luctar contra tantos inimigos e contra a Força Publica não me era possivel. Deliberei "queimar" tudo quanto possuia. Apesar de estarmos em plena secca do 15, vendi minhas propriedades por pouco mais ou nada e tratei de me mudar para o Geará. Apurei 51 contos e pouco, um terço, certamente, do valor do que era meu.

Já aqui, neste Estado, comprei ao Dr. Antonio Cardoso, no municipio de Brejo dos Santos, o sitio "Passagem" e ali fui residir, cuidando de minha vida, calmamente.

Em dias do anno passado, foi assassinado, por ordem de Lucas de Carvalho, meu sobrinho Manoel Pereira, conhecido por *Seu Né* e irmão deste rapaz que foi preso em minha com-

panhia (e o Cel. Pereira apontou-nos o homem do bigode aggressivo...)

Em represalia a esse crime, LUIZ PADRE, filho do Padre *Pereira*, acompanhado de quatro homens, foi atacar Lucas de Carvalho no sitio "Piranhas", em Villa Bella. O tiroteio foi cerrado mas resultou inutil, pois Lucas de Carvalho conseguiu escafeder-se. Não houve processo criminal e as mortes havidas não lograram punição.

Não concorri absolutamente para a execução do tal plano de desforra, posto em pratica por LUIZ PADRE. Mas, um bello dia, eu estava socegado na minha fazenda "Pitombeira", quando fui surpreendido por uma força policial cearense, commandada por um sargento. Não sabendo como os referidos soldados me tratariam, busquei e consegui evadir-me. E já estava em Bonito, na Parahyba, preparando-me para ir a Villa Bella responder a jury pelo tal "crime de resistencia", quando fui apanhado pelo official cearense Capitão José dos Santos Carneiro e sua força. Nem sequer eu tinha armas commigo. Eu, meu sobrinho e meus filhos estavamos, como disse, viajando incognitos para Pernambuco e completamente desarmados. Trouxeram-me para aqui. E aqui estou: — será o que Deus quizer!"

Despedimo-nos do Cel. Antonio Pereira e o deixámos na sua cella, soffrendo o que chama a sua "primeira humilhação".

Ao sairmos da Penitenciaria, disse-nos o Dr. Floro Bartholomeu, que nos acompanhára nessa visita e emerito conhecedor de factos referentes ao cangaceirismo nordestino:

— "São uns valentes esses homens! destemidos e honrados! Ouça! José Maroto Pereira, sobrinho do Cel. Antonio Pereira, foi um dia cercado pelos Carvalhos. Reagiu, emquanto poudes. Esgotada porém a munição, annunciou que estava disposto a se render. Ao defrontar os inimigos, pediu que o poupassem, prometendo não mais immiscuir-se na questão de seus parentes com os Carvalhos. Pouparam-no e elle vem cumprindo o que prometteu. Vive instigado por solicitações de toda especie, mas tem sabido sobrepôr a palavra de honra, que empenhou, aos impetos da alma intrepida.

Outro facto: naquella questão de terras entre Antonio Quélé e Antonio Maroto Pereira, alguém obteve a conciliação

de ambos. Antonio Maroto disse ao seu inimigo: — “*Não passe mais na minha porta que eu não passarei na sua. No dia em que o sr. passar por meu terreiro, fique sabendo que morre! Faça o mesmo commigo, si eu passar em frente de sua casa!*”

— “*Está dicto!*” concordou Antonio Quélé. E nenhum dos dois burlou até hoje a combinação feita. Apesar de morarem a uma legua só um do outro, nenhum se serviu mais da estrada commum ás duas fazendas, para transitar em frente á casa do inimigo.

Ainda outro facto, este revelador da bravura dos Pereiras: — Simplicio Pereira, vulgo Pereirão, sobrinho do Cel. Antonio Pereira e genro do Major JOSÉ IGNACIO, certa vez, num cerco, saiu do seu grupo e foi atirar, a descoberto, num denodo de allucinado, as balas que lhe restava, bem em frente da casa dos inimigos entrincheirados. Estes, pasmos do louco gesto imprevisto, não tiveram animo de o alvejar. E *Pereirão*, rolando no terreiro desabrigado, voltou incolume ao seio dos companheiros, já então sob uma saraivada de balas que milagrosamente o não attingiram.”

E o Dr. Floro Bartholomeu concluiu, sorridente:

— “O *Pereirão* morreu repentinamente, o anno passado, na fazenda “Macapá”...

Dois annos mais tarde, em 1919, o Cel. Antonio Pereira, em visita á capital cearense, concedia, ainda por intermedio meu, ao citado jornal outra entrevista em a qual se queixou amargamente de o Governador de Pernambuco Sr. Manoel Borba estar intervindo numa lucta de duas familias, pondo seus soldados ao serviço de um dos grupos belligerantes. São dessa segunda entrevista os seguintes periodos, alguns dos quaes interessantes por descreverem os primordios da vida de dois vultos, sinistramente hoje aureolados nos fastos do banditismo: LUIZ PADRE E SEBASTIAO PEREIRA:

“Meu sobrinho José Pereira de Souza residia em Belmonte, de onde até já tencionava mudar-se, por temer que os nossos inimigos lhe fossem fazer qualquer surpresa. Há pouco tempo, elle trabalhava na sua roça, quando na estrada adjacente passa um troço de soldados em companhia de cangaceiros dos Carvalhos. Pois bem: nesse pobre homem, que não tomava parte

em luctas e vivia de seu trabalho, mas tinha o grande crime de ser nosso parente, o commandante da força, *membro da familia Carvalho* (1) desfechou um tiro perverso, servindo-se para tanto da Mauser de um soldado que lhe estava ao lado. Meu infeliz sobrinho foi deixado como morto e creio mesmo que não sobreviverá muito á estúpida aggressão de que foi victima. Foi essa mesma força da policia pernambucana que incendiou a propriedade de outro parente meu, João Nunes Pereira.

— O Sr. lembra-se do LUIZ PADRE, filho de *Padre Pereira*, assassinado numa emboscada, a mando de Antonio Quélé?

— Perfeitamente, Coronel. *Padre Pereira* era o Cel. Manoel Pereira da Silva e LUIZ PADRE, seu filho, é o valente que tanto se distinguuiu no cerco da fazenda "Piranhas" de Lucas de Carvalho, o assassino de *Seu Né*...

— E' isso mesmo. Pois bem: LUIZ PADRE é Sebastião Pereira, ambos meus sobrinhos, estavam morando em S. Francisco e tinham para garantia sua, uns 40 homens sempre ao seu lado. Desses 40 homens com quem LUIZ PADRE e Sebastião Pereira contavam, 14 haviam vindo do *Riacho do Navio* e pelo seguinte facto. Uma vez, viajavam para o Juazeiro (Ceará) duas mocinhas, em companhia de seus avós. Na estrada, em pleno sertão, as desgraçadas creaturinhas tiveram a desdita de se encontrar com um grupo da familia Carvalho. Vinham todos elles armados até os dentes e eram commandados por Syndario Carvalho. Esses desnaturados arrebataram as duas meninas e bestialmente lhes conspurcaram a virgindade. Uma dellas não sobreviveu ao ignobil attentado e falleceu, dias depois. Os velhinhos, transidos de dor e de indignação, regressaram ao *Riacho do Navio* e, ahi, foi o proprio avô que reuniu os seus parentes, armou 14 delles e os mandou auxiliarem LUIZ PADRE na guerra aos Carvalhos, vingando, desta maneira, a honra da familia e a vida da infeliz donzel-la martyr.

Reatando o fio da minha narrativa, accrescentarei que em S. Francisco e nas suas cercanias se reproduziam as escarmuças. Os Carvalhos não nos poupavam e, por sua vez, LUIZ PADRE, sempre que podia, continuava a tirar desforras do

assassinio de seu pae e da morte e roubo de outros parentes. A coisa chegou ao ponto de toda a população se arrear de uma conflagração geral. Foi então que o Governador Borba enviou forças, não para assegurarem a paz publica, mas para figurarem na contenda ao lado dos Carvalhos e contra a nossa familia.

Uma prova do que affirmo: enquanto 50 praças de policia atacavam LUIZ PADRE em S. Francisco, os Carvalhos, á frente de 60 cangaceiros, assaltavam a fazenda "Taboleiro", de Praxedes Pereira (irmão de Sebastião), o qual estava quasi completamente desprevenido. LUIZ PADRE, que *não é de graça* e sabe ser valente como as armas, derrotou os policiaes atacantes, forçando-os a um recuo. Morreram 11 soldados e muitos saíram feridos. Do pessoal de LUIZ PADRE ninguem morreu: todos conheciam magnificamente o terreno da luta e estavam bem entrincheirados e municiados.

Com o desbarato da força policial, Sebastião Pereira deixou S. Francisco entregue á guarda de LUIZ PADRE e, num bello gesto de solidariedade fraternal, correu á fazenda "Taboleiro", afim de soccorrer Praxedes. Atacou pela rectaguarda os cangaceiros dos Carvalhos e estes viram-se forçados a uma fuga precipitada. Foi um verdadeiro milagre, pois, quando Sebastião appareceu em defesa de Praxedes, este já se dispunha a ir morrer, fora de casa, lutando, corpo a corpo e a punhal. Tinha comsigo apenas quatro homens e da pouca munição fôra queimado o ultimo cartucho.

Presentemente, LUIZ PADRE e Sebastião Pereira estão refugiados no *Riacho do Navio*, porque só si fossem loucos acceitariam a luta que lhes movem os Carvalhos, de parceria com o Governo. Mas, não há nada como um dia depois do outro: tempo virá em que o samba será recommçado e só entra na dança o pessoal das duas familias...

Ah, sim! ia me esquecendo de lhe dizer que LUIZ PADRE, antes de partir, queimou, elle mesmo, as suas propriedades, tão certo estava de que, na sua ausencia, os Carvalhos o fariam. Praxedes Pereira deixou este gosto aos inimigos: foi só retirar-se de "Taboleiro" e os Carvalhos, ajudados pela policia, lhe incendiaram a fazenda..."

Os cantadores celebram os feitos dos cangaceiros, exaltando-os ou deprimindo-os, mas, de qualquer forma, assegurando-lhes sobrevivência maior na memória popular.

Manoel Clementino, num desafio com José Patricio, declinou pavorosamente muitos nomes de protectores de bandidos:

C. — O mestre José Patricio

Discute contra a razão,
Dizendo que nunca viu
Rua de homem valentão:
Eu estou cansado de ver,
Da praça até o sertão.

P. — Não vejo mais onde tenha

Sinão dentro das cadeias,
Nos cemiterio enterrados,
Nas cavernas, nas aldeias...
O sangue que elles derramam
Pagam com o de suas veias.

C. — Tenho visto valentão

Ter socego e viver queto,
Morando dentro da rua,
Comprando e pagando recto,
Trabalhar, juntar fazenda,
Deixar herança pra neto.

P. — Deus, no 5.º mandamento,

Manda á gente não matar!
Quem offende a Lei de Deus
Muito mal tem de acabar,
Porque quem com ferro fere
Ferido tambem será.

C. — Só se esconde o valentão

Que vive com o pé na lama...
José Antonio do Fechado

Morreu em cima da cama,
Brigou, matou muita gente,
Morreu mas ficou a fama.

P. — Zé Antonio, quando morreu,
A Palacio tinha ido
E lá Sua Majestade
Já o tinha absolvido,
Porque elle dos seus crimes
O perdão tinha pedido.

C. — Conheci José Antonio
Na villa, sendo eleitor,
Capitão, juiz de paz,
Fiscal e vereador...
Peior: em 77,
Houve um Padre matador!

P. — Padre matador de gente
Não é Padre, não é nada:
Apenas tem a mão benta
E a corôa sagrada!
Quem não tem guia pra si
Guia não faz acertada!

C. — Tres homens, tres valentões
No Pajehú conheci:
Quidute, Joaquim Ferreira
E um Felix José Marí
Que mora nos Afogados,
Tem grande negocio ali.

P. — Cabelleira tambem foi
Um valentão mui falado,
Matava quem encontrava,
Era um typo respeitado,
Mas o Governo o prendeu
E elle acabou enforcado.

C. — Tres casos no Pajehú,
Mui notorios na ribeira:
Morreram em suas camas
Major Simplicio Ferreira,
O Manoel Ferreira Grande
E Thomaz Gomes Nogueira.

P. — Manoel Ferreira Grande
Não sei de que morreria:
Uns dizem que foi de bala
E outros que não seria,
Sei apenas que seu corpo
Já dorme na terra fria.

C. — Morreram nas suas camas
O Baixinho, da Agua Fria,
O grande Padre Macario
(Morava em Santa Maria),
Justino de Salamandra
(Morava em Santa Luzia).

P. — Então, me diga onde estão
Os valentões do Teixeira?
Onde estão os Guabirabas,
Brilhantes, de Cajazeiras?
Aonde vive estes homes
Que eu não os vejo na feira?

C. — O Maranhão derrubou
A cadeia do Pau d'Alho
E ficou dentro da rua,
Dizendo: — "Daqui não saio."
Correu mais de cem "macacos",
Cada qual para seu galho.

P. — Maranhão aproveitou
Uma boa ocasião:
Nesse tempo, o Paraguay

Brigava contra a Nação,
Sinão hoje elle não era
O "Coronel Maranhão"...

C. — Maranhão tinha dinheiro
Pra fazer outra cadeia,
Pois era capitalista,
Senhor de Engenho na aldeia,
Não era nós que só temos
Alpercata de correia...

P. — Mas me diga, por favor,
Que mal veio ao Maranhão?
Não vive elle a transitar
Da Escada pra Santo Antão,
Comprando gado e vendendo,
Brigando em toda eleição?

C. — O Bellarmino Siqueira
Da Escada era Barão,
Juntou mil e tantos homens,
Foi tomar uma eleição:
Eu bem sei o resultado,
Porem não lhe digo, não...

João Melchiades, o "cantor da Borborema", a quem não falta a insuspeição de falar *ex domo sua*, descreveu assim o cangaceirismo em Piancó:

Quando eu falo em Planeó,
Sinto a carne me tremer...
Ali, pra se ver defunto,
Não precisa adoecer:
Qualquer intriga é bastante
Pra se matar ou morrer.

Ali ninguem mais ignora,
Já todo mundo anda armado

Porque quem vai tomar banho
Leva seu rifle embalado,
E só se apanha algodão
Com o bacamarte de lado.

Quem deseja fazer barba
Pega no rifle primeiro,
Marchando assim prevenido
Para a casa do barbeiro,
Não tira o rifle da mão,
Porque tudo é cangaceiro.

Em Sergipe, ainda hoje é popular a quadrinha allusiva a uma epoca de triste celebridade:

Urubú da Serra Negra
Foi dizer ao Presidente
Que já está com o bico doce
De comer carne de gente...

Em Campina Grande (Parahyba) colhi do velho glosador septuagenrio Bernardo Cintura este "A. B. C." sobre o cerco de famosos cangaceiros na povoação de Fagundes. As estrophes correspondentes ás letras *S* e *T* dizem bem da prevenção das populações sertanejas contra a soldadesca das policias estaduais:

Agora estou me lembrando
Do tempo dos Guabiraba...
O Capitão Zé Augusto
Cercou a serra e as aba,
Encontrou os cangaceiros:
Quasi *Fagunde* se acaba!

Bem empregado a patente!
Bem empregado o boné!
Bem empregado a corage!
Bem empregado essa fé!

Bem empregado seus dedo!
Bem empregado os ané!

Cercou a serra e as aba
Com trinta soldado junto,
Falou para os cangaceiro:
— “São pouco! appareça muito!”
Tomou a bocca da furna,
Trouxe carga de defunto...

Deram fogo duas hora,
Bala na serra zoando,
Com distancia de tres legua
Todo o povo apreciando
E o povo todo dizendo:
— “Fagunde está se acabando!”

Enéas foi dos primeiro,
Como mais infuluido...
O Capitão disse a elle:
— “Cabra, não seja atrevido,
Receba beijo de bala
No molle do pé do ouvido!”

Foi um beijo envenenado
Como um besouro estrangeiro,
A bala o beijou na fronte
(Já se viu tiro certo!)
E isso serviu de exemplo
P'r'o resto dos cangaceiro...

Guerreava o Capitão
Com dezoito cangaceiro!
Passando bala por bala,
Como troco de dinheiro,
Matou dois, baleou tres,
O resto depois corrêro...

Homes bem afazendado
Viu toda a sua riqueza
Descer de aguas abaixo,
Contra a sua natureza,
Por causa de cangaceiro
Foi reduzido á pobreza.

Irados, os cangaceiros
Na cava, como novíio;
— “Haja bala nos “macaco”
Como piaba no riol
Si acabar-se a munição,
Nós vamo é de ferro frio...”

João Leite, junto a Beato,
Gritava: — “Sustente o tôco!
Appareçam, cangaceiros,
Vocês só pra nós são pouco...
Os “macaco” do Governo
Não são dos quebra côco...”

Kalendáro havia muito
Na turba dos cangaceiro...
Os chefes insinuava
A todos seus pariceiro:
— “Si matarmo o Capitão,
Temos, na certa, dinheiro!”

Levantou-se um cangaceiro,
Por nome *Pilão Deitado*,
Esse, dêrna de menino,
Era muito exercitado,
Mas estava caipora:
Só baleou um soldado.

Mandou o chefe da turba
Retirar-se os baleado,
Que o sangue regava o chão

Como em matança de gado,
E disse, devagarinho:
— “Os macaco estão damnado!”

“Nada se pode fazer!
Guardemos para o futuro...
A noite está que nem breu,
Ninguém enxerga no escuro,
Pode ser que em outro “baile”
A gente atire seguro...”

“O hospital deste Estado
Mais os chefes de Partido
Deve estar bem satisfeito
Deste “baile” acontecido,
Mas também tem de curar
Muito “macaco” ferido...”

Peço a quem tem para dar
Dinheiro, bellos presente...
Não faço como soldado
Que róba publicamente
As facas dos pobres homes,
Para beber de aguardente.

Quando sai da Capital
A força para o sertão,
Abasta um palmo de fuga
Do Alferes ou do Capitão:
Dá o bote, esconde a unha,
Faz que nem gato ladrão...

Róba cabra e róba ovelha,
Róba gallinha e capão,
Róba Perú, róba pato,
Róba guiné e pavão,
Róba tudo quanto encontra
Na ausência do Capitão.

Si soldado fosse lenha,
Não havia um só tição:
Já estava virada em cinza,
Sem um pequeno carvão,
Que é do povo apraguejada
Essa perversa nação!

Trabalha órfho e viuva,
Trabalha os agricultô,
Trabalha os negociante,
Trabalha Padre e Doutô,
Mas a perversa nação:
Olho viu :— a mão andou...

Usam de assentarem praça,
Faz estudo na mimóra,
Ganham soldo do Governo,
Passam bem a toda hora...
Quando vão á diligença,
Os pobres matuto chora.

Vai o sargento e o cabo,
Anspeçada e furrié,
Na vista do Capitão
São duas praças de fé...
Quando corrêge uma casa,
Róbam até as colhé.

Xóra os menino por leite,
Xóra as moças por seus ouro,
Xóra as velhas por cumbuco,
Xóra os velhos por thesouro...
Parece um dia de juizo:
De longe se vê o choro.

Zangado, os velhos praguejam,
Dando parte aos seus vizim:
— "Aquelles diabos malvado

Quebraram meus cumbuquim...
Primitta Nossa Senhora
Que faça seja teu fim!"

Em 1917, quando eu era Official de Gabinete da Presidencia do Ceará, fui surprehendido, certa manhã, com a seguinte carta em versos que da cadeia de Fortaleza me endereçava o detento João Ribeiro de Lima:

MOTTE

*Pelas Chagas de Jesus,
Por Maria Virgem Pura,
Pela Hostia Consagrada,
Pelo Calix de Amargura!*

GLOSA

Meu illustrado Doutor:
Pela Hostia consagrada,
Pelo calix de amargura,
Com toda alumiação,
Em vossos pés tou prostrado...
Pede este aprisionado:
Me tire desta prisão
Inda espero ver a luz...
A esperança me conduz
A fazer este pedido,
Eu espero ser valido
Pelas chagas de Jesus!

E' em nome do Senhor
Bom Jesus, em quem eu creio,
Que aqui estou de joêio
Nós pés de meu protector,
Rogando com pena e dor
E com paixão e ternura:
Soccorra esta creatura,

Este infeliz, este réo,
Por toda a Côrte do Céu,
Por Maria, Virgem Pural

Magdalena, arrependida,
Teve toda contricção
E obiteve o perdão
Da sua passada vida...
Do bom Deus ficou querida
E dos anjos muito amada,
Deixando a vida passada...
Tambem posso ser assim
Tenha compaixão de mim,
Pela Hostia consagrada!

De Deus nasce todo bem,
Nelle está minha esperança!
Porém assim só alcança
Quem um bom protector tem...
Promova minha ventura,
Que só pode ser segura
Querendo Vossa Mercê,
Disponha-se a me valer,
Pelo calix de amargura!

Entre os incontaveis folhetos de literatura de cordel que tenho lido, numerosos celebram os feitos do banditismo. Pode mesmo ser dito que não occorre crime sensacional, como a tragedia de Garanhuns ou o assassinio do Cel. Delmiro Gouveia, sem que os cantadores delle se prevaleçam para bizarras narrativas rimadas.

Antonio Silvino, o celeberrimo scelerado cuja fama repercutiu pela imprensa do paiz inteiro, por quasi dois decennios, tem os seus crimes perpetuados na alma sertaneja do Nordeste, graças ao esforço dos aédos indigenas. Emquanto Silvino tinha liberdade e aterrorizava os sertões por onde elles gozavam a mercê de livremente perambular, é bem de ver que os cantadores não se atreviam a lhe exprobar a malva-

dez. Então, não dissimulavam o empenho de focalizar o poderio, a arrogancia e, até, o espirito justiceiro do bandido de quem diziam que blaterava:

Onde eu estou não se rouba
Nem se fala em vida alheia,
Porque na minha justiça
Não vai ninguém p'r'a cadeia:
Paga logo o que tem feito
Com o sangue da propria veia!

Diz minha mãe que eu nasci
Num dia de quarta-feira...
Quando foram dar-me banho,
Foi visto pela parteira
Que eu tinha em minha cintura
Marca de uma cartucheira!

Tres annos e poucos mezes
Era o que eu podia ter,
A cascavel deu-me um bote,
Vinha certa me morder:
Peguei-a pela garganta,
Soltei, quando a vi morrer...

Em pequeno eu só brincava
Com menino muito mau...
Não brinquei nunca com gaita,
Com carrinho ou berimbau,
O meu brinquedo era espeto
Ou espingarda de pau...

Eu tocaio como onça,
Salto em cima como gato,
Rastejo como cachorro
Rasteja bicho no matto,
Brigo a tiro e a ferro frio...
Caindo dentro dum rio,
Eu nado mais do que um pato.

E sou capaz de apostar
Salto com qualquer veado,
Desafio cobra no bote,
Novilho, estando acuado,
A onça em sagacidade,
O trem em velocidade
Commigo corre atrasado...

Muitas vezes eu dizia
Ao fallecido *Cocada*:
— “Compadre, esta sua vida
Eu acho desmantelada,
Pois você diz que não corre
E cangaceiro, assim, morre
Sem a hora ser chegada...”

Meu pae era um velho duro,
Temido em todo o sertão...
Na calma era como ovelha,
No furor era um leão:
Todo mundo em Pajehú
Conta quem foi Baptistão!

Foi morto a tiros na lucta,
Na rua dum povoado...
Os filhos viram elle morto
No mais doloroso estado,
Porém tiveram a gloria
De o não ver desfeitoado!

Tem cangaceiro em meu grupo
Que pega uma onça á mão,
Bota cascavel no bolso,
Surucucú no surrão,
Come um urubú sem sal,
Assim haja precisão...

O Padre José Paulino,
Sabe agora o que elle fez?
Prendeu-me dois cangaceiros,
Tinha outro preso, fez tres...
O Governo precisou:
Matou todos duma vez!

Foi tanto que eu disse a elle:
— “Padre, não seja atrevido,
Tire a peneira dos olhos,
Veja que está illudido:
Eu lhe respeito a corôa,
Porem não o pé do ouvido!

“Depois você não se queixe,
Dizendo que eu lhe fiz mal:
Eu chego na sua casa,
Levo-lhe até o Missal,
Faço da sua batina
Tres mochilas para sal...”

No Norte tem quatro Estados
A' minha disposição:
Pernambuco e Parahyba
Dão-me toda distincção,
Rio Grande e Ceará
Me conhecem por patrão.

Estas estrophes são da lavra de Leandro Gomes de Barros que decantou minudentemente toda a tragica existencia an-deja de Antonio Silvino, em dezenas de folhetos, dos quaes me contento em referir: — “Antonio Silvino, o Rei dos Cangaceiros”; “Lucta do Diabo com Antonio Silvino”; “Conselhos de Antonio Silvino aos outros cangaceiros”; “Antonio Silvino e o pae delle”; “A ira e a vida de Antonio Silvino”; “O orçamento de Antonio Silvino”; “Os planos de Antonio Silvino”; “Projectos de Antonio Silvino”; “Todas as luctas de Antonio

Silvino”; “O cerco de Antonio Silvino” e “Antonio Silvino no Jury de Olinda”. São ainda de Leandro estas sextilhas:

A Parahyba do Norte
Hoje está em desatino:
Uns se queixam do Governo,
Outros de Antonio Silvino,
A politica parece
Brincadeira de menino.

O forte bate no fraco,
O grande no pequenino,
Uns se valem do Governo,
Outros de Antonio Silvino,
O rifle ali não esfria,
Sacristão não larga o sino..

Antonio Silvino disse
Que agora, na Parahyba,
O que não votar com elle
Pode ir arrumando o quiba,
O eleitor pobre apanha,
O rico morre ou arriba!

Diz elle que si o Governo
Lhe tomar a eleição,
Elle tem o *Doutor Rifle*
Para ganhar-lhe a questão,
E a *Dona Ponta de Faca*
Lhe dispensa protecção...

As multas são as seguintes:
Surras, tiros e facadas,
Assassinatos, desfeitas
E casas incendiadas,
Fogo nas propriedades
E bolandeiras quebradas.

Antonio Silvino disse:
— “Eu não aliso ninguém...
Si Rego Barros perder,
A coisa aqui não vai bem...
Em pilão que eu piso milho
Pinto não come xerem...

Tenho uma opinião:
Que morro porem não minto!
Aqui, sem ser Rego Barros,
Outro vindo, eu não consinto!
Eu só voto em gallo velho,
Quem quizer que vote em *pinto*...

Telegraphiei ao Governo
E elle lá recebeu,
Mandeí dizer-lhe : — “*Doutor,*
Cuide lá no que for seu:
A Capital lhe pertence,
Porem o Estado é meu!!!...

Effectivamente Antonio Silvino levava a sua audacia ao cumulo de transmittir ás autoridades recados e telegrammas atrevidos e desaforados. Ao folklorista Dr. José Rodrigues de Carvalho, então Secretario de Estado, mandou elle dizer em referencia ao Chefe de Policia Dr. Antonio Massa e ao Presidente Castro Pinto: — “Pise milho, cesse *massa* e dê a esse *pinto* pra comer que o mal delle é fome!”

Logo após sua prisão, eram ainda hesitantes e, mesmo, benevolos os conceitos que sobre Silvino os cantadores expendiam:

Antonio Silvino é homem
Sagaz, musculoso e forte,
Nunca temeu o perigo
Nem torceu a cara á morte:

Confirmou que Pernambuco
E' mesmo o "Leão do Norte".

Porque Antonio Silvino
(Uma é ver, outra é contar...)
Luctou dezenove annos,
Fez o Governo cançar
E só poderam prendel-o
Quando elle quiz se entregar.

A tiro ninguem o mata,
Com punhal ninguem o fura,
Para o couro dum daquelles
Não se encontra faca dura...
Não há sol que elle ache quente,
Nem noite que seja escura!

Este governo actual
Julga que a opposição
Não tem direito ao Brasil,
Pertence a outra nação...
Devido a isso é que o rifle
Tem governado o sertão!

Creando Deus o Brasil,
Desde o Rio de Janeiro,
Fez logo presente delle
Ao que fosse mais ligeiro:
O Sul é para o Exercito,
O Norte é pra cangaceiro!!!...

Pouco a pouco é que a lingua se lhes foi desemperrando,
aos assombradiços vates populares, e elles começaram a cantar
alviçareiramente a desoppressão dos sertanejos:

Salve o dia 27
De Novembro deste anno, (1)

O dia em que foi pegado
Silvino, monstro tyrannol
Depois de grande resinga,
Foi preso em Taquaretinga
Pavor do genero humano.

Eu li no "Jornal Pequeno"
E li nos outros tambem
Que, si Silvino pagasse
Os crimes que fez alem,
Em dois séculos não pagava
Todos os crimes que tem!

E, afinal, surgiu de todos os lados uma avalanche de versos biographando sem reservas o feroz salteador e descrevendo-lhe a prisão, interrogatorio e julgamento. Phantasias não faltaram á musa anonyma. Houve até quem relatasse um pesadello de Silvino na Penitenciaria de Recife. Nesse sonho mau appareciam ao grande malfeitoir os espectros de algumas de suas victimas, como o Alferes Paulino Pinto e os de varios cangaceiros que em defesa de Antonio Silvino morreram, quaes tenham sido Jararaca, Antonio Francisco, Tempestade, Cocada, Creança, Ventania, Rio Preto e Corisco.

Sei, por informações fidedignas que, logo ao chegar á Penitenciaria de Recife, Antonio Silvino era de uma altivez e insolencia sem limites para com quem o procurasse conhecer e, sobretudo, pretendesse ouvil-o falar de si proprio. A um venerando Desembargador elle chegou a dirigir epithetos infamantes, que lhe valeram uns dias de solitaria, a pão e agua. A mim mesmo, que o visitei em Maio de 1921, o Administrador da Penitenciaria recommendou que eu não confessasse a Silvino que era advogado e jornalista, exactamente as classes de sua maior implicancia...

Referentes ao cynismo e empafia de Silvino nos primeiros tempos de prisão, correm mundo estes versos:

Veu um repórter d'"O Tempo"
Lhe pedindo explicação,

Antonio Silvino disse:

— “Não gosto de confissão!
As poucas culpas que eu tinha
Deixei-as lá no sertão...”

O repórte então rogou-lhe
Que tivesse paciência,
Perguntou-lhe: — “Em qual lugar
E’ a sua residencia?
Quantas mortes já tem feito,
Durante sua existencia?”

Antonio Silvino disse:

— “Moro aqui, onde cheguei...
Me esqueci de tomar nota
De todos quantos matei...
Nunca tive caderneta,
Por isso nunca assentei...”

— “Mas como o sr. se chama?
Onde foi seu nascimento?”

— “Senhor, eu me chamo *eu*!
Isso de nome é invento...
Do lugar em que eu nasci
Não tenho conhecimento”.

— “Você está hoje, impossivel...”

(Disse o repórter maçado)
Não quer me dizer, ao menos,
Onde é que foi baptisado?”

— “Eu? baptisei-me na pia
Em que fui apresentado...”

Disse o Chefe de Policia:

— “Fale direito, Silvino!”
— Ahi, elle respondeu:

— “Doutor, eu não sou menino!
Nunca fiz nada obrigado,
Nem quando era pequenino.”

E não quiz responder nada
Do que lhe foi perguntado...
Nada o repórter sabia,
Si não fosse o Delegado
Que, chamando o jornalista,
Contou-lhe todo o passado.

Disse o Alferes: — “Cerquei-os
No centro duma caatinga,
Logar que nem vento passa,
A chuva ás vezes nem pinga...
O logar mais exquisito
Que há em Taquaretinga!

A uma hora da tarde,
Chegou na rua um menino
E me disse: — “Seu Alferes,
Eu vi Antonio Silvino..”
E eu mandei logo um soldado
Chamar o sargento Alvino.

Chegou o sargento e disse:
— “Seu Alfere, eu estou aqui!”
Eu disse: — “Antonio Silvino
Me dizem que está ali...
Reuna a força, depressa!”
Disse o sargento: — “Olhe ahi!”

Olhei e vi oito praças
Que já estavam me esperando,
Alguns até já maçados
Por estar me demorando...
Eu disse: — “Marchal” e a força
Saiu alegre, zombando.

Me disse o sargento Alvino:
— “Meu Alfere, vamo embora!
O porco morre na véspra,

O homem morre é na hora!
Hoje se pega o Silvino
Ou, então, tudo piora..."

Às duas horas da tarde,
Demos principio a marchar...
Quando bateu cinco horas,
Nós chegamos no lugar,
Ahi cerquemos o fogo,
Ninguém quiz mais descançar.

Tudo ali era entrançado
De jurema e mororó,
Crôa de frade e facheiro,
Unha de gato e cipó,
Logar em que só entrava
Rato, preá ou mocó.

Silvino estava jogando
Mas não teve alteração,
Gritou: — "Alfere, demore:
Deixe acabar esta mão..."
Já então um cangaceiro
Rolava morto no chão.

Ahi, o fogo cerrou!
Veiu a noite, escureceu...
Joaquim Moura, cangaceiro,
Este, uma bala o comeu!
Antes de dar meia noite,
O grupo todo correu.

Silvino, levando um tiro,
Esmoreceu, de repente,
Porque logo calculou
Que estava muito doente
E não podia brigar,
Ferido assim gravemente.

De madrugada, mandou
Uma pessoa onde eu estava,
Me pedindo garantia,
Dizendo que se entregava,
Mesmo porque — estava certo —
Daquella não escapava.

Pude apurar que de quantas versões circulam sobre as circumstancias em que se teria verificado a captura de Antonio Silvino, a que se contém nos versos aqui transcriptos é a que mais se approxima da verdade. Effectivamente, Silvino não tombou no campo da lucta, não foi preso: — entregou-se á prisão. Baleado, conseguiu arrastar-se a uma casa de Lagoa-Lage, onde talvez ninguem suspeitaria que elle se tivesse homiziado. Por se arreceiar das consequencias do tiro que recebêra, foi que deliberou pôr termo á sua vida de bandoleiro, rendendo-se ao Alferes Theophanes Torres.

Na poesia de Leandro Gomes de Barros sobre os debates travados no tribunal judiciario de Olinda entre o Promotor Dr. Pedro Cahú e o Advogado Dr. Adolpho Simões, há esta accusação pathetica:

Me parece estar ouvindo
Echos tristes dum menino,
Prostrado aos pés desta fera,
Pedindo: — “Antonio Silvino,
Não assassines meu pae,
Inda sou tão pequenino!”

“A fera, ali, com os pés
Jogava a creança a um lado
E gritava á cabroeira:
— “Sangra este desgraçado!
Eu jurei tomar um banho
No sangue deste damnado...” (1)

(1) Elle gostava de repetir: “Antonio Silvino da Paz tudo quanto promette faz!”

E obrigar a viuva
Fazer-lhe logo um jantar,
E por cima do cadaver
A fera inda se sentar,
E a mulher servir-lhe a janta,
Sem direito de chorar!...

SUPERSTIÇÕES

Trechos de uma Palestra realizada no "Theatro José de Alencar", em Fortaleza, em benefício da fundação de um Instituto Radioscópico.

Um dos nossos mais galhardos escriptores modernos, o pensador sergipano Sr. Gilberto Amado, tem duas paginas vivazes a respeito da superstição. Está a primeira na conferencia que logrou echo nacional "A chave de Salomão"; a segunda é um dos ensaios do volume "Apparencias e Realidades". Nesta ultima o estylista do "Grão de Areia" assevera que, si examinarmos bem as nossas velhas abusões familiares, verificaremos a sua procedencia pratica. E avança mesmo que uma codificação de nossas superstições seria um esplendido compendio de moral.

Há, talvez, uma afoiteza em semelhante generalização.

Si a crença de que chinello virado acarreta desgraças; abrir um chapéo de sol dentro de casa faz chamar o Santissimo para os momentos ultimos de alguem; sentar-se alguem sobre a mesa de refeições ou estabelecimento commercial importa prejuizos ao dono da casa... si taes credices, si taes abusões foram inspiradas para a poupança de semelhantes objectos, innumeradas outras existem supinamente illogicas e que não encontram explicação de ordem utilitaria ou moral. Menciono algumas:

1) moça que quizer achar casamento enterre Santo Antonio, de cabeça pra baixo;

2) moça que pisar em rabo de gato precisa se trepar num banco, numa cadeira ou num tamborete: do contrario, nunca mais que se casa;

3) quem quizer ficar bonito coma cabellouro de boi atraz duma porta e chame pelo nome duma pessoa formosa;

4) mulher que não quizer ter filhos pegue no badalo do sino de uma Igreja consagrada a S. Sebastião...

Em que será, Srs. meus, que o badalo de sino de uma Igreja consagrada ao *Martyr Santo* pode contribuir para a esterilização das mulheres? Mas, vá alguém ponderar isso a qualquer matrona matuta cançada dos aborrecimentos da maternidade... "E' bom!" ella sustentará, "é bom!" Esse convicto "E' bom!" deve ser irmão gêmeo daquelle firme "Faz mal!", do qual Gilberto Amado diz ter uma significação dramática e que se ouve dizer quando o doente quer mudar de cabeceira.

— Menino, você não brinque com fogo, de noite...

— Porque?

— Faz mal!

Basta... O pequeno logo se atemoriza ante os dois monosyllabos esphyngeticos. E só si o garoto, curioso, indaga:

— Faz mal porque?

— Porque menino que brinca com fogo, de noite, mija na rede...

A essas palavras, o pirralho desiste da brincadeira, receioso de se ver exposto a mangações na manhã seguinte. E o petiz se vê envolto numa revoada de advertencias apavorantes:

— Meu bem, não aponte p'r'a lua não, que faz mal: faz a gente crear verrugas...

— Bichinho, você não minta não, que mentir faz mal: faz a gente ficar com as unhas pintadas de branco...

— Meu santo, não deixe ninguem passar a perna por cima de sua cabeça não, que isso faz mal: faz a gente não crescer e ficar batoré...

Si pede que lhe contem historias durante o dia, convencem-no de que contar historia, de dia, faz crear rabo; si se

diverte a andar de costas, observam-lhe que caminhar pra traz encurta a vida; si, á mesa, mistura estouvadamente carne e peixe, intimidam-no com a lembrança de que isso concorre para que as orelhas nos cresçam.

O infante torna-se taludo, notando que em casa se atira sal ao fogo ou se colloca, de cabo para baixo, uma vassoura atraz da porta, para que se vá embora uma visita maçante; aprendendo que agua de chocalho fará com que o irmãozinho menor não custe a falar; ensinado pelo pae de que, quando sentimos quentes as orelhas, é signal de que alguém está falando mal de nós; registando que a mãe pendura ao pescoço do irmãozinho caçula um dente de jacaré, para lhe facilitar a dentição; reparando que, afim de se evitar a morte do pae, não se varre a casa no dia em que o mesmo emprenhe qualquer viagem.

Influenciado por esse ambiente, o menino chega á maturidade medroso de assobiar, á noite, porque isso é um chamamento ás cobras; convicto de que o assobio chama o vento, para empinar papagaios de papel; receioso de aparar as unhas em dia de sexta-feira, porque isso faz crear unheiros; certo de que coruja que passa gritando por cima de uma casa está cortando a mortalha de alguém; aterrorizado quando um prestito funebre demora casualmente á porta do seu lar; cheio de cautelas por não adormecer, á noite, em posição tal que os pés fiquem em direcção á porta, porque isso corresponde a pedir a morte; incapaz de qualquer destes feitos inconsequentes: beber agua, com uma luz á mão... vestir uma roupa pelo avesso... pisar na sombra de alguém...

Com a incapacidade do raciocinio mais elementar, victima imbelles da hereditariedade psychologica, o menino chega á velhice arvorado em esculapio: — ensina que cuspo atraz da orelha faz curar a embriaguez do fumo; metter uma chave de Sacratio dentro da bocca é remedio infallivel para mordedura de cachorro espiritado, e qualquer bebida alcoolica, misturada com areia de cemiterio ou com uma penna de urubú torrada, acaba com o vició da cachaça.

Max Nordau, citando Ribot, affirma que a hereditariedade é para a especie o que a memoria é para o individuo, ou,

mais positivamente, a hereditariedade é a memoria da especie.

Os antigos "elementos", sobretudo a agua e o fogo, que *bancaram* a divindade, ainda hoje incutem respeito: teme-se cuspir no fogo ou urinar dentro, melhor: debaixo da agua... Correu um rastilho luminoso no negrume da noite? As estrellas cadentes são almas penadas que se penitenciavam e purificam... Os eclipses, inexplicaveis para os sertanejos, importam sempre consequencias calamitosas. Quando a *folhinha* marca um eclipse lunar, para que não morram os algodoades os agricultores vão accordar os algodoeiros a gritos, pancadaria em latas, tiros de espingarda e clamores de buzios: — a *lua cris* só será funesta si surprehender adormecidos os capulhos...

Rodrigues de Carvalho, o literato parahybano que tão benemeritamente commemorou o tricentenario do Ceará em 1903, com a publicação de seu "Cancioneiro do Norte", deteve-se no anteloquio dessa collectanea a dizer da psychologia das gentes nordestinas. E não achou como evadir-se ao registo de algumas superstições nossas: — "Quereis que vossa inimiga enlouqueça, definhe ou morra? Conseguí um fio de seu cabello e guardae-o dentro de uma casa de cupim ou, então, apanhae-lhe a areia do rastro ou um pouco de seu sangue, guardae tudo na bocca dum cururú, cosei-a e lancae o nojento amphibio á lagôa. São estas as armas poderosas do africano ingenuo aliado á boçalidade do caboclo. Entretanto, quem dispõe de tão propicios elementos para a conquista de corações ou para exercer vinganças, cái, inerme, como o diabo ante a Cruz, ao contacto de um galho de pinhão de purga: o feiticeiro é inimigo acerrimo dessa pobre euphorbiacea. Uma surra de pinhão é um verdadeiro exorcismo nos couros de um mandingueiro.

"S. João é a festa das superstições; são as lendas transplantadas pelo portuguez, adaptadas em campo adequado: o espirito apoucado e phantasioso do indigena. Na encruzilhada, ao dar meia noite, o diabo apparecerá, precedido de ventanias e pavoros! Feliz de quem apertar-lhe a mão, estabelecendo com elle um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador, etc. A arru-

da florescerá naquella noite de agouros: estendei um panno bem alvejante diante della que o Anjo das Trevas não tarda vir colher as sementes: si conseguirdes segurar na mão cabeluda de Satan, a fortuna vos sorrirá. O alho, plantado naquella noite, medra e enraiza, horas depois. A clara do ovo, derramada dentro de um copo, revelará si tereis de viajar por longes terras. Ao accender-se a fogueira, esconde-se a moçoila por detrás da porta, com a bocca cheia de agua: o primeiro nome proprio de homem que ella ouvir será o do seu futuro noivo!"

Oh! as noites de S. João com a sua poesia, os seus innocentes folguedos e a ingenuidade dos que lhe festejam o advento! Bem adverte a musa popular:

O que não fizer fogueira
Em noite de São João
Fica odiado do povo,
Tem fama de mau christão!

Uma das superstições universalmente arraigadas é a do azar do numero 13. De mim vos digo que sympathiso até com o numero fatidico: meu nome tem 13 letras; fiquei "bacharel como toda gente" num 13 de Abril; em 1913 nasceu meu primogenito Moacyr e o anno mais alegre, sinão o mais feliz de minha vida foi o em que percorri o Brasil, de norte a sul, revelando o meu "Cantadores" — 1921 — cujos algarismos somados perfazem 13. E ahi tivestes como, sem o *querer*, me revelei eu proprio supersticioso...

Agosto é o mez desmancha-prazeres da humanidade. A sua primeira segunda-feira é o famigerado dia aziago do anno inteiro. A maior hecatombe dos tempos modernos, essa pavorosa conflagração européa que ainda convulsiona varios povos, rebentou precisamente a 1.º de Agosto de 1914, o que fez com que a musa traquinas dos *Pingos e Respingos* do "Correio da Manhã", do Rio, divulgasse a canção que se popularizou na musica da modinha "Santos Dumont" e começava:

Mez terrivel, funesto mez de Agosto,
Mez de desgosto, mez tragico e fatal:
Soou pelo espaço o trom de guerra,
Corre na terra sangue em caudal!

Pobre mez dos lindos luares suggestivos! O "Livro da Bruxa" dá-lhe, não um, mas vinte e tres dias encaiporados...

Escreveu o nosso Barão de Studart, num rol de superstições cearenses: — "Não se deve emprehender viagem, dia de S. Bartholomeu (24 de Agosto), porque nesse dia o diabo anda solto." Pois bem: os irmãos Braga, fugitivos da Penitenciaria de Fortaleza e que, aliás, eram dados a superstições, porquanto os seus cadaveres foram encontrados com patuás, emprehenderam nesse dia a viagem... da Eternidade, em fatal encontro com o destacamento do Capitão Bezerra de Maria. Foi isso exactamente no dia 24 de Agosto, isto é, sexta-feira da semana passada, o tal dia de S. Bartholomeu, em que se não deve emprehender viagem. Essa superstição sobre o 24 de Agosto é commum a todo o Nordeste. Diz o cantador pernambucano Leandro Gomes de Barros na poesia "O boi mysterioso":

A 24 de Agosto,
Data esta receiosa
Por ser a em que o diabo pode
Soltar-se e dar uma prosa,
Se deu o famoso parto
Da vacca mysteriosa.

São incontaveis os factos triviaes tidos como agoirentos: — si uma pessoa sonha com agua ou arrancando dentes, é parente proximo que morre; si cachorro cava a terra em frente da casa, é pessoa dessa casa que vai morrer; quando alguém morre e o cadaver fica molle, essa falta de enrijamento é signal de que mais alguém da familia morrerá tambem, dentro em breve; uma topada com o pé esquerdo é advertencia de desgosto proximo; coser roupa no corpo dá atrazo... quem cose deve dizer, ao menos mentalmente:

Coso-te em vida,
Não te coso em morte:
Coso a fazenda
Mas não coso a sorte...

Menos numerosos são os presentimentos de felicidade baseados, por igual, em factos e circumstancias sem plausivel relação de causalidade com o acontecimento previsto: — porque há de ser que quem sente coceira nas mãos está para receber noticias agradaveis? porque é que quem nasce em anno bissexto nasce curado de bexigas? donde vem que doente não morre no dia em que espirra?

Para o fortalecimento de certas crendices e superstições occorrem, ás vezes, factos estupefacientes. Sabeis, por exemplo, que a queda de um retrato, espelho ou quadro numa sala de visitas é prenuncio de morte do dono da casa. Pois isso se verificou em o salão nobre do “Morro da Graça”, no instante mesmo em que no vestibulo do Hotel dos Extrangeiros, no Rio, Pinheiro Machado era abatido pelo punhal de Paiva Coimbra...

Talvez por nos recordar as tristezas do lucto e os horrores da morte, a cor negra é suspeita de portadora de infortúnios. Assim, acredita-se que os gatos pretos encaiporam as casas, que não há cavallo preto que preste e que se deve tomar cuidado na vida quando urubús insistem em pousar no telhado da casa em que moramos. Não sei como se abre uma excepção para as vaccas pretas, cujo leite se acredita seja mais saboroso. Tambem o remedio contra mau olhado é um defumador de pennas de gallinha preta... Há em Sergipe uma superstição interessante: a de que as onças não comem bezerros que sejam filhos de vaccas pretas, mesmo que taes bezerros não sejam pretos tambem. Dahi a quadrinha popular:

Bezerro de vacca preta
Onça pintada não come...
Quem casa com mulher feia
Não tem medo de outro home...

O teiró com os gatos pretos, herdámol-o dos colonizadores lusos. Theophilo Braga tem no seu "Cancioneiro Popular" uma quadrinha que diz:

Eu não sei que gato negro
Se metteu entre nós ambos:
Nós eramos tão amigos,
Agora tão mal nos damos!

O maestro Henrique Jorge, que vai, daqui a pouco, abri-lhantar este festival, me contou coisas não despiciendas a respeito de superstições que observou no Pará. Na terra do asahy não se mata gallinha nanica para mulher que está de resguardo; não se despeja violentamente a agua em que um recém-nascido foi lavado: si se o fizer, o menino ficará malcriado. Outra: — o maestro adoecêra e encontrava-se acamado quando, certo dia, um cavallo relinchou nas immediações de sua casa. Incontinenti a criada paraense correu, muito alarmada, a ver si o tal cavallo era russo. Não o era, felizmente, porque, si o fosse, aquelle relincho teria valido por uma sentença de morte.

Cornelio Pires, o delicioso sertanista de S. Paulo, declina nas suas "Conversas ao pé do fogo" numerosas superstições em voga no interior da Paulicéa. Baste-me referir-vos estas que, por signal, nos são também communs: quando a gallinha canta que nem gallo, é preciso cortar-lhe um dedo, sinão também o dono da casa vai p'r'a terra dos pés juntos; atirar em anum deixa a espingarda variando; a mulher, dando um nó na saia quando vê a cobra, esta não fugirá; acaba-se trovoada, queimando palha que foi benta em Domingo de Ramos.

Do dominio das superstições sobre o espirito do vulgo se têm sabido prevalecer commerciantes velhacos e politicos espertos. A coima de cabula, aza negra, olho de sécca pimenteira, pé frio, urucubaca inutiliza um homem publico e compromette um producto commercial. Quem não teme a companhia de um individuo de mau olhado ou de um objecto de fluidos e actuações maleficas? Contra elles e sua nocividade, é que se carregam figas e ferraduras... Não falta por ahí quem

teime em ter medo de usar gravatas de *tricot*, de ostentar no fu-rabolos uma opala ou de carregar phosphoros de cêra. Quem sabe, meus Senhores, quem sabe si Antonio Conselheiro não viveu ao serviço de algum industrial finorio? O heresiarcha de Canudos fazia pregações contra os pentes de chifre e contra os chales de lã, conforme pode ser lido em Sylvio Romero.

Tenho ouvido, muitas vezes, attribuir-se a sacerdotes a responsabilidade de accidentes ferroviarios e até de atrazos de bondes...

As superstições têm na medicina um de seus mais incontrastaveis dominios. Já não quero alludir aos bruxedos e benzeduras, esconjuros, breves e rezas fortes, das quaes todas a mais potente é o Credo ás avessas... Fico em certas praticas, tidas como infalliveis para *fechar o corpo* ou para a obtenção de determinadas curas. A hemiplegia ou *ar do vento* de-sapparece, dizendo-se tres vezes "Credo! Ave Maria!" e cus-pindo-se para dentro da camisa... Nunca ouvistes falar no *chá de pinto*? E' o remedio que os sertanejos cearenses dão a quem foi esfaqueado ou se encontra entre a vida e a morte, victima de um desastre qualquer, uma queda de cavallo, por exemplo. Pega-se um pinto vivo, com as pennas, intestinos e tudo e esmaga-se-o num pilão. A papa sanguinea, que disso resulta, salvará o ferido, que a deve engulir sem repugnancias.

Ainda hoje no sertão do Ceará existe quem reconheça virtudes medicinaes na urina da vacca e no escremento do cachorro: aquella corrige os viciados que comem terra, este é infallivel na cura do sarampo.

Conheci no corpo typographico do jornal "Correio do Ceará" um rapaz maranhense que soffria de sezões: elle evitava passar pelas redondezas do Mercado Publico, porque não podia olhar a carne fresca sem que os arrepios e accessos lhe sobreviessem.

O escriptor sulista sr. Leoncio de Oliveira descreve no livro "Vida Roceira" o hilariante espectaculo de uma parturiente, de breves ao pescoço, chapéo de homem á cabeça, o ventre crescido como um bombo, sentada e com as bochechas infladas, a soprar desesperadamente numa garrafa, para que o parto se abrevie...

O meio de se evitar o demasiado crescimento dos cães é pesal-os, ainda novinhos, com sal. E para que o cachorrinho nunca *se esprite*, isto é, para que jamais seja accommettido de hydrophobia o preservativo é dar-se-lhe o nome dum peixe. Ahi tendes a explicação por que tanto rafeiro sertanejo accode pelo nome de *Tubarão*...

Até para recompor os factos ou restabelecer a verdade em intrincados casos criminaes existem abusões: si a ferida do assassinado sangra, é que está clamando justiça e denunciando a presença do criminoso; uma cabaça com uma luz dentro pára precisamente no lugar em que está o afogado, debaixo da agua; botar uma moeda na bocca de alguém que foi morto e collocar de bruços o cadaver faz com que o assassino não se afaste do local do crime.

Euclides da Cunha descreve em "Os Sertões" que o supremo pavor dos jagunços de Antonio Conselheiro era serem mortos a ferro frio, porquanto acreditavam que, assassinados a faca, as suas almas não se salvariam.

Na Idade Media, as mulheres que tinham cabellos no rosto apanhavam de pau e eram consideradas feiticeiras: um folklorista portuguez lembra, a proposito, que ainda hoje de uma mulher desordeira ou perigosa se costuma dizer que tem cabellino na venta...

Antonio Silvino era profundamente supersticioso, quando enchia os sertões com o assombro de seus crimes hediondos. Acreditava em sonhos como ninguem. Visitado, logo após sua prisão, pelos Srs. Epitacio Pessoa, José Bezerra, Pessoa de Queiroz e Carlos D. Fernandes, este ultimo o entrevistou, publicando no "Jornal de Recife" interessantissima reportagem. Nessa pagina impressionista Carlos D. Fernandes narra que Silvino teve o presentimento de que seria preso no mesmo dia em que, de facto, o foi. O "capataz aguerrido das selvas, duende sinistro dos ermos sertanejos" chegára faminto com os seus sequazes ás immediações de Taquaretinha e mandára um dos seus cabras matar um carneiro. Quando estava para ser abatido, o pobre lanigero começou a berrar descompassadamente. Isso impressionou a Silvino que, embora tivesse fome, não tocou em a carne do pobre animal. "Nunca vi um carneiro ber-

rar tanto — disse elle. Aquillo só me parecia um agouro...” O certo é que, horas mais tarde, Silvino caía irremediavelmente nas malhas da policia.

Ignoro si os noivos e noivas que me estão dando a honra de os ter como ouvintes têm noticia desta ponderavel superstição, aliás uma das arroladas pelo circumspecto e venerando Barão de Studart: — quem se levantar primeiro da cama na manhã seguinte á do casamento é quem primeiro morre. Desconfio, porém, que todas as moças casadoiras aqui presentes já sabem a idade dos noivos que as esperam... E' tão facil: — a moça que, na noite de S. João e no escuro, tirar numa pimenteira uma pimenta verde casará com um homem moço; mas, si a pimenta for encarnada, o noivo será um velho. E acredito que nenhuma das minhas gentis ouvintes desconhece a quadrinha que recommenda:.

Menina, amarra os cabellos,
Bota um lenço no pescoço
Pra livrar dalgum quebranto,
Mau olhado dalgum moço...

Mulher que queira sobreviver ao marido não case com homem cujo cabello faça um biquinho sobre a testa: isto é o estigma irrecusavel, o indicio fatal de que o maganão terá de ser viuvo. Graças a Deus, porém, as mesmas precauções podem tomar os marmanjos cujo ciume se prolongue *post mortem*: — há muita moça bonita que, com o tal biquinho de cabellos, não pode negar que é candidata á viuvez.

Permitto-me a liberdade de lembrar: noivas, pedi a Deus que não chova no dia em que vos casardes: si isso acontecer, resmungarão que comestes em panella...

Deploro que Afranio Peixoto não tenha explicado no seu “Bugrinha” de que era feita a comida *sericaia*, com que a velha Ermelinda tinha o condão de fazer genros. Lamento não poder habilitar futuras sogras, fornecendo ás matronas que me ouvem a infallivel formula culinaria, a receita *tiro e queda* da velha casamenteira do romance de Afranio.

Louvada seja a superstição que faz estarrecer a maldade humana, mormente a crueldade infantil, ante a visão graciosa do passaro “lavadeira” e do insecto “esperança”! De fundo moral são também aquellas segundo as quaes quem mata gato tem sete annos de atrazo e matar sapo faz chover em demasia. Seguramente para poupar os pobres batrachios á judiaria dos meninos, é que se adverte a estes de que os sapos, quando atacados, urinam nos olhos de quem os molesta e produzem a cegueira.

Desculpa amarella mas, em todo caso, credence sympathica é que descobre presagios felizes na quebra de uma taça ou no derrame de vinho ou agua sobre a mesa em que se faz uma refeição: sympathica por que deve ser um consolo para a decepção do desastrado, alvo de olhares ironicos que valem censuras. A proposito desta e de outras de igual jaez foi que escreveu Pontes de Miranda na sua “Sabedoria dos Instinctos”: — “A superstição é producto de certo orgulho inconsciente dos homens. E’ sempre do interesse delles collocar tão longe quanto possivel a culpa dos proprios actos.”

O namorado é supersticioso: amante de amuletos, bebe também o sobejo da creatura amada afim de se lhe apoderar dos segredos do coração.

Quem dá e torna a tomar vira a cacunda p’r’o mar — esta, sim, é uma superstição que tem fundo moral, por phrenar o egoismo dos que se arrependem de um acto generoso. Outra de fundo moral, por concorrer para a observancia do preceito de guarda dum grande dia da Igreja: quem faz viagem em Sexta-Feira Santa vira judeu errante p’r’o resto da vida.

Conheço aqui mesmo, na nossa Fortaleza, respeitabilissima senhora que, durante os mezes de inverno, corre, de vez em quando, entre supplicas a Santa Barbara, a cobrir com os seus vestidos de seda os espelhos da casa, na convicção de que isso afasta a possibilidade da queda de raios no seu lar.

Entrae na maioria das casas de commercio retalhista, mormente nos suburbios, e vereis uma moeda de cobre pregada nos balcões, attraindo a fortuna aos commerciantes. O mesmo observareis até nas caixinhas dos impertinentes engraxa-

tes que perambulam pela Praça do Ferreira, flagellando a paciência dos frequentadores dos cafés e bars.

Em Ilhéos, na Bahia, os carroceiros collocam um chifre nos varaus dos vehiculos, para que lhes não sobrevenham accidentes no trabalho. Aliás, o chifre tem o condão de attrair a prosperidade. Nas roças protege as plantações e nos lares e casas de commercio afasta a jettatura... Pereira da Costa, o mestre do "Folklore Pernambucano" vê nesta supersticiosa usança "reflexos do culto votado ao boi pela sua deificação entre certos povos da antiguidade". O referido folklorista regista tambem a superstição segundo a qual não há magarefe que enriqueça, isso porque *o boi protestou tirar a camisa a quem lhe tirasse o couro*, e acrescenta que em tempos idos a propria Igreja desprezava o magarefe ou carniceiro: o Sacramento não lhe entrava em casa! marchante que quizesse morrer em paz com Deus, recebendo o Viatico, tinha de se passar para a casa de um vizinho...

Lembro-me agora que certa senhorinha do nosso mais distinguido meio social me ensinou que gallo cantando, á bocca da noite, é signal de que estão furtando moça... E recordo-me tambem que o genitor de um dos nossos literatos mais em evidencia na Capital Federal já me procurou transmittir a certeza, que lhe infundiram no sertão, de que cachorro levantar a perna (para certa *inconveniencia*...) numa porta de casa, traz felicidade muita aos moradores da mesma casa...

Pessoas pouco venturosas apregôam, por despeito, que para a gente ser excepcionalmente feliz neste mundo tem de, primeiro, chorar na barriga da mãe...

Como si a nós, brasileiros, não nos bastassem os typos fe-rozes de nossa fauna, a imaginação popular phantasia seres á semilhança da mula sem cabeça, do boitatá, do lobis-homem, dos caipiras e das caiçaras, dos sacis, dos capetas, dos caipor-ras, das yáras e dos zariguês. Ruy Barbosa, num de seus formidaveis discursos politicos, fala no "minhocão", monstro imaginario, irmão de sucurys e jacarés gigantescos, em torno de cujas proezas a credence rustica tece as fabulas mais des-compassadas e que a superstição dos sertanejos de Goyaz e Matto Grosso, do S. Francisco e do Amazonas não ousa arros-

tar". Manda, entretanto, a verdade que eu diga existir, por nossos sertões a dentro, muito desempenado caboclo patricio que só crê em Deus e no que vê e lealmente confessa que nunca viu rastro de alma nem couro de lobishomem...

Quando andei pelo interior do Estado de S. Paulo, tive noticia de um destabocado caipira campineiro que dizia, á noite, ao se deitar:

Estira-te, corpo,
Espicha-te, rabo,
Levanta-te amanhã
Com todos os diabos!
Amém!

Tenho lido que não há aviador que não seja supersticioso. O certo é que os valentes rapazes que fizeram a travessia aérea Nova York-Rio de Janeiro não desprezaram as mascottes: desde a tartaruga até a baratinha que morreu ensopada de gazolina, numa das cabriolas e piruetas do "Sampaio Corrêa n.º 2". E os pobres martyres allemães do "Junkers 218?" Na *nacelle* do hydro-avião sinistrado no Aracaty foi encontrado murcho um trêvo de quatro folhas...

O poeta Hermes Fontes, atarefado, horas e horas, na superstição de ver no *H* e no *F* das iniciaes de seu nome "um symbolo de heroe e um de villão", exclama desassombrado:

Para subir á forca do meu *F*
Tenho uma escada ao lado: o meu *H*...

As manias dos genios, levadas á conta de excentricidades, seriam reles superstições, si praticadas por quem não tivesse a aureola da celebridade. São tão abundantes os casos que o sr. Mucio da Paixão, da Academia Fluminense de Letras, publicou um livro todo consagrado aos mesmos: "Typos, curiosidades e exquisitices de homens celebres". Attentae nestas manias de fundo supersticioso: — "*Mozart* penteava os cabellos de maneira que os arrepanhava na parte posterior da cabeça, atando-os com uma fita de cor. Si, accaso, alguma vez essa fita

caía, o excelso artista ficava apprehensivo, empolgava-o a obcessão dos augúrios e elle tomava o facto como o prenuncio de um desgosto. *Herédia* não podia escrever sem pregar sobre a testa, com a saliva, uma rodela de papel. Não tendo esse papelinho grudado á fonte, dizia que as idéas não lhe accudiam á mente, onde, aliás, fervilhavam excellentes pensamentos. *João Caetano*, o principe dos actores brasileiros, nunca entrou em scena sem se persignar e queixava-se de sempre lhe occorrer qualquer dissabor, quando não tomava essa precaução. Afinal, o maestro *Mascagni*, quando sai de casa, como quando entra, tem muito cuidado em pôr sempre o pé direito em primeiro logar e si, por distracção, lhe succede pôr á frente o pé esquerdo, volta sobre seus passos, para emendar... o pé."

Decididamente, não há Srs., quem se não deixe influenciar por isso a que Marcel Prevost chama de *pequeninas miserias nervosas* e que para Coelho Netto são *sobrevivencias barbaras*, que hão de sempre subsistir porque são o resultado de aturadas observações e experiencias seculares.

Qual de vós, Srs. meus, não experimentou ainda certo mal estar, por se haver esquecido de tirar o chapéo, ao transitar pela porta de um templo? Qual de vós, minhas senhoras, não se sentiu ainda constrangida ao passar por um mendigo, sem dar ao necessitado o óbulo de uma esmola? São pequenos factos da vida quotidiana, que nos deixam o coração presago e aturdido...

A superstição vive nos animos broncos, mas tambem encontra domicilio nos espiritos illuminados pela cultura. Não é extranhavel que os indios mordam as pedras em que tropeçam e as flechas que os ferem: — Machado de Assis descreveu em formosos periodos o repellão de nervos que, uma occasião soffreu, ao ver pousada sobre um retrato de seu pae uma borboleta negra. Matou-a e confessou a sua superstição: tel-a-ia poupado, si a misera tivesse nascido azul... E Gonçalves Crespo? Gonçalves Crespo dizia francamente: — "Para eu ser supersticioso basta-me ter nascido no Brasil!" Aliás, Gonçalves Crespo não tinha do que se envergonhar nem precisava explicar que era supersticioso por haver deixado aqui o um-

bigó. E não precisava: primeiro, porque isso de superstições não nos é coisa privativa e original; segundo, porque já o Visconde de Santo Thyrsó, que não nasceu no Brasil mas no Portugal em que viveu Gonçalves Crespo, assim fazia encantadoramente o elogio da superstição: — “Para não falar da antiguidade, era supersticioso Napoleão e era supersticioso Bismarck. E’ livre de toda superstição qualquer jumento, o que prova que a liberdade de espirito não é incompativel com o crescimento das orelhas...”

Gósto do nosso Bastos Tigre, porque com a sua graça de humorista sadio tem a lisura de não negar: — “Sou supersticioso e creio firmemente na alma das coisas. Quem já não foi victima da alma damnada de um botão que se esconde, de uma gaveta que emperra ou de um phosphoro que nos queima os dedos?! Depois... *crer* é o verbo da duvida: quando a gente não quer dizer nem que sim nem que não diz *creio que sim, creio que não...*

.

DO SERTÃO (2.^a serie)

Em Sobral, no Ceará, aos 7 de Setembro de 1922, data consagrada á commemoração do primeiro seculo da independencia nacional. São quatro horas da tarde e grande prestito civico percorre as ruas da cidade, detendo-se, aqui e ali, a ouvir inflammados discursos patrioticos.

A população local tem noticia do que foi a jornada do Ypiranga, sabe o significado da grande conquista commemorada. Mas, a matutada do interior do municipio se incorpora á passeiata, qual si esta fosse uma procissão religiosa. Os matutos não atinam com o que seja a "Festa do CENTENARIO"... E' por isso que um serrano da Meruoca interpella, curioso, o poeta Paulo Aragão:

— *Moço, a procissão está aqui, mas cadê a image, cadê o andô, cadê o SÃO TENARO?*

O Manoel dos Cachorros, typo popular ipuense, era o que se chama nos sertões do Ceará um individuo *falante*, desses que gostam de *falar explicado*. Mas, o mal estava em que o Manoel tinha theorias estapafurdias. Assim, elle dizia que tanto era certo *pães* como *pãos*. E explicava: "Minha gente, *pães* é de farinha de trigo; agora *pãos* é de massa de milho!"

Si transitava, á noitinha, por uma calçada e via uma pessoa, cumprimentava: — "Boa noite!" Si, porém, havia varias pessoas á calçada, elle pluralizava, esdruxulamente: — "Boa NOITEM!"

“Insufficientes!” era o qualificativo com que acreditava escorchar os sovinas da terra.

Um dia, Manoel dos Cachorros me pediu que lhe desse umas roupas, pois as delle já estavam cheias de “sophismas”, isto é, de remendos.

Mal sabendo ler e escrever, mettia-se a redigir cartas. Eis como começou certa missiva condolencial: — “Dô-le meus penhoradissimos pezames”...

Gabava-se de haver estudado Francez e o corriqueiro *Je ne sais pas* era assim que elle dizia: — “*Je ne sê pé...*”

Manoel dos Cachorros era profundamente religioso. As locuções *querendo Deus, si Deus quizer, abaixo de Deus, si Deus não mandar o contrario, com a graça de Deus, si Deus for servido* se entremelhavam na sua conversação com uma frequência de cacoete. Infelizmente, disso se originavam formidolosas ambiguidades. Contaram-me, por exemplo, que certa occasião alguém lhe perguntou si elle conhecia algum remedio bom para rheumatismo. Manoel dos Cachorros ensinou, emphatico:

— *Remedio de rheumatismo é sebo de carneiro, abaixo de Deus, capado!*

Outro velho sertanejo pernostico era o Zé Senhor, de Quixeramobim. Quando foi do apparecimento de meu livro “Can-tadores”, em que eu repetia a gabolice delle: — “*Este tal de Camões usa duas palavras que eu tambem já usei: QUASI e SUAVE*”, alguém o procurou e, para o irritar, disse que eu lhe attribuiria a phrase: — “*Quem inventou trem foi Caçimiro de Abreu.*” Zé Senhor, que era em extremo cavaquista, negou que alguma vez me houvesse dito tal coisa e, agastadissimo, revelou:

— *Eu, toda vida, sube que quem inventou trem foi Dom Pedro Segundo!*

Quando a successão presidencial da Republica empolgava o paiz todo, o opulento commerciante Cel José Gentil teve a lhe apparecer em Fortaleza um dos seus conceituados fregue-

zes do interior do Estado. Conceituado e prestigioso, porque o negociante matuto não fugia á regra de habilidosamente fazer proselytos politicos, enquanto media o covado de chita ou empreitava a safra de algodão de um roçado. Tambem o Cel. Gentil costumava fazer, em ponto grande, o que o seu freguez praticava, em pequena escala. Este arrebanhava votos singulares; aquelle congregava chefes de turmas de eleitores...

Mas, para se ver como a politica no sertão só interessa verdadeiramente a quem della aufere vantagens immediatas e como os sertanejos vivem na mais completa ignorancia das actualidades nacionaes; para se ver como os eleitores não conhecem siquer áquelles a quem elegem, restauro o dialogo travado entre o Cel. José Gentil e o mencionado seu cliente commercial:

— Como vão lá os nossos correligionarios em Riacho do Sangüê? estão firmes e certos de nossa victoria politica?

— *Ora e cumo antonce?! nós lá estamo tudo fixe: votamo é no Nilol*

— Mas, que é isso? O nosso candidato não é o Nilo Peçanha: é o Arthur Bernardes! e vocês vão votar no Nilo?

— *Espere: o nosso não é o Nilo não? é o outro? Ahn! nós samo é do outro! E'! Nós samo é BERNALDO... Nós sempre fumo é BERNALDO... E'! Sim! E'! E' BERNALDO...*

O André, typo popular ipuense, tinha a mania das exagerações. Estas eram de tal forma descompassadas que ninguém lhes dava credito e apenas faziam rir, pelo grotesco da inverossimilhança.

Um dia, no Mercado Publico o André estava de veia e dizia:

— *Minha avó quando queria tomar rapé se sentava num tamborete e ficava de cabeça escangotada pra traz. Ah! vinham dois homens de força, cada qual com uma pá, e passavam meia hora entupindo de rapé os buracos da venta da velha. Tambem uma vez ella deu um espirro na loja do Major Gonçalo Soares,*

chega pareceu um trovão: não ficou nem um vidro inteiro nas prateleiras...

Nessa occasião apparece o commerciante José Maria Sabino a protestar contra a carestia de vida e, sobretudo, contra o excessivo preço do toucinho. O André ouviu-o e, depois, o consolou:

— *Deixe estar, seu Zémario: eu vou fazer uma promessa a S. Sebastião p'r'elle mandar cair uma chuva de bacorinho: já nós temos toicim barato...*

As visitas inopinadas e rapidissimas do engenheiro Arrojado Lisboa ás Obras Federaes contra as Seccas, de que S. S. era e é o Inspector Geral, têm occasionado numerosos casos anecdoticos, de que o conhecido profissional guarda, talvez, lembrança.

Os “doutores do Rio” que vão ao Nordeste são, na sua maioria, rigorosamente escanhoados. Imagine-se a surpresa, a sensação produzida pela barba do Dr. Arrojado, que toda gente suppunha de faces glabras, á moda americana ou ingleza! Isso custou a elle a sextilha epigrammatica que pode ser re-lida no capitulo inicial deste volume... Houve até quem suppuzesse que o Dr. Arrojado era Dom Pedro Segundo: as barbas e o seu prestigio de “homem do facão grande” autorizavam a confusão.

Em Orós, o Dr. Arrojado, cercado dos engenheiros Sargeant, Lamadour, Shelp e demais funcionarios da firma Dwight Robinson, empreiteira da construcção do colossal reservatorio, havia deixado a *Power House* e visitava os trabalhos de perfuração de grande tunnel, quando de um grupo de patri-cios curiosos um velho sertanejo se adianta e o cumprimenta, respeitoso. Bem humorado que estava, o digno auxiliar do Ministro da Viação commette a imprudencia de travar conversa com o sympathico matuto. Ia o dialogo animado, quando o sertanejo indaga:

— *Seu Dr., vossenhoria tem mesmo fé que faz o damna-do deste açude?*

— E porque não, meu amigo? O governo está seriamente empenhado nisso e eu conto concluir os trabalhos, dentro de dois annos.

— *Mas, seu Dr.: e vossenhoria terá corage de fazê fiado um açudão paidégua, do tamanho deste?!...*

Era que havia quasi cinco mezes o Governo não remetia dinheiro para o pagamento de milhares de contos de réis e os trabalhadores já se sentiam revoltados com a exigencia do agio excessivo dos commerciantes prejudicados e dos esper-tos compradores de “vales”...

Quando as companhias de acrobatas — os circos — andam pelo sertão do Ceará, lançam mão de um expediente garantidor do successo de bilheteria dos espectaculos que tenham de realizar. Uma das guapas raparigas do elenco representa o *Partido Azul* e outra o *Partido Encarnado*. A população da localidade se divide em duas facções, qual a mais sinceramente empenhada em assegurar a victoria da cor que defende. E as *enchentes* se succedem, que é o que estimam os acrobatas itinerantes. Frequentemente, porém, os animos se exacerbam e da paixão platonica pelo *Encarnado* e pelo *Azul* resultam sari-lhos grossos.

Há alguns annos, visitava Quixadá uma companhia dessas. O circo, sempre literalmente repleto, viveu horas fogosas e tumultuarias, durante muitas noites. Nos “beneficios”, os discursos eram frementes. Após uma dessas allocuções, proferida pelo professor A. Carvalho, o E. Carmo, rapaz morigerado e excellente filho e irmão, sustentaculo de sua familia mas adepto extremado do *Partido Azul*, não se conteve e, quasi allucinado, saltou da archibancada no picadeiro, bradando:

— “Eu até hoje trabalhei pra sustentar pae e mãe, mas de hoje em diante só trabalho é p'r'o *Partido Azul!*...”

O velho Adriano, morador do Cel. J. de Hollanda no sitio “Curicáca”, ouvira, extatico, o prof. A. Carvalho dizer, entre outras coisas que “azul é o céu, azul é o manto de Nossa Senhora, azul é a bandeira da Paz, ao passo que encarnado é o

fogo do inferno, encarnado é o sangue dos innocentes, encarnada é a bandeira da Guerra", etc., etc...

A esse tempo, tinha cumprimento pela vez primeira a lei do sorteio militar. Muitos matutos escondiam os filhos nas furnas do *Magé* e nos grotiões da Serra do Estevam. Um delles foi o velho Adriano. Como o Cel. J. de Hollanda lhe exprobasse tal proceder e tentasse dar-lhe uma lição de civismo, argumentando que seu filho Elyseu Hollanda já estava prompto para o serviço militar, o velho Adriano pediu:

— *Seu Majó, por caridade não faça isso não, seu Majó! Não deixe o Dédé vestir farda não, seu Majó! Seu Majó, eu sei o que é soldado: eu já estive no Iguatú, seu Majó!*

O Cel. J. de Hollanda riu-se do argumento e cavaqueou:

— Mas, compadre Adriano, isso é uma falta de patriotismo! Você não é brasileiro?

— *Sou não, seu Majó! Eu sou é do Partido Azul, que é o da Paz.*

Em Fortaleza encontram-se entre os gazeteiros muitos garotos intelligentissimos.

Em 1909, registaram-se dois acontecimentos que produziram sensação ali: um foi o passamento do Conselheiro Affonso Penna, Presidente da Republica; o outro a exoneração do Major Sampaio, que, havia dezenas de annos vinha sendo o Delegado de Policia da capital cearense.

Transitando certa manhã pela "Praça dos Voluntarios", vi um moleque trepado numa mongubeira. Elle cantava para o gaudio e sob as risotas de alguns companheiros, que em baixo o escutavam. Nunca mais esqueci a quadra:

Affonso Penna morreu,
Sampaio foi demittido...
Valha-me Nossa Senhora:
Este mundo está perdido!

De outra feita, em Julho de 1916, adaptados á musica do

“Meu boi morreu” ouvi estes versos allusivos á actualidade politica estadual:

O meu boi morreu...
Que será de mim?
Entrou João Thomé,
Saiu Benjamin!

No Ceará um negro bem vestido é sempre objecto, sinão da mofa, pelo menos da curiosidade publica.

As obras contra as seccas e as do porto de Fortaleza carearam para o Ceará muitos inglezes e norte-americanos e esses estrangeiros se fizeram acompanhar de incontaveis negros barbadianos que vestiam com razoavel decencia.

Por esse tempo, appareceu em Fortaleza um medico bahiano, de cor preta. Logo ao dia da chegada, elle tomava um sorvete na “Rotisserie Sportmen”, quando um garoto lhe offereceu um bilhete de loteria:

— *Doutor, compre a sorte!*

— Como é que você sabe que eu sou Doutor?

O garoto olhou para os lados, pensando na possivel necessidade de uma retirada urgente, e explicou-se:

— *Porque negro bem vestido aqui no Ceará ou é doutor da Bahia ou é criado de inguilez...*

Viajadissimo americanista brasileiro quiz pôr em pratica no Ceará o costume de dirigir galanteios ás morenas bonitas que encontrava. Adverti-o do perigo ou inconveniencia disso, quando viajavamos na Estrada de Ferro de Baturité. A cabocla cearense é muito desconfiada e pudica e os sertanejos não transigem, em se tratando de melindres do pudor. Elle, porém, com a sua barbicha de satyro, fez ouvidos de mercador á minha sensata e leal admoestação. Não havia parada do horario em que elle não puzesse a cabeça fora do postigo, a olhar e cumprimentar, risonho e lubrico, as moçoilas que assistiam á passagem do trem.

Em Cannafistula, uma velha gordalhuda vendia café e brôas em uma banca ao lado da estação e estava ladeada por tres filhas bonitotas. Ao principio, preocupada em attender aos passageiros que se queriam servir, não viu o vexame que as filhas soffriam sob o olhar concupiscente de meu compa-nheiro. Mas, dando pela coisa já quando o comboio se punha novamente em marcha, exclamou, chamando a attenção de todos, num castigo ao fauno viajante:

— *Virge Maria! Credo! Eu te desconjuro! Óia, minha gente: ô barba de bode iscandeloso!*...

E, vingada, disparou, mãos nos quadrís, numa gargalhada desconcertante.

Antigamente, para um rapaz sertanejo fazer a barba pela primeira vez, tinha de pedir licença ao pae. Ainda hoje em logarejos do alto sertão nordestino perdura este costume.

O Padre Vicente Bezerra, Vigario da freguezia cearense de Aurora, andava em desobriga pelas capellas de sua parochia, quando um rapagão matuto lhe perguntou:

— *Seu Vigáro, a gente fazê a barba á primeira vez, sem licença do pae da gente, é peccado venial ou mortal?*

Em transito para Iguatú, pernoito no “Hotel Clementino”, á praça da estação ferroviaria de Senador Pompeu. O proprietario do Hotel tem a obsequiosa lembrança de mandar preparar um *jantar especial* para mim, mas me pede para “deixar passar a onda” e aguardar a segunda mesa.

Mais tarde, chamam-me para a refeição e verifico que o hoteleiro se esforçara, de facto, em me ser agradável: um prato de macarrão e outro de ervilhas me livrariam das diversas carnes e do arroz e farofia que eu vira tinha sido o repasto dos meus companheiros de trem.

O major Raimundo Affonso, que durante a viagem me entretivera com a sua pittoresca conversação, me viu á mesa e

veiu fazer-me companhia, durante o jantar. Notando minha preferencia pelo macarrão e ervilhas, sentenceou:

— *Dr., o sr. fique sciente que o que dá valor ao home é carne, feijão e farinha...*

Sorri discretamente e indaguei si elle não gostava de macarrão:

— *Como lá isso! De comida estrangeira eu só como mesmo é doce de leite.*

Há matutos que revelam absoluta indifferença pelos beneficios do Progresso. Muitos não se utilizam das conquistas da Civilização, por não comprehendel-as e attribuir-lhes feitiçaria. O sr. Nestor Diogenes, no livro “Brasil Virgem”, fala num seu conterraneo dos sertões pernambucanos que levou vinte e cinco annos *sem ver casa caída*, isto é, sem ir á villa, em cujas proximidades morava.

Logo que appareceu o telegrapho, houve quem aos serviços do mesmo não recorresse, por não admittir que a gente se pudesse entender de longe com outrem, sem o fazer mediante uma carta ou um *positivo*. Por outro lado, um bicho que *come fogo e sôa gordura, como o vapor de terra, só pode ser é arte do capeta...*

Devido a estas e outras é que pracionos irritados começaram a dizer que *matuto só tem de gente o rasto* e que *matuto é o bicho mais parecido com gente que Deus deixou neste mundo*.

Conta-se de um velho cearense, ainda vivo e há tempos nome em relativa evidência na politica do Cariry, que indo o mesmo á Fortaleza, pela primeira vez, foi hospede do Presidente Nogueira Accioly.

No sertão é costume servir-se um prato de caldo, depois do repasto e antes da sobremesa. Assim, quando á mesa de Palacio o Dr. Accioly e demais convivas se serviam de sopa, foi notado que o velho correligionario não fazia o mesmo. Convidado este a tomar a sopa, respondeu pondo o prato para um lado:

— *Não, Dr: eu guardo p'r'o fim da janta! meu caldinho eu deixo elle pra depois...*

De chocolate o velho cariryense não gostou e achou que aquillo era caldo de feijão com casca de pau...

Quando lhe indagaram si preferia chá ao café, retrucou promptamente que queria café porque, com a graça de Deus, não estava doente pra andar bebendo chá...

Certa manhã, mui cedinho, o Presidente passeiava, ainda em pyjama, pelo Parque de Palacio e o velho matuto o interpellou:

— *Dr., o sr. amanheceu doente?*

— Não. Porque?

— *Quem anda com chinella e de meia é porque tomou purga...*

Conta-se desse matuto que á primeira vez em que viu pão de farinha de trigo, pocurou descascar, *coidando que fosse fruta...*

Em Lavras.

Com a fartura do dinheiro, proveniente da alta do preço do algodão, a cidade, aos domingos, está cheia de matutos alegres, vindos do interior do municipio. O Vigario aproveita a oportunidade e promove a remodelação da Matriz: é facil a aquisição de óbulos fartos. Realizam-se kermesses e leilões de prendas. Prepara-se artistica *Lapinha*. A *Arvore de Natal* ostentar-se-á arreada de enfeites multicores e de pequenos objectos que serão adquiridos mediante sorteio. Mas para se poder apreciar, noite de festa, a *Arvore de Natal*, os ingressos custarão 1\$000. Sáem, por isso, senhorinhas á rua, pleiteando a prévia collocação de uns quinhentos bilhetes de entrada.

Um velho agricultor, abordado pelo bando palrador das moças graciosas, titubeia, indeciso. Ellas insistem e fazem o reclamo da *Lapinha*. Dizem que esta só terá graça, Noite de Festa mesmo, antes da Missa do Gallo. A casa estará muito illuminada e o espectaculo será muito bonito.

Ouvindo falar em "espectaculo", o velho matuto pergunta, ansioso:

— *Dona, e tem paláço?*

Na villa de Ipueiras, num dia de tremendo calor eu me refrigerava com uma garrafa de agua "Salutaris", após uma sessão de jury quando me appareceu um jurado residente na povoação de Varzea Formosa. Entabolámos conversação e, depois de alguns instantes de palestra, offereci-lhe um copo da agua de que me estava servindo. Elle acceitou o offerecimento, "só para experimentar o diabo daquella versidade de agua que custava 1\$500 em meia garrafa, quando na villa os potes de agua se vendiam a dois por um tostão"... Bebeu um pouco, mas logo cuspiu, fazendo uma careta, afastando o copo e dizendo:

— *Vôte! bebo lá isso: tem gosto de mijo de vacca.*

Surprehendido pela comparação, indaguei si elle conhecia o gosto da urina de vacca e recebi a explicação:

— *Quando eu era menino, era um menino empambado, porque dei pra comer vicio. Um dia, de manhãzinha, meu pae pegou um rêio, me alevantou da rede, foi commigo ao curral, aparou o mijo duma vacca e me obrigou a beber. Foi remedio santo! nunca mais eu comi vicio...*

E balançando a cabeça, ficou a dizer, numa evocação ao episodio da meninice:

— *Me alembro como si fôsse hoje: o diabo da vacca era uma vacca véa azul e cabana, e ah café espiritado de mórno e salgado só foi aquelle que eu ou bebia em jejum ou me mettia em rêio!...*

O Major Zuza Fabricio, chefe politico desde os tempos da Monarchia, dispoz sempre de solido prestigio no municipio de S. Pedro do Cariry. Accioly, Franco Rabello e Benjamin Barroso, por exemplo, dominaram o Estado, contando com a indefectivel solidariedade deesse "correligionario intransigente". O Major Zuza Fabricio está muito convencido de que nunca *virou casaca*: quem *vira* é o Governo e a culpa não é delle, Zuza...

Dono de uma fortuna que no sertão o habilita ao conceito de "arranjado", o Major Zuza nunca tivera a curiosidade de

conhecer Fortaleza. Mas, em Outubro de 1923, o velho cariense se decidiu a visitar “o Ceará”. Induziu-o a isso o explicavel e patriótico desejo de travar relações com o Presidente Ildefonso Albano, que escreveu o “Mané Xique-Xique”, livro de defesa ás calumniadas populações nordestinas e que lavára o peito e enchêra as medidas ao sertanejo patricio.

O Major Zuza ficou um tanto atrapalhado na tarde em que deu entrada em Fortaleza. Indo hospedar-se na residencia do capitalista J. F. Alves Teixeira, na Estrada de Mecejana, teve de tomar os bondes de duas linhas, em hora de intenso movimento urbano, e logo decidiu que “o Ceará é maior que o Crato”.

A’ noite, após o jantar, quiz ir a um cinema e o Cel. Teixeira não se recusou a lhe fazer companhia. Finda a sessão do “Majestic”, enquanto o Cel. Teixeira aguardava o bonde da “Estação”, na Travessa Municipal, junto á *Confeitaria Art Nouveau*, o Major Zuza começou a observar as artisticas *vitri-nes* da loja de modas “Mario Campos”. E parecia absorto na contemplação do lindo mostruario... Intrigado com aquella casa fechada, mas fartamente illuminada e sem caixeiro, perguntou:

— *Compadre, esse negócio vai assim até de manhã ou é só á bocca da noite?*

O Cel. Teixeira explicou: quando o movimento nas ruas diminuísse, viria um empregado da casa e, sem penetrar no estabelecimento, apagaria a luz e cerraria a cortina de ferro da *vitrine*. E o Major Zuza, num desafio:

— *Abóm! eu logo vi: eu logo vi que uma MERCEARIA como esta não haverá de passar a noite em claro...*

Na estação de Sussuarana, da ferrovia de “Baturité”.

Devido ao pessimo estado em que a “linha” se encontra, o trem que *sobe* chega atrazadissimo, quasi ao lusco-fusco. Informado de que o horario demoraria uns vinte minutos, para urgente reparo “nuns bronzes que vão queimando”, abandono

o carro e vou espairecer minha fadiga junto a um grupo de comboieiros que se aprestam para partir. Um delles me adverte:

— *Cidadão, coidado com essa burra nova cardã que inda está sem carga! Isso tanto mette de cabeça como é escommun-gada de coiceira: isso dá coice até no vento...*

Tomo as precauções devidas e fico a ouvir a conversa dos comboieiros:

— *Vambóra, vambóra! Tá de noite... E' dictado da co-tia: "o sol se poz, acabou-se o dia", mas é dictado da raposa: "o sol se poz, inda se faz muita cousa"...*

— *Prompto! Daqui p'r'a estrella "papaceia" se accendê direito, nós já vamo navegando perto da fazenda "Agua Dormi-da"... Isso é porque Deus quer e o diabo não se importa!*

E entre dieterios e graçolas, os comboieiros ultimaram os preparativos da partida, sempre joviaes.

Quando elles se afastavam, entrei numa bodega do povoa-do á procura de phosphoros. Mas não o fiz sem, primeiro, to-mar nota desta inscripção que em letras berrantes se via em frente da taberna humilde:

ESPERO EM DEUS CER FELIZ

MARIA CILIVANNA

Aquella phrase de um matuto estroina: — *O homem que junta dinheiro não tem fé em Deus* é o indice da imprevidencia do sertanejo cearense.

Um caso que revela o concorrente fatalismo de nosso povo. Na feira de Quixadá, quando os peixes do açude do Cedro estavam expostos á venda no Mercado Publico, perguntei a um pescador si era com anzol que elle apanhava tanta curimatã, trahira e piaú.

— *Anzol que nada! De anzol a gente só pega peixe quan-do Deus quer... Agora, de tarrafa, ói lá: é nem que Deus não queira...*

Os sertanejos têm comparações que primam pelo flagrante da propriedade. Não se pode obscurecer a justeza desta série de perversos motejos de um matuto, ao ver passar um desaffecto humilhado:

— *Vocês reparem só como aquillo vai desconfiado: parece cachorro em meio de carga... Também elle tem soffrido que só sovaco de aleijado em muleta... Anda caipora que é ver capim que, quando não chove não nasce e, quando chove e nasce, o boi come... Padecer assim só pé de cego em porta de Igreja, tempo de Santa Missão...*

Informou-me o Conego José Quinderé haver conhecido um sertanejo que, apesar de admoestado, não se corrigia dos erros de que pontilhava a conversa. Esse matuto sabia que o certo era *ipecacuanha* e *mastruço*, mas para elle o que tinha virtudes medicinaes era *papaconha* e *mentruz*. E só assim era que dizia, afim de a *meizinha* não perder a *vertude*...

Quando o Presidente Justiniano de Serpa reuniu em Fortaleza o Primeiro Congresso de Prefeitos e Chefes Politicos, commetti a bisbilhotice jornalistica de pôr no olho da rua scenas impagaveis, desenroladas no correr das sessões. Aqui vai uma:

“O Cel. Syndulpho Chaves produziu, então, um discurso que foi aparteadissimo: S. S. queria protestar contra a situação do municipio que representava — Porangaba. Quando ia em meio de suas originaes considerações, o Sr. Syndulpho exclamou que até hoje — perdoassem-lhe a franqueza! — politico no Ceará não sabia o que diabo era liberdade!... A phrase provocou uma tempestade de protestos, não apoiados e apartes em que se salientaram os deputados Antonio Botelho e Odorico de Moraes.

— Não interrompam o orador! pediu o Presidente Serpa.

— *Orador, não! Eu nunca fui orador... Eu sou é congressista!* corrigiu, agitado, o Cel. Syndulpho, suppondo que o ridicularizavam...”

Em Quixadá, há muitos annos, vivia um negro velho, de nome Severino, que, á semilhança do seu homonymo que fui encontrar em Patos, na Parahyba, frequentemente se embriagava. Seu ponto favorito era o “quarto” que o bodegueiro Manoel Lourenço tinha no Mercado, “quarto” em cuja fachada se lia o letreiro vistoso: NÓS NÃO SOMOS NADA...

Severino não era cantador, mas vivia a repetir com irritante insistencia estas duas sextilhas que dizia constituirem a sua unica producção poetica:

Há quatro coisa no mundo
Que afragella um christão:
E' uma muié ciumenta,
E' um menino chorão,
E' uma casa que gotteja
E é um burro topão.

O menino se acalenta,
A casa a gente retêia,
O burro se apara os casco,
Tudo isso se arremideia:
Mas o diabo da muié
Só se indo com ella á peia!

Muito tempo depois de por mim annotadas estas estrophes, verifiquei que Pereira da Costa insere uma variante das mesmas no seu “Folklore Pernambucano”. Tambem Rodrigues de Carvalho, no “Cancioneiro do Norte” menciona estrophes quasi iguaes. E outra variante se me deparou em Aracajú, num trabalho do folklorista Gervasio Barreto, publicado na revista “Vida Sergipana”.

Em Cratheús, no Ceará, existia um negro cachaceiro que era visto embriagado, todo santo dia... Horriavelmente feio, tinha uns olhos empapuçados, do que lhe resultou o appellido de "sobrancelha de caboré". Dizia elle que *hoje em dia, só hai duas nação que não bebe: é sino e ovo. Assim mesmo, sino é porque tem a bocca pra baixo e ovo é porque já tá cheio...*

Uma vez, o Cel. Auton Aragão perguntou á mulher do infeliz alcoolatra si o mesmo já não sentia os effeitos do vicio. E ella, querendo alludir ao *delirium tremens*, respondeu:

— Já, seu Majó, já! Ora, eu não lhe conto, mas sempre lhe digo. Ói lá: elle amanhece c'uma tremedêra tão damnisca que fica que é ver fôia de catolé babão. Só amióra, quando bebe um golpe bom da condemnada da cachaça... E a esposa martyr continuou numa ironia resignada:

— Agora, seu Majó, eu tenho pra mim que aquelle criatura, pra amiorá, nem carecia bebê cachaça, de menhã... Elle já vêve avinhado: — bastava enxaguá a bocca...

Uma das purgas mais energicas de que os sertanejos cearenses lançam mão é a *gomma de batata*.

Na cidade de Quixadá, o velho *Apragata*, typo popular, era temido pela sua incontinencia de linguagem, onde quer que se encontrasse.

Na manhã de um 2 de Novembro, o *Apragata* estava no patamar da Igreja, á espera de que os fieis deixassem o templo, para lhes pedir a costumeira esmola. O Conego Antonio Lucio Ferreira, de conformidade com o que preceitúa a Lithurgia, rezou as tres missas pelos defuntos. Impacientando-se porém com a demora, quando o parocho iniciava a terceira missa, o velho *Apragata* resmungou:

— O padre Lúço diz tres missa em riba uma da outra, mas isso é porque é com vinho! Eu queria ver elle fazer isso era si fosse com *gomma de batata*...

O velho commerciante Major Pedro Baptista viajou “por terra”, de Paracurú a Fortaleza, vencendo penosamente a invernoia, afim de comprar sortimento para sua casa de negocio. Não procurou hotel. Arranchou-se no Alagadiço, na chacara de seu compadre e amigo Cel. Antonio Verissimo.

A’ noite seguinte, na confortavel chacara “Nous Autres”, do Cel. João Albano, vizinho do Cel. Verissimo, encenava-se a “Ceia dos Cardeaes”, de Julio Dantas, por iniciativa de distinguidos elementos do escol fortalezense. Não podendo fazer-lhe companhia, por se achar enfermo, o Cel. Verissimo obteve um convite para o seu hospede e aconselhou-o a ir assistir áquella encantadora festa familiar.

Quando o Major Baptista se dispunha a sair, o Cel. Verissimo lembrou que a noite estava enluarada e propoz que elle deixasse em casa o velho guarda-chuva e fosse á festa, fazendo figura com uma rica bengala de castão de ouro. Mas, o offerecimento foi recusado:

— *Quero não, compadre, brigado!* E alisando o cabo pegajoso de seu serviçal e inseparavel companheiro:

— *Isto é tempo de inverno e eu em tres coisas não me fio: é em tempo de chuva, doido sem juizo e bunda de menino novo...*

Chegando á “Nous Autres”, o Major Baptista encontrou a representação já iniciada e, como tivesse de tomar assento na ultima fila de cadeiras, não conseguia ouvir o que diziam os Cardeaes Gonzaga, Rufo e Montmorency, que outros não eram senão o romancista Papi Junior e os commerciantes Antonio Fiuza e Joaquim Antonio Albano. O improvisado theatrinho regorgitava.

Foi de instantes a permanencia do Major Baptista na platéa. Pouco depois, entrava elle, desapontado, em casa do Cel. Verissimo. Este, vendo-o voltar tão cedo, perguntou si elle, acaso, não conseguira entrar na “Nous Autres”.

— *Compadre, entrar eu entrei; agora, gostar não gostei não! O que eu vi lá foi tres Bispo falando baixinho, sem ninguém saber que diabo é que elles conversavam e cada qual comendo e bebendo do bom e do melhor, e um povão besta*

calado e espiando... Faço lá um papel destes! Vim me embora, vim dormir meu somno...

O advogado cearense dr. Gomes de Mattos, hospede de um matuto glotão, disse-lhe, um dia, à mesa:

— Você come bem, Coronel...

— *Como bem e como bom!* emendou o dono da casa, significando, assim, que não somente era “bom garfo” como também tinha bom gosto culinario.

A ingenua linguagem sertaneja é destituída da preocupação de evitar phrases em que a malícia possa colher ambiguidades.

Um exemplo. (O facto é authenticico, mas julgo dever calar o nome de sua protagonista). Certo Bispo de uma diocese nordestina devia chegar em desobriga a uma cidade e isso punha em polvorosa os alfaiates e as modistas do lugar, pois que as *Visitas Pastorais* importam festas, não só de character religioso. Velha matuta previdente, vendo avizinhar-se a chegada do dignitario da Igreja, exigiu que uma costureira apressasse a entrega da encomenda de uns vestidos para a filha. E fê-lo alludindo á dupla circumstancia de a chegada do Bispo estar imminente e a moça não dispor de muitas condignas mudas de roupa:

— *Avie, comadre, avie com issol! A Fransquinha está nua e o Senhor Bispo está em cima...*

Mas, mesmo sem essa preocupação de evitar phrases em que a malícia possa colher ambiguidades, os matutos não pronunciavam certos vocabulos, sem que previamente se excuse com uma das formulas “falando com pouco ensino”, “com li-

cença da palavra". Não raro recorrem a euphemismos, fugindo á enunciação de termos de, aliás, não degradada semantica: — "porco", por exemplo, é "cabeça-baixa"... Evitam dizer que um parente ou pessoa amiga "morreu de tysica": declaram que "morreu da delicada"... de quem "está tuberculoso" noticiam que "está affectado"... Qualquer especie de mal venereo é molestia inconfessavel: diz-se "doença do mundo"...

Certo sertanejo, cujo filho apparentava estar soffrendo das faculdades mentaes, levou o enfermo a um medico e pediu que este o receitasse. O facultativo estava a auscultar o rapaz, quando o matuto, não querendo falar em "loucura" ou em "doidice", advertiu:

— *Doutor, a doença deste criatura é da taba dos queixo pra riba...*

Na cidade cearense de Quixeramobim estabeleceu-se um commerciante parahybano que cedo grangeou fama de excessivamente careiro, apesar de viver a protestar que ganhava apenas 20 % nos artigos que vendia. Num dia de feira, um freguez indagou:

— Quanto custa esta abotoadura?

— *Mil e seiscento...*

— *1\$600? E' muito caro!*

— *Não é não. Eu ganho só 20 %.*

— Não é possível. Inda outro dia eu vi dessas abotoaduras no Quixadá a 800 réis.

— *Pois é! 2 vez 8: 16. E' mil e seiscento: eu ganho só 20 %...*

Duas horas de uma tarde de Setembro em Quixadá. Nos mezes da secca, ventos fortissimos agitam a cidade, enchendo-a de pó, num doido bater de portas.

Na vasta Praça da Matriz, sobretudo as transeuntes jovens soffrem o vexame de se verem quasi desnudas pela ventania que lhes saccode as saias curtas.

Velha matuta austera ia com a filha a meio da praça, quando um redomoinho se desencadeou. Segurando as saias e agachando-se, a matrona avisou, prudente:

— *Lá vem o ridimunho! Te põe de cóca, menina, te põe de cóca que lá vem o iscandeloso!!!*

Em Ingazeiras. Na “ponta da linha”, isto é, na derradeira estação ferroviaria da “Baturité”, há uma latada que serve de mercado de fructas e carne verde. Sob o pretexto de me servir do café vendido por gorda e velha negra, acerco-me de um grupo de matutos palradores. Elles palestram sobre seus proprios interesses:

— *Compadre, você é feliz com gado?*

— *Qual! Nem eu, nem minha sogra. Eu, assim mesmo, o anno passado, inda peguei tres bezerros. Mas, minha sogra, coitada, não passou duma vacca parida...*

Attribúe-se calumniosamente desbragada ignorancia ao matuto. Assumptos há, entretanto, em que os sertanejos são, sinão excepcionalmente lidos, pelo menos excepcionalmente entendidos. Um dos taes é a Historia Sagrada. E’ certo que, quando disparam no fanatismo, dão para dizer disparates como este do cantador João Mendes de Oliveira:

Não tenho capacidade,
Mas sei que não digo á tôa:
Padre Cisso é uma pessoa
Da Santissima Trindade!...

Por leituras ou de oitiva, seja como for, os sertanejos, em geral, são versados em coisas biblicas. A “Biblia” e “Carlo Magno” são, talvez, os livros mais disseminados no sertão. Quem os não lê, ouve-lhes attentamente a leitura. Eis porque não dei o menor credito ao que ouvi a um matuto de Redempção:

— Seu Doutô, Vossenhoria gosta de ouvir história de matuto e eu vou lhe contá uma. No tempo das Santa Missão, aqui no Acarape, vinhéro dois cabra bruto se confessá. Na Igreja, de noite, um delles tacou-se p'r'os pés do Padre. O Missionáro proguntou a elle si elle sabia alguma coisa sobre a morte de Jesus Christo e o cavallo arrespondeu que não. Ahi, o Padre mandou que elle se alevantasse e fosse premêro aprender a Dutrina, pra antão se confessá. O animau se alevantou e, corrigendo assim com a vista a Igreja, avistou o companheiro. Chegou-se p'r'o camarada e avisou:

— Home, compadre Reimundo, vambóra que esses Padre não querem confessá a gente não: elles querem mas é pegá a gente pra servir de testemunha numa morte que se deu...

Certo medico teve de applicar num velho sertanejo uma serie de injeccões de mercurio. Dolorosas que são taes injeccões, á terceira ou quarta das mesmas, quando o clinico procurava lancetear a nadega do cliente matuto, notou que este encolhia as trazadeiras, num irreprimivel nervosismo. Observando isso, perguntou-lhe:

— Que historia é esta? Você está com medo?

— .E' medo não, seu Doutô... E' o diabo da bunda que está ficando véaca...

Nos sertões do Ceará não escasseiam as superstições relativas ao prognostico do inverno, preocupação latente dos cearenses. Chamam-se *experiencias* os factos ou motivos em que se baseiam taes prognosticos.

Em São Benedicto, sobre a serra de Ibiapaba, havia um desses *prophetas de chuva*. Elle costumava fazer novenas a Santa Luzia e do que sonhasse nas respectivas nove noites deduzia si o anno proximo seria ou não de secca. O Juiz de Direito Dr. Apollonio de Barros guardou, em 1920, a seguinte prophécia, que, respeitada a redacção, transcrevo em orthographia menos inintelligivel:

"Prognosticação para MDCDXXI

Viva Santa Luzia!

13 de Dezembro de 1920

1.^a *novena*: — sonhei com relampagos no Nascente e trovão no Poente... eu vendo a imagem do Senhor tirada da Cruz e eu promettendo retocar de tinta.

2.^a *novena*: — sonhei que estava fazendo uma ponte num braço de rio, esperando a cheia quando chovesse.

3.^a *novena*: — sonhei lendo o Evangelho, com ordem do Bispo.

4.^a *novena*: — sonhei sonhos variados.

5.^a *novena*: — sonhei que se descobria na terra a osseira dos mortos que há muito tinham morrido.

6.^a *novena*: — tornei a sonhar sonhos variados.

7.^a *novena*: — sonhei vendo um homem voando nas azas dum urubú e outro homem atirou no tal urubú e matou só o urubú e não o homem... e eu vendo a hora que o homem morria também si o urubú caísse, mas Nossa Senhora das Graças suspendeu a morte, dando de novo vida ao urubú, até elle cair no chão e o homem se salvar milagrosamente.

8.^a *novena*: — sonhei com a terra muito molhada e eu assando milho debaixo dumas fructeiras com grande carrêgo.

9.^a *novena*: — sonhei com muito estrume num curral e eu tirando leite com os pés atolados em lama e estrume.

SOMMA: — temos inverno e não é pouco."

Effectivamente, foi excellentê o inverno de 1921...

Em certa localidade do sertão nordestino, o chefe político local é temido pelas explosões de seu genio prepotente. Contaram-me ali que, em certo dia de eleição, um dos seus cabras

de maior confiança, individuo folgazão e destemido, cantarelou alto, pela manhã, em plena feira:

Rapaziada, coidado!

Hoje é dia de inleição...

Eu, por mim, já estou com medo

Dos esturros do patrão.

Esse chefe politico tem uma linguagem interessantissima, graças ás hyperboles com que a enfeita. Consta que, uma occasião, elle intimidou alguem com esta ameaça impraticavel:

— *Dou-lhe vinte facadas, uma em cima da outra, e antes de a primeira botar sangue!*...

Informaram-me tambem que como um desaffecto seu, chefe de vizinho municipio, lhe mandasse o atrevido recado de que brevemente lhe faria uma "visita", elle exclamára, possesso, para o portador do aviso:

— *Quantos mais vierem, mais morrem! Eu daqui não saio! Eu aqui sou como prego em pau ferro: me arrevento dentro e não saio! Você diga a elle que venha, venha! Mas elle vem, um diabo! Boi sabe a cerca que fura e formiga sabe a folha que rói... Elle tem é lambança, mas o mar tambem ronca e eu mijo nelle... Você diga a elle que venha! Nesse dia sangue aqui dá na canella e urubú fica com caganeira! Elle diz que é teso e duro, mas elle é teso é de rheumatismo e pode ser duro mas é pra pagar... Diga a elle que venha! Elle vem, um diabo! O Padroeiro da terra delle é feme, mas o da minha é macho: — mija em pé e não de cóca...*

Correm pelo sertão pernambucano, uns versos que dizem:

Filho de branco é "menino",

Filho de negro é "moleque"...

A proposito, contou-me em Timbáuba o ex-deputado federal Jader de Andrade que, há tempos, naquella cidade um negro

appareceu, todo choroso. Queria inhumar no Cemiterio Publico os despojos de um filhinho menor e pedia, para isso, os devidos esclarecimentos aos empregados do serviço funerario. Quando um destes indagou, pernostico, *de que morrêra o "cadáve", o pae lacrimoso apostrophou:*

"Cadáve" o que, diabo! Tú chama meu filhinho de "cadave" só porque elle era preto e pobre. Si elle fosse filho de branco rico, tú chamava era de "anjo", cabra severgonho!

Os cangaceiros fazem-se, muita vez, ainda mais odiados, pela insolencia dos recados capadoças com que fustigam os brios de seus perseguidores, attraíndo estes a emboscadas factaes. O celebre Sebastião Pereira mandou dizer ao official da policia cearense, Tenente Peregrino Montenegro:

— *Você diga ao Piligrino que no dia em que nós nos encontrarmos, eu tóro-lhe o bigode á faca e faço delle um pincel pra mexê os copo de "meladinha" dos cabras que andam mais eu...*

Quando a "E. de Ferro de Baturité" chegava somente á cidade de Iguatú' o commerciante cratense José Procopio, conhecido por sua extrema avareza, viajou para a capital do Estado e deixou seu pagem, o negro João Ricardo, a esperal-o naquelle ponto terminal da ferrovia. *Esqueceu-se, porém, de deixal-o com dinheiro sufficiente... Passados tres dias, João Ricardo foi ao chefe da estação ferroviaria e pediu-lhe escrevesse e transmittisse fiado o seguinte telegramma que dictou: — "Majó Zé Procópo. Eu quero lhe proguntar uma coisa: si eu sou santo, porque, si eu sou, vamicê traga um oratório pra me incallocá dentro, porque quem deixa dois minrêis p'r'um pobre passá uma sumana só sendo santo"...*

Em explicações com o telegraphista Hugo Victor, João Ricardo revelou:

— *Aquelle meu patrão é tão sovina que nem compra botão p'r'o collarim da camisa: elle aproveita uma bruta berruga que tem no gógó, lá nelle...*

Contou-me em Victoria (Pernambuco) o academico Pedro de Hollanda haver num arrabalde de Recife uma "Associação Literaria", em a qual tinha frequentemente a palavra um preto analphabeto, mas invencivel improvisador de bestialogicos. Quando na tribuna, estimava que o aparteassem. Então, todo se inflammava e era uma graça vel-o e ouvil-o a dizer disparates, convicto do figurão que acreditava estar fazendo. Por isso mesmo, a fama do "orador" cedo se irradiou e uns rapazes estudantes deram para ir assistir ás taes "festas literarias", que, ordinariamente, tinham effectividade nos feriados nacionais.

Os estudantes não penetravam na séde da "Associação" e aparteavam, de fora, com dicterios e para gaudio do "sereno", os discursos do negro verboso. Este só perdia a calma, quando o chamavam "moleque".

Num dia 12 de Outubro, o orador da "Associação" discursava:

— *"Assim cuma Christávo Calumbo descobriu a América no dia de hoje, nós tambem no dia de hoje inauguremo essa "Associação" e quando, argum dia, proguntarem a argum de vós si fumo nós que fundemo ella, vocês todo diga por uma bocca só: — "Fumo, fumo, fumo!"*

Nisso, alguém grita do "sereno":

— Cala a bocca, burro!

E o orador, enthusiasmando-se:

— *Burro não! mas porém artista! e o artista é simianlemente iguá a uma locomotiva que atravessa os horizonte da vida e só se pode avaluá munto avexadamente!*

Mas, o aparteador insiste:

— Cala a bocca, negro!

Responde o discursador, arregaçando o braço e já com a raiva lhe fuzilando nos olhos:

— *Isso de epidêma de cô preta não pode tê nenhuma influencia! Eu quero vê é a boa comportamento do individuo, sendo que as acção de canaia fica da parte do sujeito que assim procede...*

Ouve-se, afinal, numa voz aflauteada:

— *Cala a bocca, moleque!*

E' quando o "orador" perde a calma e, esmurrando a tribuna, della se retira, exclamando, desvairado:

— *Por isso é que essa m... não progrêde!*

Diz-se no sertão de Sergipe que a mulher ideal é a que é, simultaneamente, *pombinha*, *formiguinha* e *gallinha*. *Pombinha* é que se mostra sempre terna e assejada; *formiguinha* é a que, laboriosa, auxilia o marido no sustento do lar; *gallinha* é a que, mãe amorosa, se revela solícita no tratamento dos filhos. Um tabaréu sergipano dizia que a sua mulher era tão *formiguinha*, isto é, gostava tanto de trabalhar que, quando não tinha o que fazer, misturava arroz com feijão, só para ter o trabalho de catar...

Imagine-se, porem, o espanto de quem, ignorando essa bizzarra classificação innocente, se vir interpellado sobre si sua esposa é "gallinha"...

Tive de realizar conferencias nos altos sertões da Parahyba, Ceará, Pernambuco, Bahia e demais Estados nortistas, não só para o custeio das minhas viagens e para conseguir dinheiro com que remunerasse os cantadores, como em beneficio de melhoramentos locais das cidades e villas que ia visitando. Porque eu fazia questão de que fossem os proprios matutos os meus primeiros criticos, versava sempre o meu assumpto fa-

vorito — o sertão. Raros apprehendiam a exacta finalidade patriotica de meu trabalho: não viam que, atravez das estrophes alegres dos poetas populares e dos instantaneos da vida sertaneja, eu colligia subsidios para os estudiosos de nossa demo-psychologia e da Lingua Nacional. Riam apenas ou gargalhavam si, com certa fidelidade, eu lhes passava ante as vistas os flagrantés anecdoticos de seu meio, tão delles conhecido.

A' safda de uma dessas conferencias no sertão parahyba-no, um velho matuto veiu a mim, sorridente, e me disse:

— *Mas, seu Doutô ,bem que se diz que neste mundo tem gente pra tudo e inda sobra! Ora, Vossenhoria — um Doutô! — pra que é que havéra de dar? Pra juntar as besteiras da gente e andar fazendo discurso com ellas...*



MODISMOS E ADAGIARIO

Abanar os queixos — falar provocantemente a alguém, agitando a mão perto do rosto do interlocutor, o qual se deve considerar insultado.

Abém! ou *abóm!* — interj. que exprime aprovação ou denota surpresa. Ex: *Abém! Você já me pagou? Abóm! tome seu recibo.*

A cavallo dado não se abre a bocca — não se analysam dadi-vas com o intuito impertinente de lhes descobrir defeitos.

Achichelar — achatar, acalcanhar, achinelar. Exs.: *Saia de riba deste cesto, sinão Você achicêla elle. Você, com esse seu andar de pápagaio, achichêla tudo quanto é sapato...*

Açulerar-se (acelerar-se) — alvoroçar-se, agitar-se. Ex.: *O povo começou a se açulerar, devido á bexiga.*

Adevão — lucta. O mesmo que *atahú*, *quebra-rabicho*.

Afitivo (effectivo) adj. e adv. — ininterrupto. Exs.: *A febre não larga elle: é afitiva. A gente trabalha afitivo, de manhã á noite...*

Afroxxar (affrouxar) — dar liberdade, deixar em paz. Ex: *Me afróxe, me largue, deixe de abodêgo!*

A gente pensa que faz um gyro e faz é um girau — soffrem-se decepções em negocios tidos como seguros. O mesmo que *a gente pensa que se benze e arreventa as ventas* ou *a gente pensa que faz um calculo e faz é um cacúlo...*

Aguinir — apoquentar (muito usado no municipio cearense de Ipú).

A limpeza Deus amou — Deus estima os pobres.

Alisar — poupar. Ex.: *O delegado dagora é medonho: não alisa jogador, não...*

A medida do T nunca enche — a ambição humana é insaciavel

Amolar os queixos — aguardar ansiosamente um regabofe.

Amucambar-se — retrair-se, segregar-se. Ex.: *Eu me amucambo porque não gosto de festa e, mesmo, boa romaria faz quem na sua casa fica em paz...*

Andar com uma mão no fêcho e outra no cano — conservar-se disposto á lucta ou qualquer eventualidade.

Andar ou estar com a molestia — Na Parahyba e em Pernambuco a molestia é a hydrophobia. Dizer que alguém anda ou está com a molestia corresponde a dizer que esse alguém está doido, espritado ou interessadissimo por alguma coisa. Ex.: *Ella namora com Deus e o mundo, está com a molestia: quer é se casar...*

Andar ou estar escovando urubú — estar desempregado. Ex.: *Eu só ando escovando urubú porque peço um emprego e não me dão...*

Andar, estar ou ficar com a pulga atraz de orelha — mostrar-se desconfiado de algo, suspeitar.

Andar, estar ou ficar de venta inchada — mostrar-se carrancudo.

Andar, estar ou ficar num aço — mostrar-se enraivecido. Ex.: *Só mode aquella caçada, elle ficou num aço damnado commigo...*

Andar, estar ou ficar num pé e noutro — mostrar-se contentissimo ou ansioso por que algo aconteça. Ex.: *Eu, quando oiço musga tocar, fico num pé e noutro pra dansar...*

Andar, virar, mexer — correr Séca e Méca. Ex.: *Elle andou, virou, mexeu e não ganhou nem desgraça...*

Anno de muito chocalho e pouco pescoco — anno seguinte ao de uma secca em que o gado, os animaes e as criações foram dizimados pela fome.

Anno de muito rasto e pouco pasto — anno de secca em que se fazem as penosas "retiradas".

Antes fanhoso que sem nariz — dos males o menor.

Apartar — trocar. Ex.: *Por seu favor, me aparte esta nota de 5\$000. Diz-se tambem desapartar...*

Apiançar — desejar ardentemente. Ex.: *Eu estou apiançando que já chegue o tempo de se comer cangica...*

Aquelle criatura — E' mui frequente ouvir-se, nos sertões do Ceará, em relação a individuos do sexo masculino: *Este peste... aquella criatura...*

Aqui é que o pobre augmenta — dizem os matutos quando convidados a comer ou beber gratuitamente.

Aqui não morreu gallego, não! — exclamação com que se evitam importunos ajuntamentos de curiosos. Usa-se também na forma interrogativa: *Morreu gallego?* o que é um euphemismo da interpellação portugueza: *Pariu aqui a gallega?*

Arado de fome ou arado (varado de fome?) — grandemente esfaimado.

A regra se põe é na bocca do sacco — os negocios só andarão bem si previamente, ou logo de começo, se fixarem as normas que os regerão. Ex.: *Você entrou hontem no trabalho e já hoje quer o dinheiro todo duma semana? Não dou, não: a regra se põe é na bocca do sacco...*

A roda peor do carro é a que faz mais barulho — os individuos peiores são os que mais vivem a protestar contra tudo e contra todos.

Arpoar-se — mostrar altivo resentimento de alguém. Ex.: *Si Você não se zangou, porque é que anda assim todo arpoado pra minha banda?*

Arregaço — discussão violenta. O mesmo que *corta-brocha, arranca-tôco, pega, bate-bocca*.

As coisas querem é principio — o mesmo que *trabalho começado, meio caminho andado*.

A's vezes, á falta dum grito vai-se embora uma boiada — por falta de precauções ou providencias julgadas de minima importancia, sacrificam-se, não raro, grandes causas...

Até cair de costa — muitissimo, a fartar. Ex.: *Este aluá é bom que a gente bebe elle até cair de costa...*

Até dia de São Nunca — formula ironica de despedida eterna ou por tempo indeterminado.

- Até Mané chegar* — até que algo aconteça, muitíssimo. O mesmo que *até o diabo dizer "abasta"*, até umas horas, até *amanhecer o dia...*
- Atraz do pobre anda um bicho* — O mesmo que *atraz dos aperejados correm as pedras*.
- Avaluar* — avaliar. Ex.: *Em quanto o Doutor avalôa a questão? Isto é, eu pergunto porque Vossenhoria é quem sabe: Eu, por mim, avalôo num conto e quinhento...*
- Avinhado* — que se embebeda facilmente, devido ao estado de constante embriaguez; affeito, *aquilotado*. Ex.: *Elle anda tão avinhado que basta cheirar um copo pra ficar no porre. Elle está avinhado duma forma que é pegar no baralho ganha dinheiro...*
- Baludo* — rico, endinheirado. Ex.: *Com o algodão do preço em que está, não há quem não ande baludo*.
- Baracafusada* — complicação, trapalhada. Em Pernambuco se diz *bacafusada*.
- Barrar* — impedir, frustrar. Ex.: *Eu descobri que elle era casado e barrei o namoro delle*.
- Barrer mão a* — lançar mão de. Ex.: *Ahi, eu inchei nas apragata, barri mão á faca e cresci pra riba delle. O mesmo que bater mão a...*
- Bate-chinella* — baile reles. O mesmo que *fórró e arrasta-pés*.
- Bater a çacoleta* — morrer.
- Bebagua!* (beba agua!) — expressão de mofa que se dirige aos invejosos. Ex.: *Ficou com inveja porque eu ganhei o presente? Bebagua!*
- Bebe-agua* — fracalhão. Diz-se também um bebe, um mama na *egua e um "B da m..."*
- Biatamente* — imediatamente.
- Biroba* — egua velha. Ouvi em S. Paulo *biriba*.
- Boi manso, aperreado, arremette* — a paciencia tem limites.
- Boi solto se lambe todo* — E' como os sertanejos enunciam as *vantagens da liberdade*.
- Bombear* — abrir numa casa orificios que sirvam para pontaria; adaptar uma casa para a resistencia a um tiroteio. Ex.: *Elle espera o ataque dos cangaceiros, tanto que a casa da fazenda já está toda bombeada*.

Bondades — orgulho. Ex.: *Aquillo é uma criatura boa e sem bondades e que só offende mesmo ao dicomer que come.*

Borrar-se — errar, sair-se mal; “obrar-se”. Exs.: *Borrou-se: são tres e não quatro. Depois do tiroteio, encontraram elle todo borrado, atraz duma porta...*

Botando a alma pela bocca — Mostrando extremo canção. ex.: *Eu corri tanto pra pegar o trem, chega cheguei botando a alma pela bocca.*

Botar a maca ou a carga abaixo — deixar-se de circumloquios e falar francamente, narrando o facto como o facto foi ou dizendo o que sabe a respeito de determinado assumpto. Ex.: *Diga logo a verdade: bote a maca abaixo e conte a historia direita...*

Botar os quartos de banda — excusar-se habilmente. Diz-se tambem *torcer o corpo e quebrar o corpo de banda.*

Botar no matto — pôr fora, não querer mais alguma coisa, por imprestavel.

Botar pra Deus — deixar á justiça divina o castigo de uma injustiça soffrida.

Botar uma pedra em cima — desistir de uma demanda, fazer silencio sobre um assumpto.

Botar verde pra pegar maduro — tentar obter uma confissão, fingindo já conhecer a verdade.

Brear — sujar. Ex.: *Carreguem este menino lá pra dentro que elle está todo breado de arroz doce.*

Brequeços — trastes, objectos ou roupas velhas.

Briocar — ficar sem dinheiro, “quebrar”. (Usado em Sergipe).

Briôco — sem dinheiro, “quebrado” (Sergipe).

Cabeça de escapole — appellido de homens e meninos que cortam o cabello rente ao craneo.

Cachorro, por se avexar, nasceu com os olhos tapados — nada se deve fazer ás pressas.

Cada qual enterra seu pae como pode — quem faz quanto pode faz quanto deve.

Caflote — mala ou bahú velho.

Cair de cavallo magro — mostrar-se inhabil, inepto em coisas de facil execução.

- Catr na bocca do mundo* — tornar-se objecto da maledicencia.
- Camaradas do corpo* (as) — a madre.
- Cambar* — inclinar-se, pender. Ex.: *Pra mim quem ganha não é o Pedro nem o Chico: eu cambo p'r'o José.*
- Cangoncha* — mal acabada imagem de santo, feita em madeira.
- Cangoncheiro* — individuo que faz "cangonchas".
- Cantador capoeira* — cantador que se rebaixa, cantando em feiras ou para auditorios inferiores.
- Cantar theoria* — Para os cantadores *cantar theoria* ou *cantar em theoria* é discutir Grammatica, Historia do Brasil, Doutrina Christã ou outro qualquer ramo de conhecimentos. *Cantar despique* é ridicularizar o adversario durante o desafio. *Cantar verso* é narrar uma historia ou romance versificado.
- Canto* — lugar. Ex.: *Que semmodagem é esta sua? Você parece gallinha quando quer pôr: não acha canto...*
- Cascavilhar* — remexer, procurando meticulosamente. Ex.: *Cascavilhei tudo quanto era de bahu e não achei o tal pente.*
- Casco* — garrafa vazia ou frasco vazio.
- Casco da fazenda ou casco da situação* — as terras da fazenda.
- Catrevage* (caterva) — grande quantidade. Ex.: *Nos Orós tem agora uma catrevage de inguleiz que só se ouve lingua da estranja...*
- Cavalleiro samo, na carreira andamo* — agimos sempre de conformidade com a situação em que nos vemos.
- Cavallo comedor, cabresto curto* — não se proporcionam facilidades a quem tudo sabe fazer.
- Cavallo grande: besta de pau!* — critica aos homenzarrões pusillanimes.
- Cavallo peiado tambem come...* — argumento de maridos prevaricadores.
- Ceará é terra do príncipeia: a gente almoça mas não ceia* — allusão ás seccas e consequentes crises economicas.
- Cerôto* — sujidade. Ex.: *Se lave, se esfregue, tire esse ceroto do cangote!*
- Chaboqueiro* — de feições grosseiras.
- Chegar* — offerecer como preço para compra. Ex.: *Elle se amarrou em 20\$000 e eu inda cheguei 18,*

Chegar-se ás boas — conformar-se, submeter-se. Exs.: *Nós tivemos um bate-bocca, mas elle acabou chegando-se ás boas. Eu desando-lhe a mão na cara, já Você se chega ás boas.*

Chifre furado — coisa forte, certa, segura, invencível. Ex.: *Em jogo de lú o az de trunfo é chifre furado.*

Chover no roçado — diz-se que tem chovido no roçado de alguém quando esse alguém realiza negocios vantajosos.

Coisar — cuidar. Ex.: *Eu estou coisando do almoço.* (Muito usado em Sergipe e na Bahia).

Comer calado — soffrer, sem articular queixa ou protesto, uma injustiça ou uma violencia. Ex: *Eu só como isso calado porque em politica, no Ceará, quem está de baixo não tem razão...*

Comer o couro — surrar. Ex.: *Te aquêta, menino, sinão eu te como o couro com esse istrôvo de cabresto!*

Comer saçado — lutar com difficuldades, arrostar contratempos. Ex.: *Este anno, si houver secca, não tem quem não coma saçado.* O mesmo que *comer candeias de sebo, comer ensosso e beber salgado, comer da banda pôdre, comer ruim, comer o que o diabo engeitou.*

Com o pé adiante e a mão atraz — á tôa, sem meio de vida, Ex.: *Elle chegou na villa com o pé adiante e a mão atraz e já hoje é dono duma bodega.*

Como todos os seiscentos, como os seiscentos, como todos — muito. Ex.: *Na feira hoje tem gente como todos os seiscentos.*

Comparando mal — que me seja perdoada a comparação!

Com pouca ou com pouca mais — daqui a pouco, pouco depois. Ex.: *Eu, com pouca, vou-me embora. Com pouca mais, elles chegaram.*

Conchamblança — accordo, combinação.

Confeitar, — enfeitar; coroar com confeitos. Ex.: *O chourisco esta todo confeitado com castanha.*

Quando me saiu Zefinha
Com grande preparação,
Cheia de laço de fita,
Trancelim, collar, cordão,

Nos dedo da mão direita
Não sei quantos annelão,
Para *confeito* da obra:
Uma viola na mão!...

Córgo — *corrego*. Ex.: *Esta vacca é o bicho de bôa de leite: é um córgo.*

Correger — revistar, percorrer á procura, vistoriar. Exs.: *Correjam elle que elle está armado. Eu vou correger o cercado pra ver si acho o burro.*

Correr do cabelo (Ao) — suavemente facilmente. Ex.: *Não houve barulho, não: correu tudo ao correr do cabelo.*

Crescer pra riba de alguém — investir contra alguém. Ex.: *Ahi, eu inchei nas apragata, cresci pra riba delle e disse por aqui assim:...*

Cumachama (como se chama) — termo vago com que se designa alguém cujo nome se ignora ou não se quer referir. Ex.: *Quem me chamou de "indivíduo" foi aquelle cumachama empregado do Major Mendonça.*

Cuma lhe vai? — como vai?

Cutruvia — (cotovia) — meretriz.

Dar certo — rimar; ter bom resultado; dar a exacta medida. Exs.: *"Curto" com "producto" não dá certo... Eu logo vi que anno com sêcca e com revolução não dava certo no fim... A carne deu tres kilos, certinho...*

Dar com os burros nagua — não lograr exito. Ex.: *Elle se metteu a estudar pra doutor, mas deu com os burros nagua e largou o estudo...*

Dar conta do recado — desempenhar cabalmente determinada incumbencia. O contrario de *dar com os burros nagua*.

Dar de garra de — lançar mão de. Ex.: *Elle deu de garra duma faca que estava em cima da mesa e furou ella.*

Dar fogo (folego) — animar, prestigiar. Ex.: *Não dê fogo a este cabra que isto é um sujeito precipitante!*

Dar letra — fazer-se admirar. Ex.: *O meu Citonho, este anno, deu letra nos estudos...*

- Dar ou fazer uma letra* — sobresair-se com a pratica de um feito notavel. Ex.: *O Pinto Martim, voando das estranja ao Ceará, deu uma letra e foi das grande...*
- Dar linha* — vencer por grande distancia (diz-se dos cavallos de corrida), sobrepujar. Exs.: *Não diga isso porque, todo mundo vendo, meu cavallo dá linha ao seu. Em negocio de mentira, o Basto dá linha ao Salgado.*
- Dar um bordo* — dar um gyro, dar uma volta. Ex.: *Vou já dar um bordo no matto, pra ver si acho o cavallo pedrez.*
- Dar um campo* — percorrer o matto ou o campo, á procura de algo ou de alguém. Ex.: *Eu dei um campo no cercado todo e não vi a vacca "Combuquinha".*
- Dar viva ao nó da peia* — dissimular resentimentos por injustiças, maus tratos ou perseguições.
- De chapéo de sol aberto* — decididamente. Ex.: *Eú não gósto de entrar em questão mas, quando entro, é de chapéo de sol aberto...*
- Dê daqui, dê dacolá* — haja o que houver, surjam os obices que surgirem. Ex.: *Dê daqui, dê dacolá, eu me caso é com você...*
- De faca, não!* — dicto pilherico com que se evita que dois cegos se engalfinhem. Ambos se aquietam porque cada qual fica a suppor que é o inimigo quem está armado...
- Defunto sem chôro* — individuo desprotegido, que não tem quem o vingue ou quem "puna" por elle...
- Deixe os patos passar!* — phrase ironica com que se promette a realização de algo em tempo que nunca sobrevirá.
- De madraستا o nome abasta!* — os sertanejos acreditam que as mães são insubstituiveis e que não há madraستا que preste.
- De noite, todos os gatos são pardos* — dicto com que, á noite, os sertanejos desculpam o traje negligente.
- De pensar morreu um burro!* — retrucam ironicamente os matutos quando alguém pede desculpas, allegando que *pensava que...*
- Depois que o diabo come é que chegam as colheres* — phrase com que são acolhidos os soccorros tardios.

- Dêreitamente como* — (Adv.) — tal qual. Ex.: *Este anno, vai ser dêreitamente como no 15: um solzão doido, o vento solto no mundo, nada de chuva...*
- Desarnar* (desasnar) — estar aprendendo aos poucos. Ex.: *O Nenen até desarnou na escola: já está no segundo livro* Como verbo transitivo, tem a acceção de ensinar. Ex.: *O mestre João da Matta, pra desarnar menino, foi quem Deus deixou...*
- Desaponto* — desapontamento.
- Desatar o punho da rêde* — fugir apressadamente. Ex.: *Quando eu vi o negocio feio p'r'o meu lado, desatei o punho da rêde que não teve mais quem me visse.*
- Despachado* — irremediavelmente decidido ou deliberado, liquidado ou feito. Ex.: *Si não chover no dia de S. José, está despachado: a sêcca não é deste mundo...*
- Despique* — zombaria, motejo. *Cantar despique* é procurar ridicularizar o adversario durante o desafio.
- De uma vezada* — de uma vez só. O mesmo que *de uma lapada*, *de uma lamparinada* ou *de uma lapinguachada*. Ex.: *Atirei nas marrecas e matei tres, de uma vezada.*
- Dever a Deus e ao mundo* — estar em dividas para com muita gente.
- Dever os cabellos da cabeça* — estar sobremodo endividado, mesmo que seja para com um credor unico.
- Deixa-me vai!* ou *deixa-me ir!* — exclamação com que os matutos começam as despedidas. Ex.: *Chi! Tá de noite... Deixa-me vai, que daqui lá em casa é uma tóra bôa e logo neste escuridão. Abém, vamincês, bôa noite!*
- Dia sumanal* — qualquer dia da semana, excepto domingo.
- Dinheiro manso* ou *cobre manso* — dinheiro verdadeiro, não falsificado.
- Dizer "Arrêda"* — exceder. Ex.: *Si um mente, o outro diz "Arrêda"... Si o Chico é malvado, o Gonçál diz "Arrêda"*.
- Doce de latra* — doce preparado em fabricas e vendido em latas.
- Donde foi que Você veio?* — interpegação com que se ironiza a prosapia de um embusteiro ou de um menino exigen-

te e a quem nada agrada. Ex.: *Come teu mel de rapadura, menino! Que doce, que nada! Donde foi que você veio? Diz-se também: Donde foi que você veio? inda ficou outro?*

Dor de camarada — colica uterina.

Dormente — cynico, insensível aos ralhos e castigos. Ex.: *Eu não lhe disse que você não fizesse mais isso? Credo! Grande você dormente!*

E' besta que amarga — é muito tolo.

E' bom que dói — é muito bom.

E' como a carne do pá, que não é boa nem má — é de mediocre qualidade.

E' como dinheiro de sacristão que cantando vêm, cantando vão... — é de facil ganho e, também, de facil dispendio.

E' facil que só beber agua — é muito facil. Corresponde ao *cidadino é canja...*

Eguar — vagabundar, dizer ou commetter asneiras. O mesmo que *bestar*.

Embarcar em canôa furada — arriscar-se a perigosa aventura.

Em cima da queda çoice! — sobre um mal outro mal.

Em petição de miseria — muito damnificado ou estragado. Ex.: *Me dê outro dinheiro que esta cédra está em petição de miseria...*

Emprenhar pelos ouvidos ou emprenhar pelas oiças — ser excessivamente credulo.

Em terra de sapo, de cócra com elle! — pautemos nossos actos de accordo com a maioria do meio em que vivemos.

Corresponde ao proverbio arabe: *Em Roma sê romano!*

Em terra onde a gente não vai feijão dá na raiz — contam-se coisas phantasticas de terras que desconhecemos e isso pela impossibilidade de desmentidos.

Encalamechar — introduzir, adaptar. Ex.: *Encalamecharam esse artigo na tal lei nova.*

Encambonado — aparceirado. Ex.: *A eleição de hoje não tem graça: os partidos andam encambonados uns com os outros,*

Encarapitar-se — installar-se commodamente. Ex.: *Elle se encarapitou no logar de Delegado e pensa que pode fazer e acontecer...*

Endireitar-se — limpar-se, mudar de roupa. Ex.: *Meninada, vão se endireitar que está na hora da escola!*

E' Nenen... — Não tem importancia. Ex.: *Sêu cavallo p'r'o meu é Nenen. Corresponde a é canja.*

Enfaroso — que causa enfaro. Ex.: *Panellada é comida p'r'eu achar enfarosa.*

Enterrar os pés — decidir-se subita e violentamente. O mesmo que *metter os pés*. Ex.: *Ahi, eu me damnei, enterrei os pés e disse por aqui assim...*

Enterro dos ossos — baile repetido, porém mais modestamente, na noite ou dia seguinte ao de determinada festa; arrematação matinal das sobras do leilão da vespera.

Enxarope de casca de vacca — surra de relho ou chicote.

Enxergar-se — conhecer-se. Ex.: *Largue de ser inxirido, conheça seu logar, se enxergue!*

E' osso! — antonymo de *é nenen, é canja...*

Errados começos: difficultosos fins! — o que começa mal acaba mal.

Esbarrotar — estar literalmente cheio, repleto, entupido. Ex.: *O Dr. Revy disse que não, mas o açude do Cedro teve que esbarrotar dagua.*

Esbilotado — amalucado.

Escabriado — que já tem a dolorosa experiencia, escarmentado. Ex.: *A senhora me desculpe, mas eu já vivo escabriado com esse negocio de rifa.*

Escalvas — especie de gafeira que faz cair o pello aos equinos.

Escanchar-se no rasto — seguir o rasto, perseguir cuidadosamente.

Escavacado — escaveirado. Ex.: *A "bailarina" desgraçou o Chico: vigie como elle ficou escavacado.*

Escramelar — desvendar, descobrir, esfolar, pôr a nú, a descoberto, em pratos limpos. Ex.: *Eu acho bom não me quererem pra testemunha porque eu escramelo tudo quanto sei...*

Escuridão (subs. masc.) — Os sertanejos cearenses masculinizam frequentemente vocabulos como *escuridão*, *mansidão*, *ingratidão*. Exs.: *Você se astreve a ir num escuridão destes? E' bom que eu soffra destes ingratidão, que é p'r'eu deixar de ser besta...*

Espalhar-se — decidir-se á lucta, saltando provocantemente em campo; dar mostras do proprio valor.

Esparramar-se — cair desastradamente.

Espeta-cajú — diz-se da barba ou do cabello eriçado.

Espinho que pinica, de pequeno traz a ponta... — quem tem de ser, mostra cedo que o será.

Estar adivinhando chuva — diz-se do gado quando cabriola em frente aos curraes ou no pateo das fazendas. Ironicamente, alludindo a castigos, emprega-se tambem em relação ás crianças quando commettem travessuras.

Estar arrancando por — estar impaciente por, ter vehemente desejo de. Exs.: *O povo gostou do preço do algodão: está tudo arrancando pelo inverno cedo. Eu estava arrancando por uma chicara de café.*

Estar corrido da Justiça — revelar açodamento, agir precipitadamente. Ex.: *Escreva mais devagar! Voce estará corrido da Justiça?*

Estar na mente que — suppor. Ex.: *Hoje é sabbado? Eu estava na mente que era domingo...*

Estar no rio, ir p'r'o rio — achar-se em mão da lavadeira (a roupa). Ex.: — *Cadê minha calça branca? — Está no rio, (foi p'r'o rio, inda não veiu do rio).*

Estar tinindo — estar repleto. Ex.: — *O circo pegou enchente hoje? — Ora! está tinindo...*

Esturricar — torrar demasiado, deixando quasi queimado.

Esturro — o grito da onça. Diz-se tambem de qualquer palavreado ameaçador. Ex.: *Eu, por mim, já estou com medo dos esturros do patrão...*

E' um pão com dois pedaços — é uma pechincha, uma satisfação completa, um exito integral. Ex.: *Havendo inverno e a lagarta não dando no algodão, é um pão com dois pedaços...*

E' um Rio de Janeiro! — exclamação que dá sempre idéa avançada de grandeza, de belleza ou de bondade. Ex.: — *Esta sua vacca é boa de leite? — Ih! isto é um Rio de Janeiro!!*.

Eu só estou é... — só me admiro é de... Ex.: *Eu só estou é Doutor morrer e Padre ir p'r'o inferno...*

Eu tambem sou filho de Mãe Chica — tambem tenho direito. Ex.: *Divida commigo o dinheiro do trabalho, que eu tambem sou filho de Mãe Chica.*

Falando com pouco ensino — modo de pedir venia para dizer algo inconveniente. Ex.: *Desgraça de velho é tres q: — queda, qatarro e, falando com pouco ensino: — qaganeira...*

Falar — pedir. Ex.: *Tome o dinheiro que eu honte lhe falei...*

Falar Francez — ser rico, ter dinheiro. Ex.: *Elle quer casar com ella so porque o pae della fala Francez.*

Falar frocado — falar altivamente. Ex.: *Eu, si falo frocado, é porque quem não deve não teme...*

Falar pela bocca de um Anjo — dizer coisa de realização desejada e que effectivamente se verifica. Ex.: *Este anno é de bom inverno? Deus queira que Você fale pela bocca de um anjo!*

Famoso — bonito. Ex.: *Ah cavallo grande e famoso!*

Fazer com um pé dois rastos — diz-se que alguém saiu, fazendo com um pé dois rastos, quando esse alguém se retira confuso, atrapalhado, sobretudo após haver soffrido uma reprehensão ou uma desfeita.

Fazer cariry — fazer força, reagir. Ex.: *Força! bote a mala em cima! faça cariry!*

Fazer durú — conservar equilibrada e de pé uma criança, sustentando-a na palma da mão e de braço estendido.

Fazer e acontecer — fazer o que bem entende, fazer o que lhe vem ás ventas, fazer o que lhe dá na telha. Ex.: *Os cangaceiros fizeram e aconteceram e não tiveram nem um Padrenosso de penitencia.*

Fazer o que lhe vem ás ventas — fazer tudo quanto quer, satisfazer todos os proprios caprichos.

Fazer os mandados — cumprir as determinações, ir a alguma parte, a mando de alguém. — *Onde você andava?* — *Eu fui fazer o mandado que vamincê mandou...*

Fazer por onde — dar lugar a algo, ser culpado de algo. E.: *Si não quer apanhar, não faça por onde!*

Fazer uma arte — soffrer ou infligir um desastre, provocado por imprudencia propria. Ex.: *Não brinque com arma de fogo, que Você, lá um dia, faz uma arte.*

Fazer uma furia — praticar uma acção notavel, mormente por inesperada. Ex.: *Meu cavallo fez uma furia: chegou em primeiro lugar.* Emprega-se, mais frequentemente, em sentido ironico. Ex.: *Elle fez uma furia: deixou o dentista arrancar o dente...*

Fazer vez de... — ser mesmo que. Ex.: *Eu, pegando um cantador, eu faço vez de machado em tronco de pau mucusso!*

Fechar-se em copas — manter absoluta discreção. Ex.: *Elles botaram verde pra pegar maduro, mas eu me fechei em copas e não lasquei nada do que sabia.*

Ferrado no somno (aferrado) — profundamente adormecido.

Festa acabada, musicos a pé — conseguido o exito, desprezam-se os que concorreram para a obtenção do mesmo.

Ficar a casa quêta com o povo dentro — permanecer tudo como dantes, não haver alteração.

Ficar com a bocca doce — avezar-se gostosamente.

Ficar com cara de André — mostrar-se encalistrado.

Ficar, estar ou andar com a orelha em pé — desconfiar.

Ficar na varzea sem cachorro — ficar desajudado e desesperançado.

Ficar no canto — deixar de ser o caçula. Ex.: *Nasceu o Zequinha, a Mimosa ficou no canto...*

Ficar sem mel nem cabaça — perder uma coisa e outra, sacrificando a primeira á segunda. Ex.: *Elle gastou o dinheiro, pra ver si salvava o gado na secca, e ficou sem mel nem cabaça...*

Ficar titia — não casar. (Diz-se das mulheres).

Filho só puxa ao pae quando o pae é cego — phrase com que os matutos mostram descrever da hereditariedade.

Findalizar ou *findilizar* — findar. Ex.:

Agora acabei o verso,

Elle aqui findilizou...

Toda vez que eu canto elle,

Fico passado de dor...

Fiófó — anus. O mesmo que *fióte*.

Fita de sangue ou, simplesmente, *fita* — fio de sangue. Ex.:

Quando a faca entrou lá nelle, eu vi foi a fita descer.

Os sertanejos só comprehendem ou estimam a fita de cor encarnada. Dahi, dizerem frequentemente: *vermelho como uma fita!*

Foguete — esperto, traquinas. Ex.: *Te aquêta, menino! Já se viu que menino mais foguete?!*

Forragaita — troca-tintas, bigorrilha.

Freguez — pessoa, individuo. Ex.: *No Crato, o freguez esmoreceu, apanha!*

Frocar (flocar) — abrir em leque, arrebitar. Ex.: *O lote passou na carreira que parecia uma bala: as eguas chegam de rabo frocado...*

Fuchicar — serzir com difficuldade o que já uma ou mais vezes foi serzido. Ex.: — *Bote essas meias no matto que ellas não têm mais onde a gente fuchique.*

Fulêjo — bode pequeno.

Fumar numa quenga — sentir grande exasperação. Ex.: *Quando eu vi que tinha perdido o trem, fiquei fumando numa quenga!*

Fundamento — educação. Ex.: *Eu não quero amizade com gente sem fundamento. Ter fundamento é ter vergonha ou dar-se a respeito.* Ex.: *Largue de dizer iscandelize, tenha fundamento!*

Furar na venta — dispor-se ao que der e vier. Ex.: *O Izidoro furou na venta: vai longe...*

Fuzuê — sarilho, situação chaótica. Ex.: *A politica está muito mexida e ninguém se entende: o fuzuê é grosso.*

Gaitada — risada. Ex.: *Este menino é risão, dá cada gaitada gostosa!*

Ganhar — receber. Ex.: *Menino, deixa de semmodage, sinão tú não ganha sobremesa...*

Ganhar o mucumbú de alguém — sair-lhe em perseguição. O mesmo que *escanchar-se no rasto de alguém*. Ex.: *Triste do criminoso que eu ganhar o mucumbú delle: elle pode se soccar no inferno, eu trago elle p'r'a cadeia!*

Ganjão — tratamento respeitoso dos ciganos aos homêns a quem acatam.

Garguélo — gargalo.

Garroncha — garrucha.

Gaveta de sapateiro — symbolo da desarrumação. Ex.: *Meu bahú está que é ver uma gaveta de sapateiro...*

Gavudice — gabolice.

Golpe — gole.

Gomma — gabolice. *Gommeiro* — pábulo.

Gosto — modo, geito, maneira. Ex.: *Deste gosto é que você me paga os beneficios que eu lhe fiz?!...*

Goteira — o mesmo que “penetra”. Intromettido.

Gramar a pé ou, simplesmente, *gramar* — andar a pé. Ex.: *O cavallo cançou e eu tive que gramar a pé legua e meia.*

Grande creatura besta! — que creatura tola! E' commum o emprego de “grande” no começo das phrases exclamativas: *grande você molle!*

Granganzá — individuo alto e corpulento (tem sentido pejorativo pela idéa de ridiculo que implica).

Gratulte — gratuitamente.

Gritar pelos tétéos da Bahia — chorar berrantemente, ou gemer muito por motivo de determinado malestar. Ex.: *Largue de mão essas pimentas, sinão você se esquece, passa os dedos nos olhos e grita pelos tétéos da Bahia...*

Grugúmios — gorgomillos.

Gumitar — vomitar. *Gumitório* — vomitorio.

Historia pra menino dormir sem ceia — labia, engodo, conversa fiada.

Homem do facão grande — diz-se da pessoa mais prestigiosa. Applica-se, em geral, ao chefe politico da localidade, ao Governador do Estado e ao Presidente da Republica.

Horror — termo que dá sempre idéa avantajada. Ex.: *Um horror de gente* — muita gente. *O preço do sabão está um horror* (muito elevado).

Herva — dinheiro. *Hervado* — endinheirado.

Idéista ou *planista* — sagaz, que tem bons estratagemas.

Inchar nas apragatas — enfurecer-se e dispor-se á lucta. Ex.: *Si eu inchar nas apragatas, você se arrepende!* O mesmo ~~que~~ *queimar as apragatas* ou *queimar nas apragatas*.

Inenchal — encha!

Ingrimemente — unicamente, exclusivamente. Ex.: *Eu tinha quatro fazendas de gado mas, com a secca deste anno, fiquei ingrimemente reduzido a uma.*

Inquirquiada — encarquilhada.

Ir a Roma e não ver o Papa — não lograr o mais interessante, dada a relativa facilidade. Ex.: *Ir ao Quixadá e não ver o açude do Cedro é ir a Roma e não ver o Papa.*

Ir ao matto — defecar.

Ir ou vir buscar fogo — ir ou vir mui apressadamente. Ex.: *Não vá agora não, espere: você parece que veio buscar fogo...* (Antigamente, quando não havia phosphoros, os sertanejos iam de uma a outra fazenda, muitas vezes á distancia de kilometros, á procura de fogo. Corriam, então, para que o tição não se apagasse).

Isbrégue — barulho. *Dar um isbrégue* — fazer desordem, provocar um motim.

Isso não bota panella no fogo — isso não faz ganhar, isso não rende nada.

Istélével (contr. de *Diabos te levem!*) — diz-se *Diabo istélével* ou, simplesmente, *istélével*

Istoporado (estuporado) — violento. Ex.: *Que é isso? Carece você fazer isto tudo? Largue de ser tão istoporado!*

Já ser com Deus — haver morrido.

Justo como as calças do Augusto — é como se significa que algo tem a medida ou as dimensões esperadas. Ex.: *O leite deu duas garrafas?* — *Deu e deu justo como as calças do Augusto...*

Justo como bocca de bode — excessivamente estreito. Ex.: *As calças ficaram ruins porque ficaram justas que só bocca de bode...*

Juntar-se a vontade com o desejo — haver mais uma razão para que algo aconteça, uma vez que a pessoa cuja अनुencia se quer está de accordo connosco.

Labassé — palavreado emphatico; desordem que fica em discussões azedas e não chega ás vias de facto. Ex.: *Que labassé é um ali na feira?* — *Sei lá: é zoada de mulher de soldado...*

Lambedeira — faca de ponta. O mesmo que *pajehú, parnahyba, espinho de Santo Antonio...*

Lapa — ecchymose. Corresponde a roncha. Ex.: *Que lapa é esta nas tuas costas, menino?* Isso só pode ser alguma lapada que te deram...

Lapo — pedaço de panno. Ex.: *Na passagem da cerca de arame o diabo dum grampo me arrancou um lapo da camisa.*

Largar — desbotar. Ex.: *Esta chita tem uma pinta bonita, mas só não é melhor porque larga muito.*

Largar o marido, largar a mulher — abandonar o lar, separando-se um conjuge do outro. Ex.: *A Bilinha largou o marido mas depois engatou de novo...*

Lascar — despendar, gastar; revelar. Ex.: *Aquillo é Doutor sovina: não lascou nem desgraça no leilão do Martyr Santo. Elle sabe de tudo, mas não lasca nada...*

Laspear — conseguir, obter, ganhar. Ex.: *Eu hontem laspeei uma centena no jacaré...*

Lebréa (libré) — roupa. Ex.: *Damnou-se: o Chico hoje amneceu de lebréa nova* — “quebrou a tijella”...

Macaco — appellido dos soldados das policias estaduaes. O mesmo que *mata-cachorro.*

Madrinha de apresentação ou madrinha de girau — a mulher ou moçoila que conduz de casa á Igreja o baptizando. A *madrinha de vela* é a que testemunha ou paranympa o baptisamento.

Magro como uma image — muito magro.

Mais ante ou muito mais ante — antes, de preferencia. Ex.: *Si eu é de brigar de garroncha, eu quero mais ante uma Taca.*

Mais prêmêro — primeiramente, em primeiro lugar. Ex.: *Quer apostar uma carreira? Quem chegar mais prêmêro é filho de Deus...*

Mais que depressa — imediatamente.

Mais soffreu seu tio Judas! ou *mais soffreu nosso tio Judas!* — modo de ridicularizar o alheio ou o proprio infortunio. Corresponde ao adagio luso *Mais soffreu Nossa Senhora no Algarve...*

Mais tem Deus pra me dar do que o diabo pra me tirar — phrase como se dissimulam desapontamentos ante uma perda soffrida.

Mais vál amigo na praça do que dinheiro na caixa — é como os sertanejos mostram estimar a amizade dos pracionos.

Mama-na-egua — toleirão, inepto, mofino.

Manimolencia — molleza, indisposição, alquebramento, fraqueza, caiporismo. Ex.: *Eu hoje amanheci com uma manimolencia de todos os seiscentos: fui á estação e não peguei nenhum carrêgo...*

Manipulão, manapulão ou mandapulão — madapolão.

Manteiga em venta de gato ou manteiga em focinho de cachorro — coisa que não dura. Ex.: *Segredo em ouvido de mulher é mesmo que manteiga em venta de gato...*

Mãoquitóla — appellido de quem tem defeituosa uma das mãos. Chama-se *mão de bater banha* ou *mao de gengibre* quem tem mirrada ou engelhada uma das mãos.

Mármo — adj. que dá idéa de grandeza ou excellencia. Ex.: *Inverno mármo, roçado mármo.* Ouvi a um agricultor cearense: *Meu roçado de algodão, este anno, é um roçadão monarcha.*

Marmóta — Espantalho com que se afugentam os passarinhos que devastam uma roça: é formado por duas varas em cruz e cobertas com um panno branco.

Maromba — situação dubia de quem se não quer definir, á espera de acontecimentos.

- Mascar** — enganar; conseguir algo de alguém por meios velhacos. Ex.: *Elles fizeram sociedade, mas um acaba mascarando o outro...*
- Massacrar** — maçar, apoquentar. Ex.: *Vá massacrar a paciência do diabo que o carregue!*
- Matança** — matadouro. Diz-se também *curral da matança*.
- Matapasto fulorado, inverno acabado!** — a floração do matapasto é indicio de que a secca começou.
- Matar quem estava nos matando** — saciar a fome ou a sede. Ex.: *Arre! eu estava mas era arado de fome: matei quem estava me matando...*
- Melado** — bebado. Tem como synonymos, dentre outros: *bebido, chambregado, cinzento, chumbado, molhado, pinguçõ, porrado, tomado*.
- Menas (A)** — a menor. Ex.: *Quer ver meu jogo? só lhe mostro esta carta que é a menas... E' menas verdade — não é verdade.*
- Mentiroso que só cachorro de preá** — muito mentiroso.
- Méopathia** — homeopathia.
- Merepeiro** — tratante. Diz-se também do animal esquipador.
- Metter de cabeça** — corcovear. Ex.: *Burro brabo não é gente: tanto dá coice como mette de cabeça...*
- Mez miou (meiou), mez acabou!** — os sertanejos entendem que a segunda quinzena de qualquer mez decorre mais rapidamente que a primeira.
- Mijar fora do caco** — faltar ao cumprimento de determinado dever.
- Mirra ou minréis** — mil réis. O mesmo que *fachos*. Ex.: *Quantos fachos lhe custou esse chapéo? — Custou doze mirras.*
- Missa e maré se espera ao pé** — a cerimonia religiosas e a embarques a gente deve ir sempre com certa antecedencia.
- Moceiro** — grande numero de moças. Ex.: *As novenas estão animadas: o moceiro não perde uma.*
- Moderna** — diz-se da cor clara, não intensa. Uma pessoa de *genio moderno* é uma pessoa mansa, calma.
- Moitim** — motim. Ser *cabeça de moitim* é ser o protagonista de uma desordem.

Morder a batata — ingerir aguardente ou outra qualquer bebida alcoólica. O tijuassú, quando mordido por uma cobra, corre á procura da batata que tem o seu nome e que o livra dos effeitos do veneno. *Morder a batata* é, pois, a desculpa de quem quer significar que o alcool o preservará de febres, doenças, frio ou... calor.

Morredor — covarde.

Morrer sem ver Vóvó — soffrer um fiasco, sem o lenitivo de almejada consolação.

Mudança só p'r'o céu! — exclamação com que os sertanejos revelam não gostar de mudanças de pouso ou domicilio. Explicam que a mudança para o céu é admissivel porque, afinal de contas, os incommodos do transporte para o cemiterio não são soffridos por quem "se muda desta para melhor"...

Mudar a camisa — ingerir bebida alcoólica. Este modismo sergipano corresponde aos cearenses *salgar o gallo e morder a batata*. Raul Pederneiras na sua "Geringonça Carioca" menciona *mudar o collarinho*.

Mulher e pau de porteira em toda parte se encontra — é como os sertanejos dissimulam decepções oriundas do desprezo feminino.

Mulher solteira — prostituta.

Mungango — tregeito, séstro comico.

Murchar as orelhas — diz-se dos equinos quando estes contraem as orelhas. Dizer a alguém que um cavallo *murchou as orelhas* é uma advertencia de perigo de coice; dizer, porém, que alguém *está de orelhas murchas* é significar que esse alguém está humilhado, succumbido.

Nadar, nadar. vir morrer na beira — perder ingentes esforços já despendidos, sacrificando uma causa pela falta de algo de somenos importancia.

Namôro rôxo — namôro cheio de liberdades. Diz-se tambem *namoro rombudo*.

Não atalhando sua proposta honrada — formula de desculpa com que se interrompe o interlocutor. Em S. Paulo se diz: *Não cortando o seu bom proposito...*

- Não dar um chá* — não ter importancia ou significação. Ex.:
A Policia nas mãos dos jagunços não dá um chá...
- Não! é côco...* — ora, si... pois não! Exs.: *Homem, você tem coragem de pedir duzentos mirras por um boi destes?*
| — *Tenho não: é côco!* — *Você ainda fala em Monarchia?*
Você é monarchista? — *Sou não: é côco!*
- Não desmanchar carreira* — dissimular reŝentimentos, não modificar o tratamento para com alguém.
- Não há dois altos sem uma baixa no meio* — ninguem é perfeito; os insuŝessos acompanham os triumphos. Ex.:
Elle não fuma nem bebe, mas joga... *E' a tal coisa: não há dois altos sem uma baixa no meio...*
- Não lhe conto* — preste attenção ao que lhe vou contar. Diz-se tambem *eu não lhe conto, mas sempre lhe digo...*
- Não se cria!* — exclamação mesclada de desalento e admiração com a qual os sertanejos se referem a quem lhes empolgou o animo por um commettimento qualquer. Ex.:
Vocês viram como o Epitacio acabou com a revolução?
Aquelle Epitacio não se cria... E' dictado nordestino:
Menino bom não se cria.
- Não ser Carnaval* — ser cousa ou pessoa de valor, de respeito (Muito usado na Parahyba). Ex.: *Eu sei jogar gamão, eu não sou Carnává não!*
- Não valer o que a gata enterra* — nada valer.
- Nasceu hoje!* — exclamação com que se allude a quem acaba de escapar de serio perigo de vida.
- Na terra que...* — lc. interj. que exprime descrença. Ex.:
Nem gaste o tiro: na terra que você matar aquelle gavião!
- Negro quando pinta: tres vez trinta!* — negro encanecido é é nonagenario.
- Nem desgraça* — absolutamente nada. Ex.: *Elle não me pagou nem desgraça por conta do que me devia.*
- Nem que o diabo toque rebeca!* — em hypothese alguma. Ex.:
Eu não lhe pago, nem que o diabo toque rebeca...
- Nem reza de Padre velho dá geito* — nada tem o poder de remediar. Diz-se tambem *Nem reza de Padre de boa vida dá geito* e *Nem Santo Antonio com um gancho dá geito...*

No frigir dos ovos é que a manteiga chia — o perigo, a diffi-
culdade está no fim; o exito só transparecerá no final.
No suffragante — incontinenti. O mesmo que *no continente*.
Nunca ter visto c... de cotia assobiar ao meio dia — jamais
haver visto perigo.

Ó — ó (interj.). No Ceará não se diz *ó João!* e sim *ô João!*

ÓÓ (som guttural) — ora si... pois não! Conta-se que a certo
matuto desenvolto o Padre perguntou, á hora do casa-
mento: “Casa-se por sua livre e espontanea vontade
com D. Fulana de tal?” Em vez de responder simples-
mente “Sim!”, o interpellado retrucou: — *ÓÓ...*”

O cabo da ronda é nosso compadre — não tememos punição,
graças a certo prestigio de que dispomos.

O cão é sujo... — advertencia que corresponde a *Cuidado com
as tentações*. Diz-se tambem que *o cão é sujo*, quando se
pretende advertir alguem do risco que importam certas
imprudencias, qual seja a de brincar com armas de fogo.

O desengano da vista é furar os olhos — ver com os proprios
olhos é que faz a certeza plena.

O mar tambem ronca e eu mijo nelle... — formula com que os
praieiros mostram não temer apparencias.

O que Deus der se come, o que faltar Santa Anna intéra —
dicto que mostra a conformação dos sertanejos com a
propria precaria situação e, sobretudo, a sua confiança
no amanhã.

O que é... — nem mesmo. Ex.: *Eu não tenho vicio nenhum:
o que é beber café eu não bebo.*

O que é do home o bicho não come — o que é meu ninguem
me toma. Diz-se tambem *O que é do homem o bicho não
come e o que é da muié o bicho qué...*

Os Anjos digam Amém! — Deus faça com que isso aconteça!
Os filhos da Candinha não dormem — os maldizentes vivem
á cata de assumptos e de victimas.

Osso do pae João — coccix. É' menos usado que *mucumbú*.

Osso do vintem — tornozelo.

Ou 8 ou 80 — tudo ou nada; sem meias medidas.

Padizê (Para dizer) — faça de conta. E' um folguedo infantil.

Ex.: *Vamos brincar de briga de touro? Padizê que você é o "Charuto" e eu sou o "Pinçel".*

Pagar o novo e o velho — expiar culpas recentes e remotas.

Ex.: *No dia em que me faltar a paciência, você me paga o novo e o velho e é com um palmo de lingua de fora...*

Paidégua — cavallo não castrado. Applica-se tambem em relação a um individuo ou coisa de proporções avantajadas. Chama-se *pae de chiqueiro* ao bode ou carneiro não castrado.

Primeira pancada é que mata cobra — dos actos iniciaes depende ordinariamente a segurança de um empreendimento.

Panella que muitos mexem ou sai ensôssa ou salgada — nem todos os trabalhos admittem collaboradores. Significa tambem que todo empreendimento exige alguem a quem se attribúa a responsabilidade do insuccesso.

Pannos mornos — meias medidas, palliativos, providencias frouxas. Ex.: *Vocês querem é cadeia: já vi que pannos mornos e nada é uma coisa só...*

Pantarma (phantasma). Ex.: *A casa bem que é malassombração: eu já vi um pantarma que isso foi que foi medo misarave...*

Panzuá — individuo corpulento, gordalhão.

Papa — cobertor grosso, colcha de lã. (Usado em Sergipe).

Papel queimado — diz-se dos homens já casados. Ex.: *A Sinhá foi caipora no baile: só quem tirou ella foi papel queimado...*

Parença — parecença.

Partir o bolo do céu — merecer o premio da fidelidade conjugal. Dizem os sertanejos que, Dia de Juizo, haverá um grande bolo no céu e desse bolo só terão direito de se servir os maridos que não hajam prevaricado.

Passar a mão pela cabeça — acarinhar, poupar. Corresponde a *altsar*. Ex.: *Si você beber, vai preso: o Delegado não passa a mão pela cabeça de cachaceiro não...*

Passar baixo — sofrer dificuldades de vida. Ex.: *Lá em casa a gente tem passado baixo, devido ao catarrhão animalizado que deu nos meninos.*

Passar o dinheiro — recontar, verificar a quantia. Ex.: *Está aqui o dinheiro. São 200 mil reis. Passe!*

Passar ou comer o que o diabo engeitou — sofrer serios revezes. Ex.: *Eu, o anno passado, passei o que o diabo engeitou: foi doença, foi quebradeira, foi um Deus nos accuda...*

Passar o pé adiante da mão — exceder-se em liberdades.

Passar no quarto — enganar. O mesmo que *metter na maca*.

Pau que nasce torto tarde ou nunca se endireita — Corresponde ao proverbio “O que o berço dá só o tumulto tira”.

Pá virada — individuo turbulento, valentão.

Peça — coisa ou animal bonito. Ex.: *Aquella vacca turina, aquillo é, que é uma peça!*

Pedaço de mau caminho — diz-se do que não presta. Ex.: *Aquelle homem, aquillo é um pedaço de mau caminho...*

Pedir menage a alguem — reconhecer superioridade em alguem. Ex.: *Você é cantador, mas eu não lhe peço menage, porque eu tambem sei cantar!*

Pegado a dente de cachorro — convidado inopinadamente, surpreendido com um convite. Ex.: *Elle só não falou melhor porque foi pegado a dente de cachorro pra fazer o discurso...*

Pegar — ganhar. Ex.: *Eu joguei no “bicho”, mas não peguei.*

Pegar o pão na unha — prevalecer-se de algo para mostrar-se irritado ou intervir.

Pegar pelas bitáculas — aggreddir alguem, segurando-o pelo gasnete ou pela roupa, abaixo do pescoço. O mesmo que *abotoar, pegar pelos babados, abecar, pegar pelas berturas.*

Pegar trahira — cabecear com somno.

Pegar um tatú, pegar um peba — cair. Ex.: *Não chore não, meu filho. Você não caiu não: você fez foi pegar um tatú...*

Pichitito ou pichititinho — mui pequeno.

Picica — meninote. Tem o sentido pejorativo de fedelho, menino amarello e menino de vara de cego.

Pife (subs.) — pitano; (adj.) — pifio.

Planta — plantio, plantação. Ex.: *Minha planta de algodão, este anno, vai ser badeja.*

Poder com a vida de alguém — infundir respeito ou temor a alguém. Usa-se geralmente na negativa. Ex.: *Isso é uma vergonha: si você não pode com a vida de seus filhos, eu posso!*

Ponta — luxo; argumento. Exs. *Eu não sei donde é que sai tanto dinheiro: as moças andam numa ponta baita! Vejam só a ponta com que elle se põe, só pra eu deixar elle ir!*

Porcellana — Ao sul da Bahia, as tijellas, mesmo que sejam de barro, chamam-se *porcellana*; a *malassada* não é uma comida de ovos e farinha, qual no Ceará, mas de carne quasi crúa e, afinal, a *frigideira* não é um utensilio de cosinha, mas a propria *fritada* ou torta...

Pôr nome — injuriar, descompor.

Por pouco mais ou nada — por infimo preço. Ex.: *Vender eu vendo; agora, vender por pouco mais ou nada não vendo não...*

Porque vira porque mexe — por isto e por aquillo, por taes e quaes razões.

Pôr-se rapaz, pôr-se moça, pôr-se homem — chegar á idade de rapaz, moça, homem. Ex.: *A Yáyá está se pondo moça e ainda anda de saia curta.*

Possuir só a noite e o dia — ser extremamente pobre. O mesmo que *não ter onde cair morto*. Ex.: *Eu só estou é pedir moça um freguez que não tem onde cair morto...*

Pra mandar p'r'o diabo ou pra mandar — em grande quantidade. O mesmo que *como todos os seiscentos* ou *como todos*. Ex.: *No Amazonas tem cearense pra mandar p'r'o diabo...*

Pra que cão ou pra que diabo (interr.) — Porque? Ex.:

Home que não tem cavallo,

Pra que diabo compra peia?

Muié, que não possue brinco,

Pra que cão fura as oreia?

Pra que pobre com bahú? — dizem os imprevidentes sertanejos, encorajando-se para o superfluo dispendio ou sacrificio do pouco que lhes resta.

P'r'esse tempo bote mais uma terçal — isso só acontecerá em futuro mui remoto e é inutil ou prematura qualquer preoccupação a respeito.

Principio querem as coisas — iniciar um trabalho é tel-o em vias de conclusão.

Prudujicar (prejudicar). Ex.: *Inverno grande de mais prudujica dereitamente como uma secca...*

Puxação — asthma.

Puxar a alguém — ter as taras hereditarias desse alguém. Ex.: *Nisso de beber, elle puxa ao avô delle.*

Puxar fogo — estar alcoolizado.

Puxar pelo pé — apressar a marcha.

Quando Deus tarda é porque vem no caminho — phrase com que os sertanejos enunciam sua confiança na Providencia Divina.

Quando Deus tira os dentes, alarga a guêla... — Corresponde a *Deus dá o frio conforme a roupa*.

Quando sinão quando — eis que de repente. Ex.: *Estava tudo abancado no terreiro, quando sinão quando os cangaceiros chegaram.*

Quando urubú anda caipora, o de baixo c... no de cima — Corresponde a *Um cão damnado todos a elle* ou *Atraz dos apedrejados correm as pedras...*

Quando você ia p'r'os cajús, eu já vinha das castanhas — eu o antecedi.

Quanto mais rico, mais ridico! — exclamação com que se censuram sovinnics de gente endinheirada.

Quanto menos samo melhor passamo — remoque com que se saúda o afastamento de alguém cujo convivio se estimava e cuja falta se quer d'ssimular ou obscurecer.

Quebrar a tira — morrer. O mesmo que *bater o 31, esticar a canella, bater a caçoleta, ser com Deus*.

Quebrar de — andar vestido luxuosamente de... Ex.: *Você anda amiorado: em domingo e dia sumanal só quebra é de gazimira!*

Quebrar o cuspe — quebrar o jejum.

Queima — casamento sem festas. Ex.: Eu me casei na missa da madrugada: fiz um queima...

Queimar — errar a dança. Ex.: Quadrilha só queimada é que tem graça...

Que mal pergunto — modo de pedir venia para uma pergunta. Ex.: Que mal pergunto, qual é sua graça?

Quembembes — grotiões, quebradas de serra.

Quem adiante não olha atrás se fica — a imprevidencia é prejudicial.

Quem come de meu pirão leva de meu cinturão — quem dá o pão dá o castigo.

Quem compra sem poder vende sem querer — o luxo acarreta desgostos e humilhações.

Quem convida dá banquete — os convidados não têm obrigação de fazer despesas.

Quem de moço não morre de velho não escapa — a morte não poupa ninguém.

Quem de tudo quer saber mexerico quer fazer — a curiosidade é indicio de bisbilhotice.

Quem duma escapa cem annos vive — quem de serio perigo sai illeso toma precauções para se não ver em situação identica.

Quem é besta pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue — não são desculpaveis os tolos.

Quem foi mordido de cobra tem medo de minhoca — corresponde a Gato escaldado de agua fria tem medo...

Quem gaba a noiva é o noivo — há pessoas que têm obrigação de elogiar outras.

Quem gosta torna, e quem torna chócha... — nem tudo que nos agrada pode ser repetido.

Quem guarda com fome o gato come — os sovinas são sempre castigados.

Quem levou o tiro que conte os buracos! — quem perdeu o jogo veja quanto deve pagar.

Quem muito abarca pouco aperta — quem muito ambiciona pouco obtém.

- Quem muito se abaixa o c... lhe apparece* — a exaggerada cordura ou a falta de altivez importa humilhações.
- Quem não chora não mama* — corresponde a *A quem não pede Deus não ouve*.
- Quem não tem coragem não amarra negro* — ninguém se proponha a emprehendimentos superiores ás proprias forças. O mesmo que *Quem não pode com o pote não pega na rodilha*.
- Quem não trabuca não manduca* — forma grotesca do *Quem não trabalha não come*.
- Quem nunca comeu mel quando come se lambusa* — quem faz uma coisa pela primeira vez acredita sempre que fez grande coisa.
- Quem precisa é quem se estira* — aos que de algo têm necessidade é que cabe esforçar-se pela obtenção disso.
- Quem quer cavallo sem tacha anda a pé* — quem exige a perfeição priva-se de certas commodidades.
- Quem quer passar bem não sai de casa* — os exigentes não se devem confiar no gosto alheio.
- Quem quer se divertir compra macaco* — é grosseiria fazer-se alguém objecto de graçolas.
- Quem se vexa come crú* — do que se faz apressadamente não é licito esperar a perfeição.
- Quem se faz de mel abelha o come* — a brandura impõe soffrimentos, injustiças e humilhações.
- Quem tem bocca não manda assoprar* — resposta de quem se recusa a cumprir certa determinação perigosa.
- Quem tem roupa na mochila* — quem dispõe de elementos, quem tem prestigio, quem está com a razão, quem virá a vencer.
- Quem tem sangue faz chouriço; quem não tem deixa-se disso* — não teiem os incapazes.
- Quem tem seu vintem bebe logo* — não se demoram pequenos gastos indispensaveis.
- Quem vai a festa tres dias não presta* — as festas deixam-nos inaptos para o trabalho.

Quem vai p'r'a Bahia feche a barguia — advertencia a alguém que está com a braguilha desabotoada. Costuma-se também perguntar: *Você vai p'r'a Bahia?* o que é bastante para que o interpellado logo se aperceba do que se trata.

Quem vai p'r'a casa não se molha — ao proprio lar chega-se bem, de qualquer forma que se chegue.

Quente — ligeiramente alcoolizado.

Querer abarcar o mundo com as pernas — ter pretensões inexecutableis, entregar-se a tarefas varias e de execução pouco provavel.

Querer ensinar Padre Nosso a Vigario — pretender dar lições a quem dellas não necessita.

Quibébe ou *chibé* — garapa de rapadura ou assucar com farinha.

Rajado — sujo, emporcalhado, *breado*. Ex.: *Menino, vae tomá um banho que tû estás com a cara toda rajada.*

Rama — bebida alcoolica. *Comer rama* — ter o vicio de alcoolismo.

Raposo — cor pardacenta e similhante á da raposa.

Rasgar seda — trocar amabilidades. Ex.: *Ih! Vocês, quando começam a rasgar seda um p'r'o outro, vão longe...*

Ratuino — de inferior qualidade. O mesmo que *espora* (adj.) Ex.: *Aquillo é um adeogado ratuino! Elle é um cantor espora...*

Refilão — o mesmo que “porre”.

Refugar os paus da porteira — diz-se das alimarias, quando se obstinam em não penetrar no cercado ou curral.

Relampeou, cortei! — advertencia capadoçal correspondente a *Mexeu-se, morreu!*

Relar — ralar.

Relaxado — despreoccupado com o trajar.

Remar vergonha — soffrer vergonha. Ex.: *Diz elle que deu-lhe uma dor de barriga tão da excommungada que, si não sai tão depressa, tinha remado vergonha...*

Remedio de doido é doido e meio! — para um valentão outro valentão.

Rijume — regimen.

Rir-se o sujo do mal lavado -- ridicularizar em outrem defeitos que lhe são também próprios.

Rói-couro — rua, bairro ou arrabalde de cidade parahybana onde se localiza o meretrício.

Roupa de ver a Deus — roupa nova, fatiota domingueira.

Rôxo — muito desejoso. Ex.: *Eu ando rôxo por que o inverno já cheguê.*

Ruim de córte, bom de córte — indisposto, disposto. Ex.: *Deixemos de caçada que eu hoje amanheci ruim de córte.*

Saber — perguntar. Ex.: *Escrevi p'r'o Rio sabendo si a revolução já acabou.*

Saber — querer saber. Ex.: *Você sabe quanto eu ganhei hoje?*
— *Sim.* — *Dois mil reis.*

Saia (subs.) — a cauda dos equinos. A dos bovinos chama-se indistinctamente *saia, sedém ou bassoura.*

Sair das brazas pra cair nas labaredas — safar-se duma dificuldade e cair noutra.

Saltar uma fogueira — escapar de grande perigo.

Salvou-se uma alma! — exclamação de surpresa com que os sertanejos consideram um facto inesperado a mercê obtida por uma alma egressa do Purgatorio.

Sangrar — abandonar o jogo, quer ganhando, quer perdendo. Quando se o abandona ganhando diz-se *correr com a sella*, em referencia ás alimarias velhacas.

São cachimbos apagados — são inutilidades.

São Subéra (Si eu soubera) — Os matutos dizem ironicamente: *O São Subéra é santo que nunca valeu a ninguem...*

Saúde pouca mais vál nenhuma — não vale a pena guardar-se ou poupar-se algo, quando se o tem em pequena quantidade.

Seboso — desasseiado. Ex.: *Largue de ser tão seboso: tome, ao meno, um banho por sumana!...*

Secca-gaz — individuo maçante, cacete (muito usado na Bahia).

Secco — desacompanhado. Ex.: *Eu perdi o jogo porque não tive trunfo: o "Rei" estava secco.*

Ser de chupêta, ser de encomenda ou ser de se tirar o chapéo — diz-se de factos, coisas ou pessoas interessantes, por sua velhacaria e habilidade.

Ser de papouco — diz-se de pessoas, coisas ou factos admiráveis.

Ser homem como trinta — ser muito corajoso.

Ser lido e corrido — ter sciencia e experiencia. Dizia ironicamente um matuto cearense: — *Lido eu não sou não, mas corrido eu já fui tres vezes da casa de meu sogro...*

Ser quem Deus deixou — ser competentissimo ou incomparavel em dado mister. Corresponde a *estar sosinho*. Ex.: *O Felismino pra inventar mentira foi quem Deus deixou...*

Ser sem officio nem beneficio — não ter eira nem beira, ser pobre e inepto.

Soltar foguete — caminhar voltando-se constantemente, a olhar para traz. Ex.: *O namoro delles é um namoro rôxo: quando elle passa é soltando foguete até dobrar a esquina.*

Só não chamar de santo — dizer a alguém toda especie de desaforos.

Taba dos queixos — a base dos maxillares.

Tamarina — tamarindo.

Tanto do, tanta da — tanto, tanta. Ex.: *Eu vi tanto do iscan-dêlo e tive tanta da raiva que nunca mais botei meus pés num cinema.*

Tanto faz José como Cazuza — é o mesmo, é a mesma coisa...

Tão do — tão. Ex.: *Quem manda você ser tão do engraçado?*

Tão grandão! — expressão de mofa com que se estimulam os brios dum menino chorão ou traquinas.

Ter figo (figado) — ser excepcionalmente animoso ou apto para qualquer difficil apprehendimento. O mesmo que *ter cabelo no coração* ou *ter cabelo no céu da bocca*.

Ter chita — ser custoso, difficultoso. Ex.: *Mesmo chovendo agora, daqui que as coisas melhorem tem chita!*

Ter pae vivo e mãe bolindo — não precisar de castigos ou auxilios outros que não sejam os paternos.

Tinindo ou *tinindo de raiva* — muito enraivecido. Ex.: *Elle me disse tanto do desafôro chega eu sai tinindo...*

Tiorega — coisa complicada. Corresponde a *burundanga*, *istruvenga*. Ex.: *Que é aquillo? que diabo de tiorega será?*

Tirar — escolher par para a contradansa. Ex.: *Nesta figurada as moça é que tira os rapaz...*

Tirar sentença — cumprir sentença. Ex.: *O Elias já tirou sentença na cadeia de Sobral.*

Tirar uma linha com alguém — entreter um namorico com alguém.

Tirar um verso — compor uma poesia.

Tocar-se — sair andando. Ex.: *Eu me toquei de mundo afora.*
Diz-se também *tacar-se* e *atacar-se*.

Todo mundo vendo — na certa, infallivelmente. Ex.: *Em 1925 é secca, todo mundo vendo...*

Todo santo dia — quotidianamente. Ex.: *Elle bebe que só gambá: toma um porre, todo santo dia...*

Tomando bença a cachorro, chamando gato meu tio — em estado de completa miserabilidade. Ex.: *Meu pae chegou aqui tomando bença a cachorro, chamando gato meu tio e já hoje não é rico, mas é arranjado...*

Tomar o folego de alguém — desmoralizar alguém, impondo-se-lhe ao medo. Ex.: *Se desengane que a mim você não desfeita: folego de homem você não toma!*

Tomar — torcer o rumo, mudar a direcção. Ex.: *Eu saí do Camocim pra Sobral mas, quando cheguei no Massapé, tomei pr'o Acarahú.*

Torcer a orelha e não ver sangue — soffrer muito e não ser accudido nem encontrar como se sair das difficuldades.

Torto dum olho ou torto — cego de uma das vistas.

Tramêla (taramela) — coisa importuna. Ex.: *Tire essa mala, arrede essa tramêla do meio do corredor.*

Trastejar — hesitar, entibiar-se, deixar de proceder bem. Ex.: *Como vai elle no trabalho? — Vai indo: não trastejou não...*

Tres o diabo fez... — exclamação com que se afasta de uma combinação um terceiro concorrente.

Trinco — luxo. O mesmo que *ponta*.

Tripa gaiteira — o grosso intestino.

Triscar — tocar levemente. Ex.: *A faca não furou elle não: só fez triscar.*

Um (som ligeiramente guttural) — interj. com que se attende a um chamamento. Corresponde a *hein*, *ói*. Também significa *sim* e *eis aqui*. *Um-um* equivale a *não*. Ex.:

— *Pedro!*

— *Um?* (*hein*)

— *Está accordado?*

— *Um!* (*sim*).

— *Cadê os fósfo?*

— *Um!* (*eil-os*)

— *Quer cachaça?*

— *Um-um!* (*não*)

Valente que nem cobra de resguardo — muito valente.

Véaco (velhaco) adj. — diz-se do animal que se não deixa prender facilmente.

Venda seu peixe que eu, depois, vendo o meu! — fale que depois falarei eu.

Ver-se nās amarellas — ter de enfrentar serias difficuldades.

Vi não — No Nordeste, especialmente no Ceará, tanto se repete a negativa depois do verbo (*não vi não, não sei não*) como se deixa de a enunciar antes do verbo. Ex.:

Você viu meu cavallo? — *Vi não.*

Ver — procurar, trazer. Ex.: *Vá ver o gamão pra se jogar.*

Ver a hora que — antever impressionadamente. Ex.: *Não se atrepe mais naquelle coqueiro: eu estava vendo a hora que você caía...*

Ver o mundo com — soffrer muito. Ex.: *Eu tenho visto o mundo com essas feridas.* Diz-se também *ver o diabo com*.

Verso — historieta versificada.

Ver Vóvó — ser suspenso pelas orelhas. Brincadeira que se faz com as crianças.

Vexame ou *avexame* — pressa. Ex.: *Esbarre: largue de avexame!*

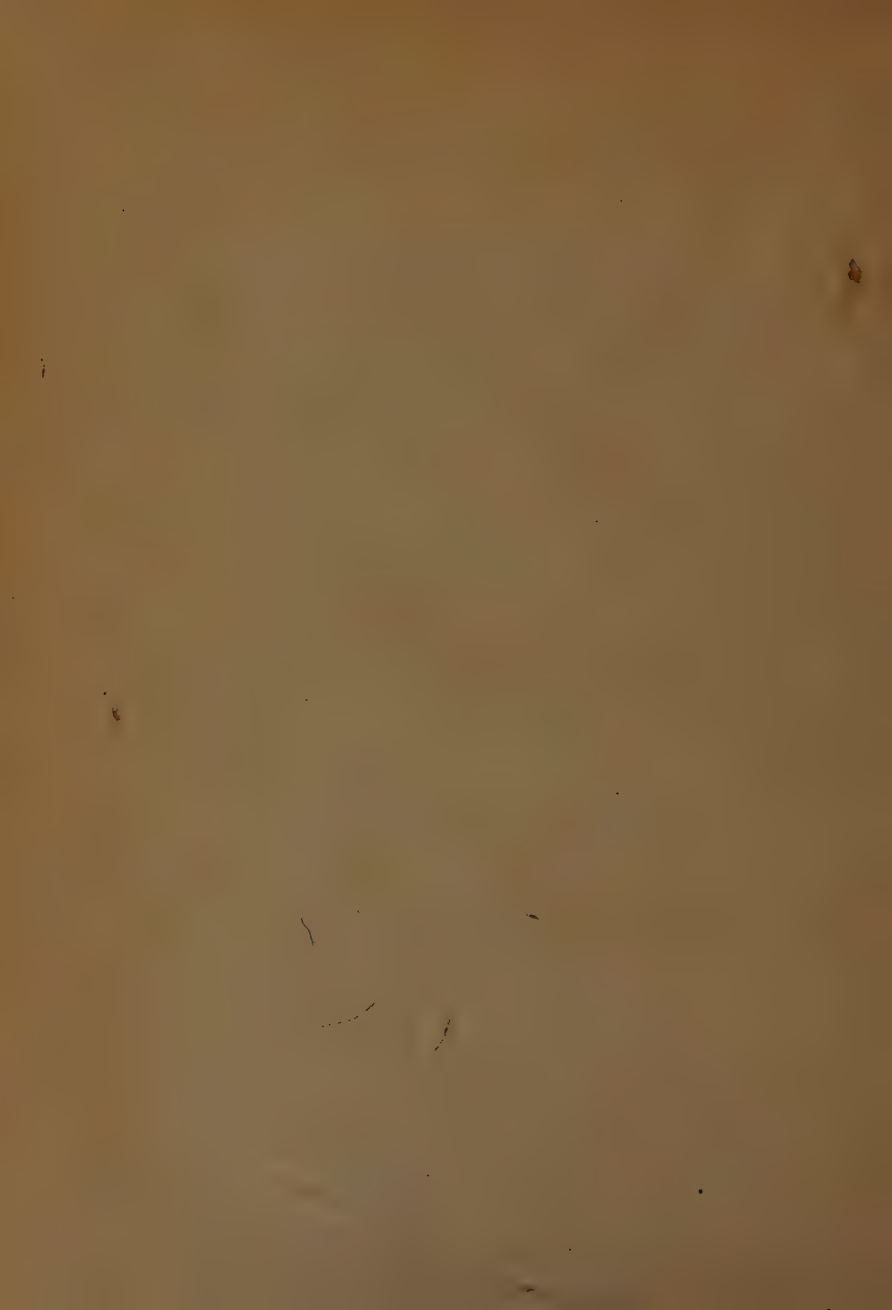
Visita de medico — visita mui rapida.

Voar ou *avoar* — saccudir. Ex.: *Menino, você largue de avoar pedra em quem passa na rua...*

Xetrar — soffrer um insuccesso, quer não conseguindo o que era esperado, quer indo baldadamente ao encontro de alguém. Ex.: *Elles pediram a demissão do Delegado, mas xetraram.*

INDICE

Musa Matuta	1
“De rebus pluribus...”	31
Na terra de Romano e Catingueira.. . . .	71
Os bichos falam.	101
Moralidade em facecias.	125
A religião na poesia do povo.	151
Os cangaceiros e o folklore.	183
Superstições	217
Do sertão (2.º serie)	233
Modismos e adagiario	261



JUIZOS CRITICOS

“O sr. Leonardo Motta, não há muito tempo, realizou na Bibliotheca Nacional uma conferencia sobre o nosso folk-lore. Os themas eram interessantes, os exemplos que ornavam o seu discurso eram espirituosos e originaes. Tudo — naquella Palestra — o estylo flagrante da poesia sertaneja, a prosodia caracteristica do Nordeste e a graça no dizer contribuíram para o encanto, que foi extraordinario, de sua conferencia.

Essa e outras leituras publicas eram apenas um adiantamento que elle fazia ao livro agora magnificamente editado pelo livreiro Castilho — “CANTADORES” —, *poesia e linguagem do sertão cearense*”.

.....Por todos esses aspectos principaes e secundarios são os “CANTADORES” de Leonardo Motta um dos livros mais interessantes deste anno, pela profusão, riqueza, espirito e graça, o que não exclue a séria gravidade dos estudos ethnographicos. E essas qualidades são tanto mais apreciaveis quanto o seu autor propositadamente evitou repetir o que andava já conhecido e vulgarizado por seus precursores.”

(João Ribeiro, n’“O Imparcial”, do Rio)

....“Assisti, há dias, com muita gente, no *Theatro Trianon*, a uma Palestra do Sr. Leonardo Motta sobre a poesia popular do Nordeste. Foi um trabalho interessante em que este incansavel colleccionador, si não nos revelou nenhuma face ainda obscura do folklore poetico daquella região, delle nos deu, comtudo, excellentes amostras novas, nas quaes a singular

vivacidade, a graça chocarreira e a energia dos affectos, proprias dos poetas rusticos do Nordeste, mais uma vez appareceram com a nitidez de uma physionomia accentuada e distincta.”

(*Amadeu Amaral*, em Discurso na Academia Brasileira)

“Infelizmente, não me foi possível accudir ao reiterado convite que me dirigiu o sr. Leonardo Motta para assistir ás suas conferencias acerca das trovas e cantigas cearenses. Digo “infelizmente” porque de pessoas entendidas no assumpto ouvi os maiores gabos ao trabalho do jovem folklorista, cujo merecimento acabo de ver plena e amplamente confirmado neste bello volume, sahido, há pouco, dos prelos da acreditada Livraria Castilho.

....“CANTADORES” é, indubitavelmente, um dos melhores trabalhos que se tem escripto acerca do folklore do Norte e, com especialidade, do Ceará, que sempre me pareceu dentre todos o Estado de população mais genuinamente brasileira.”

(*Osorio Duque Estrada*, no “Jornal do Brasil”, do Rio)

....“As conferencias e, posteriormente, o livro que sobre “CANTADORES” nos deu recentemente, no Rio, o escriptor cearense Leonardo Motta vieram revelar-nos aqui o que tem sido a nossa injustiça e, mais do que isso, o nosso prejuizo, fazendo a propaganda de tradicionalistas da Avenida, para os quaes o sertão começa na Galeria Cruzeiro e acaba, quando muito, nas pilhas de Jornaes provincianos, na Bibliotheca Nacional.

... “A Vida Roceira”, de Leoncio de Oliveira e os “Cangaceiros”, de Xavier de Oliveira, fazem parte já do nosso melhor patrimonio literario. Sobreleva-os, porém, na originalidade da contribuição o trabalho de Leonardo Motta, cujo valor só pode ser avaliado por aquelles que conhecem, pelo convivio demorado, o legitimo sertanejo do Norte.”

(*Humberto de Campos*, na revista “Para Todos”, do Rio)

“Tudo é de admirar e louvar nos “CANTADORES” de Leonardo Motta: desde o esforço despendido para a colheita de tão abundante silva da musa sertaneja, até o curioso elucidário de vozes e phrases do falar sertanejo. O livro, alem disso, está escripto em linguagem natural, desataviada, elegante e regularmente correctá. O feixe de apreciações subscriptas por varios escriptores, com o qual encerrou o editor o interessante volume, vale uma glorificação a que, com muito gosto, juntaríamos os nossos desautorizados applausos”.

(Da “Revista de Lingua Portuguesa”, de *Laudelino Freire*)

....“Comprehendeu perfeitamente o sr. Leonardo Motta esse caracter da obra poetica da gente nortista, guiando-se por criterio differente de todos os seus antecessores. Foi, portanto, o sr. Leonardo Motta o primeiro, pois que sempre o fizeram de passagem, incidentemente, que deliberadamente procurou destruir o anonymato dessa poesia saborosa e espontanea da alma popular, o que se verifica desde o titulo de sua obra.

Grande serviço prestou o sr. Leonardo Motta que, com algumas conferencias e este livro precioso e delicioso se impoz em nosso meio. E é porque nesse livro se exprime, sem artificio algum, na sua rude simplicidade, a alma do nosso povo, que devemos guardal-o com carinho, para sempre o relermos com admiração.”

(*Tristão de Athayde*, n.º “O Jornal”, do Rio)

.... “Para nós que, vivendo no litoral, nos habituámos a ver o Brasil da orla do mar, o Brasil dos moços bem vestidos e das mulheres decotadas, o Brasil cheio dos échos da literatura européa, este livro, que nos deu o sr. Leonardo Motta é uma deliciosa hora de descobertas. E’ relendo estas paginas, escriptas com tanto carinho e sympathia, que eu encontro mais bello e mais original o genio do meu povo e o espirito da minha raça.”

(*Mucio Leão*, no “Correio da Manhã”, do Rio)

“Meu caro Leonardo Motta — Você é um *damnado*! Os “CANTADORES” acabam de revelar que temos no nosso paiz um folklorista paciente, minucioso e orientado, coisa que é rara nos outros folkloristas. E esse homem é você! Não há exaggero nem sombra de sympathia: — o seu livro é o melhor que eu conheço, no genero, sobre assumptos brasileiros. Os “CANTADORES” mostraram-me um Brasil maior, mais sonoro, mais bonito, mais musical que o Brasil que eu conhecia e amava. Você é um *damnado*, Leonardo! Uma porção de abraços deste seu admirador e amigo

Viriato Corrêa

.... “Leonardo Motta é o confidente da grande alma poetica do sertanejo cearense.

Annibal Fernandes, o elegante registador de “De uns e de outros” no *Diario de Pernambuco*, diz que Leonardo Motta não é sertanista boulevardier, não tem *appartement* permanente em Paris, nem fala de oitiva sobre o sertão. Vive com os sertanejos. Não passa entre elles como um viajante apressado, mas como um camarada, um amigo, um irmão.

.... Agita-se o paiz. Irradia-se do centro do Brasil um alto grito pela sua nacionalização. Não há coração de patriota sincero, onde esse grito sem jacobinismo não tenha repercutido da mais intensa sonoridade.

Alinho-me com Leonardo Motta que ora desce de Norte a Sul, a diffundir as bellezas poeticas dos sertanejos, que enorme será o serviço dos pioneiros dessa santa cruzada nacionalista, o recolho, a colheita, a apanha dessas perolas perdidas, o estudo dessa incomparavel poesia dos sertões do Brasil.”

(De uma Conferencia de Ademar Tavares, no Rio)

.... “Estamos tão affeitos á nossa literatura emphatica, choramingas, palhiça que o apparecimento de um livro como o seu seria um facto digno de ser assignalado com o *albo lapillo* dos rhetoricos. Como, porém, já não somos romanos — nada obstante a heraldica presumpção de “latinos”. — contentemo-nos da crença de que os “CANTADORES” serão lidos e relidos por nós e pelos que vierem depois, por isso que elles attestam

exhuberantemente a pujança, a riqueza, a philosophia da nossa gens inculta e mascula, soffredora e heroica.”

(De uma carta de *Fernando Nery* — Rio)

.... “Leonardo Motta é possuidor de um peregrino talento e o seu livro “CANTADORES”, ultimamente publicado, é a revelação dessa cultura e do grande amor ás cousas do Norte, ou melhor, do sertão, onde vive a genuína alma cabocla, cantando a poesia do sertão, ora improvisada em satyras picantes, ora em quadras entrecortadas de um profundo lyrismo.”

(*Osorio Lopes*, na revista carioca “Mundo Literario”)

.... “O Sr. Leonardo Motta é um homem feliz. Emquanto nós, aqui no Rio, quando nos mettemos a pescadores de perolas poeticas, só encontramos ostras e já chupadas, elle, percorrendo o sertão do Ceará, encontrou algumas dezenas de poetas authenticos.

Falando de tal gente, o Sr. Motta, no seu delicioso volume “Cantadores”, mostra bem comprehender-lhe a essencia inspiradora. Facto digno de nota hoje, que os que comprehendem os poetas são tão raros quanto os proprios poetas. Amar assim a belleza é quasi creal-a!

Numa linguagem diaphana como agua nascente, o talento-folklorista evoca os typos mais caracteristicos da região nordestina. Suas bellas paginas evidenciam que, no sentido heroico ou pathetico, o cearense é um dos nossos valores raciaes.

Nobre gente essa e homem nobre o Sr. Leonardo Motta, que tão bem a define e illustra, compondo, amorosamente, as mais expressivas rhapsodias sertanejas!”.

(*Agrippino Grieco*, na “Gazeta de Noticias”, do Rio)

.. “Amo a literatura verdadeiramente regional e, por isso, envidei os maiores esforços no sentido de ler o livro de Leonardo Motta com attenção. Posso assegurar nelle haver aprendido o que de mais bello existe nesses cantadores populares,

almas lyricas que apenas aprenderam no infolio immenso da Natureza, circumscrevendo-se ao horizonte do recanto natal.”

(De uma carta do escriptor uruguayo *H. Araujo Vilagran* ao poeta cearense Soares Bulcão)

.... “CANTADORES” é um livro sincero. Não há no seu entrecho a pábula exhibição da sabedoria encanada. E’ simples e, por isto mesmo, natural e agradável.

Pelo Rio, os jornaes chamaram o sr. Leonardo Motta *Embaixador dos Sertões*. E’ um titulo justo. Embaixador e plenipotenciario! E’ a voz multipla da grande terra sertaneja, a voz tristonha das juritys, o canto dos poetas, o fulgor das inspirações, a litanía morbida do abôio, a voz unisona e poderosa do Sertão quem fala pelos “CANTADORES”.

(*Luiz da Camara Cascudo*, em “A Imprensa”, de Natal)

.... “Aos filhos do Norte deve ser bem grato esse despertar da alma nacional. No campo da actividade mental brasileira cabe-nos a gloria das primeiras tentativas de nacionalização da nossa literatura.”

Leonardo Motta é um bello, lucillante e fecundo espirito que volveu, ainda hontem, á terra natal, após uma longa e brilhante peregrinação de intelligencia pelos centros cultos do norte e sul do paiz. Por ahi não andou elle a fazer a apresentação das suas credenciaes como intellectual de nome consagrado dentro das lindes da provincia que lhe é berço. Constitue-se “Embaixador dos Sertões”, com honra e lustre para este rincão patrio, e offereceu aos meios intellectuaes do Brasil o prazer e o encanto de uma privança mais intima com a quasi desconhecida musa sertaneja.”

(*Elcias Lopes*, no “Correio do Ceará”, de Fortaleza)

“Doente, cego, deitado
Na minha rede querida,
Assim passo a minha vida,
Como sabes, meu Amigo!

Mas não sabes que minha alma
Viajou sempre contigo,
Contente, ouvindo louvores
E vendo custosas flores
Cobrinho tua figura,
Depois de cada leitura
Do teu livro "CANTADORES".

(De uma poesia de *Juvenal Galeno* — (Ceará)

.... "Era necessario, meu caro Leonardo Motta, era necessario que apparecesse o teu livro! Sem elle estavamos quasi descrendo do valor poetico da nossa gente. Nessa nova especie de literatura temos onde ir buscar diversão á tristeza que nos infunde o estado apathico do francezismo que domina a moderna arte mecanica de fazer versos. Quanto te devem as letras patrias! E, no entanto, quantos por ahi andam que apenas te concebem um jornalista novo, orador de folego — pilherico, verdadeiro Amigo —, mas que não ajuizam da grandeza nacional de teu livro e do grande valor litero-social que elle encerra."

(*Adaucto Fernandes*, no "Correio do Ceará", de Fortaleza

.... "A innata tendencia de Leonardo Motta para o estudo dos costumes populares era-me, de há muito, minha conhecida: nunca, porém, cuidára vel-a revelar-se-me com tão refulgente realidade, deslumbrando-me e convencendo-me da velha verdade de quanto pode a perseverança num individuo, de quanto pode uma vontade forte, maxime quando servida por uma intelligencia de escol — opéra milagres de erigir monumentos como "CANTADORES", que venho lendo para minha familia, em agradaveis serões, noite a dentro, por entre os risos de crystal da criança attenta, risos de dar saúde e fazer bem á gente."

(*Manoel Miranda*, no "Correio do Norte", de Ipú (Ceará)

.... “Quando o Leonardo Motta, na parte da Conferencia que se referia ás superstições do nosso povo, alludiu á credence dos effeitos da chave do Sacrario, o Conego Walfredo Leal, que estava ao meu lado, confirmou, a rir baixinho: — “E eu já emprestei, muitas vezes...”

(Renato de Alencar, em “A União”, da Parahyba)

.... “Leonardo Motta não apparece no meio intellectual da Parahyba como o naufrago de Corcyra; elle, ao revez, se nos apresenta de braços com Calliope, “coroada de louros e grinaldas”. E de tudo o mais significativo e edificante é que elle faz obra meritoria de nacionalismo na terra que se orgulha de ter sido o berço enflorado de Epitacio Pessoa, o Presidente Nacionalista.”

(Genesio Gambarra — “Gabriel Garcia” — no “Correio da Manhã”, de Parahyba)

.... “Para mim Leonardo Motta é, antes de tudo, um raro brasileiro que, transformado em novo e bem mais intelligente bandeirante, vai fraternizando aos poucos os brasileiros das cidades com esses philosophos e cantadores rudes que habitam por traz das serras do litoral.”

(Bezerra Leite — “B. L.” — no “Diario da Noite”, de Recife)

.... “O sr. Leonardo Motta está, ao meu ver, realizando uma obra interessantissima. Isso de folklore do Nordeste não é para elle assumpto á distancia: é realidade vivida, experimentada, olhada e ouvida de perto. E, a proposito, me occorre uma phrase brilhante e feliz do meu amigo sr. José Lins do Rego numa roda em que se discutiam os meritos do sr. Leonardo Motta: — “E’ o tachygrapho dos cantadores!” disse José Lins.

Tachygrapho dos cantadores! deliciosamente dicto. Tem, de facto, a obra do sr. Leonardo Motta todo o sabor de uma reportagem tachygraphica.”

(Gilberto Freyre, no “Diario de Pernambuco”)

.... “Os sertões do Nordeste, que inspiraram a obra formidável de Euclýdes da Cunha, ainda estavam por encontrar o documentador authenticó do espirito subtil e da linguagem popular dos seus habitantes. As tentativas psychologicas de Gustavo Barroso, pelo norte, como as de Affonso Arinos, pelo sul, ficaram sempre impregnadas de um suspeitissimo perfume de *boulevard*. Esse documentador paciente, cuidadoso, veridico, appareceu com Leonardo Motta, o original e talentoso autor de “CANTADORES”.

(*Raphael Corrêa*, no “Jornal do Commercio” de Recife)

“Leonardo, a musa pachola
Do Tybaldo d’Alcazão,
Commovida, abre a gaiola
A’s azas da inspiração
E te envia, de charola,
Um grande aperto de mão.

Inda em mim se desenrola
O novello da Emoção,
Ao milagre da viola
De *Aderaldo* e de *Azulão*...
Leonardo, bemdita a esmola
Que me deste, meu irmão!”

(*Austro Costa* — “Chrispim Fialho” — no “Jornal do Commercio”, de Recife)

.... “Havendo perlustrado os sertões do Nordeste, o sr. Leonardo Motta já realizou um trabalho grandioso e quantioso, cuja pratica exigia a tenacidade incorruptivel que o aparelha.”

(*João Vasconcellos*, no “Jornal do Commercio”, de Recife)

... "Seu Lunardo cantadô,
Do desafio na viola
Você não é mais doutô...
Parece perdeu a bola,
Pois o tal de folquilô
E' só p que tem na cachola..."

(Oscar Brandão — "Pangloss" — em "A Rua", de Recife)

.... "Leonardo Motta transformou os sessenta minutos de sua dissertação fulgurante num longo momento de graça. E pena foi que o não tivesse ido festejar a cidade inteira, que perdeu a oportunidade de passar uma tarde ao enlevo de uma ventura que se experimenta poucas vezes."

(Carlos Garrido, no "Jornal de Alagoas", de Maceió)

.... "Dessa alma, na sua autenticidade magnifica, que a paixão da poesia inflamma, da grande alma em formação do Brasil hegemônico, Leonardo Motta, nosso hospede e homem de letras inconfundivelmente nacional, apanhou, como um rhapsodo benemerito, os flagrantés mais commovedores.

A' literatura fez o rutilo prosador um bem inestimavel; mas, ao Brasil, sobretudo, serviu o brilhante confrade, com a benevolencia de um patriota authenticico."

(Povina Cavalcanti — "P. C." — no "Estado das Alagoas")

.... "Prosiga Leonardo Motta nas escavações que vem fazendo pelos filões soberbos, quasi ignorados, da nossa literatura popular! Conquiste esse diadema que é o de escriptor puramente nacional e embale-se no enlevo de que não é um fatuo, a rebuscar citações de Flaubert, nem escancaramentos de Zola, para fazer letras brasileiras."

(Manoel Loureiro, no "Correio da Tarde", de Maceió)

... “Humilde vigario collado nesta pequena freguezia regionalista da pilheria literaria e do folklore, de que sois bondosas ovelhas, tomo a liberdade — o que me traduz honra magnifica — de apresentar-vos o excellentissimo senhor Dom Leonardo Motta, que é, meus fieis, virtuoso Arcebispo das boas letras e Primaz do Brasil em estudar e divulgar os costumes do povo: — assim deveria ser, dentro da Religião de minhas tendencias intellectuaes que eu puzesse diante de vós este cearense investigador e consciente que vos vai falar.”

(De um Discurso de *Clodomir Silva*, em Aracajú).

... “A missão que Leonardo Motta se impoz tem o brilho magnifico de um poema, tem a belleza heroica de um sacrificio, tem o fulgor de um apostolado. Como aquelles velhos cantores gregos que iam declamando pelas terras douradas da graça, de cidade em cidade, de ilha em ilha, os hexametros de Homero, ou como os troveiros medievaes alvoroçando os castellos com a narrativa das façanhas do Rei Arthur e os esplendores guerreiros do cyclo carlovingio, assim Leonardo Motta se foi, sertões a dentro, surprehender a vida e a alma desses homens rudes da vaquejada e do cangaço. E trouxe para o encanto dos nossos ouvidos, para os estremecimentos da nossa surpresa, para o silencio das nossas cogitações a alma em flor desses sertões e o sertão em flor dessas almas! Nisso está a gloria immarcessivel deste homérída das glorias obscuras da gente tabarôa, deste revelador da alma brasileira, deste que vos vai falar dos poetas maravilhosos — Leonidas de rifle e cartucheira — de alma de sol e coração de luar, esquecidos por quatro seculos de Civilização!”

(De um Discurso de *Arthur de Salles*, na cidade bahiana de Santo Amaro).

.... “O Dr. Leonardo Motta foi felicissimo no dizer. De Dr. Theodoro Sampaio ouvimos esta critica judiciosa: — “Elle imita perfeitamente o matuto. Até no atropello final do verso,

onde o cantador parece correr atrás da idéa, a apanhal-a, a aprisional-a na *chave* da cantiga.”

(*Pedro Calmon*, n’“O Imparcial”, da Bahia).

... “Queremos te assegurar, Leonardo Motta, que para aquellês de nós que te ouviram e melhor te aquilataram a grandeza integral, quando te fôres daqui, amanhã, há de lhes parecer que viram passar, vindo dos sertões do ceará milagroso, do seio profundo e verde e virgem de nossa terra um apóstolo novo annunciando o Brasil aos brasileiros e, por muito tempo, haverão de sentir o prestígio de tua palavra, feita das vozes dos nossos aédos desconhecidos, dos nossos cantadores — tal como os crentes, os fieis, os illuminados viam, no chão das estradas, marcando as pegadas fecundas, o pó luminoso e sagrado das sandalias dos Prophetas.”

(De um Discurso de *Octavio Simões*, na cidade bahiana de Santo Amaro).

... “Ruy Barbosa, no divino “Elogio de Castro Alves”, chamou de *o grande mergulhador do coração humano* a Shakespeare, o poeta titan da ennevoada Albion.

Leonardo Motta é o grande mergulhador da alma sertaneja, é o traço de união entre a alma do homem rustico do Brasil e o resto do mundo. Elle canta aos ouvidos de todos nós a santa poesia que nasceu da primeira maldade dos portugueses, quando abandonaram, abatidos e tristes, os dois degradados cujas pupillas se mortificaram pela Saudade, no momento em que as velas lusitanas, as primeiras, rumavam de novo a Portugal, diluidas num horizonte rubro, sangrento.”

(De um Discurso de *Gastão Guimarães*, em Feira de S. Anna — Bahia).

... “Não fôra exaggerado dizer-se que poucos escriptores de nossa moderna geração literaria se poderão gloriar de haverem sido tão largamente lidos, discutidos e, sobretudo,

applaudidos quanto o exímio folclorista de “Cantadores” e é pena que, de tão gabado pelas summas autoridades criticas do paiz, elle já nos chegue com o seu natural amor proprio satisfeito e com a sensibilidade embotada para o elogio.”

(*Epaminondas Castro*, num Discurso em Ilhéos).

... “Leonardo Motta merece um lugar de destaque entre os folcloristas do Brasil. Na sua Conferencia não se mostrou apenas o investigador habil, o colleccionador intelligente de anedotas, trovas e desafios: elle soube aproveitar-se, com intelligencia e arte, da poesia popular, para dar-nos a conhecer a alma e o coração dos nossos nobres e injuriados irmãos sertanejos”.

(*Carlos Xavier* — “X. C.” — No “Diario da Manhã” — Victoria).

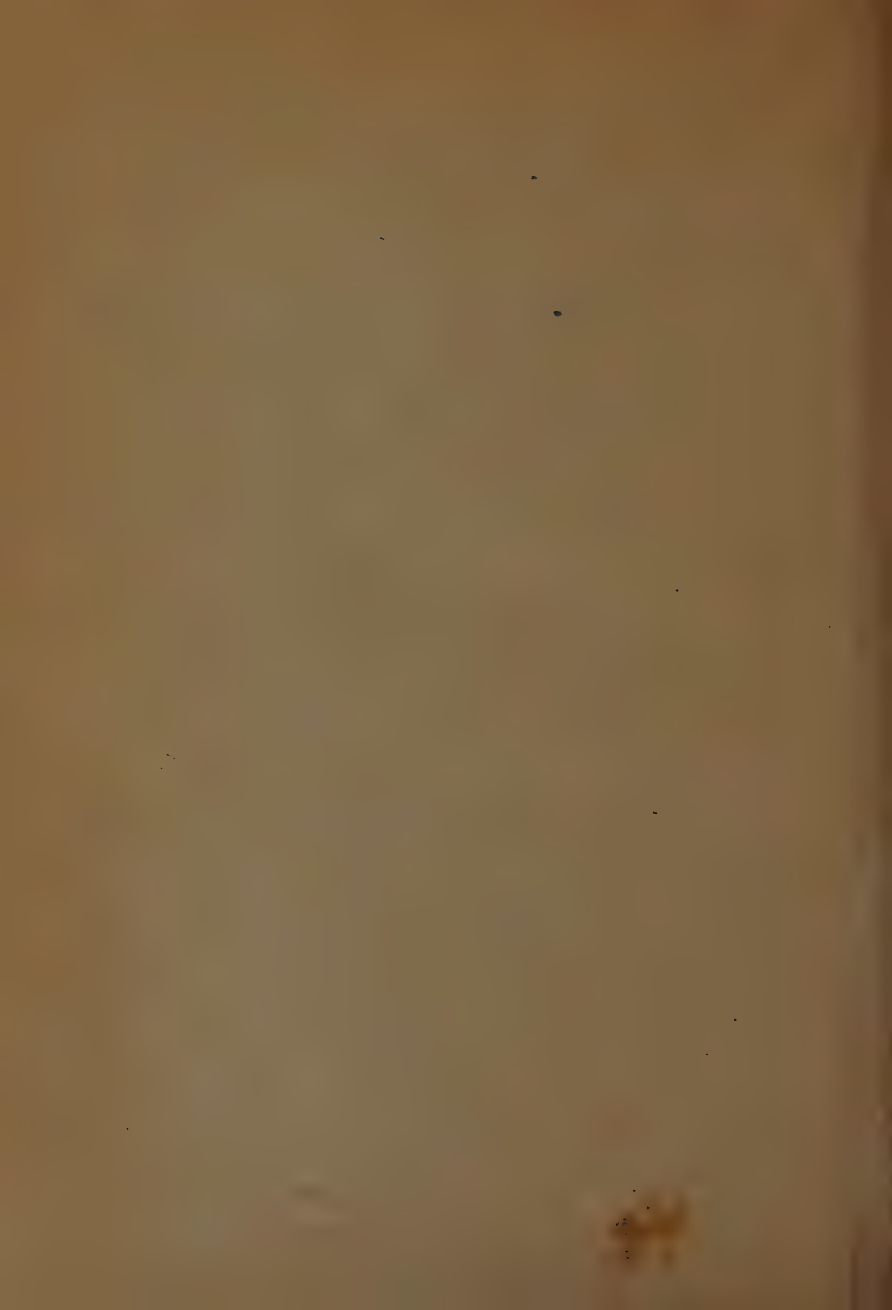
... “Para crearmos uma arte brasileira, necessitamos reunir esses documentos expressivos e typicos da alma de nossa gente. Já copiosa e capiosa é a colheita realizada por Leonardo Motta em livros que alcançaram justo exito.”

(*Menotti del Picchia* — “Helios” — no “Correio Paulistano”).

... “Leonardo Motta é um precursor: descobriu uma nova e inesgotavel fonte de pesquisas e aspectos inteiramente ignotos do Brasil espiritual.

Neste momento em que tentamos uma renovação esthetica, no sentido de tornar a nossa arte um meio de expressão da vida nacional, que fonte melhor de inspiração poderemos encontrar do que a poesia sertaneja, do que o lyrismo masculino do Cantador?”

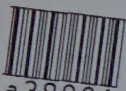
(*Angelo Guido*, no “Correio Paulistano”)







PQ9660. M64



a39001



004197532b

3/7

